



Modelo®
Integrado de
Acolhimento
Familiar

Manual de Formação Contínua MIAF®

Modelo de Base Segura

Prochild
laboratório colaborativo

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

Entidades Promotoras



Entidades Financiadoras

Ficha técnica

TÍTULO

MIAF® | Manual de Formação Contínua sobre o Modelo de Base Segura

AUTORIA

ProChild CoLAB

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML)

COORDENAÇÃO

Helena Grangeia (ProChild CoLAB)

Isabel Soares (ProChild CoLAB, EPsi-UMinho, CIPsi-UMinho)

Rui Godinho (ProChild CoLAB, SCML)

DESENVOLVIMENTO DO MANUAL

EQUIPA EIXO PROTEÇÃO PROCHILD COLAB

Cláudia Ramos; Kamila Araújo; Mariana Justo; Sandra Ornelas.

EQUIPA NÚCLEO ACOLHIMENTO FAMILIAR (NAF) DA SCML

Patrícia Bacelar (Coord.); Filipa Gonçalves; Filipe Barros; Mariana Santos.

REVISÃO E CONSULTORIA TÉCNICO-CIENTÍFICA

Mariana Negrão (FEP-UCP, CEDH)

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE CONTEÚDOS

Este manual integra os conteúdos teóricos traduzidos e adaptados do “The Secure Base model: promoting attachment and resilience – A Training Programme”, de Mary Beek e Gillian Schofield, desenvolvido na Universidade de East Anglia, Norwich, Reino Unido.

Inclui igualmente conteúdos originais, nomeadamente as atividades propostas após cada conteúdo teórico, desenvolvidos pela Equipa da Proteção do ProChildCoLAB, para reforçar a aprendizagem e adequar o programa ao contexto português do acolhimento familiar.

APOIO FINANCEIRO

Este projeto foi financiado por: Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P. (FCT, I.P.); NORTE-06-3559-FSE-000044, integrado no convite NORTE-59-2018-41, cofinanciado pelo Programa Operacional Regional Programa Norte 2020, área temática de Competitividade e Emprego, através do Fundo Social Europeu (FSE); Programa Missão Interface, do Plano de Recuperação e Resiliência, aviso nº 01/C05-i02/2022.; e apoio financeiro da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às equipas do serviço de acolhimento familiar do Centro de Bem Estar Social da Zona Alta, da Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais, da Gondomar Social, da Fundação António Aleixo e da Santa Casa da Misericórdia do Porto pelo contributo dado durante as fases iniciais deste trabalho, nomeadamente através da partilha de reflexões e exemplos práticos que inspiraram algumas das situações apresentadas neste manual. O seu envolvimento enriqueceu o processo de adaptação ao contexto nacional.

CONTACTOS

Morada: ProChild CoLAB, Campus de Couros - R. de Vila Flor 166
4810-225 Guimarães

e-mail: geral@prochildcolab.pt

tlf: 93 214 38 37

website: www.prochildcolab.pt

Nota introdutória

A estabilidade do acolhimento familiar depende, entre outros fatores, do apoio contínuo às famílias de acolhimento. O acompanhamento e a formação contínua, para além de constituírem um requisito legal para a manutenção do certificado de família de acolhimento, contribuem para responder a necessidades não colmatadas pela formação inicial (Portaria n.º 278-A/2020, art.º 15.º, n.º 2), bem como para reduzir os desafios do exercício da parentalidade de acolhimento, ao mesmo tempo que promovem o bem-estar e a satisfação das famílias.

A partir de processos de avaliação das necessidades e dificuldades específicas de cada família de acolhimento, o Modelo Integrado de Acolhimento Familiar (MIAF®) promove este acompanhamento e a elaboração do plano de formação contínua sobre diferentes áreas (e.g., sensibilidade ao trauma, vinculação, parentalidade positiva, entre outras) identificadas pela literatura como necessidades e desafios experienciados durante o acolhimento (Cf. Manual MIAF® Módulo 4. 'Acompanhamento e Transições em acolhimento familiar', página 70, e recursos 4.10, 4.11 e 4.12).

Assim, com o objetivo de apoiar os/as profissionais na execução destes planos de formação contínua para famílias de acolhimento, foi desenvolvido o **Manual de Formação Contínua**, organizado e apresentado pelas diferentes áreas de formação.

Entre os conhecimentos e competências que as famílias de acolhimento deverão possuir, destaca-se o estabelecimento de uma relação de base segura, estável e individualizada, que favoreça o desenvolvimento saudável da criança e lhe proporcione estabilidade durante o acolhimento. Neste âmbito, o MIAF® conta com o **Modelo de Base Segura**, desenvolvido por Gillian Schofield e Mary Beek (2014), da Universidade East Anglia, no Reino Unido, como um dos seus referenciais teóricos de suporte para a formação contínua das famílias de acolhimento, orientando cuidados de base segura com potencial reparador para a criança.

Deste modo, o Manual de Formação Contínua, apresentado a seguir, resulta da **tradução e adaptação** do Modelo de Base Segura (Schofield & Beek, 2014) ao contexto do acolhimento familiar em Portugal, de acordo com os princípios orientadores do MIAF®.

Índice

Parte I – Enquadramento para os/as profissionais	4
Objetivos e organização do manual	4
Preparação prévia dos/as profissionais	5
Enquadramento do Modelo de Base Segura	5
A importância da teoria da vinculação	6
O Modelo de Base Segura e o Ciclo de Cuidados	6
Quando recorrer ao Modelo de Base Segura?	8
Implicações para o trabalho dos/as profissionais	8
Notas finais para os/as profissionais	10
Parte 2 – Dinamização da formação contínua para famílias de acolhimento sobre o Modelo de Base Segura	11
Planeamento da formação sobre o Modelo de Base Segura	11
Formato e metodologia	11
Conteúdo programático	11
Lista de materiais e recursos associados	14
Bloco 0 – Acolhimento e apresentação	16
Bloco 1.1 – O que é uma Base Segura e qual a sua importância	17
Atividade 1.1. O que é para vocês uma Base Segura?	18
Atividade 1.2: Visualização de vídeo sobre o que é uma base segura e a sua importância	20
Atividade 1.3: Histórias de Segurança	22
Atividade 1.4: Histórias de vida real	24
Bloco 1.2 - Significado de uma base segura e de vinculação para uma criança integrada no sistema de promoção e proteção	26
Atividade 2.1: Linha da Vida de Cuidados	27
Atividade 2.2: Reescrever Crenças através do Cuidado Seguro	31
Bloco 1.3 – Trabalhar a resiliência	33
Atividade 3.1: Momentos de Resiliência	34
Atividade 3.2: Reescrever a História da Criança	36
Bloco 2 – Fundamentos do Modelo de Base Segura	38

2.1. Introdução ao Modelo de Base Segura.....	38
2.2. O que é o Modelo de Base Segura?.....	38
Atividade 4.1: Vídeo “O Conceito de Vinculação”	41
Atividade 4.2: Dimensões do Modelo de Base Segura.....	43
Atividade 4.3: Dimensões do Modelo de Base Segura.....	45
Bloco 3 – Ciclo de Cuidados.....	47
Atividade 5.1: Funcionamento do Ciclo de Cuidados	50
Atividade 5.2: Ciclo de Cuidados.....	53
Dimensões do Modelo de Base Segura.....	57
Disponibilidade	57
Atividade 6.1: Visualização do vídeo Karen (foster carer): Availability – helping the child to trust	62
Atividade 6.2: Comportamentos que indicam falta de confiança.....	64
Atividade 6.3: Mapa de Disponibilidade Diário	66
Exercício 6.4: Barreiras à Disponibilidade e Estratégias Práticas.....	68
Sensibilidade	70
Atividade 7.1: Visualização do vídeo Linda and Sam (foster carer): Sensitivity – helping the child to manage feelings.....	74
Atividade 7.2: Criança e Cuidadores - Pensamento & Sentimento	76
Exercício 7.3: Legenda Invisível.....	79
Aceitação	81
Atividade 8.1: Visualização de vídeo John (young care leaver): Acceptance – building self-esteem	85
Exercício 8.2: Cartões de Linguagem de Aceitação	87
Exercício 8.3: Impacto da Rejeição e Aceitação	89
Cooperação.....	91
Atividade 9.1: Visualização do vídeo Vanessa (foster carer): Co-operation – helping the child to feel effective	95
Atividade 9.2: Cartões de Decisão em conjunto	97
Pertença Familiar	99
Atividade 10.1: Visualização do vídeo “John (young care leaver): Family membership – helping the child to belong” e do vídeo “Dolores and Morris (foster carer): Family membership – helping the child to belong”	103
Exercício 10.2: Árvore do Coração de Pertença.....	105

Bloco 4 – Encerramento.....	107
Atividade 11.1 – Construir a Torre da Base Segura	107
Atividade 11.2 - Caso de Estudo “O caso do Diogo”	109
Complementos aos exercícios	113
1. Sensibilidade.....	113
2. Disponibilidade.....	116
3. Aceitação	119
4. Cooperação	123
5. Pertença familiar	126
Anexos.....	129
Anexos para atividades 1.4.	129
Anexos para atividade 4.3.	131
Anexos para Atividade 5.1.....	132
Anexos para Atividade 5.2.....	132
Anexos para a atividade 6.4.	138
Anexos para Atividade 7.2.....	139
Anexos para atividade 7.3.	141
Anexos para Atividade 8.2.....	141
Anexos para Atividade 8.3.....	142
Anexos para atividade 9.2.	144
Anexos para atividade 11.1	146
FAQs de Implementação.....	147
Considerações finais.....	150

Parte I – Enquadramento para os/as profissionais

Objetivos e organização do manual

O presente manual destina-se aos profissionais envolvidos/as no acolhimento familiar que prestam o acompanhamento e formação contínua a famílias de acolhimento.

A sua elaboração resulta de uma colaboração entre o Laboratório Colaborativo ProChild CoLAB e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), e dos contributos das Instituições de Enquadramento a implementar o MIAF®: Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais (ADCL), Gondomar Social (GS), Santa Casa da Misericórdia do Porto (SCMP), Fundação António Aleixo e Centro de Bem Estar Social Da Zona Alta (CBESZA).

Este manual centra-se no Modelo de Base Segura (Schofield & Beek, 2014), cuja tradução e adaptação ao contexto português foram realizadas pelo Eixo da Proteção do ProChild CoLAB. Foram ainda desenvolvidas atividades originais pela mesma equipa, com o objetivo de reforçar a componente prática e facilitar a aplicação do modelo no contexto do acolhimento familiar em Portugal.

As Partes I e II apresentam e contextualizam o modelo para a realidade portuguesa. A partir do Bloco 1, inicia-se o conteúdo traduzido e adaptado do manual original, sendo cada bloco acompanhado, posteriormente, por atividades desenvolvidas de raiz, com vista à consolidação dos conceitos e ao treino de competências.

O objetivo deste manual consiste em apoiar os/as profissionais intervenientes no acolhimento familiar, contribuindo para a capacitação das famílias de acolhimento na prestação de cuidados de base segura com potencial reparador, promovendo o desenvolvimento saudável das crianças e jovens. Especificamente, pretende:

- Orientar os/as profissionais para a dinamização das sessões sobre o Modelo de Base Segura;
- Oferecer um roteiro de formação com conteúdos e atividades adaptáveis a diferentes formatos;
- Promover a aplicação prática dos princípios do Modelo de Base Segura em consonância com as orientações e recomendações do MIAF, assegurando a fidelidade conceptual e a adequação ao contexto português de acolhimento familiar.

Sendo assim, a organização do manual divide-se em duas partes complementares:

- **Parte I – Enquadramento para os/as profissionais:** apresenta os objetivos do manual, orientações para a preparação prévia dos/as profissionais e respetivo enquadramento teórico.
- **Parte II – Dinamização da formação contínua para famílias de acolhimento no Modelo de Base Segura:** disponibiliza um roteiro para o planeamento da formação contínua, incluindo metodologia, formatos, conteúdos programáticos e lista de materiais e recursos, bem como um

guião prático para a condução da formação, com a exposição dos conceitos centrais do Modelo de Base Segura, exploração dos seus fundamentos e do ciclo de cuidados, a partir de atividades dinâmicas e interativas. Nesta parte, a ideia é o/a profissional apropriar-se dos conceitos apresentados e preparar a formação com o suporte que preferir para transmitir a informação às famílias de acolhimento.

Preparação prévia dos/as profissionais

Antes de dinamizar a formação contínua sobre o Modelo de Base Segura com as famílias de acolhimento, é importante que os/as profissionais se preparem cuidadosamente para garantir que o processo seja eficaz, acolhedor e centrado nas necessidades das famílias de acolhimento.

Algumas recomendações gerais:

- ✓ **Dominar os conteúdos e materiais:** faça a leitura integral do manual, dos seus objetivos e das mensagens-chave de cada atividade e respetivos conteúdos teóricos;
- ✓ **Planear com flexibilidade:** prepare previamente as sessões e respetivos materiais, mas esteja disponível para ajustar o ritmo e a abordagem conforme o perfil das famílias, o momento do acolhimento em que se encontram e os temas que emergirem;
- ✓ **Criar um ambiente acolhedor:** chegue com antecedência (ou conecte-se online atempadamente), organize o espaço, e assegure que o ambiente é seguro e propício à partilha;
- ✓ **Estimular a participação e reflexão:** promova a troca de experiências, encoraje perguntas e crie espaço para que as famílias expressem dúvidas ou preocupações;
- ✓ **Sensibilidade aos temas e diversidade:** reconheça que falar de vinculação, trauma ou separação pode ser emocionalmente exigente. Esteja atento às reações, ofereça apoio quando necessário e valorize as diferentes realidades familiares, culturais e sociais;
- ✓ **Gerir a confidencialidade:** reforce o respeito pela privacidade das famílias de acolhimento e das crianças;
- ✓ **Recolher feedback:** no final do processo, recolha as impressões das famílias que participaram (oralmente ou por escrito) para aperfeiçoar formações futuras e fortalecer a relação profissional.

Enquadramento do Modelo de Base Segura

Antes de dinamizar esta formação junto das famílias de acolhimento, é essencial que os/as profissionais se apropriem do **Modelo de Base Segura**, compreendendo as suas bases teóricas, implicações práticas e o seu papel no desenvolvimento saudável das crianças em acolhimento.

Nesta secção apresenta-se uma breve apropriação dos conceitos essenciais ligados à teoria da vinculação e ao Modelo de Base Segura. O objetivo é oferecer uma compreensão inicial e na Parte II do manual, estes conteúdos serão aprofundados, permitindo uma exploração mais detalhada da teoria

e dos princípios que sustentam o modelo. Essa leitura mais completa é fundamental para que os/as profissionais se sintam plenamente preparados/as para conduzir a formação junto das famílias.

A importância da teoria da vinculação

As experiências adversas precoces, a separação e a perda, afetam profundamente o modelo interno de funcionamento da criança, moldando as suas crenças e expectativas sobre si própria e sobre os outros (Dozier et al., 2001). Sem uma intervenção adequada, existe o risco de que estas experiências se repitam em novas relações, comprometendo a capacidade de estabelecer vínculos seguros com outros adultos (Crittenden, 1995).

No entanto, como Bowlby (1969/1997) sublinhou, o desenvolvimento da vinculação é um processo contínuo e pode ser alterado quando o contexto de cuidados melhora. Quando a criança é acolhida num ambiente seguro, onde pode colocar perguntas e receber respostas honestas sobre a sua história, aumenta a sua capacidade de confiar novamente nos adultos e de construir novos vínculos afetivos.

A teoria da vinculação centra-se na qualidade da experiência relacional, considerando o/a cuidador/a como uma fonte ativa de cuidado reparador. Mesmo após vivências de adversidade, as crianças em acolhimento têm potencial para estabelecer vínculos saudáveis quando encontram cuidadores/as que promovem a sua confiança, disponibilidade emocional, autonomia e autoestima. Promover esta segurança implica que cuidadores/as e profissionais consigam “pensar sobre o que está na mente da criança”, respondendo de forma sensível e consistente às suas necessidades emocionais.

A construção de segurança e resiliência, no entanto, não depende apenas de uma figura de vinculação, mas do conjunto de relações e contextos que compõem o ambiente da criança (por exemplo, família de acolhimento, amigos, escola, profissionais) que, em conjunto, formam a base segura de que a criança necessita para crescer de forma saudável.

Por isso, é crucial situar o acolhimento familiar como uma medida de promoção e proteção, com função interventiva e reparadora. Famílias de acolhimento que ajustam as suas práticas às necessidades emocionais e de desenvolvimento da criança e que facilitam a construção de laços afetivos revelam-se mais eficazes na prevenção de dificuldades sociais, emocionais e comportamentais. Para os/as profissionais, dominar estas bases teóricas é essencial para orientar e capacitar as famílias no sentido de oferecerem cuidados de base segura.

O Modelo de Base Segura e o Ciclo de Cuidados

O **Modelo de Base Segura** representa abordagens de prestação de cuidados que promovem a segurança e a resiliência das crianças - ou seja, abordagens que as ajudam a sentir-se mais positivas em relação a si próprias e aos outros, e a lidar com desafios em diferentes aspetos das suas vidas. Baseia-se nas **teorias da vinculação e da resiliência**, tendo como objetivo proporcionar os cuidados às crianças que as apoiem no desenvolvimento progressivo de uma maior segurança e resiliência.

A investigação, nomeadamente os resultados dos estudos sobre o acolhimento familiar realizados na University of East Anglia por Gillian Schofield e Mary Beek (de 1997 até ao presente), servem de base ao modelo e fornecem informação sobre os diferentes aspetos dos cuidados que se combinam e interagem entre si para promover a segurança e a resiliência das crianças.

Por fim, o modelo é também informado pela prática. As suas autoras, Gillian Schofield e Mary Beek, têm experiência em serviço social e a sua ligação contínua à prática em acolhimento familiar, adoção e acolhimento residencial contribuiu para a conceção do modelo.

Figura 1

Modelo de Base Segura



Figura 2

Dimensões do Modelo e seus Benefícios Desenvolvementais

	Disponibilidade	Sensibilidade	Aceitação	Cooperação	Pertença Familiar
O que é?	Capacidade de transmitir uma forte sensação de estar física e emocionalmente disponível para satisfazer as necessidades da criança, tanto quando estão juntos como quando estão separados.	Capacidade para "se colocar no lugar" da criança, pensar de forma flexível sobre o que ela possa estar a pensar ou sentir e refletir isso para a criança. Refletir sobre os próprios sentimentos e partilhá-los adequadamente com a criança.	Capacidade de transmitir que a criança é incondicionalmente aceita e valorizada pelo que é, e pelas suas dificuldades e pelos seus pontos fortes.	Capacidade de promover a autonomia , mas também trabalhar em conjunto e de cooperar com a criança sempre que possível.	Capacidade de incluir a criança, social e pessoalmente, como um membro da família , de forma adequada ao plano a longo prazo para a criança. Ao mesmo tempo, capacidade para ajudar a criança a estabelecer um sentimento adequado de ligação à sua família de origem .
Benefícios desenvolvimentais	A criança começa a confiar que as suas necessidades serão satisfeitas de forma calorosa, consistente e fiável . A ansiedade diminui e a criança ganha confiança para explorar o mundo, segura de que os cuidados e a proteção lhe serão providenciados, se necessário.	A criança aprende a pensar e a valorizar as suas próprias ideias e sentimentos , assim como os pensamentos e sentimentos dos outros, e é ajudada a refletir, organizar e gerir os seus próprios sentimentos . Por sua vez, esta capacidade de refletir, gerir e regular os sentimentos permite à criança refletir, gerir e regular o seu comportamento .	Constitui a base da autoestima positiva - a criança sente-se bem consigo própria. Pode sentir-se digna de receber amor, ajuda e apoio e também robusta e capaz de lidar com contratempos e adversidades . Isto reforça um modelo interno de funcionamento positivo e desenvolve a resiliência .	Ajuda a criança a sentir-se mais eficaz e competente , a sentir-se confiante para pedir ajuda aos outros quando necessário, e a ser capaz de se comprometer e cooperar .	A certeza da pertença incondicional a uma família pode proporcionar uma ancoragem e a garantia de apoio instrumental e emocional ao longo da vida, atuando como uma base psicossocial segura para a exploração, a identidade e o desenvolvimento pessoal .

Quando recorrer ao Modelo de Base Segura?

O Modelo de Base Segura pode e deve ser utilizado pelos/as profissionais como **referencial teórico** em diferentes momentos do trabalho com crianças e famílias, nomeadamente para:

- Avaliação de crianças em qualquer contexto;
- Avaliação, preparação e apoio a cuidadores de acolhimento e adotantes;
- Compatibilização (*matching*) entre criança e família de acolhimento;
- Acompanhamento de acolhimentos, incluindo avaliação de progresso, definição de objetivos e monitorização contínua;
- Análise de acolhimentos com dificuldades, ajudando a identificar necessidades e ajustar estratégias de intervenção.

Implicações para o trabalho dos/as profissionais

Dominar o Modelo de Base Segura permite aos/às profissionais:

- **Planear e orientar práticas de cuidado** que reduzam a ansiedade da criança e lhe permitam explorar, brincar e aprender;
- **Apoiar as famílias de acolhimento** a oferecer relações consistentes e responsivas, que funcionem como “porto seguro” e “base de exploração”;
- **Promover resiliência** ajudando a criança a compreender as suas experiências, integrar perdas e desenvolver novos recursos emocionais;
- **Criar ambientes de segurança ampliada** que incluam não só as figuras cuidadoras, mas também escola, amigos, atividades e rede de apoio.

Dominar o modelo significa ir além do conhecimento teórico: é necessário refletir sobre o que cada dimensão do modelo significa para a prática profissional, para a relação com as famílias e para o planeamento da formação. Só assim será possível transmitir às famílias uma compreensão clara e consistente do que significa promover cuidados de base segura.

Sugestões de leitura

Para além da leitura dos originais, recomendamos as seguintes leituras:

- Bakermans-Kranenburg, M., van IJzendoorn, M., & Juffer, F. (2003). Less is more: Meta-analyses on sensitivity interventions. *Psychological Bulletin*, 129(2), 195.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). New York, NY: Basic Books. (Original work published 1969)
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: Influences of attachment relationships. *Child Development*, 65, 971–983.
- Crittenden, P. M. (1995). Attachment and psychopathology. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social, developmental, and clinical perspectives* (pp. 367–406). Analytic Press, Inc.
- Dozier, M., Stovall, K. C., Albus, K. E., & Bates, B. (2001). Attachment for infants in foster care: the role of caregiver state of mind. *Child development*, 72(5), 1467–1477. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00360>
- Schore, A. N. (2001). Effects of a secure attachment relationship on right brain development, affect regulation, and infant mental health. *Infant mental health journal*, 22(1-2), 7-66.
- Sroufe, A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349–367.
- Ungar, M. (2013). Social ecologies and their contribution to resilience. *Family Process*, 52(2), 216–232.

Notas finais para os/as profissionais

Antes de cada sessão, é importante garantir uma **preparação cuidada**. Rever previamente os vídeos, materiais e perguntas que podem surgir, permite ajustar a linguagem, o ritmo e o foco ao perfil das famílias de acolhimento. Uma boa preparação também inclui organizar o espaço de forma a promover conforto, segurança e ausência de interrupções.

Durante a sessão, é fundamental manter uma postura de **aceitação** de todas as respostas dadas pelas famílias. **Não existem respostas certas ou erradas**: existem experiências, desafios e diferentes formas de cuidar. Ao validar estas partilhas sem julgamento, criamos um ambiente que favorece a reflexão e o desenvolvimento de novas práticas, em vez de um espaço de avaliação.

A **confidencialidade** é outro pilar essencial. Deve ser reforçado que tudo o que é partilhado no grupo permanece no grupo. As famílias devem sentir que têm liberdade para decidir o que querem ou não partilhar, e, relativamente aos/as profissionais, é importante evitar mencionar detalhes identificáveis sobre crianças ou situações específicas que possam expor alguém.

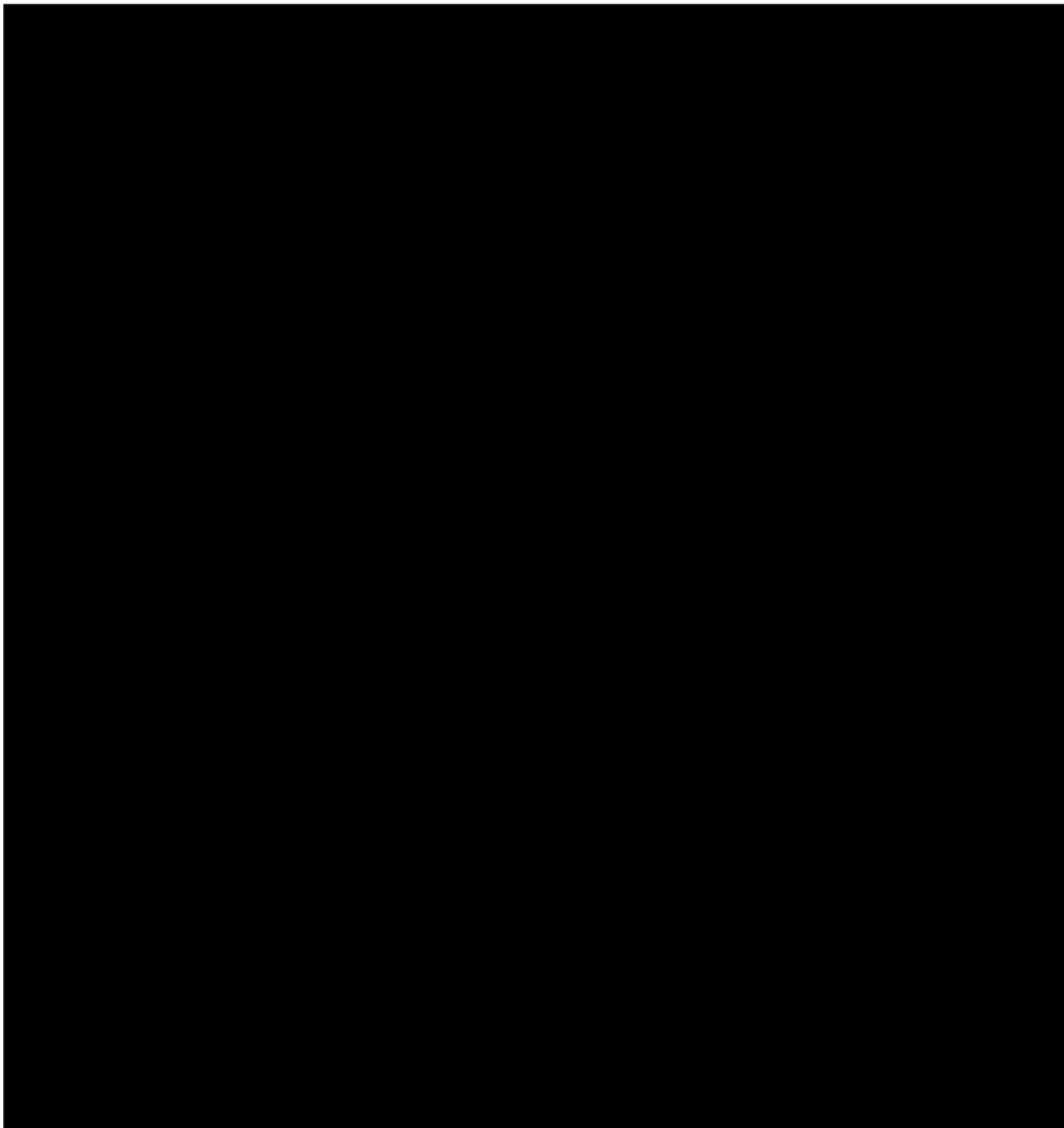
É igualmente importante promover um **clima de respeito pelas diferenças**. Cada família acolhe e organiza-se de forma distinta, influenciada pela sua história, cultura, valores e dinâmicas. Reconhecer esta diversidade enriquece a discussão e ajuda a evitar generalizações, cultivando uma escuta ativa, empática e de aprendizagem entre as famílias.

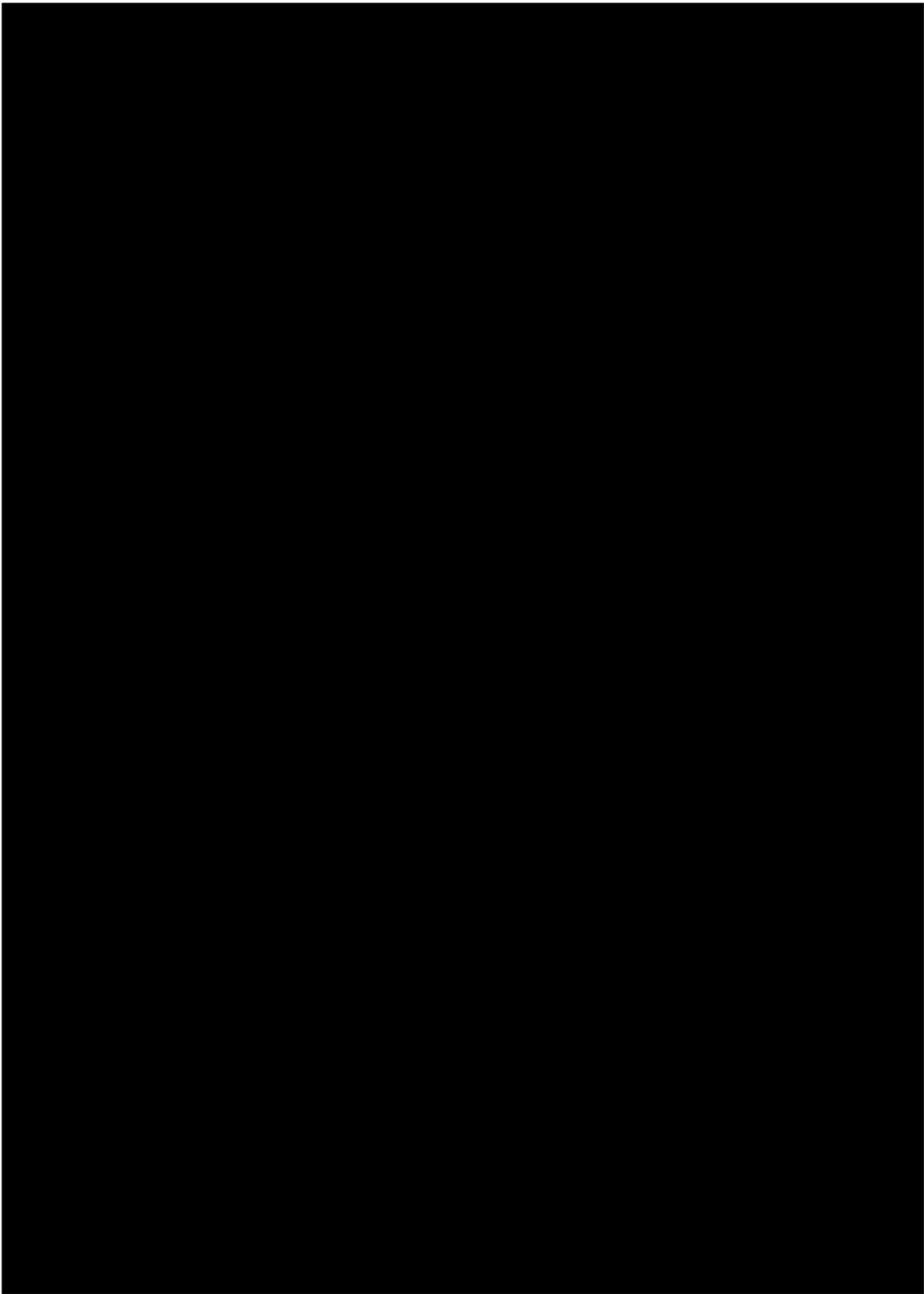
Criar e manter um **espaço de segurança emocional** deve ser uma prioridade. O/A profissional deve estar atento/a a sinais de desconforto, permitindo pausas, ajustando o ritmo ou reformulando perguntas sempre que necessário. As emoções são bem-vindas e dar-lhes espaço e recebê-las reforça a confiança no grupo e funciona como exemplo para a temática desta formação.

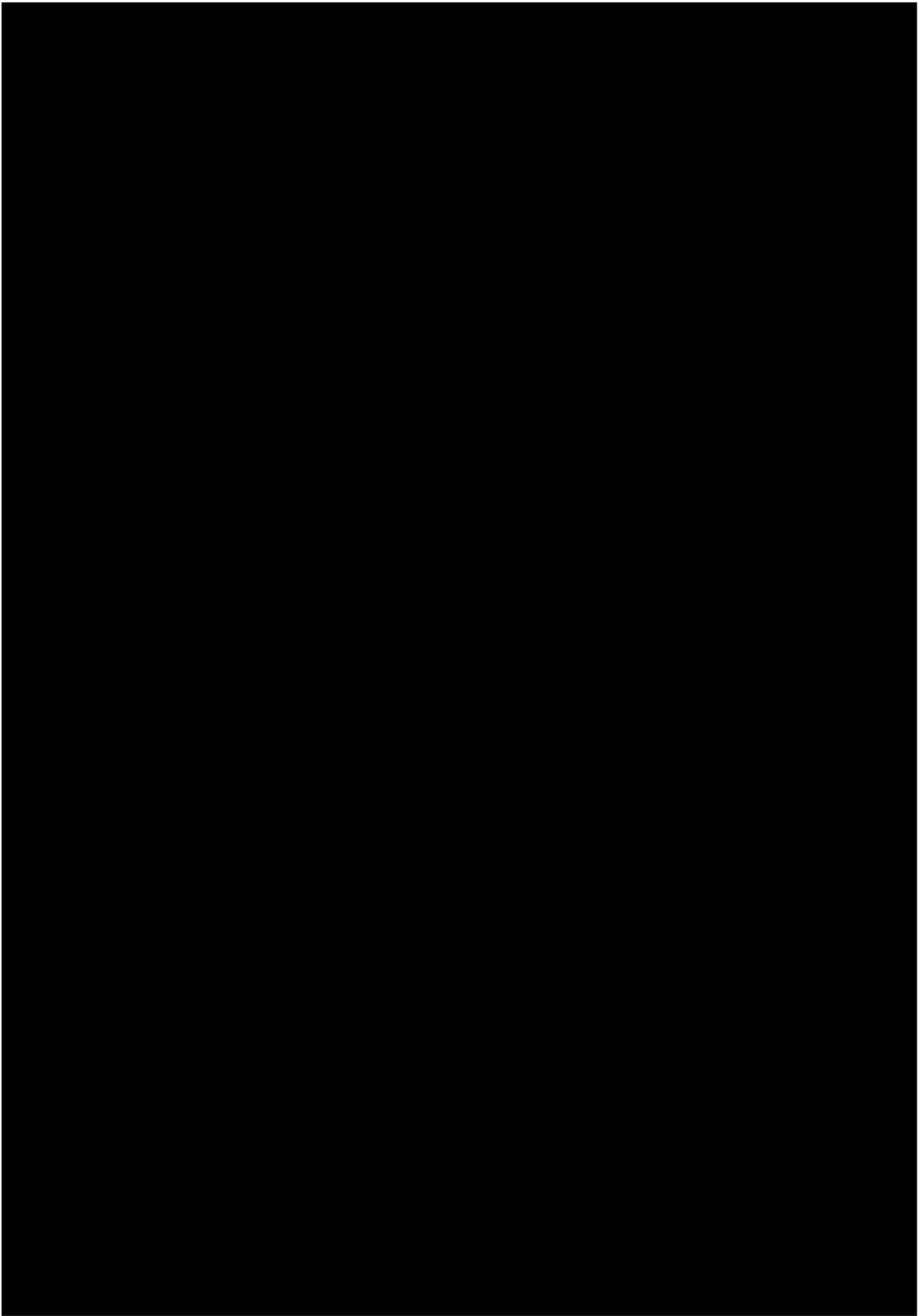
A centralidade da experiência das famílias deve ser constantemente lembrada. O papel do/a profissional não é fornecer respostas perfeitas, mas sim estimular reflexão e troca de estratégias entre as famílias. Ao longo de toda a sessão, é essencial manter o **foco na criança acolhida**. Tudo o que é discutido visa fortalecer o bem-estar, a autoestima, o sentido de pertença e a segurança emocional da criança. Relembrar este propósito ajuda as famílias a relacionar cada reflexão com o impacto que pode ter no desenvolvimento da criança.

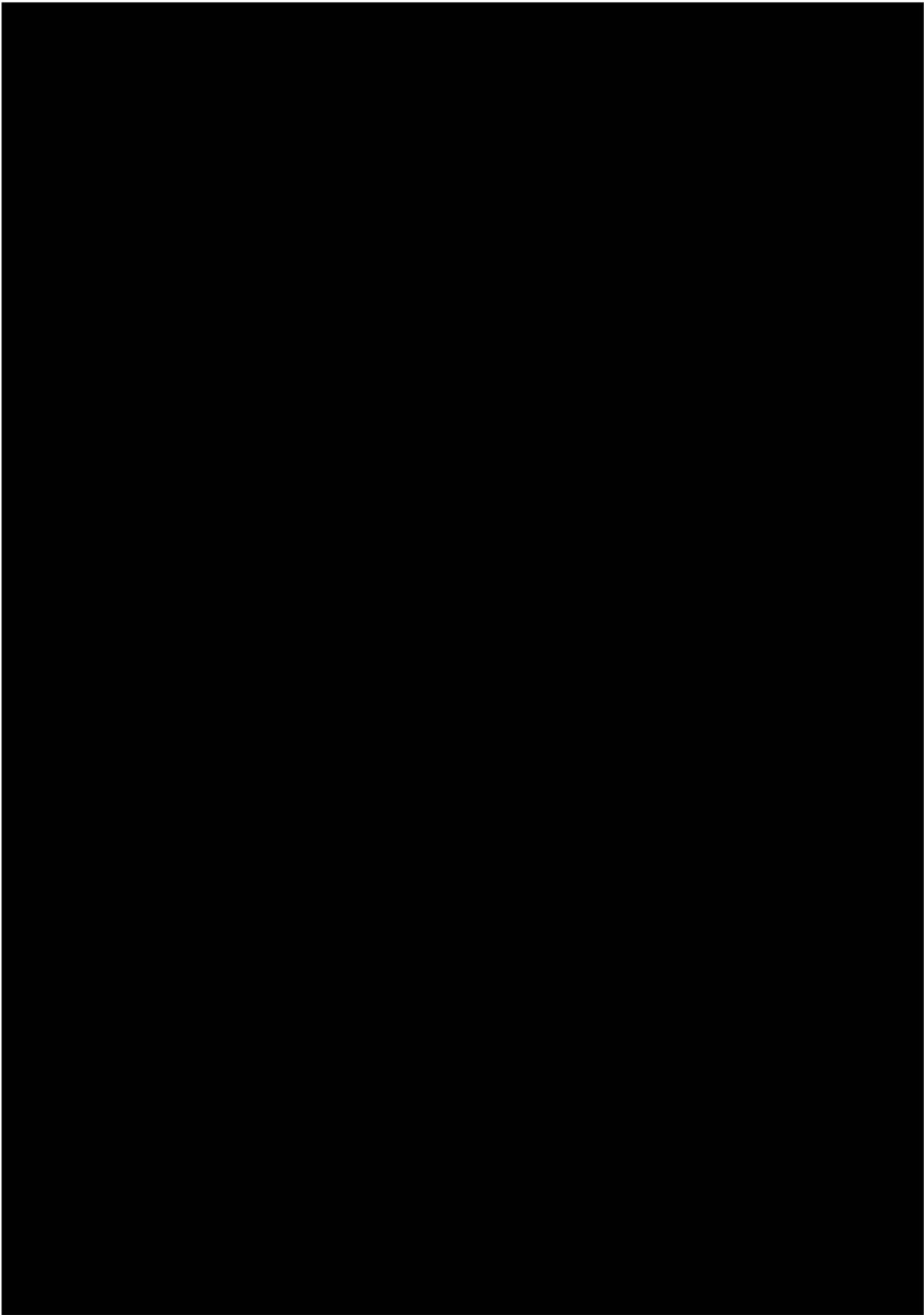
Por fim, é importante realizar um **encerramento** claro da sessão. Agradecer a presença e a disponibilidade das famílias, valorizar o que foi partilhado e sintetizar os pontos mais relevantes contribui para uma sensação de conclusão e continuidade. É também útil abrir espaço para dúvidas finais e sugerir pequenos passos concretos que possam ser experimentados no quotidiano.

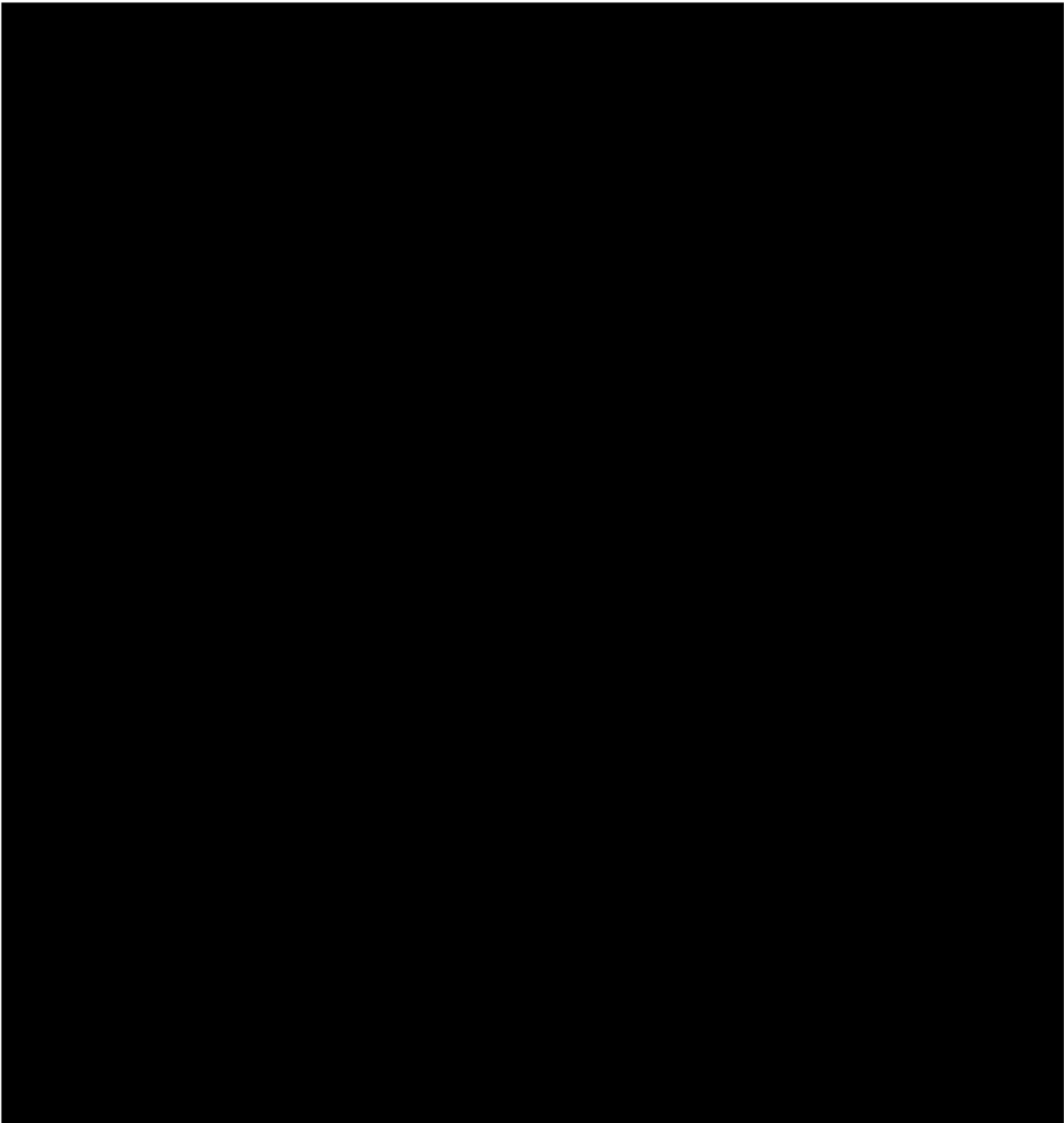
Parte 2 – Dinamização da formação contínua para famílias de acolhimento sobre o Modelo de Base Segura

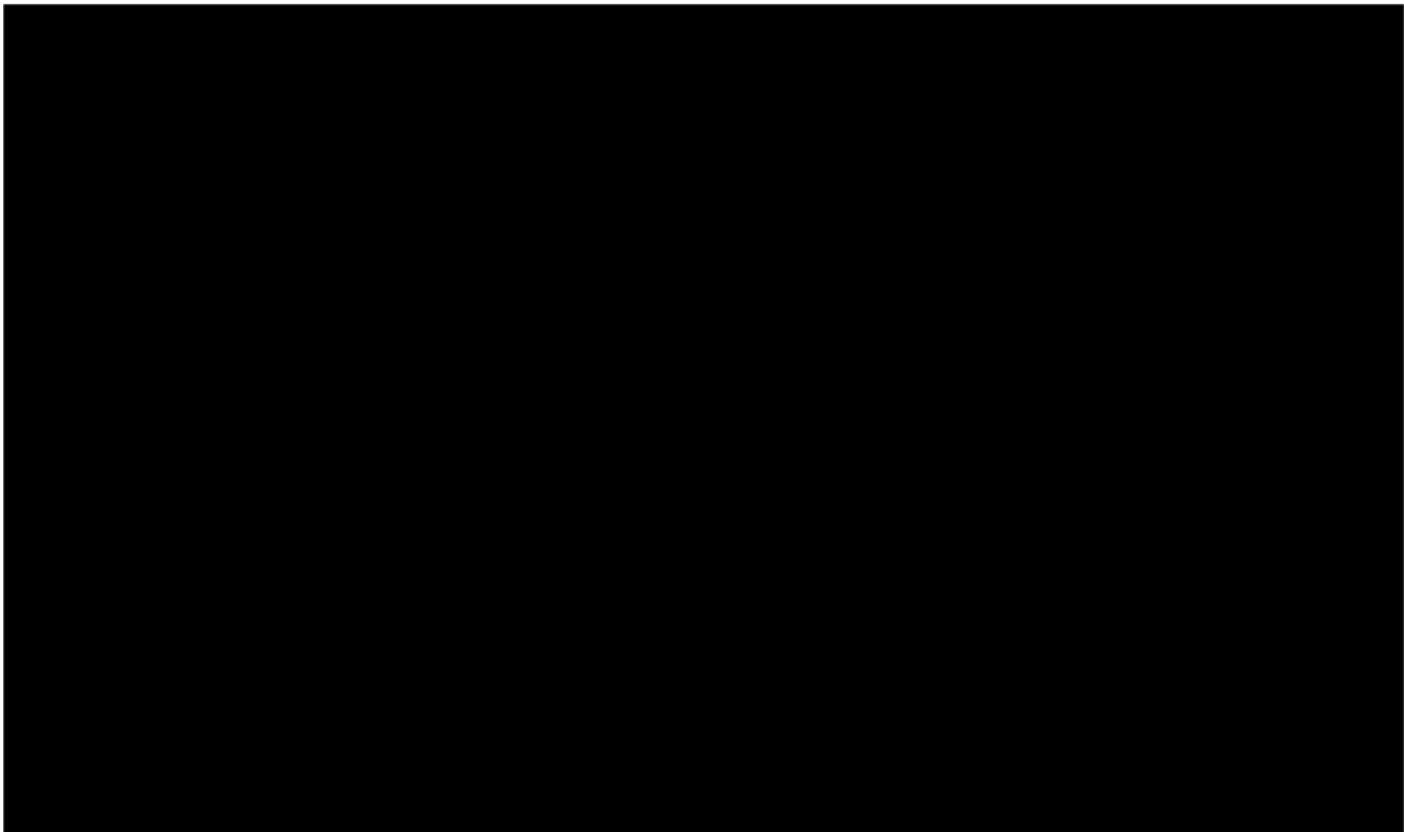












¹ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.

Bloco 1.1 – O que é uma Base Segura e qual a sua importância²

A ideia-chave da teoria da vinculação é a de que as crianças precisam de uma **“base segura para poderem explorar”**. É crucial que as relações iniciais sejam **calorosas, de suporte e seguras para o bem-estar positivo das crianças**. O conceito original de John Bowlby, dos anos 1950, defendia que, para as crianças se sentirem seguras, precisariam de um **cuidador sensível e responsivo**, que lhes proporcionasse um refúgio seguro para que pudessem encontrar conforto quando estivessem ansiosas (por exemplo, quando têm fome, sentem-se sós ou ouvem um barulho assustador). “Sensível” aqui significa **que os adultos estão sintonizados com a mente da criança**, estão atentos ao que se passa na sua mente – pensando no que a criança pensa, de modo a responder de forma a satisfazer as suas necessidades.

Quando a ansiedade da criança é reduzida de forma fiável (isto é, quando não precisa de se preocupar com a satisfação de necessidades como fome ou sobrevivência), **a criança** (desde a infância até à adolescência) **dispõe de uma base segura para se envolver com maior confiança em brincadeiras, aprendizagem e para explorar o mundo**, pois sabe que tem quem a acolha e alguém recetivo a quem possa regressar.

As crenças e expectativas de uma criança sobre si própria e sobre os outros desenvolvem-se nas primeiras relações e **são fundamentais para edificar segurança e resiliência**. No entanto, mudanças, na segurança, nas crenças e nas expectativas da criança podem ocorrer durante a infância e adolescência **se o ambiente à sua volta se alterar** – por exemplo, se os/as cuidadores/as se sentirem mais apoiados, ou, pelo contrário, viverem situações de maior vulnerabilidade emocional e desgaste.

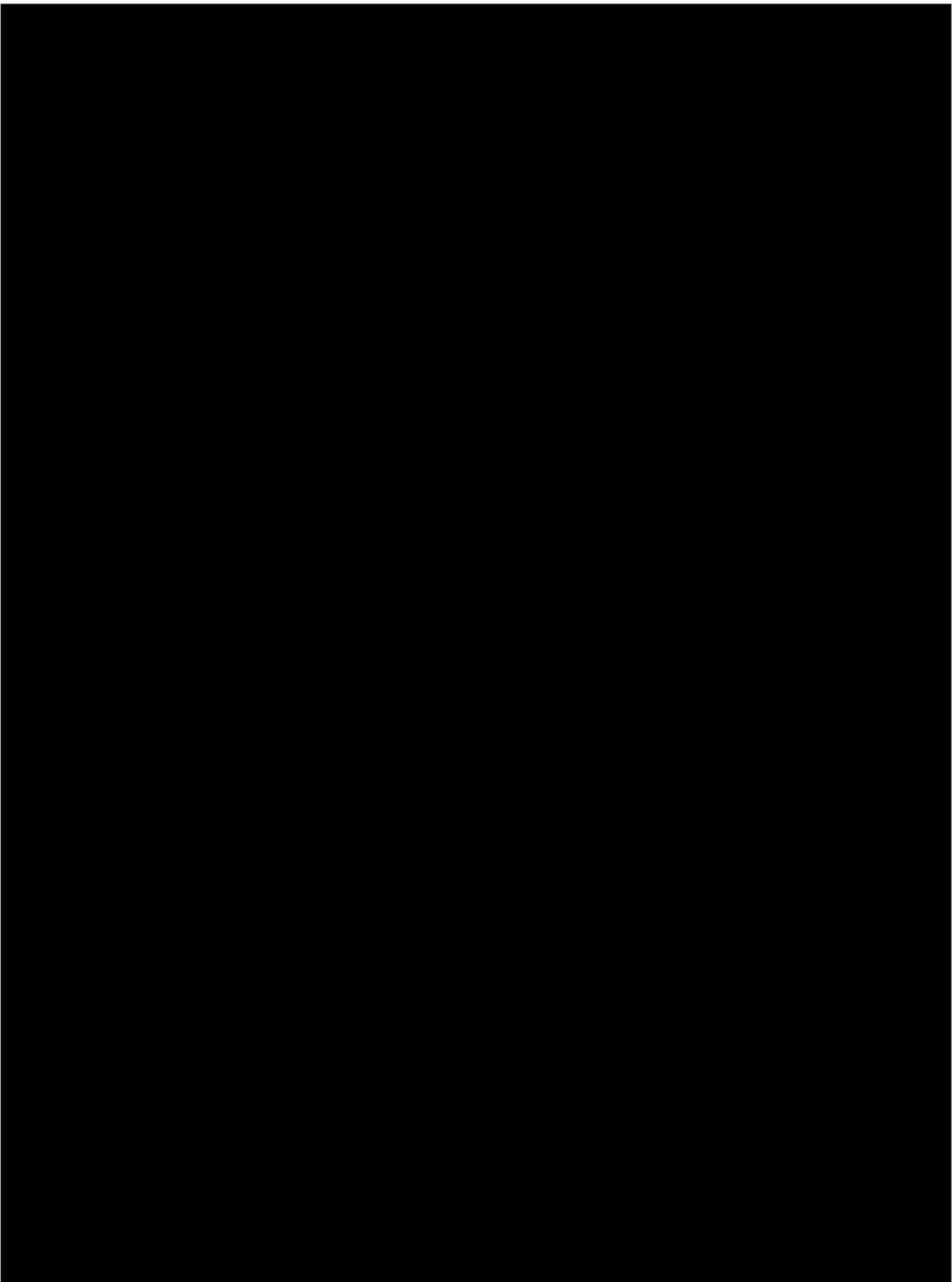
MENSAGENS-CHAVE A TRANSMITIR:

Todos os bebés, crianças e adolescentes precisam de um/a cuidador(a) que lhes proporcione uma base segura – um refúgio protegido e conforto quando estão angustiados ou em distress, o que reduz a ansiedade da criança e lhe permite explorar, aprender e desfrutar das atividades.

Este cuidado ajuda a criança a sentir-se segura – oferecendo ainda uma vasta gama de benefícios ao nível do desenvolvimento de outras relações, quer com adultos quer com grupos de pares.

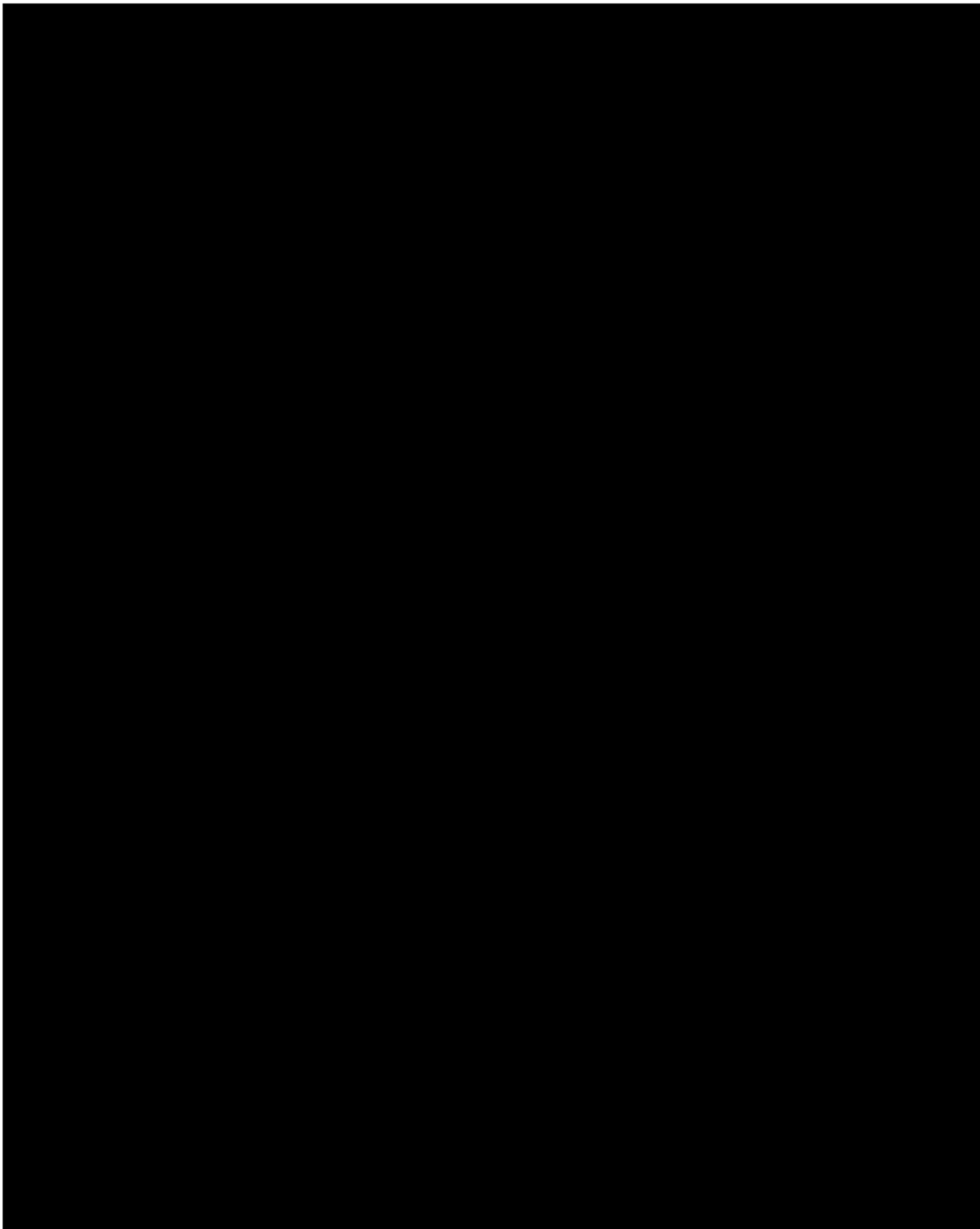
As primeiras relações moldam na criança um conjunto de crenças e expectativas sobre si própria e sobre os outros. O cuidado assente numa base segura conduz à convicção de que “sou amado(a) e digno(a) de amor” e de que “os/as cuidadores/as merecem confiança e cuidam de mim”.

² Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

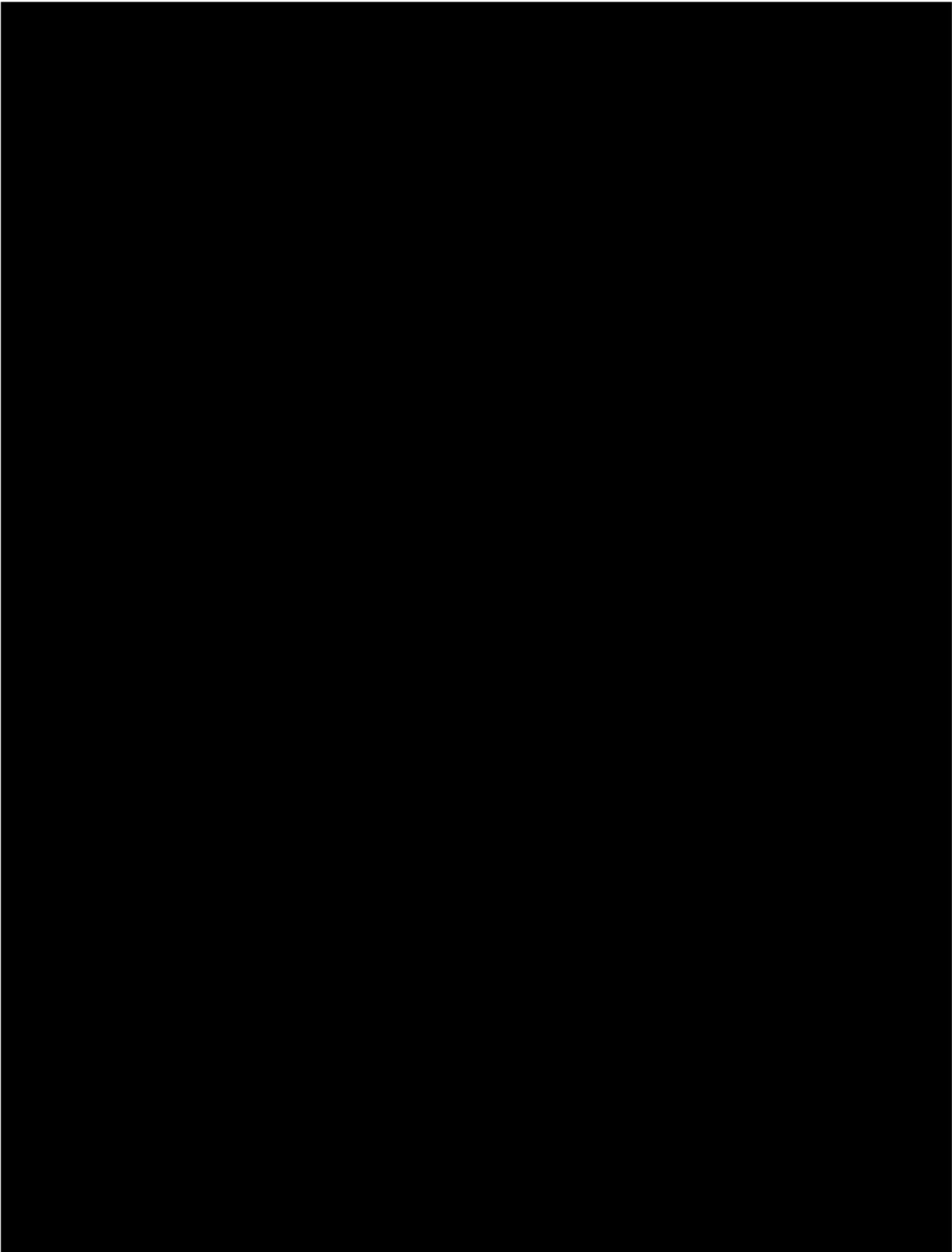


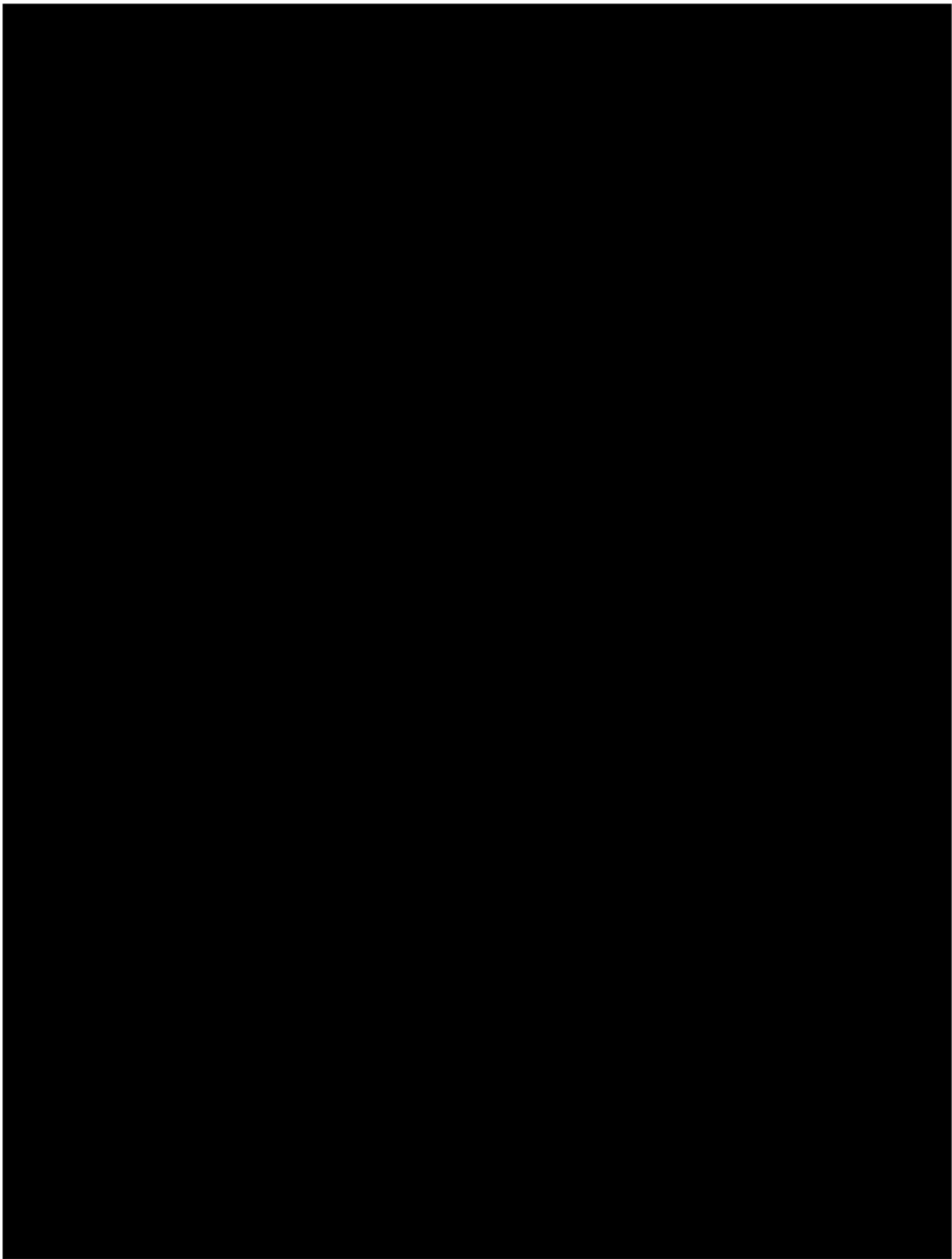
³ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



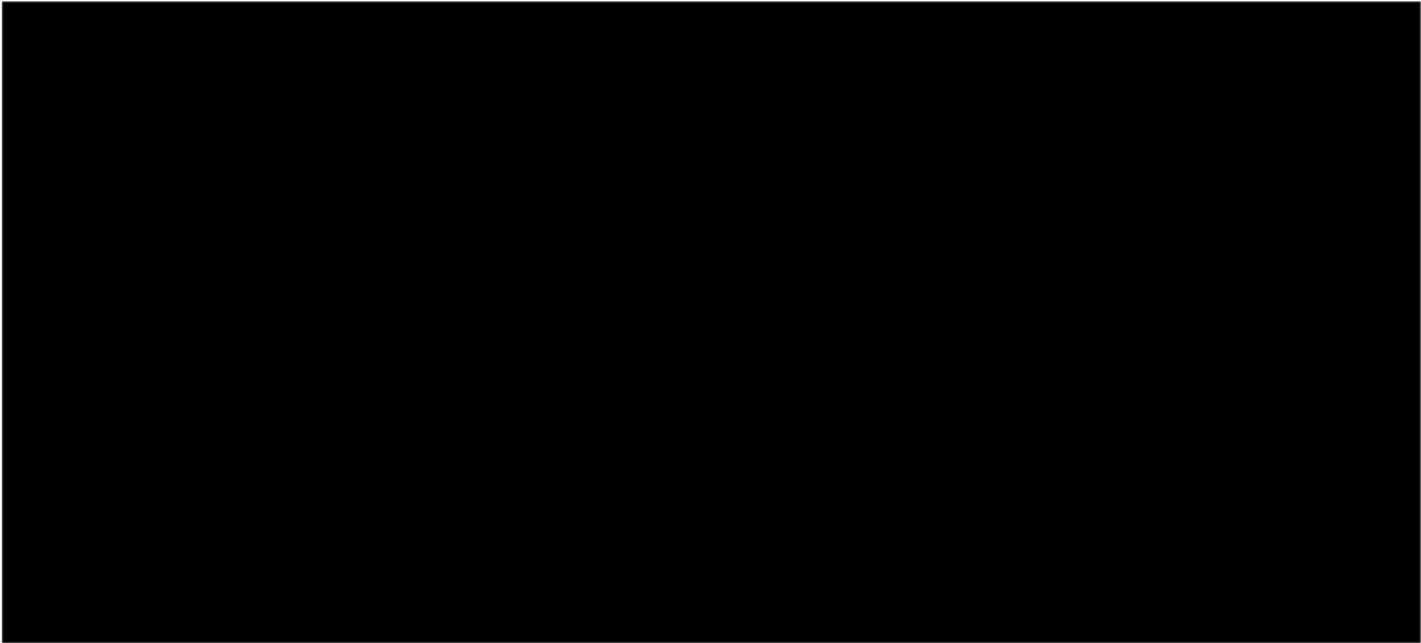


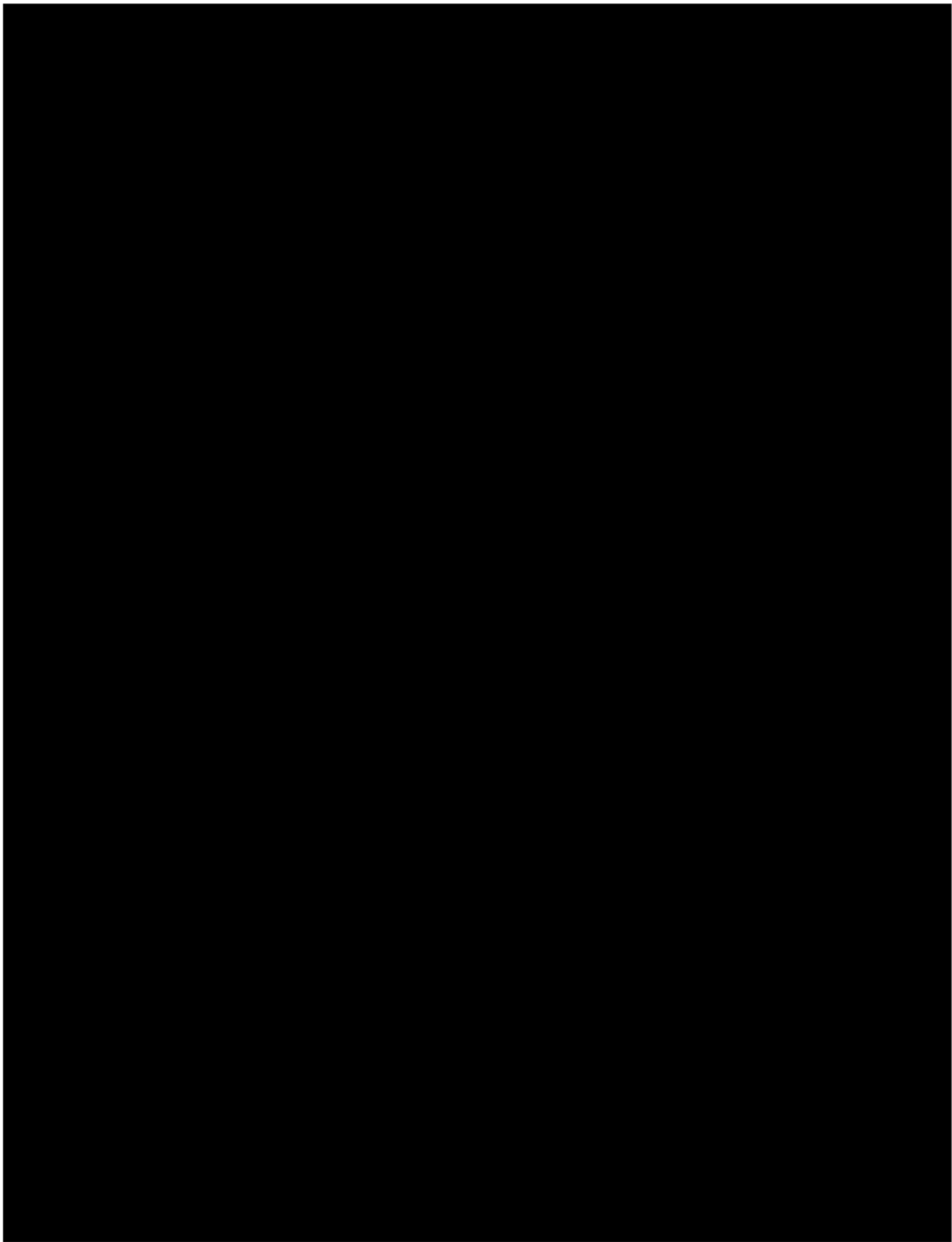
⁴ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB



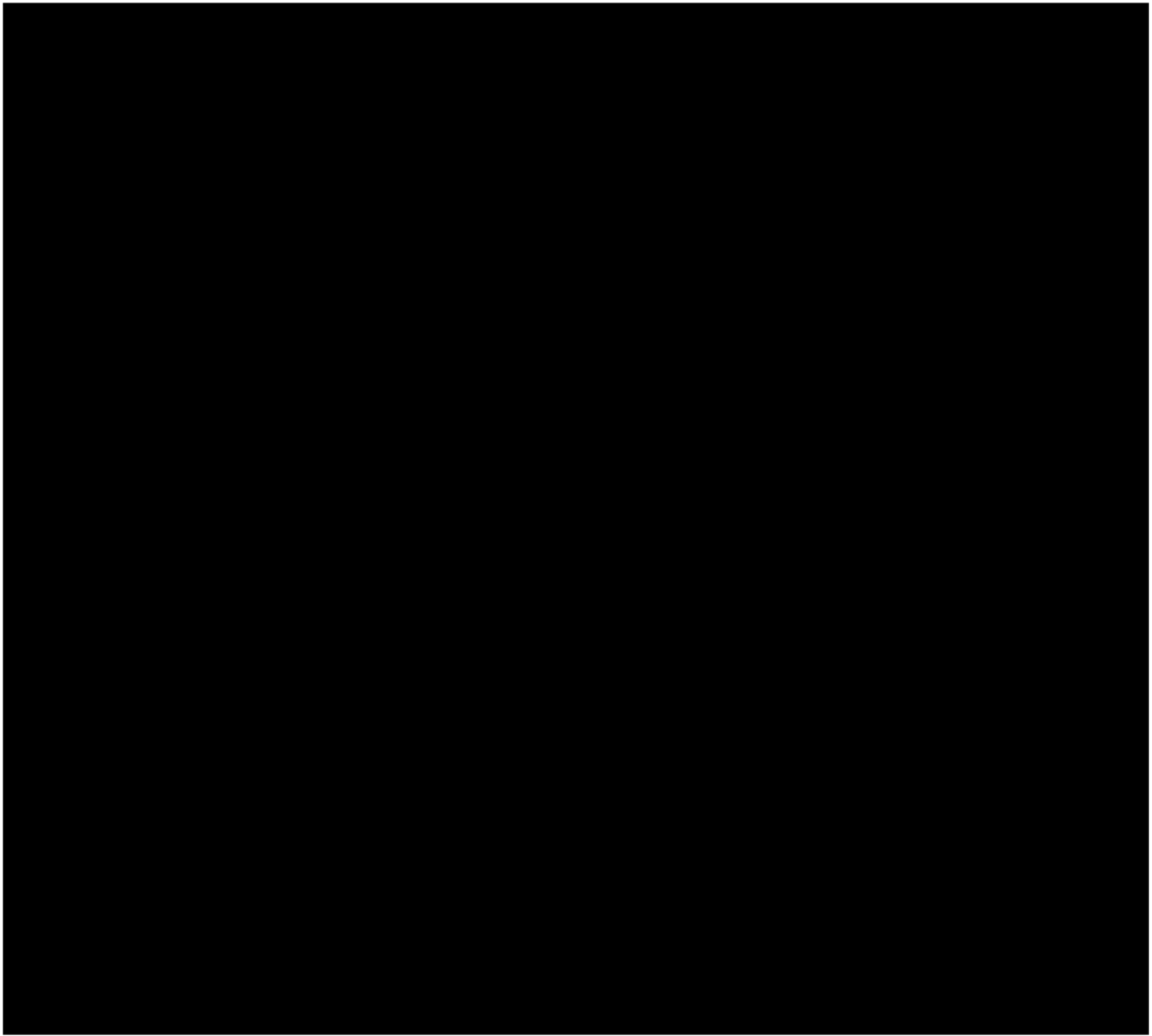


⁵ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.





⁶ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



Bloco 1.2 - Significado de uma base segura e de vinculação para uma criança integrada no sistema de promoção e proteção⁷

É importante refletir sobre o impacto, **no pensamento, nas emoções e no comportamento da criança**, das suas experiências de cuidado anteriores à integração em acolhimento familiar – e as implicações para o cuidado de que agora necessita.

O Modelo de Base Segura mostra como cada momento de cada dia na vida da criança é uma oportunidade para cuidados reparadores – que aqui significam **promover experiências positivas, a reparação de dificuldades anteriores e a aprender a confiar nas relações**. As crianças podem sentir-se mais seguras e estabelecer novas relações de vinculação em qualquer idade – **a teoria da vinculação e a base segura não se limitam à infância e à primeira infância**.

As crianças podem ter desenvolvido crenças e perceções negativas sobre si e sobre os outros, como “*não sou uma boa pessoa*”, “*não se pode confiar nos adultos*”, “*os outros miúdos não gostam de mim*” ou “*o mundo é assustador e imprevisível*”. Mesmo com estas crenças negativas, **as crianças continuam a precisar que as suas necessidades emocionais sejam atendidas** e, por isso, adotam frequentemente comportamentos e formas de relação que **lhes permitiram sobreviver nas experiências passadas** — por exemplo, retraírem-se e a recusa em partilhar sentimentos — uma vez que essas estratégias funcionavam como mecanismos de autoproteção. No entanto, **as crenças e expectativas já criadas podem mudar e tornar-se mais positivas ao longo do tempo**, à medida que as crianças começam a confiar nos adultos **ao seu redor**.

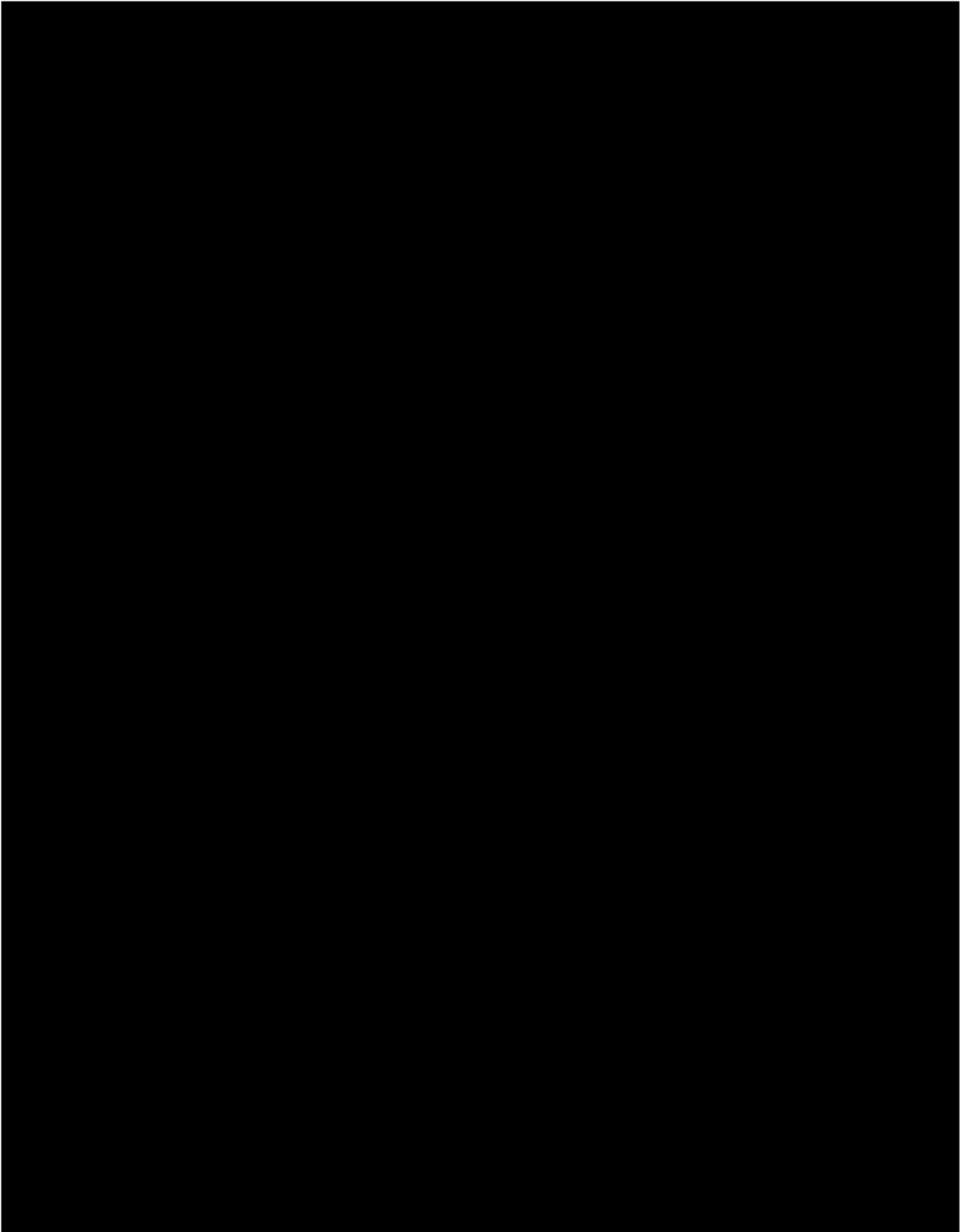
MENSAGENS-CHAVE A TRANSMITIR:

Face ao impacto das experiências adversas (e.g., abuso, negligência e perda no desenvolvimento), **as crianças precisam de um ambiente reparador de cuidados diários** assentes numa base segura.

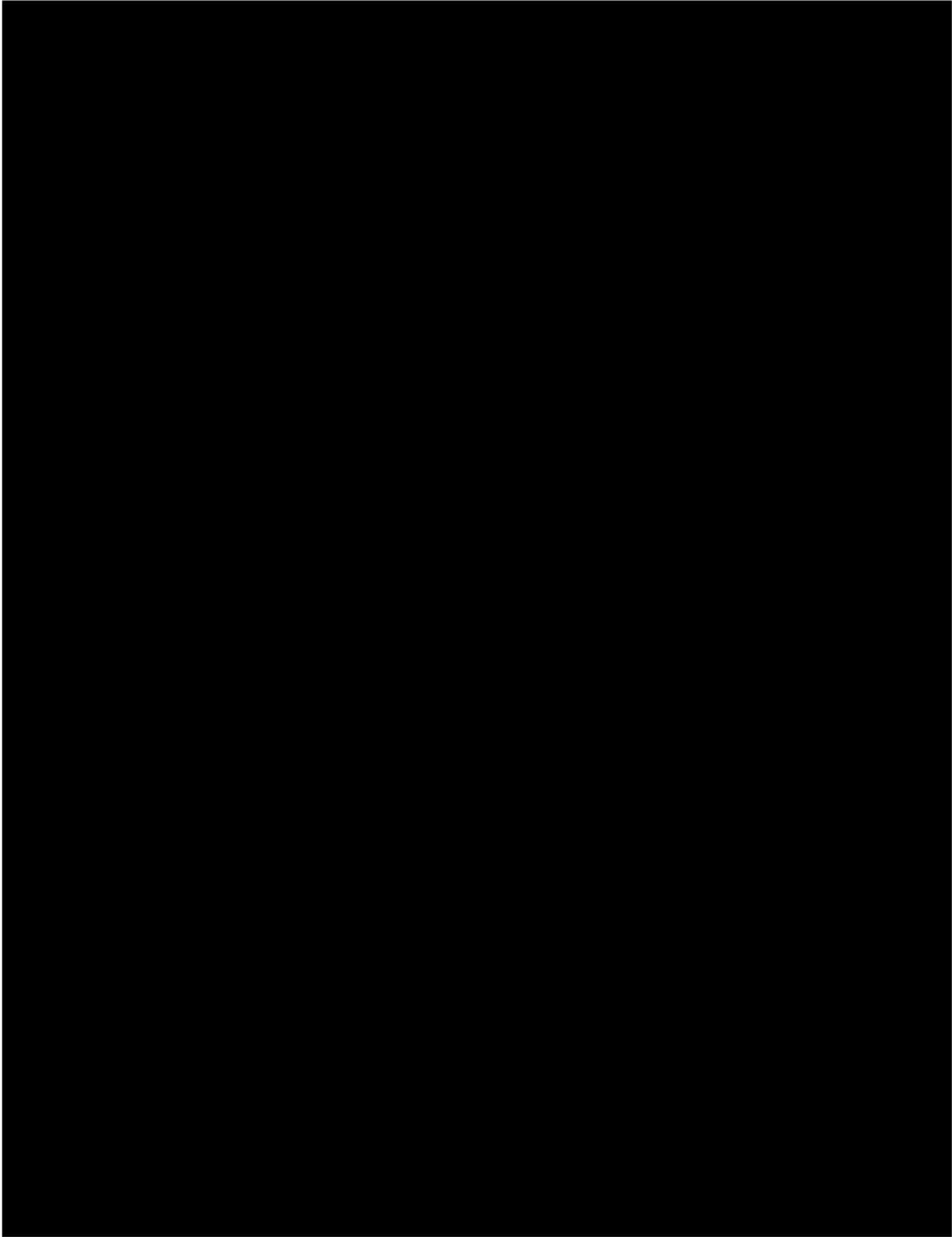
Neste contexto de relação de apoio, existe potencial para que todas **as crianças se sintam mais seguras, capazes de gerir as suas emoções e mais confiantes e competentes na escola**, em atividades recreativas e nas suas relações (com adultos e pares).

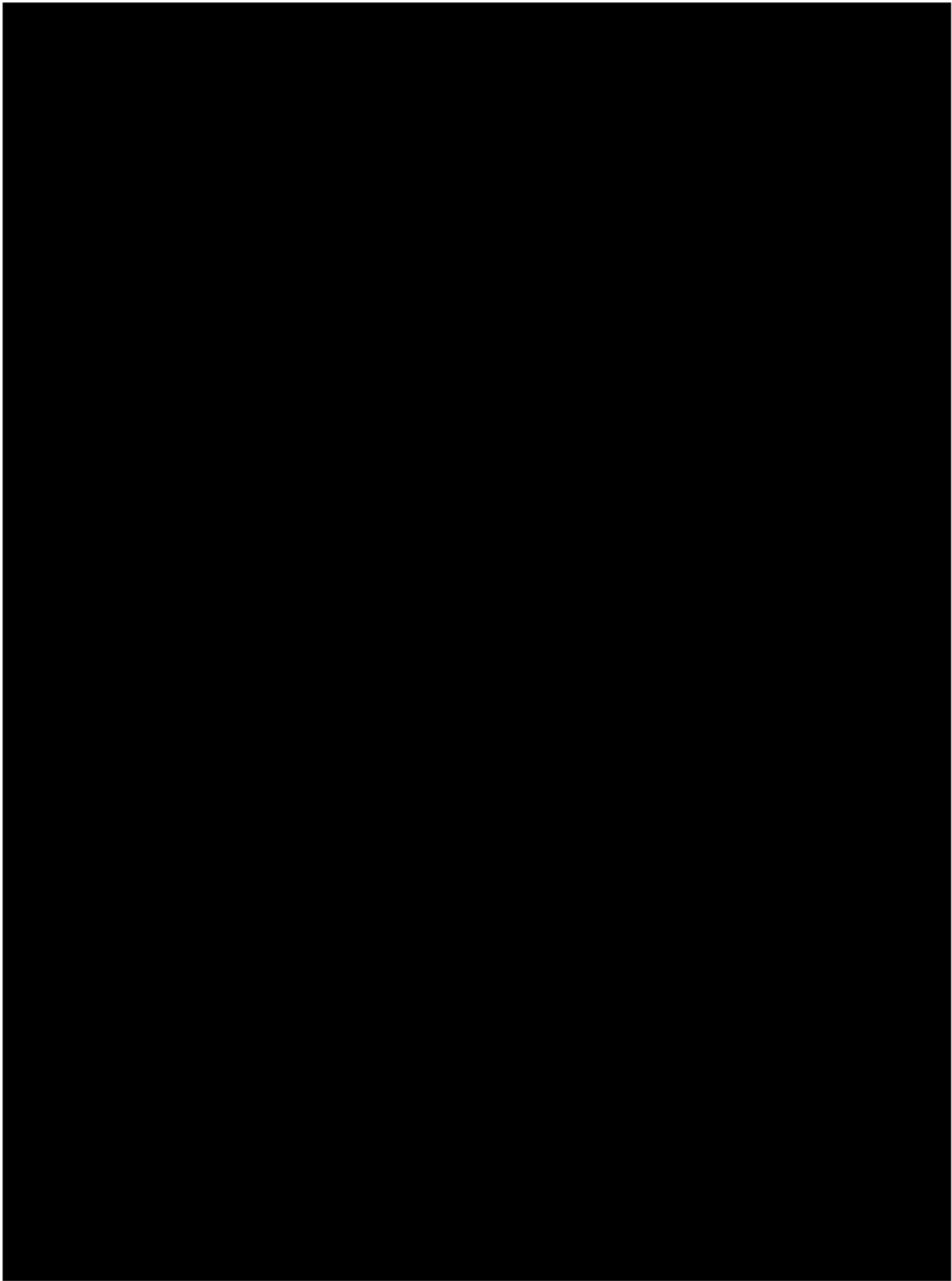
Com cuidados consistentes, sensíveis e responsivos, **as crenças e expectativas sobre si própria e sobre os outros podem gradualmente tornar-se mais positivas**: “eu mereço ser amado” e “as outras pessoas estão disponíveis, compreendem-me e posso confiar que me vão apoiar”.

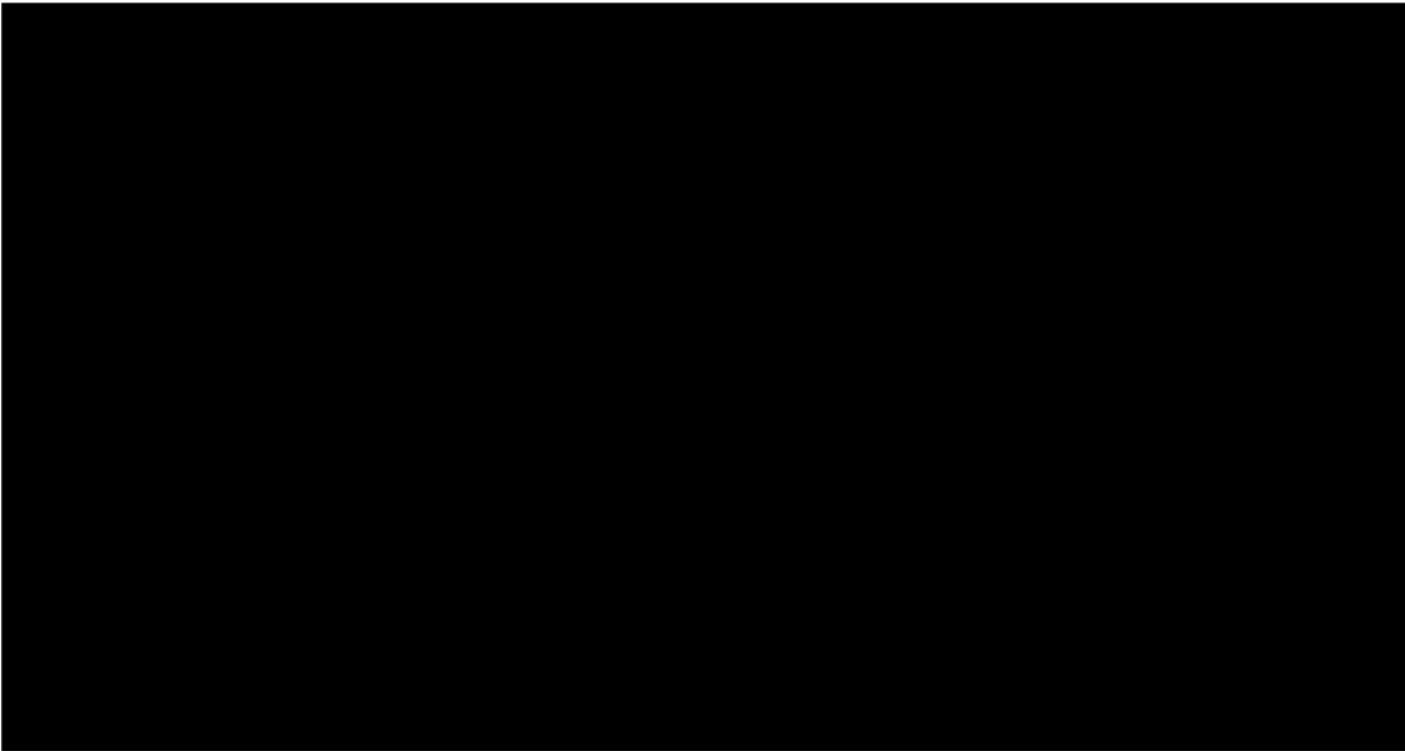
⁷ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

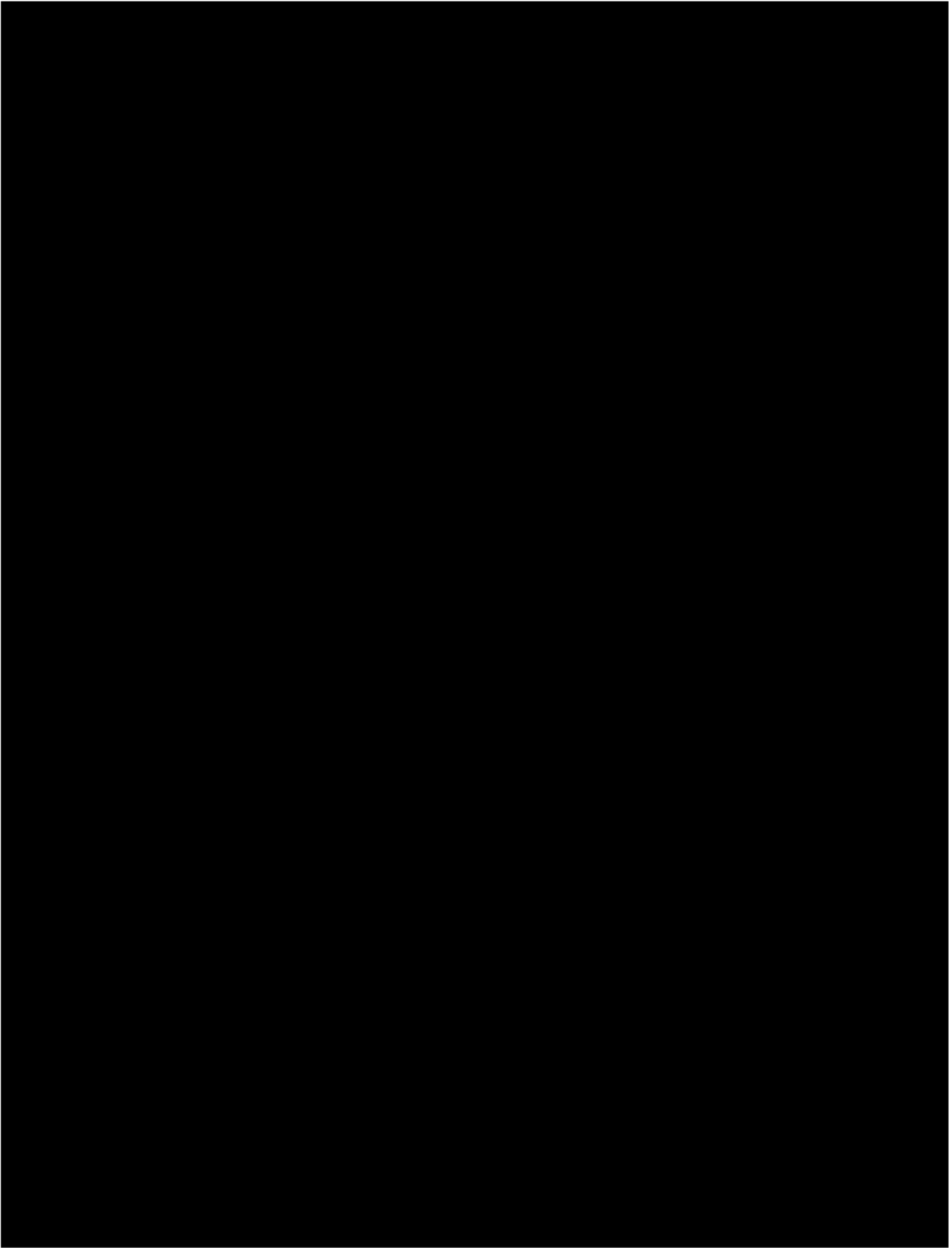


⁸ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB

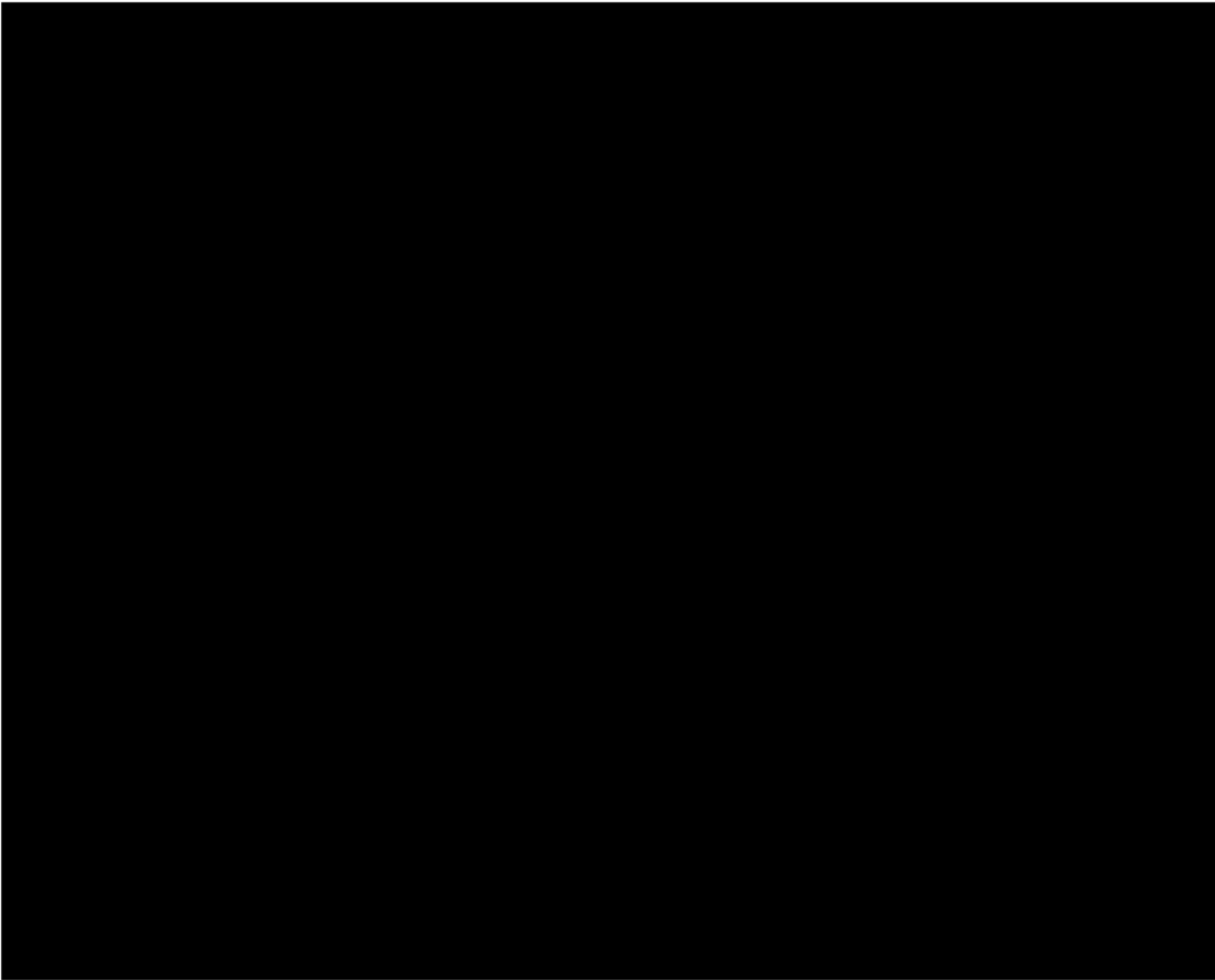








⁹ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



Bloco 1.3 – Trabalhar a resiliência¹⁰

A segurança e a resiliência são conceitos interligados – as crianças reagem de forma diferente ao stress, mas não nascem resilientes; **tornam-se resilientes com um cuidado sensível e reparador**, que as ajuda a desenvolver o seu envolvimento e prazer nas relações e atividades.

Promover a resiliência é essencial para lhes permitir lidar com as exigências do mundo **exterior e alcançar o seu potencial na idade adulta**. Mesmo interações breves – como cumprimentar a criança quando acorda ou quando regressa da escola – podem fazer a diferença na sua perceção de si própria: “eu importo para alguém”.

Uma área fundamental para construir resiliência e proporcionar uma “base segura para explorar” às crianças **é explorar a sua história e encontrar formas de gerir sentimentos e narrativas difíceis** – mas também **identificar experiências positivas do passado**, quer na família de origem, quer no próprio acolhimento, tanto em contexto residencial como familiar.

Trabalhar a história de vida é importante para a construção de uma identidade e modelo interno de funcionamento positivos. “*As coisas que aconteceram no passado não foram culpa minha. Há razões pelas quais aconteceram.*” Trabalhar a história de vida pode ser relevante em qualquer fase – apesar de ser mais vantajoso que se faça o mais cedo possível, nomeadamente durante uma medida de acolhimento - pois pode constituir uma oportunidade decisiva para garantir que a criança ou a/o jovem tem as informações de que necessita para refletir construtivamente sobre a sua infância ao entrar na vida adulta.

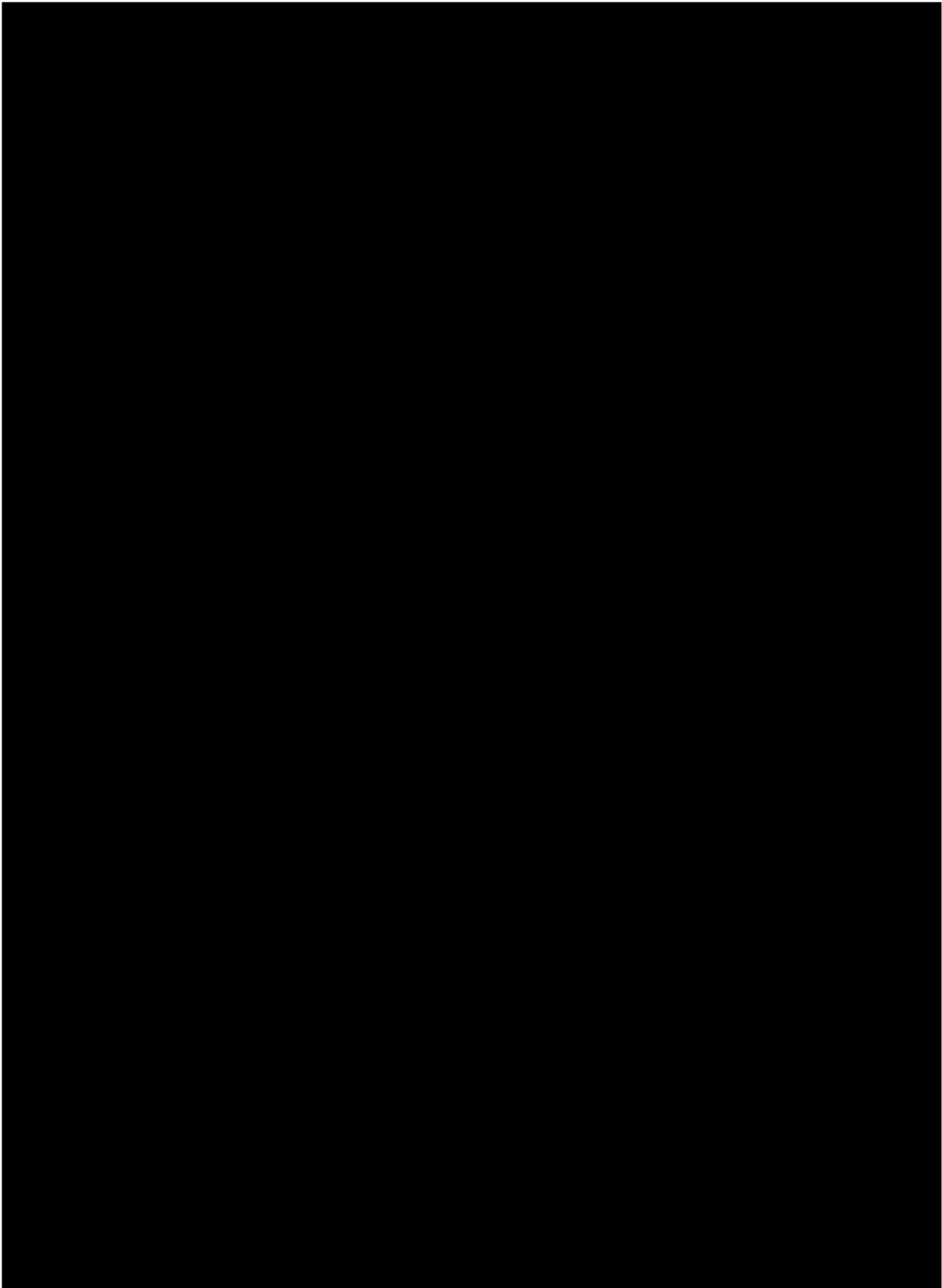
MENSAGENS-CHAVE A TRANSMITIR

Um elemento-chave para desenvolver a resiliência é concentrar-se em relações positivas e em atividades construtivas, talentos e interesses que fomentem competência e confiança para enfrentar desafios futuros.

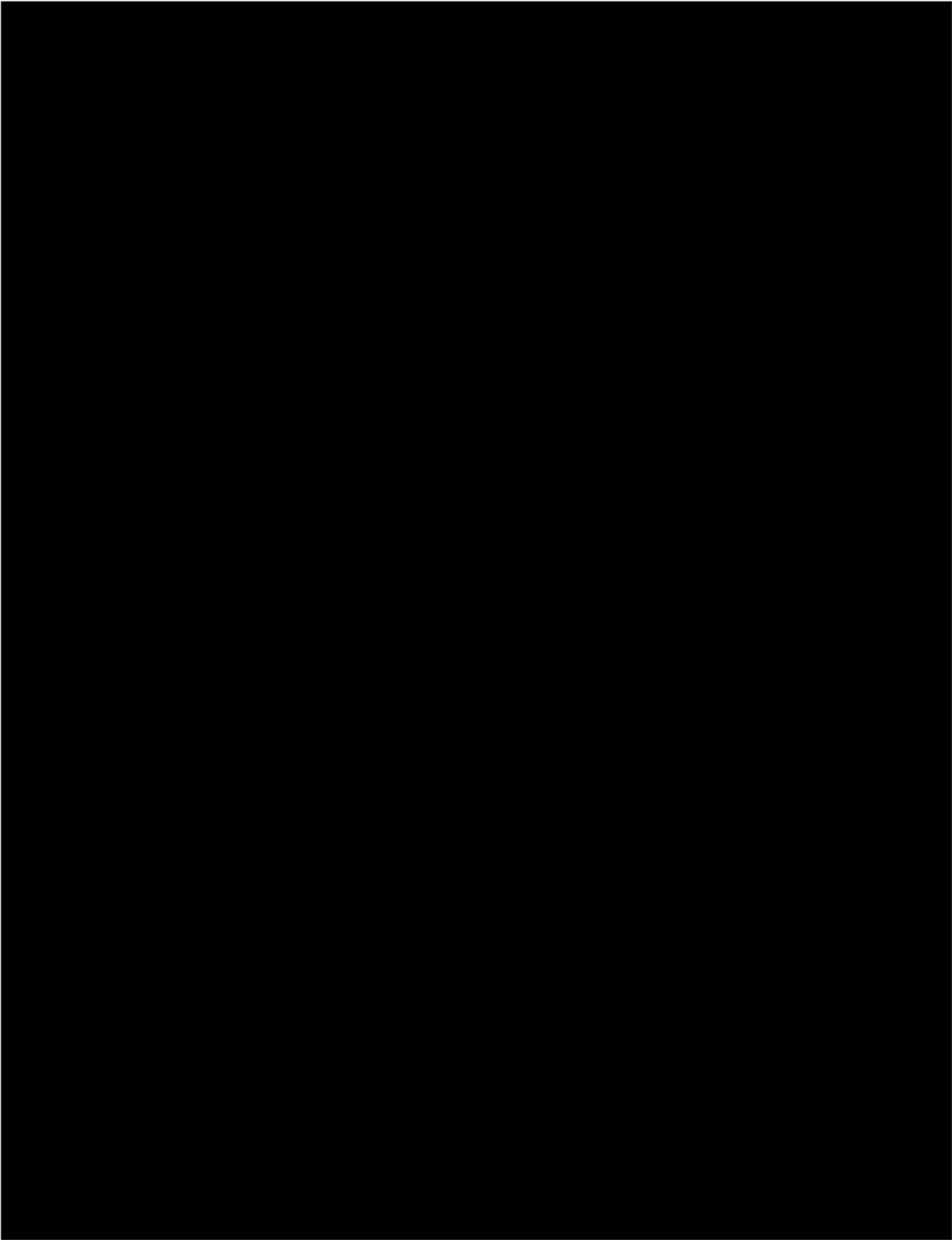
Desenvolver a resiliência e proporcionar uma base segura estão ligados através de conceitos centrais como a confiança e a autoestima.

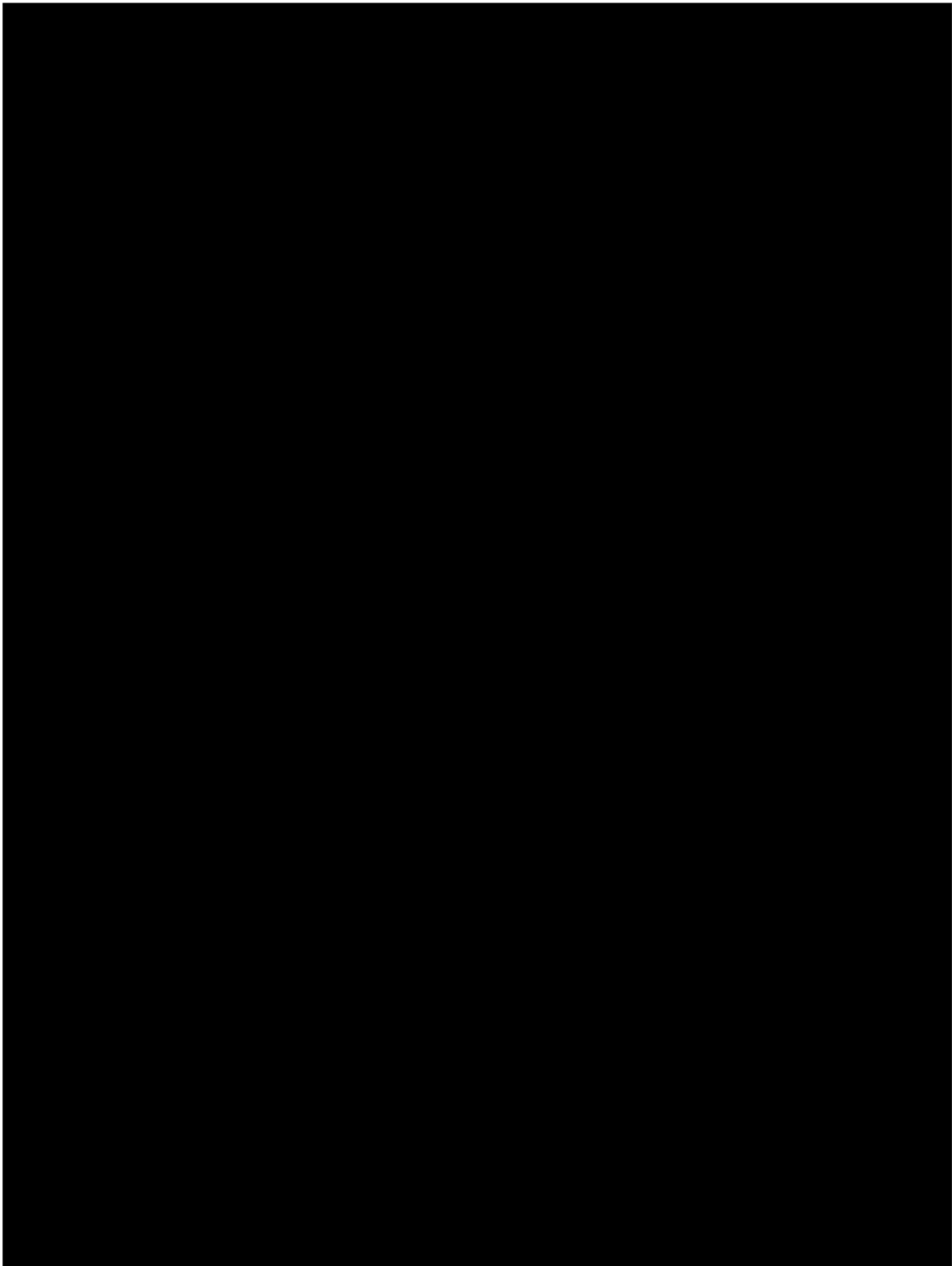
Promover a resiliência inclui ajudar a criança a compreender, explorar, aceitar e resolver sentimentos relativamente ao passado – e a construir uma história/narrativa *equilibrada e coerente*. Isto apoia a sua autoestima e ajuda a criar relações recíprocas e saudáveis.

¹⁰ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

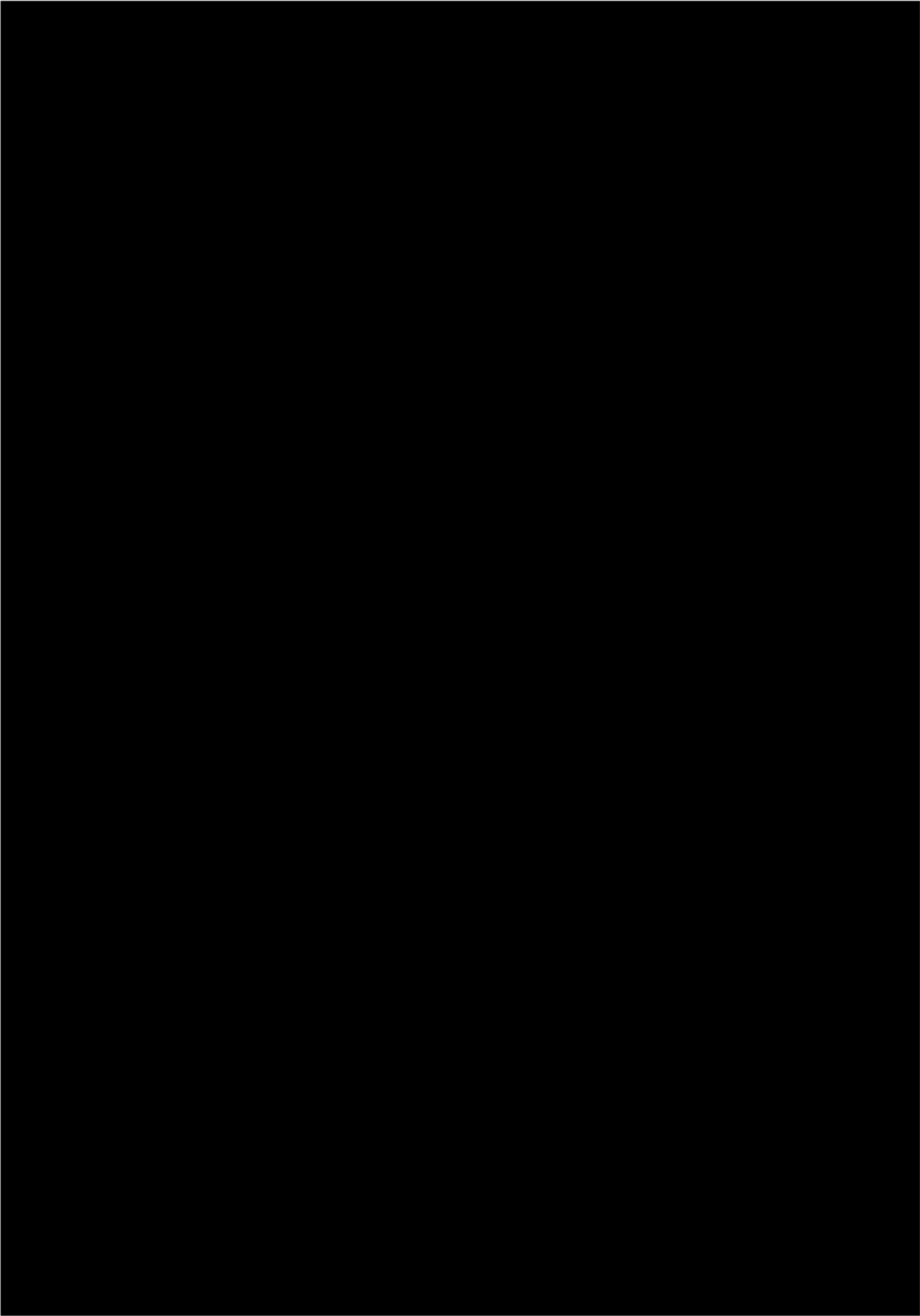


¹¹ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.





¹² Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



2.1. Introdução ao Modelo de Base Segura

A teoria da vinculação oferece-nos um referencial para compreender as trajetórias de crianças em acolhimento que tenham vivido experiências de abuso, negligência ou rejeição. **Estes episódios traumáticos afetam o modelo de funcionamento interno da criança** — ou seja, as suas crenças e expectativas relativamente a si própria e aos outros — e podem reforçar estratégias defensivas ou mecanismos de *coping* que dificultam a criação de novos laços de confiança. A ansiedade gerada pela separação e pela perda intensifica estas estratégias, o que por vezes leva a que a própria criança encare um cuidado genuíno como “mais uma armadilha” (Crittenden, 1995).

A aplicação dos princípios da teoria da vinculação na formulação de um modelo de cuidados de qualidade assenta, essencialmente, **na oferta de uma base segura**. Quando o/a cuidador/a consegue reduzir a ansiedade da criança, ela sente-se livre para explorar o mundo, para brincar e para aprender, desenvolvendo todo o seu potencial. Um elemento central na promoção da segurança afetiva e da resiliência é **a capacidade de o/a cuidador/a refletir sobre os estados mentais da criança** — emoções, desejos e intenções — **e de responder de forma adequada**.

Para além da relação direta com figuras de vinculação primárias, **a segurança e a resiliência advêm também de um ambiente globalmente cuidador, que inclua família, amigos, escola e atividades estruturadas**. É esta rede de suporte alargada que complementa e consolida a base segura, conferindo à criança múltiplas fontes de confiança e de afeto.

Nas secções seguintes, iremos aprofundar estes conceitos e apresentar de que forma o Modelo de Base Segura — organizado em dimensões complementares e articulado pelo Ciclo de Cuidados - pode ser operacionalizado, através de atividades práticas, num contexto de formação presencial ou online e em grupo ou individual.

2.2. O que é o Modelo de Base Segura?

O Modelo de Base Segura (ver [Figura 1](#)) representa um referencial para cuidados reparadores destinados a crianças com experiências de abuso, negligência, separação e perda. Embora a maioria das crianças sinta, em algum grau, o impacto destas experiências adversas ao longo da vida, **muitas crianças provenientes de contextos desafiantes beneficiarão de experiências de cuidado reparador em acolhimento familiar, adoção e acolhimento residencial, progredindo para uma vida adulta estável, com relações positivas**.

O modelo sugere que cada interação do quotidiano – e.g., o acordar, as refeições, as brincadeiras, os passeios, a hora de dormir, etc. – se gerida segundo os princípios do Modelo de Base Segura, pode ter

¹³ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

um **efeito reparador para a criança**. Baseia-se em teorias da vinculação e da resiliência, tendo como objetivo proporcionar às crianças os cuidados que as apoiem no desenvolvimento progressivo de uma maior segurança e resiliência.

As cinco caixas azuis representam as cinco dimensões-chaves de um cuidado reparador e os benefícios que este tipo de cuidado tem para a criança.

Dimensões dos cuidados que promovem segurança e resiliência

- Disponibilidade – ajudar a criança a confiar.
- Sensibilidade – ajudar a criança a gerir os sentimentos e emoções.
- Aceitação – fortalecer a autoestima da criança.
- Cooperação – ajudar a criança a sentir-se capaz.
- Pertença Familiar – ajudar a criança a sentir-se parte da família

NOTAS

Relações de base segura oferecem conforto, proximidade e segurança. São especialmente importantes para bebés e crianças mais novas que, pelo seu nível desenvolvimento ainda não tem maturidade/capacidade para responder autonomamente, precisando de apoio para lidar com os desafios? da vida (por exemplo, fome, sede, desconforto, separação, etc.).

Estes eventos causam ansiedade na criança. Porém, quando as crianças têm relações de base segura, a sua ansiedade é reduzida porque sabem e confiam que as suas necessidades básicas serão atendidas e apoiadas. Desta forma, as crianças ficam livres para explorar, aprender e crescer.

Todas as crianças precisam de relações de base segura, sendo que as crianças em acolhimento, estas relações podem ter um valor reparador fundamental. Estas têm o potencial de mudar a perceção frequentemente negativa que a criança tem de si própria e dos outros. Ou seja, as relações de base segura podem ajudar as crianças vulneráveis a acreditar que são amadas e dignas de amor, e que os adultos estão disponíveis e são confiáveis. À medida que avançam para uma maior segurança, podem ser apoiadas para explorar em segurança e desenvolver o seu potencial.

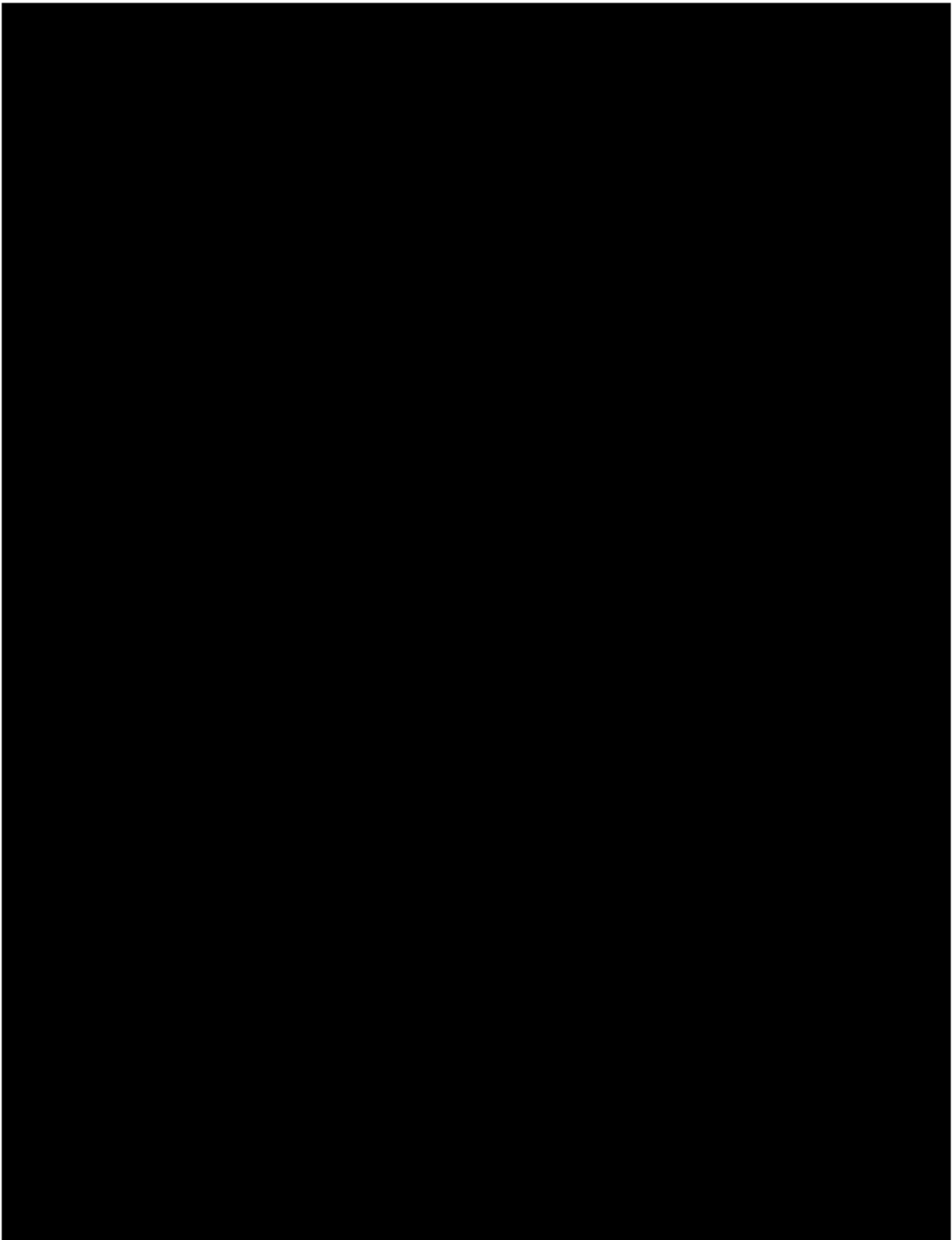
RESUMO

PORQUE SÃO IMPORTANTES AS RELAÇÕES DE BASE SEGURA?

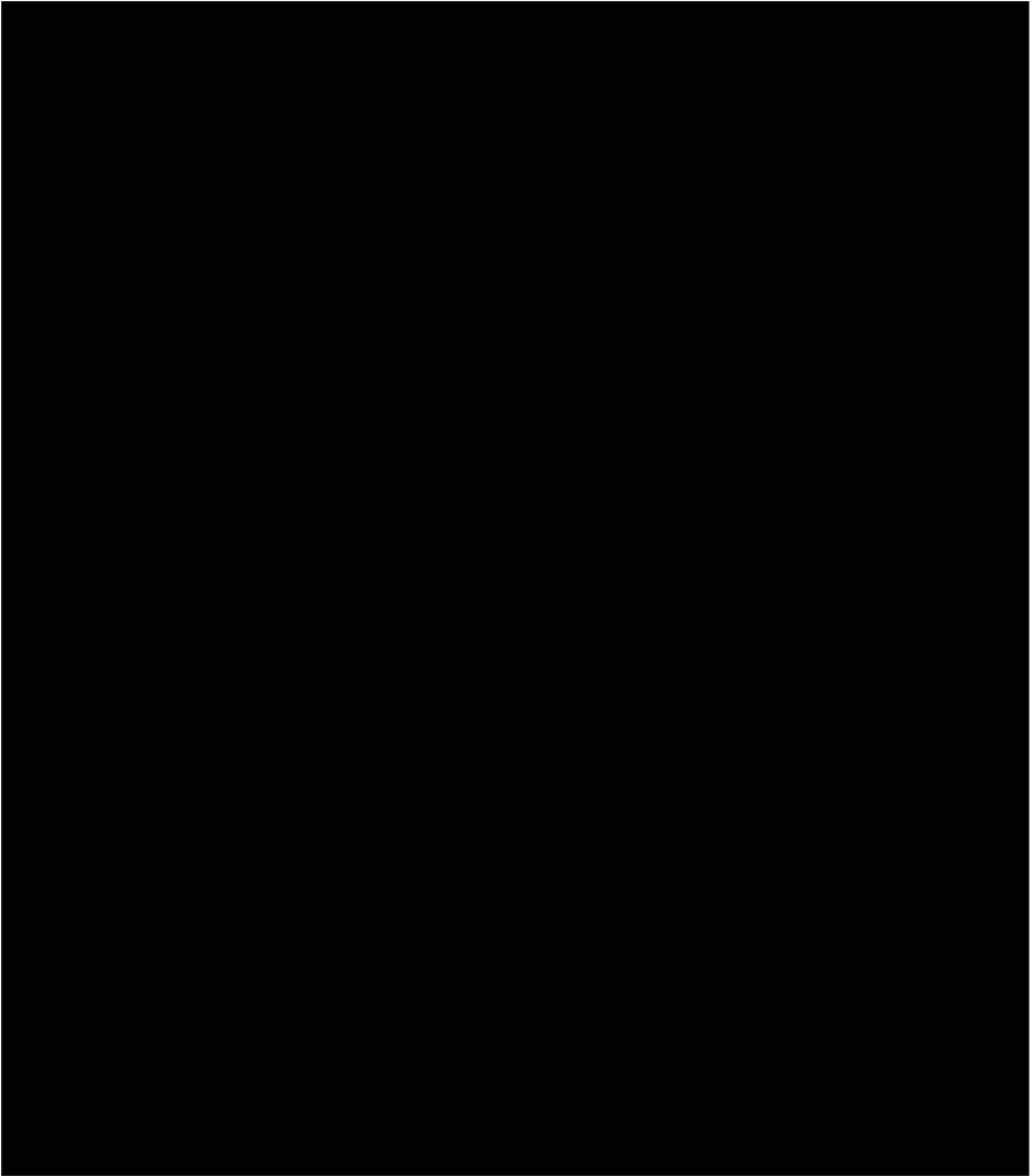
- Proporcionam conforto e segurança, diminuindo a ansiedade – o que, por sua vez, promove a exploração, a aprendizagem e o desenvolvimento.
- São particularmente cruciais para crianças vulneráveis.
- Podem alterar a perceção que a criança tem de si própria e dos outros.

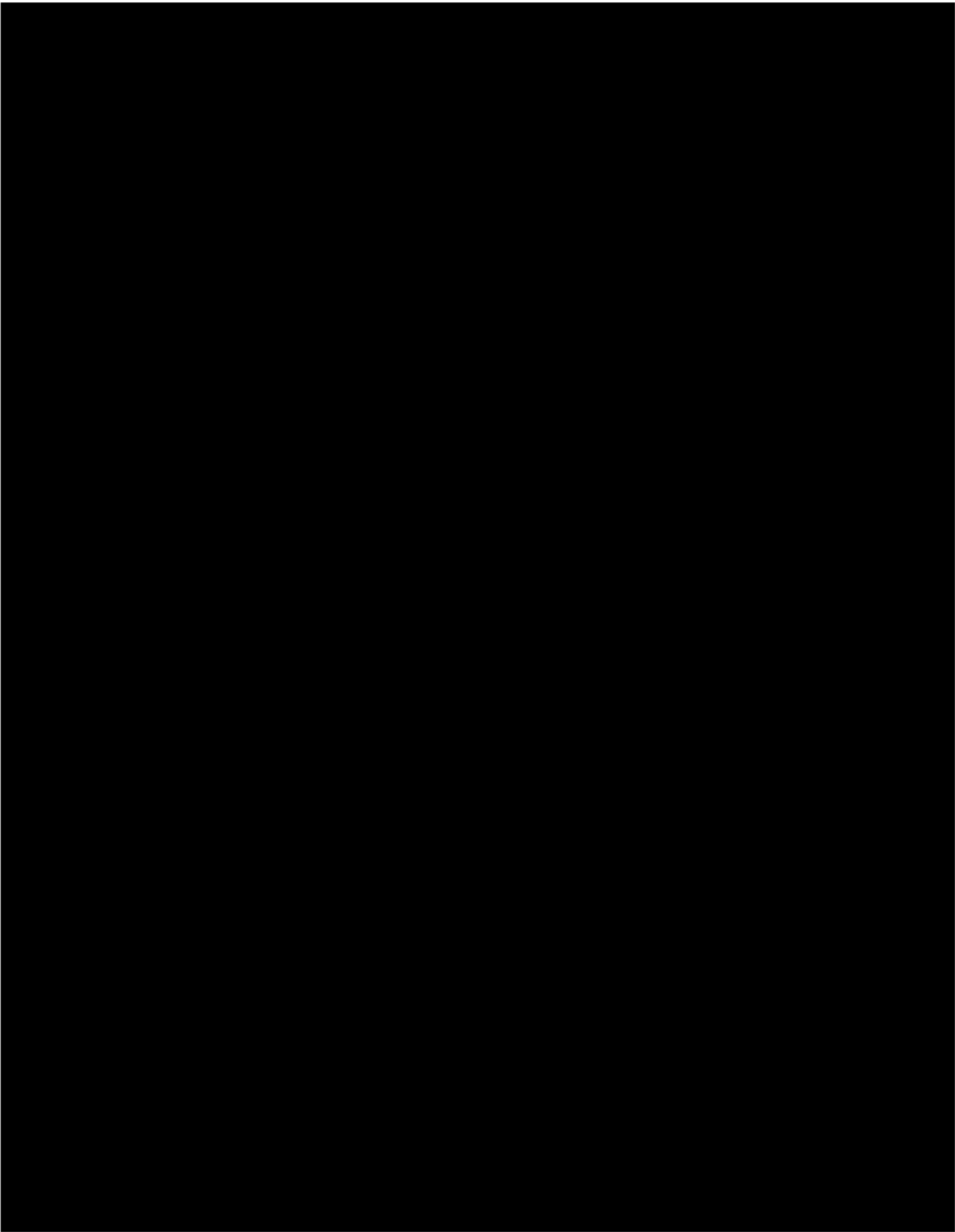
O QUE É O MODELO DE BASE SEGURA?

- Um referencial para cuidadores reparadores
- Baseado nas interações quotidianas da vida familiar
- Promove segurança e resiliência
- Baseado na teoria, investigação e prática

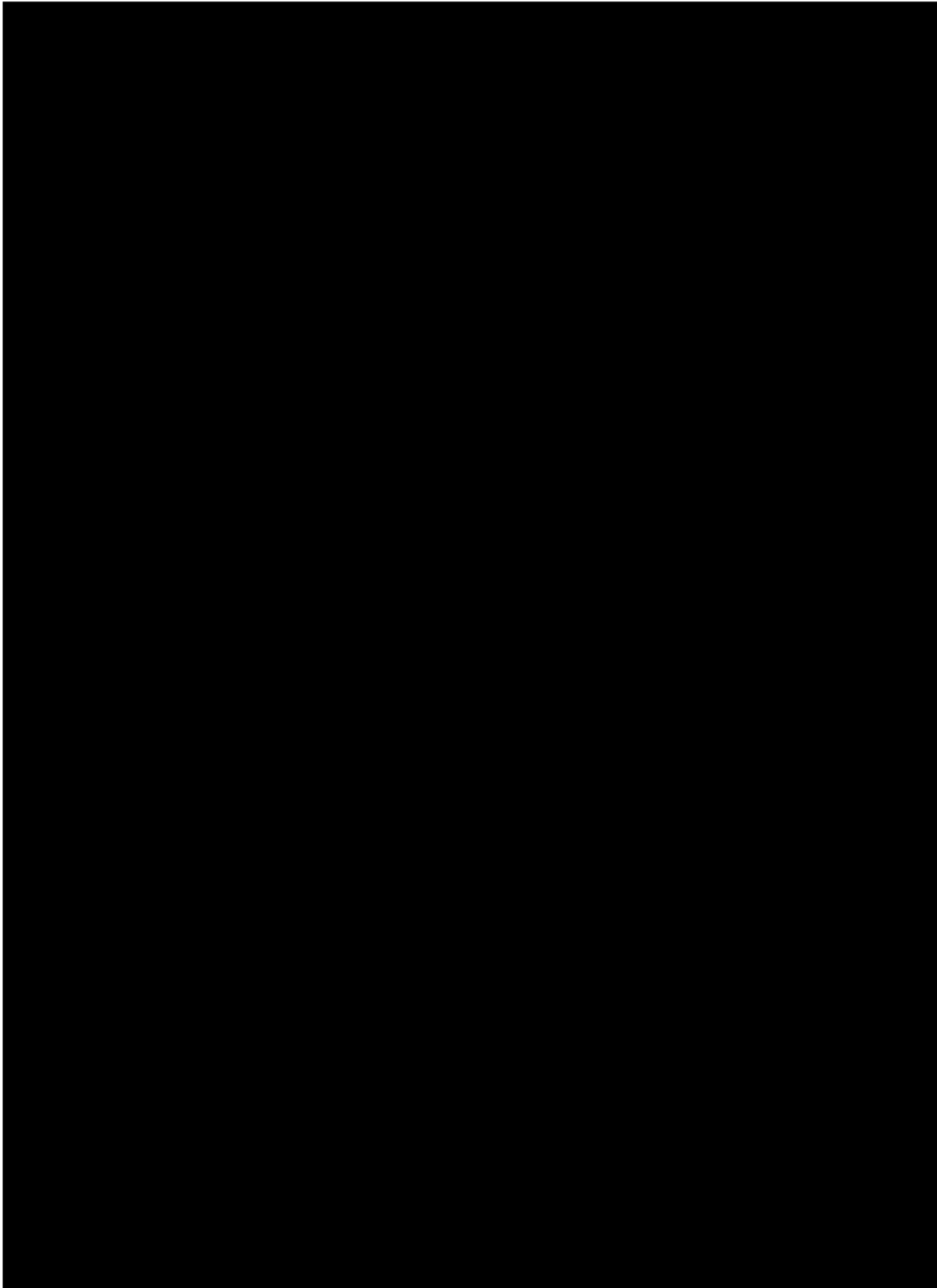


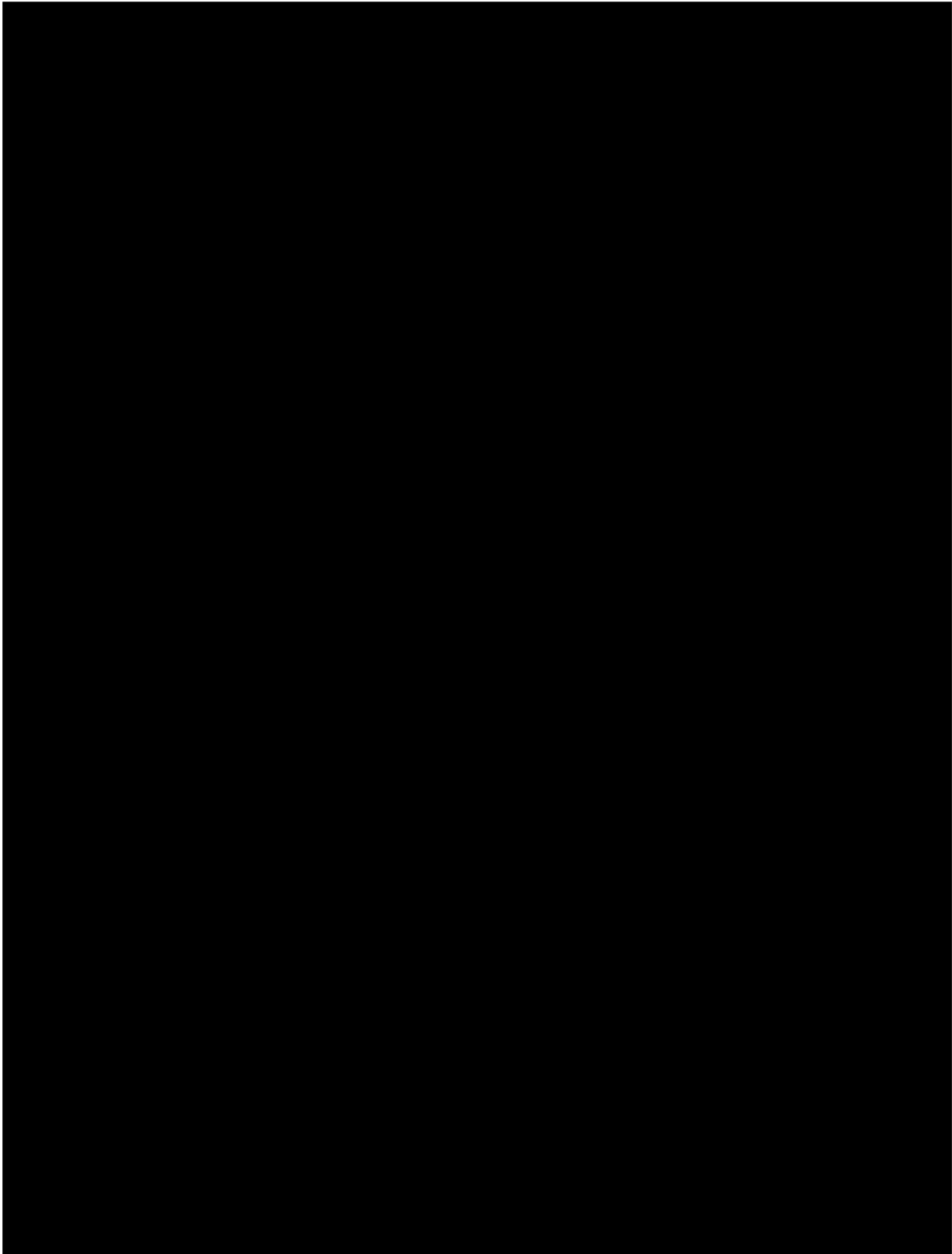
¹⁴ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.





¹⁵ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.





¹⁶ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.

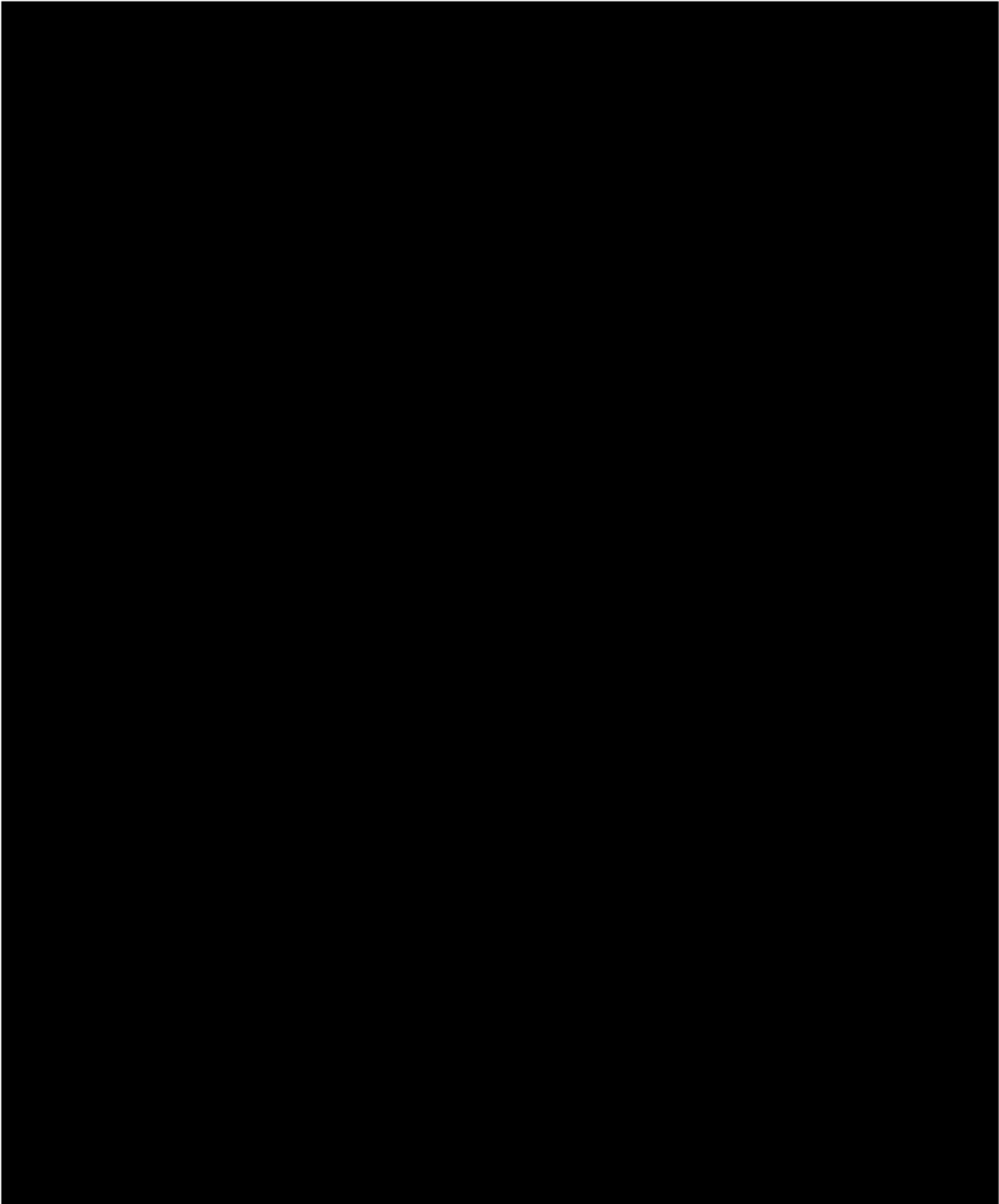


Figura 3

Ciclo de Cuidados



O Modelo de Base Segura é sustentado pelo Ciclo de Cuidados. Este ciclo ilustra o processo através do qual as relações de base segura podem ser terapêuticas para as crianças. O Ciclo de Cuidados enfatiza a ligação entre o pensar e o agir, introduzindo a ideia de que os/as cuidadores/as devem, frequentemente, parar para refletir sobre o que a criança pensa e sente relativamente a si própria e aos outros, e ajustar a sua abordagem conforme necessário. Esta reflexão pode levar os/as cuidadores/as a adotar estratégias novas, as quais tendem a ser eficazes porque são especificamente direcionadas a alterar, de forma positiva, o pensamento e o sentimento da criança.

Partindo do topo do ciclo, podemos traçar o seguinte processo:

- As necessidades e o comportamento da criança afetam os pensamentos e os sentimentos do/a cuidador/a.
- Os pensamentos e os sentimentos do/a cuidador/a influenciam a forma como ele/ela se comporta em resposta à criança.
- Esse comportamento de cuidado afeta os pensamentos e os sentimentos da criança acerca de si própria e dos outros.
- E, finalmente, à medida que os pensamentos e os sentimentos da criança mudam, isto tem um efeito sobre as suas necessidades e o seu comportamento.

O objetivo dos cuidados reparadores é **criar um ciclo positivo**, no qual os/as cuidadores/as fazem uma pausa e refletem sobre os pensamentos e os sentimentos da criança, ou seja, "*O que é que esta criança está a pensar e a sentir que a faz comportar-se desta forma?*". A abordagem de cuidado é então ajustada para estar em sintonia com os pensamentos e os sentimentos da criança, com o intuito de os

¹⁷ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

orientar numa direção positiva. Os pensamentos e os sentimentos mais positivos da criança promovem comportamentos que refletem uma maior segurança e resiliência.

O ciclo demonstra as ligações entre o que se passa na mente do/a cuidador/a e o seu comportamento em resposta às necessidades e ao comportamento da criança; o impacto desse comportamento de cuidado na mente da criança, nos seus pensamentos e sentimentos; e como isso, por sua vez, afeta o comportamento da criança. **Estes ciclos repetem-se várias vezes ao dia para cada criança** – desde o acordar até à hora de dormir.

O ciclo mostra que, para ajudar a mudar o comportamento de uma criança, é preciso começar por alterar o seu modo de pensar e de sentir – **e isso inicia-se com o pensamento, o sentimento e o comportamento do/a cuidador/a.**

O ciclo de cuidados pode ser positivo ou negativo. Por exemplo, um/a cuidador/a que pensa de forma positiva “*posso ajudar esta criança*” tende a adotar comportamentos de apoio e a fortalecer a autoestima da criança. **Pensamentos negativos do/a cuidador/a** – como “*esta criança não gosta de mim*” – **podem gerar sentimentos ansiosos ou atitudes negativas em relação à criança**, aumentando a sua ansiedade e dúvidas quanto a ser amada, o que, por sua vez, altera o comportamento da criança para com o/a cuidador/a. Por isso é útil refletir sobre o que poderá estar a acontecer numa relação com uma determinada criança.

O que os/as cuidadores/as pensam é determinante – é necessário olhar de forma flexível e empática para a vida da criança, para o modo como ela vê o seu mundo. **Um pensamento sensível e uma resposta atenta por parte dos/as cuidadores/as é essencial para o estabelecimento de relações de base segura** que apoiem o desenvolvimento saudável da criança – e também serão mais gratificantes para os próprios/as cuidadores/as.

Os Cuidados Reparadores podem envolver:

- Pensar de forma diferente
- Agir de forma diferente
- Ser persistente
- Experimentar abordagens diversas

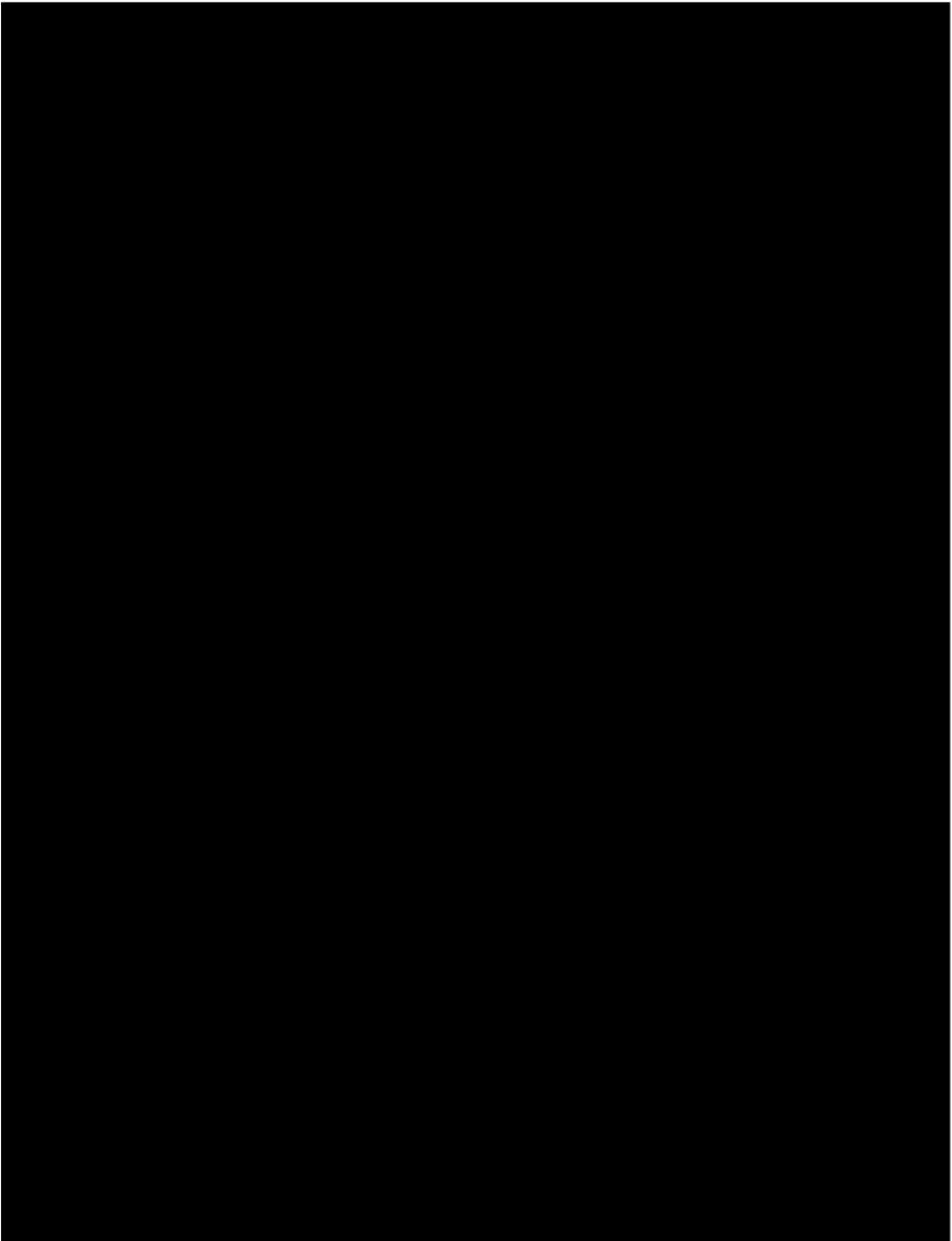
NOTAS

As crianças que passaram por experiências difíceis tiveram de encontrar formas de lidar e sobreviver a essas situações, pelo que os seus modos de pensar e sentir podem ser muito diferentes daqueles das crianças que viveram apenas em ambientes seguros e estáveis.

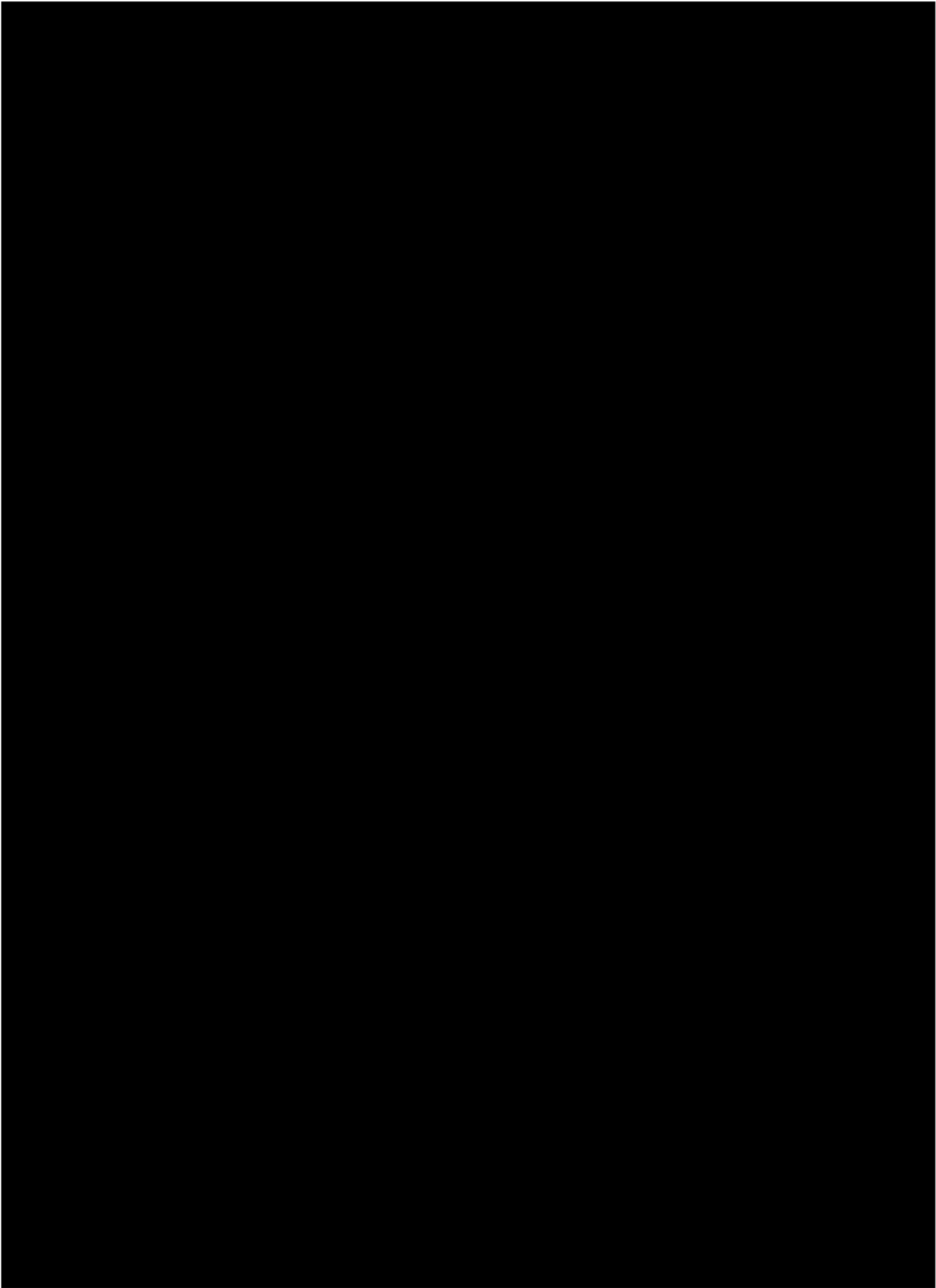
Os/as cuidadores/as podem ter de esforçar-se para compreender o que se passa na mente da criança, para ver o mundo da sua perspetiva e, assim, repensar a sua abordagem.

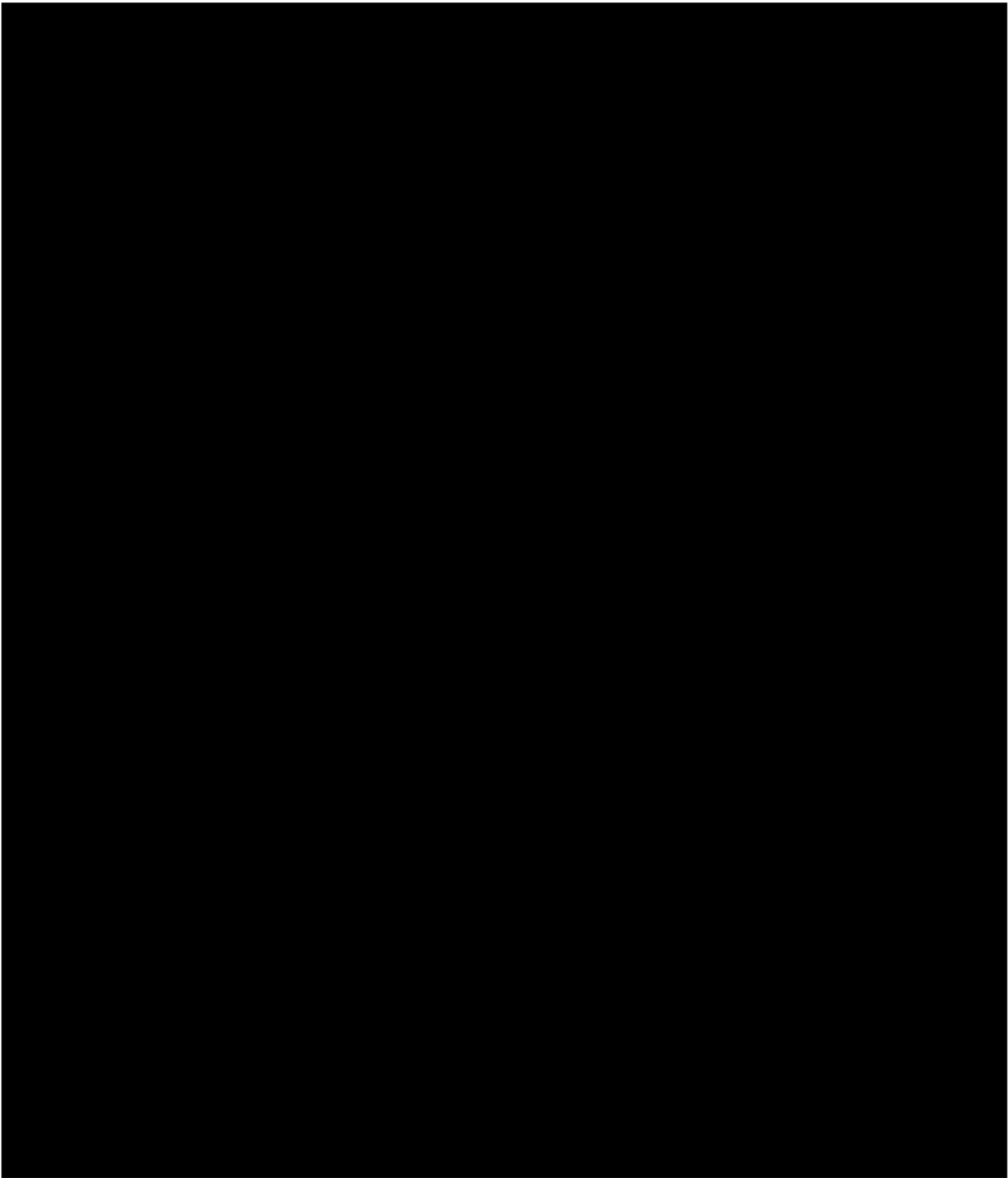
As abordagens de cuidado podem ter de ser diferentes daquelas que anteriormente foram bem-sucedidas com outra criança. Estas devem ser ajustadas de forma sensível aos pensamentos e sentimentos de cada criança. Os pensamentos e sentimentos profundamente enraizados das crianças podem ser muito resistentes à mudança. Os/as cuidadores/as podem ter de ser persistentes e repetir as suas abordagens várias vezes antes que os pensamentos e sentimentos da criança comecem a mudar.

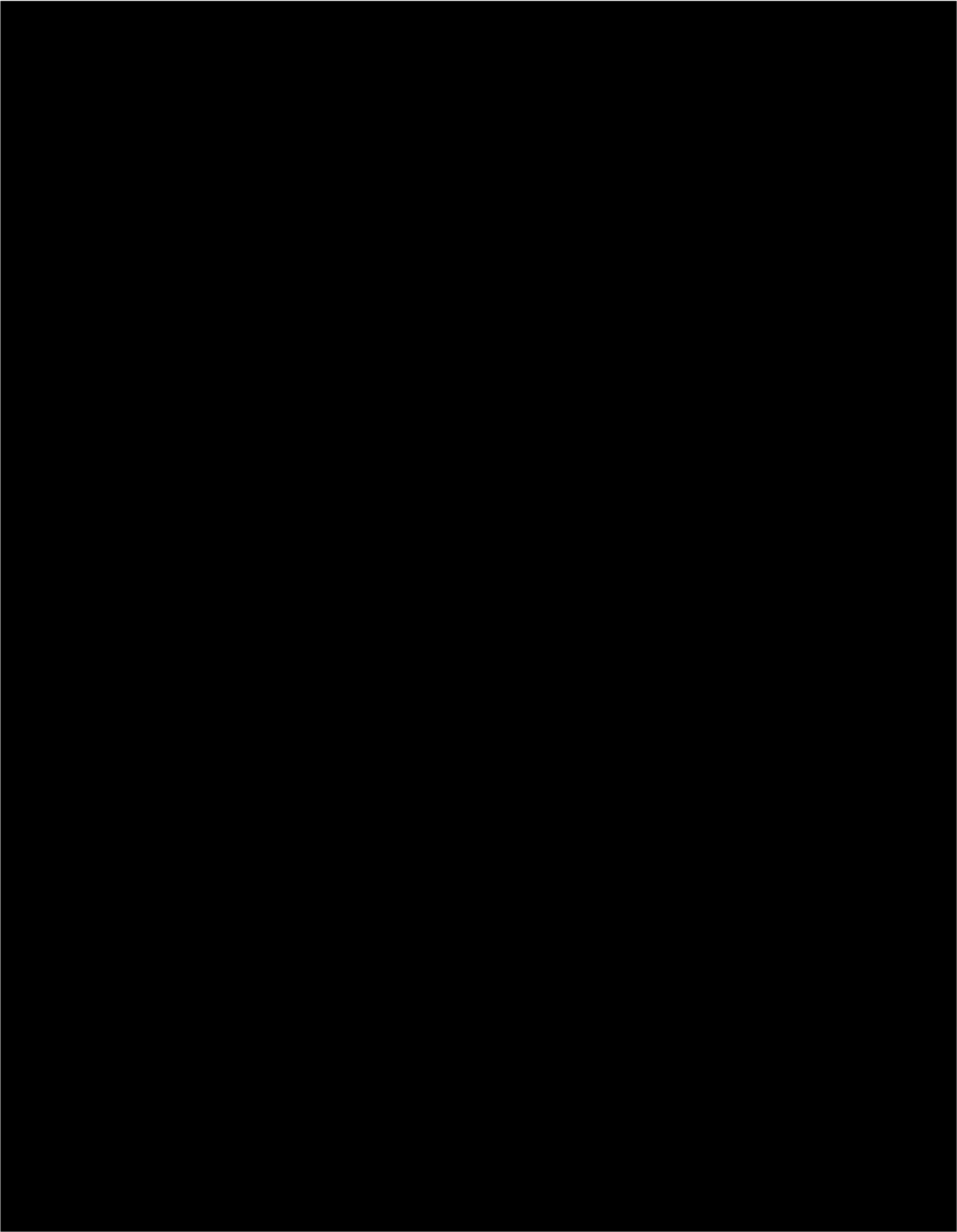
Nunca podemos saber exatamente o que uma criança está a pensar e a sentir, pelo que nem sempre acertamos. Os/as cuidadores/as podem ter de experimentar abordagens diferentes em momentos distintos, de forma a encontrar um método que realmente ajude a criança.



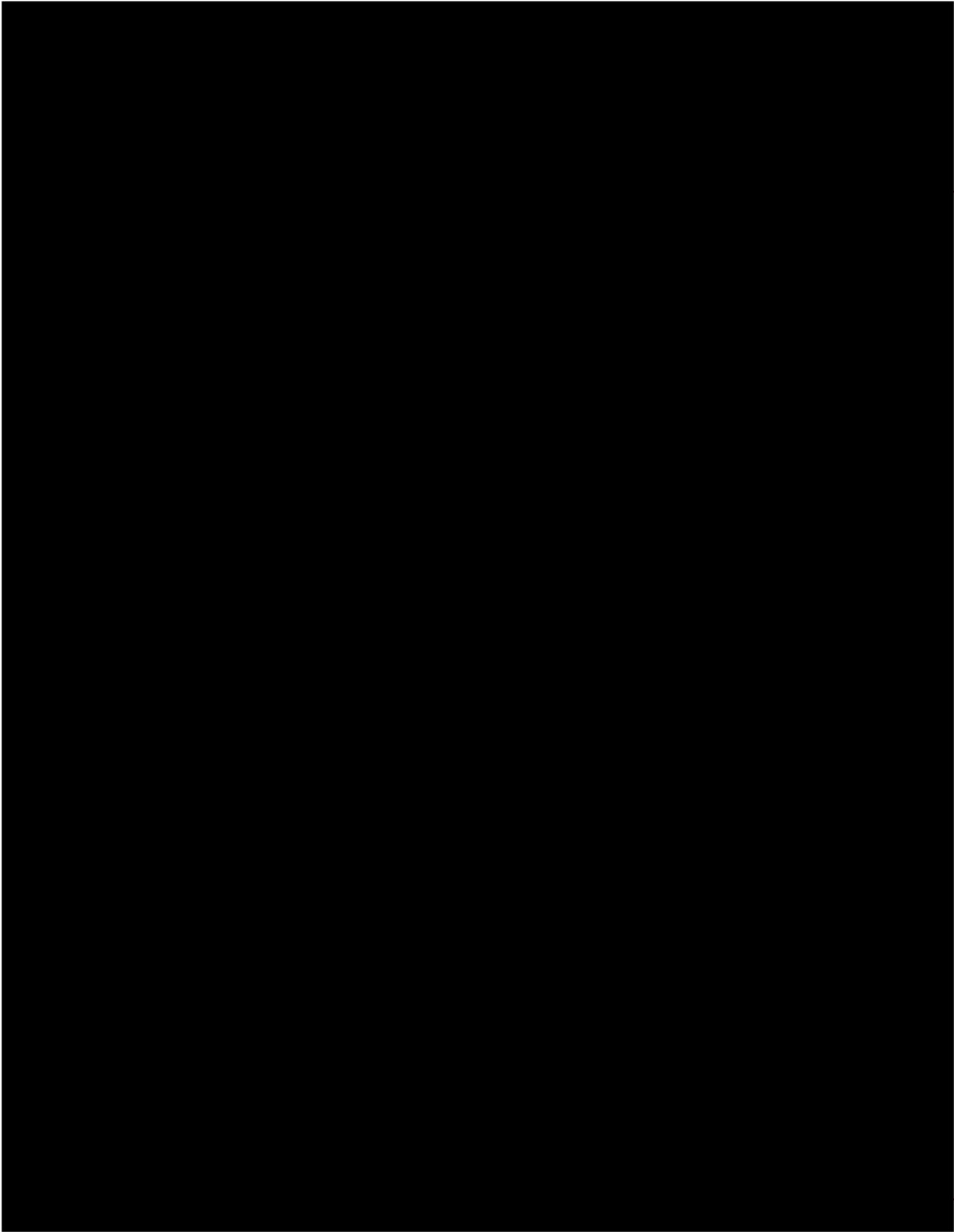
¹⁸ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.

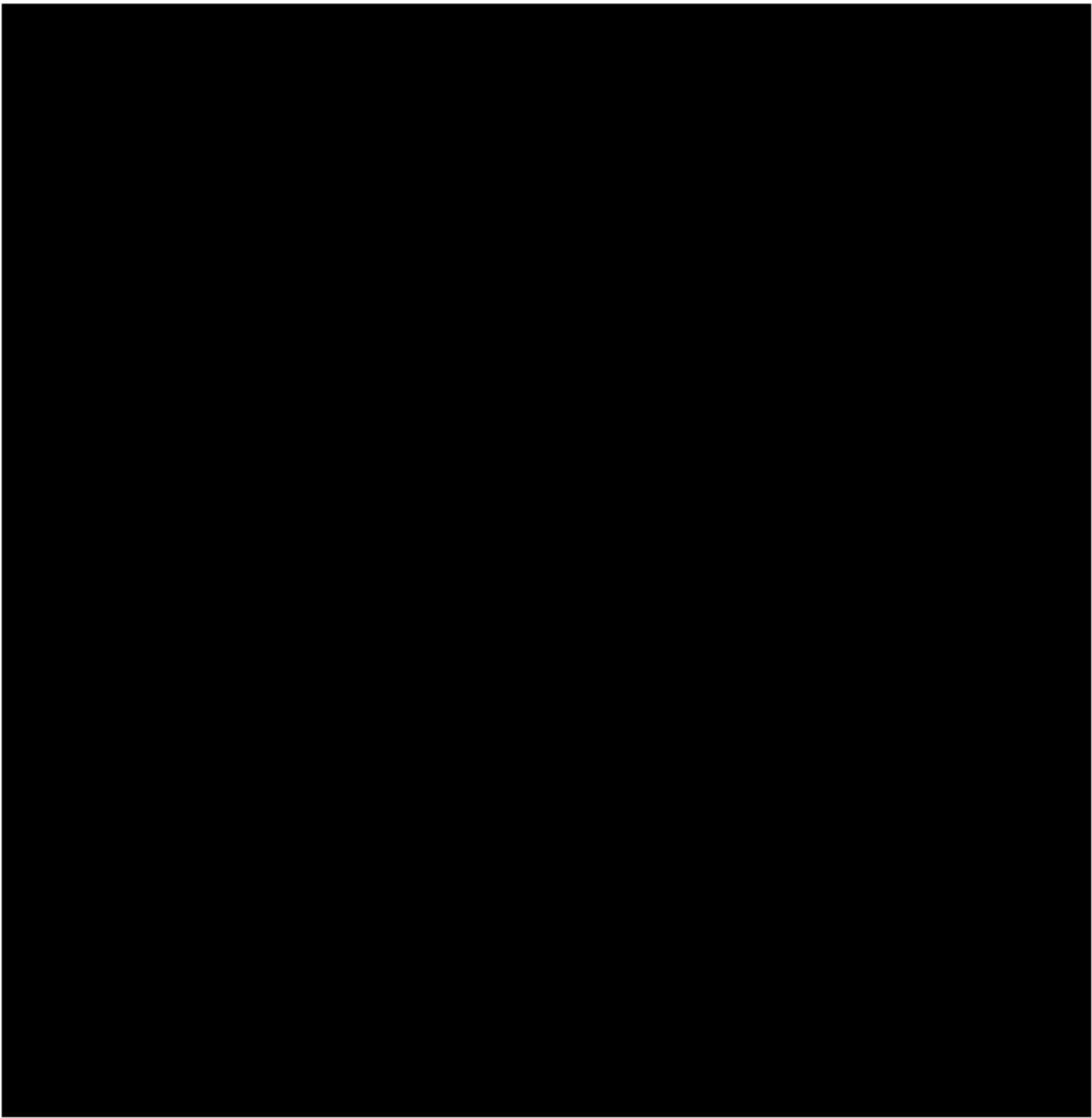


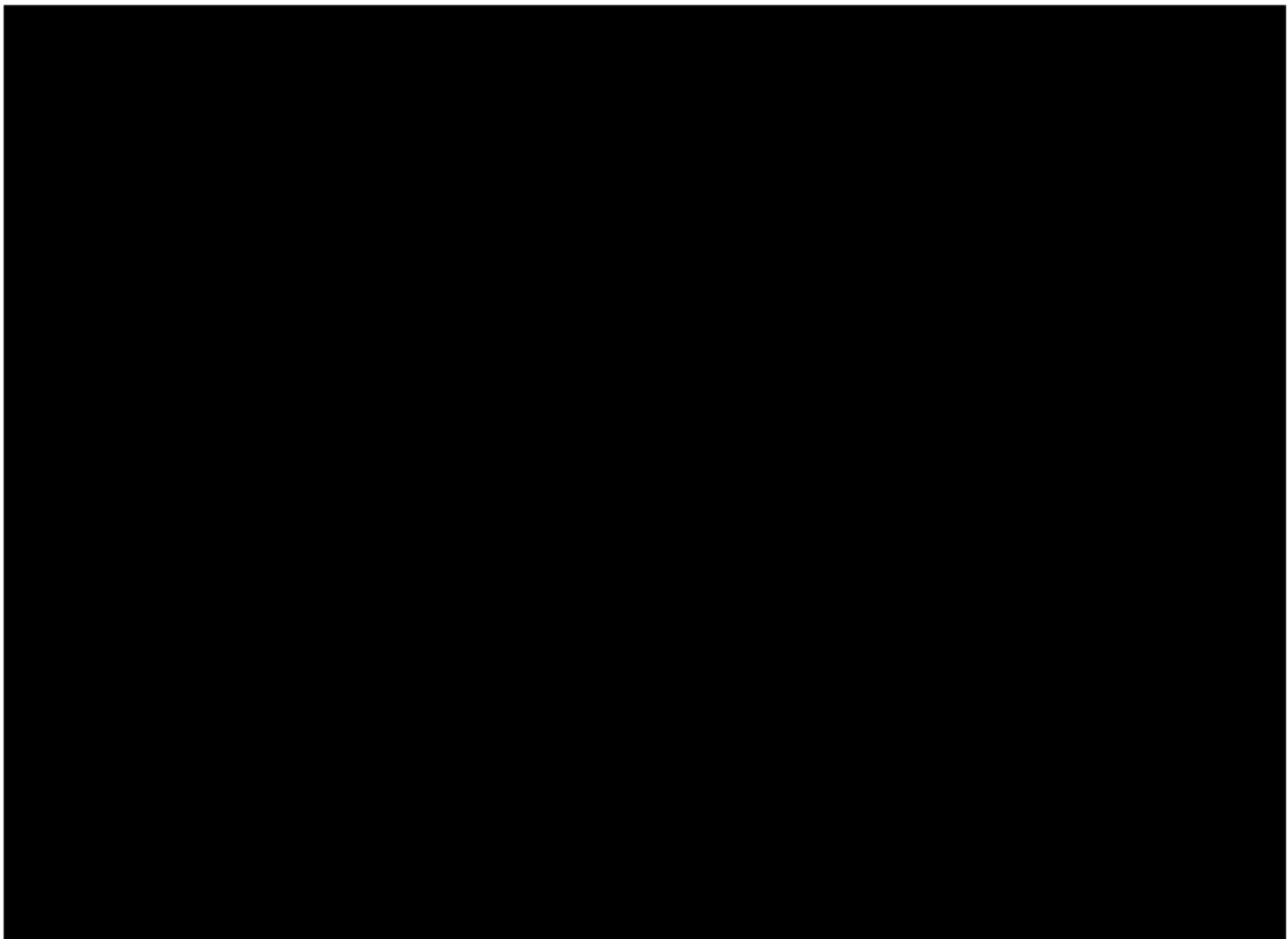




¹⁹ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.







Disponibilidade

NOTA DE FORMAÇÃO

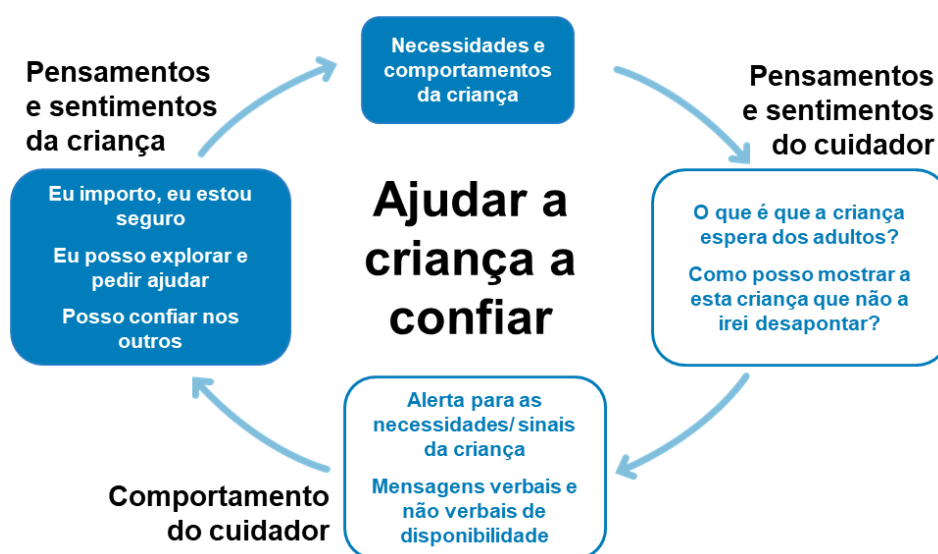
Disponibilidade – ajudar a criança a confiar

A disponibilidade envolve tanto a presença física como emocional. Apenas "estar presente" não basta se o/a cuidador/a estiver absorvido com as suas próprias necessidades emocionais.

O processo de estar disponível e construir a confiança deve ser adaptado a cada criança, tendo em conta as suas experiências anteriores e características individuais. Para ser eficaz, a criança deve sentir-se confortável com essa abordagem.

Figura 4

Ciclo de Cuidados - Disponibilidade



Esta dimensão centra-se na **capacidade de o/a cuidador/a transmitir uma forte sensação de estar física e emocionalmente disponível para satisfazer as necessidades da criança, tanto quando estão juntos como quando estão separados**. Quando o/a cuidador/a consegue fazer isto, a criança começa a confiar que as suas necessidades serão satisfeitas de forma calorosa, consistente e fiável. **A ansiedade diminui e a criança ganha confiança para explorar o mundo**, segura de que os cuidados e a proteção lhe serão providenciados, se necessário.

²⁰ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

NOTAS

Em todas as famílias, há momentos em que é mais difícil para os/as cuidadores/as estarem totalmente disponíveis, tanto física como emocionalmente. Nesses momentos, pode ser necessário apoio prático e emocional para compensar essa dificuldade.

Quando os/as cuidadores/as demonstram consistentemente que estão fisicamente e emocionalmente disponíveis, as crianças começam a confiar que receberão cuidados e apoio de forma fiável, e a acreditar que merecem esse tipo de cuidado, que são importantes e dignas de amor.

As necessidades e o comportamento da criança

A maioria das crianças que integram o acolhimento familiar e/ou que são adotadas, não dispuseram dos cuidados e da proteção necessários por parte dos/as cuidadores/as da família de origem. Frequentemente, tiveram pais que reagiram às necessidades da criança com **frustração, ansiedade e rejeição, ou que reagiram de forma imprevisível de acordo com as suas próprias necessidades e preocupações**. Cada uma destas reações dos pais provoca nas crianças **ansiedade e incertezas** em relação à prestação de cuidados e à sua própria **segurança e proteção**. **É-lhes difícil confiar** que um adulto estará sempre disponível ou que as suas necessidades serão satisfeitas de forma consistente, segura e calorosa. Num cenário mais extremo, os pais podem ter reagido a uma criança carente com raiva imprevisível ou agressão assustadora, fazendo com que a criança sinta um profundo medo, pânico, confusão e desamparo. **É então provável que a criança associe a proximidade a sentimentos de medo e receio e se sinta em pânico perante a aproximação de qualquer potencial cuidador,** por mais fiável que seja.

Estas experiências profundamente enraizadas tanto podem levar as crianças **a distanciarem-se dos/as seus/suas novos/as cuidadores/as, como a reclamarem constantemente a sua atenção, a sentirem-se desamparadas ou a tentarem estar sempre em controlo**. Estas estratégias defensivas, associadas a **padrões de vinculação insegura**, que podem ter sido necessárias para a sobrevivência numa família de origem marcada por múltiplos desafios, **podem tornar-se problemáticas, stressantes ou prejudiciais para os novos/as cuidadores/as**, que tanto querem cuidar, acalmar e proteger as crianças de mais danos.

Pensamentos e sentimentos do/a cuidador/a

O desafio para os novos/as cuidadores/as é complexo. O objetivo último é **mudar as expectativas das crianças em relação aos adultos** - convencer as crianças de que podem confiar nos adultos para cuidar delas e satisfazer as suas necessidades. No entanto, em primeiro lugar, podem ter de clarificar

algumas mensagens confusas. Através de palavras e comportamentos, as crianças que precisam dos seus cuidados podem estar a indicar que *"não preciso de ti, prefiro cuidar de mim própria"*, ou *"preciso de ti a toda a hora, mas nunca posso ser satisfeito por ti"*, ou *"só consigo gerir a minha ansiedade controlando-te a ti e a tudo o que acontece em casa"*.

Os/As novos/as cuidadores/as **podem ter de se lembrar das verdadeiras necessidades que estão por detrás destas mensagens**, o que não é tarefa fácil quando estas são acompanhadas por um comportamento extremamente **resistente, carente ou hostil**. Por conseguinte, os/as cuidadores/as podem precisar de **apoio adicional** para os ajudar a refletir sobre as experiências anteriores desta criança em particular e a especular sobre **"o que é que esta criança espera dos adultos?"**. À luz destas informações, o/a cuidador/a pode refletir de forma mais focada sobre a questão: **"Como posso mostrar a esta criança que não a vou desiludir?"**. As intervenções de reforço da confiança podem então ser direcionadas com maior precisão.

Comportamento do/a cuidador/a

Tendo isto em mente, os/as cuidadores/as podem começar a estar mais atentos/as às necessidades e sinais da criança e, conseqüentemente, aproveitar as oportunidades para fazer e dizer coisas que começarão a mudar as expectativas da criança em relação a si mesma e aos adultos. Os/As cuidadores/as irão, assim, transmitir mensagens verbais e não-verbais de disponibilidade. Porém – e esta é talvez a maior competência de prestação de cuidados de base Segura – encontrarão formas de o fazer de forma confortável e aceitável para cada criança, tais como saber quando se devem aproximar e quando esperar que seja a criança a dar o primeiro passo.

Também importante é a capacidade do/a cuidador/a gerar teorias flexíveis acerca do que se está a passar com a criança (e.g., este comportamento pode ser causado por uma experiência adversa na primeira Infância, ou apenas um dia difícil na escola ou ambos), tentar diferentes abordagens e esperar pacientemente por pequenas mudanças.

Pensamentos e sentimentos da criança

À medida que as crianças começam a confiar que os adultos próximos não vão desaparecer ou desiludi-las, o seu pensamento começará a mudar de forma subtil. Começarão a **sentir que são importantes**, que **estão seguras**, que **podem explorar e regressar à sua base segura para obter ajuda** e, fundamentalmente, que **podem confiar nas outras pessoas**.

À medida que a ansiedade diminui, a vontade de explorar, aprender e brincar torna-se maior.

Haverá uma maior confiança e competência para se aventurar fora da base segura e descobrir o mundo mais alargado – mas também uma capacidade crescente para confiar nos/as cuidadores/as em busca de conforto, carinho, e para desfrutar de uma proximidade adequada. **Os sinais de progresso da criança nestas áreas podem demorar a aparecer**, mas são dos mais emocionantes e gratificantes para os/as cuidadores/as.

Impacto das experiências passadas: rejeições, frustrações e comportamentos imprevisíveis na família de origem geram, nas crianças, ansiedade, incerteza e estratégias defensivas (distanciamento ou hipervigilância) que protegem, mas dificultam a confiança futura.

Objetivo dos novos/as cuidadores/as: alterar progressivamente as expectativas das crianças, demonstrando de forma consistente que agora podem confiar em adultos disponíveis, seguros e calorosos para satisfazer as suas necessidades.

Importância dos pensamentos do/a cuidador/a: O que passa pela cabeça do/a cuidador/a ao interpretar o comportamento da criança (ex.: “Ela está a rejeitar-me” vs. “Está com medo”) condiciona a sua resposta. Reconhecer e substituir pensamentos automáticos negativos por outros mais empáticos (ex., “Posso ajudá-la a sentir-se segura”) é o primeiro passo para promover interações positivas.

Reflexão orientada e apoio aos/as cuidadores/as: em situações complexas, os/as cuidadores/as devem ter um espaço de apoio por parte dos/as profissionais onde discutem casos específicos, exploram as possíveis motivações da criança e planeiam intervenções. Esta reflexão guiada garante que as estratégias são ajustadas à história única de cada criança e não baseadas em reações impulsivas.

Atitude e comportamentos de base segura: Estar atento aos sinais da criança e aproveitar cada oportunidade para transmitir disponibilidade (física e emocional; verbal e não-verbal), calibrando aproximação e recuo conforme o ritmo e o conforto da criança.

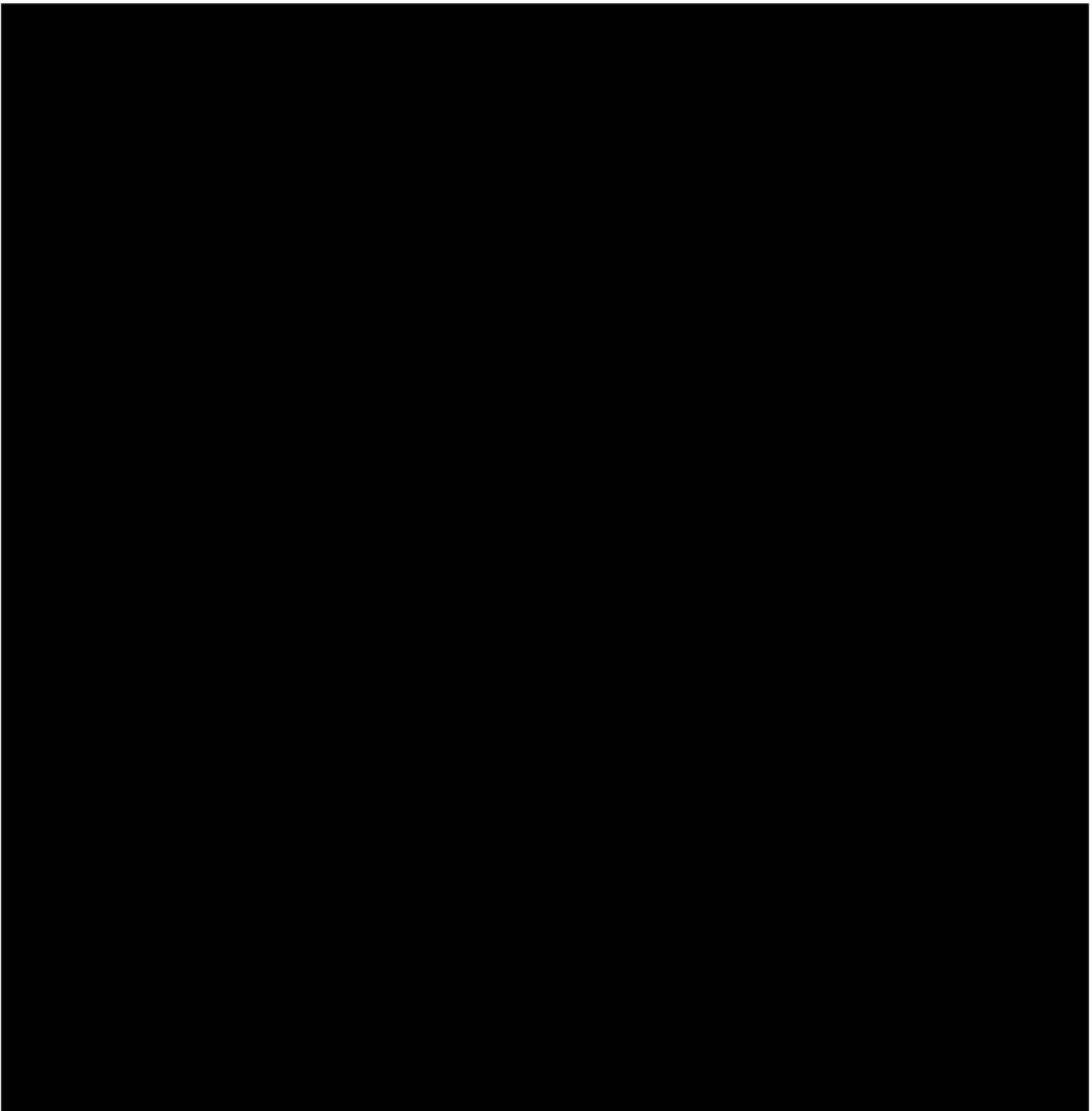
Pensamento flexível: adotar uma postura de “hipóteses em aberto” - em vez de assumir uma única causa para um comportamento, considerar várias explicações (trauma passado, cansaço, conflito atual). Testar diferentes abordagens de cuidado e avaliar, pacientemente, quais geram melhor resposta na criança, ajustando continuamente o “como faço” para encontrar o que mais a ajuda.

Transformação interna da criança: à medida que a criança percebe que os adultos não a vão desiludir, o seu pensamento muda: sente-se valorizada, segura e capaz de explorar, sabendo que pode sempre regressar à sua base segura.

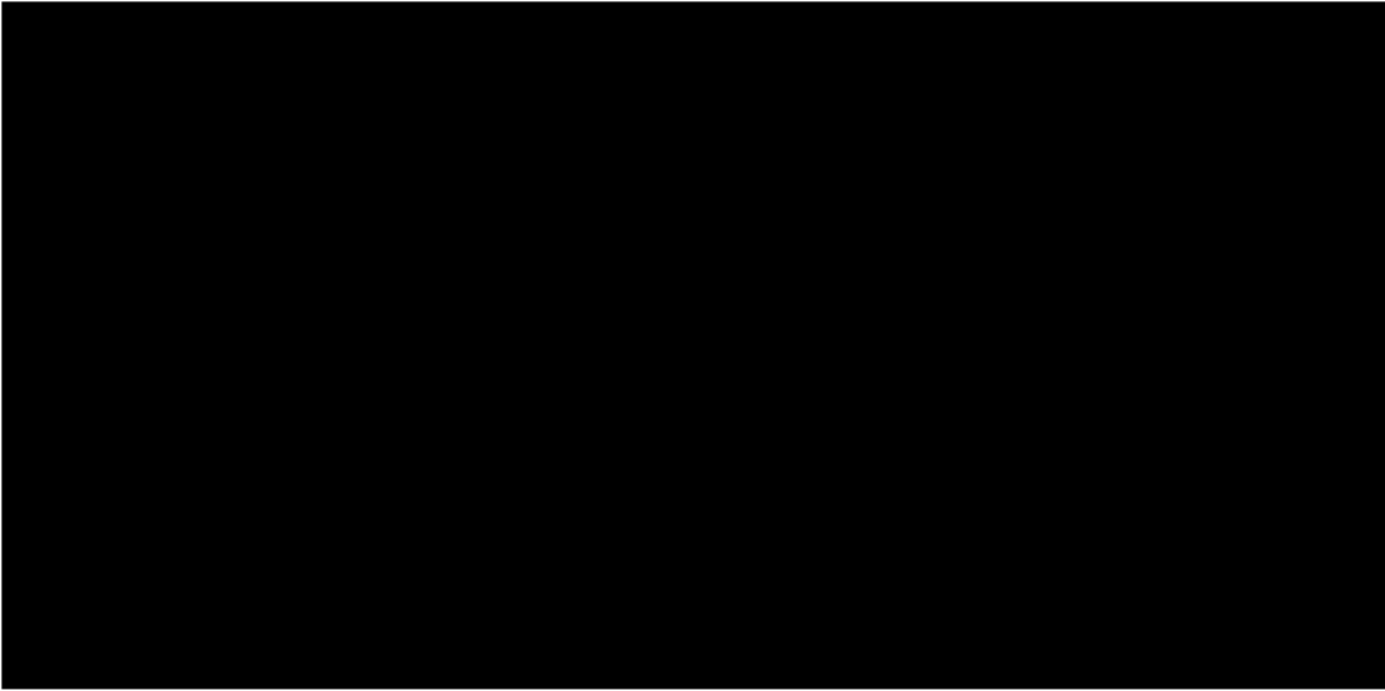
Relação entre segurança e explorar: a diminuição da ansiedade permite-lhe brincar, aprender e aventurar-se no mundo, ao mesmo tempo que desenvolve a confiança necessária para procurar conforto e proximidade nos/as cuidadores/as.

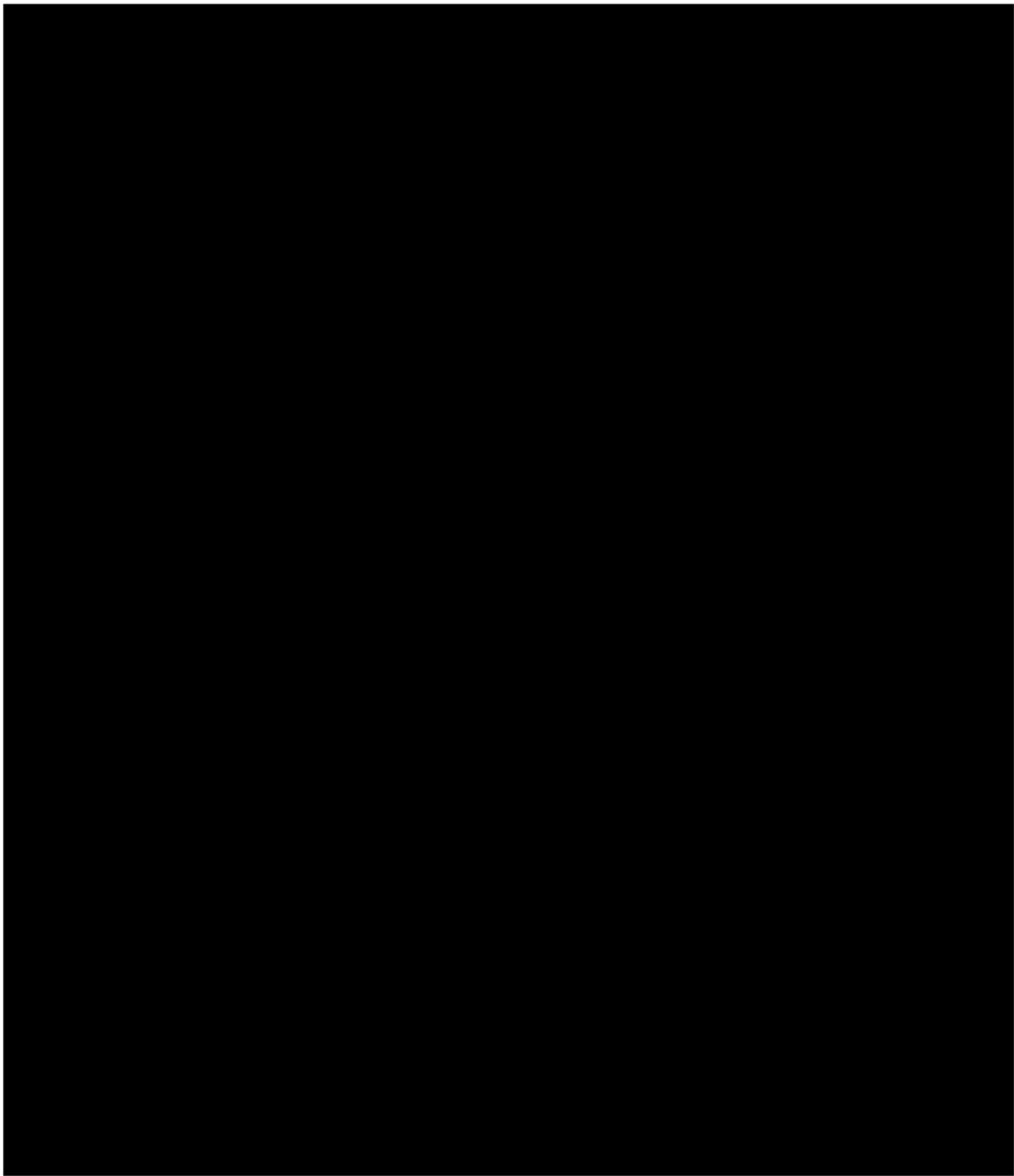
²¹ Para apoiar a consolidação dos conteúdos abordados, encontra-se disponível um documento complementar que apresenta **estratégias práticas para cada uma das cinco dimensões do Modelo de Base Segura**. Este material pode ser utilizado pelo/a profissional como referência para reforçar, aprofundar ou aplicar as aprendizagens desenvolvidas ao longo das atividades. Pode ainda ser fornecido a cada família de acolhimento como material de apoio, no final da formação.

Progressos lentos, mas gratificantes: os sinais de mudança podem surgir de forma gradual, mas cada passo em direção à confiança reforça a motivação dos/as cuidadores/as e consolida o vínculo reparador.

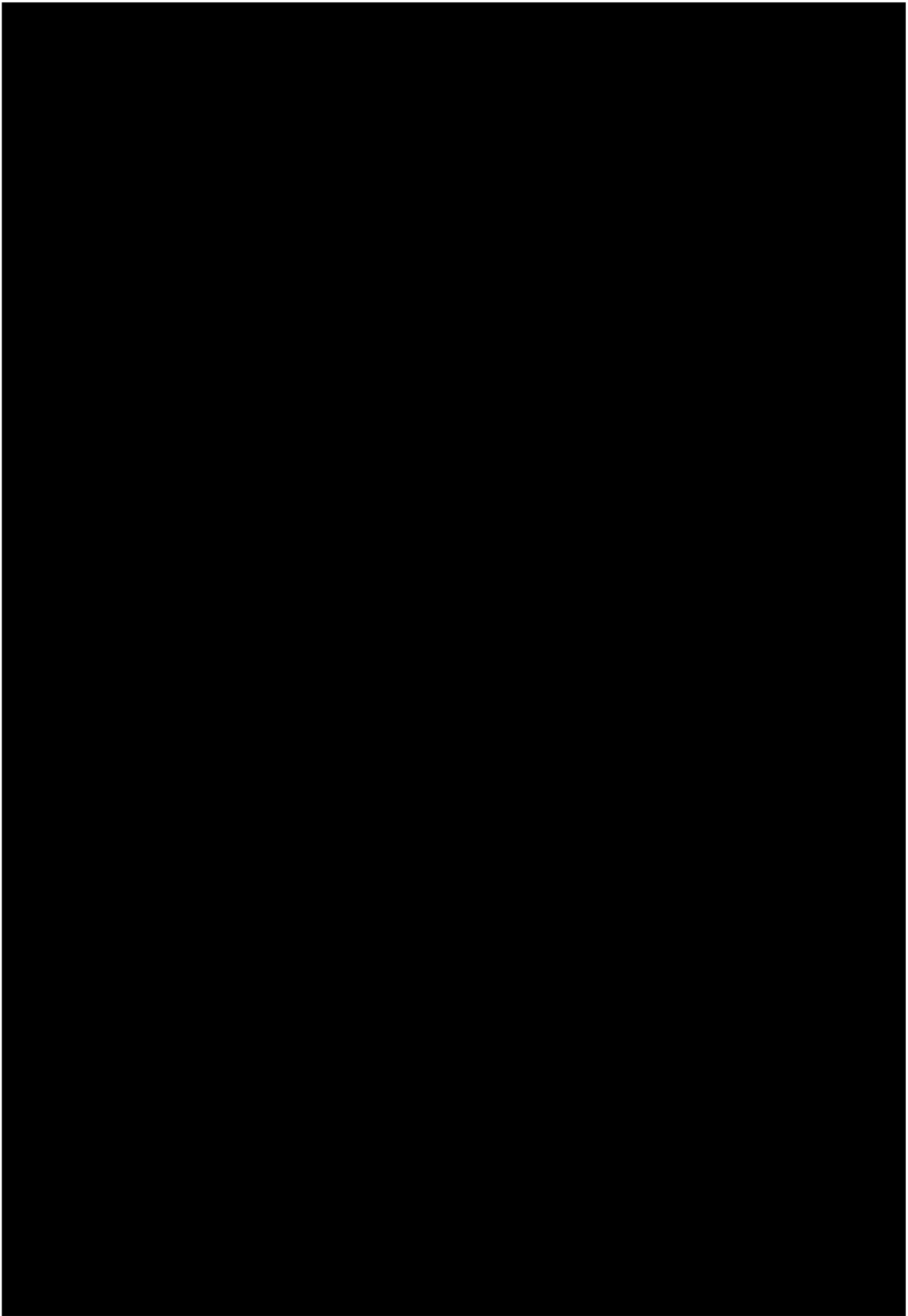


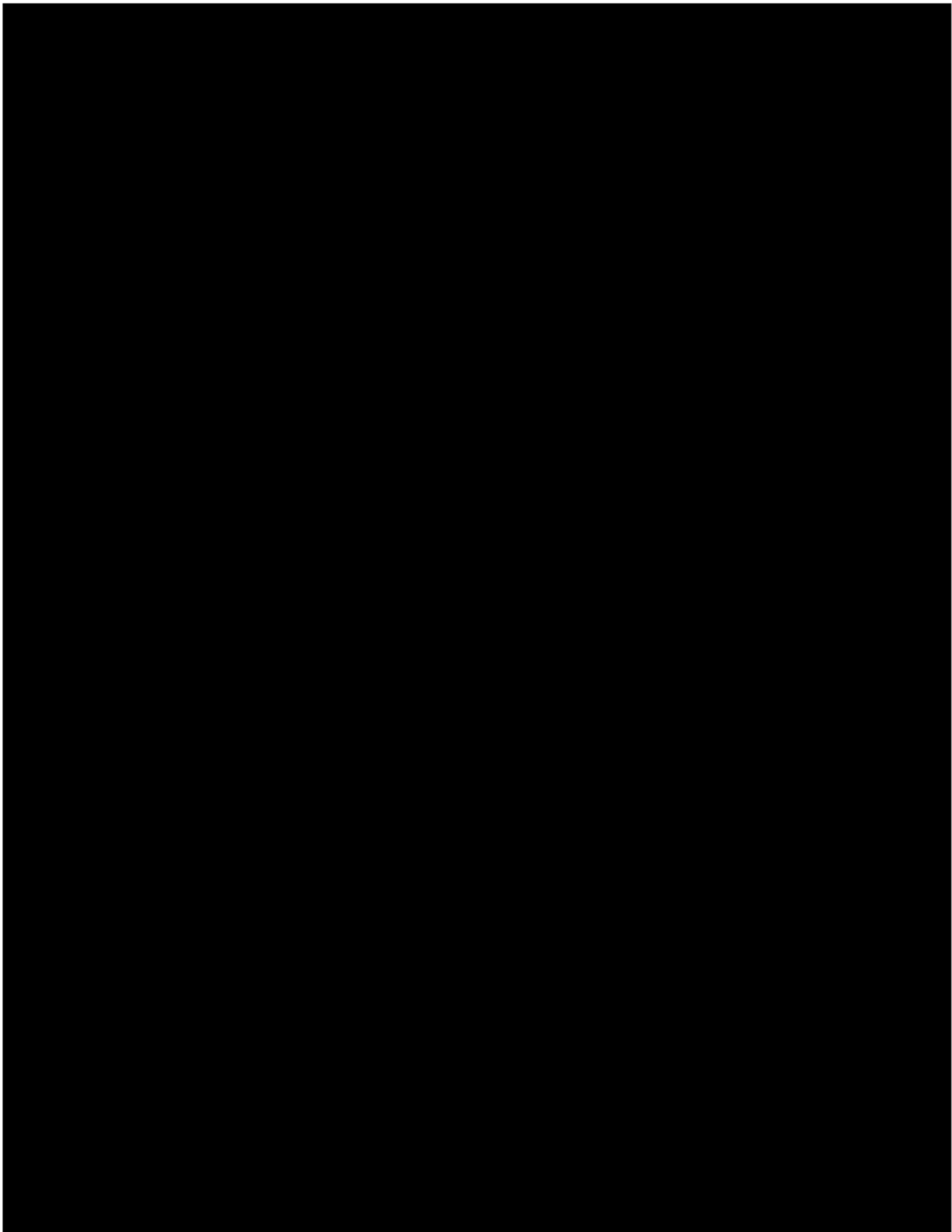
²² Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



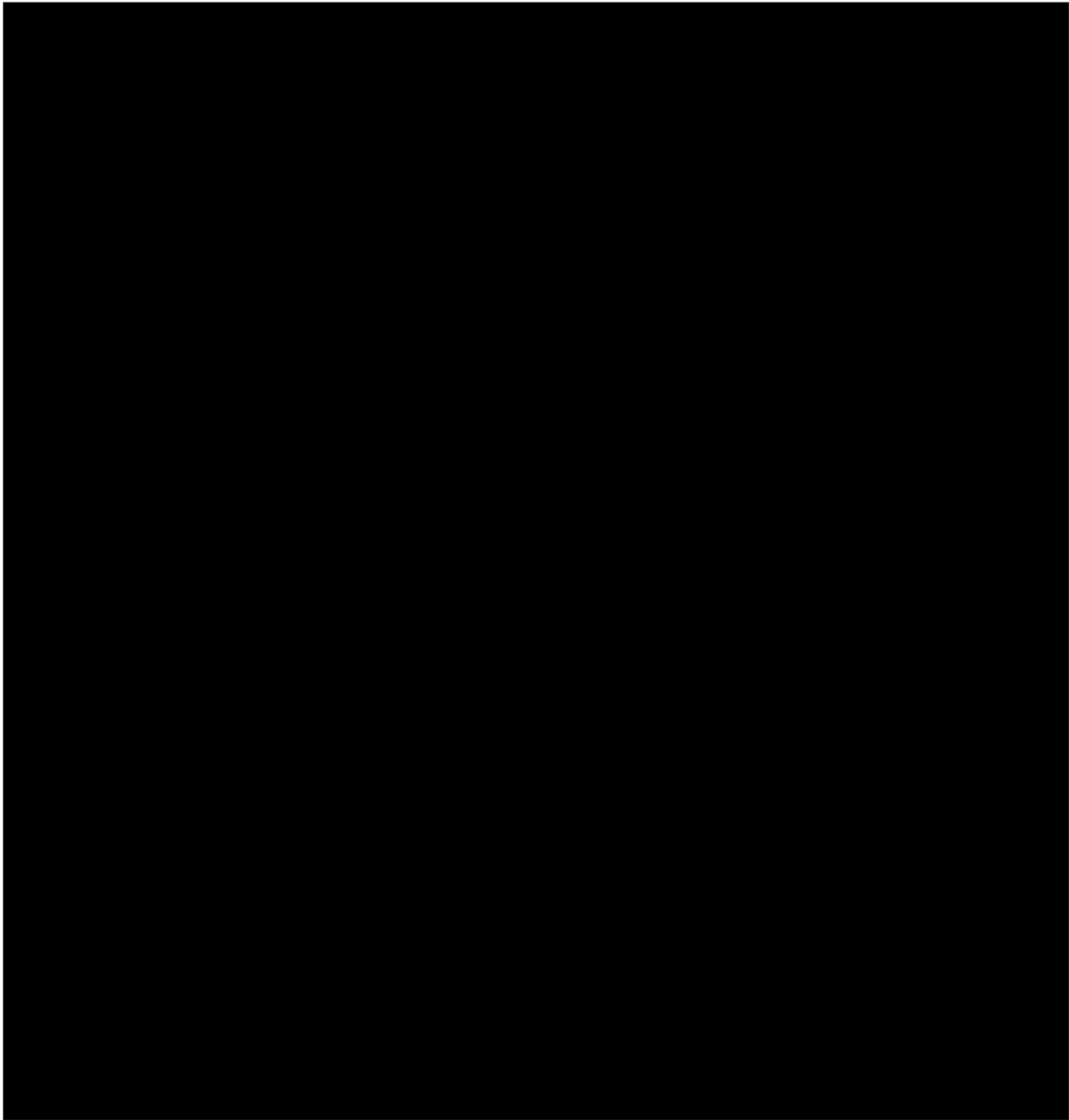


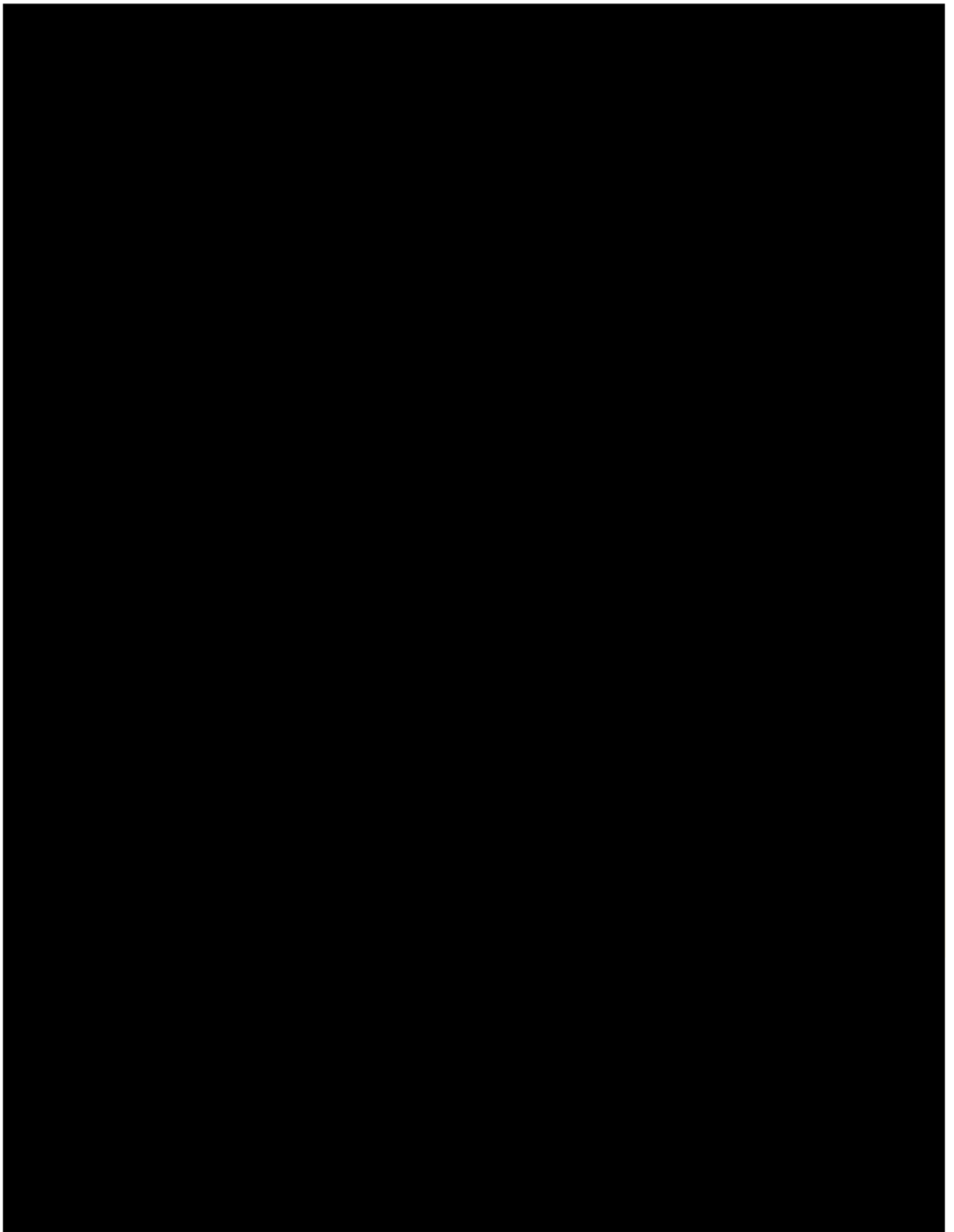
²³ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



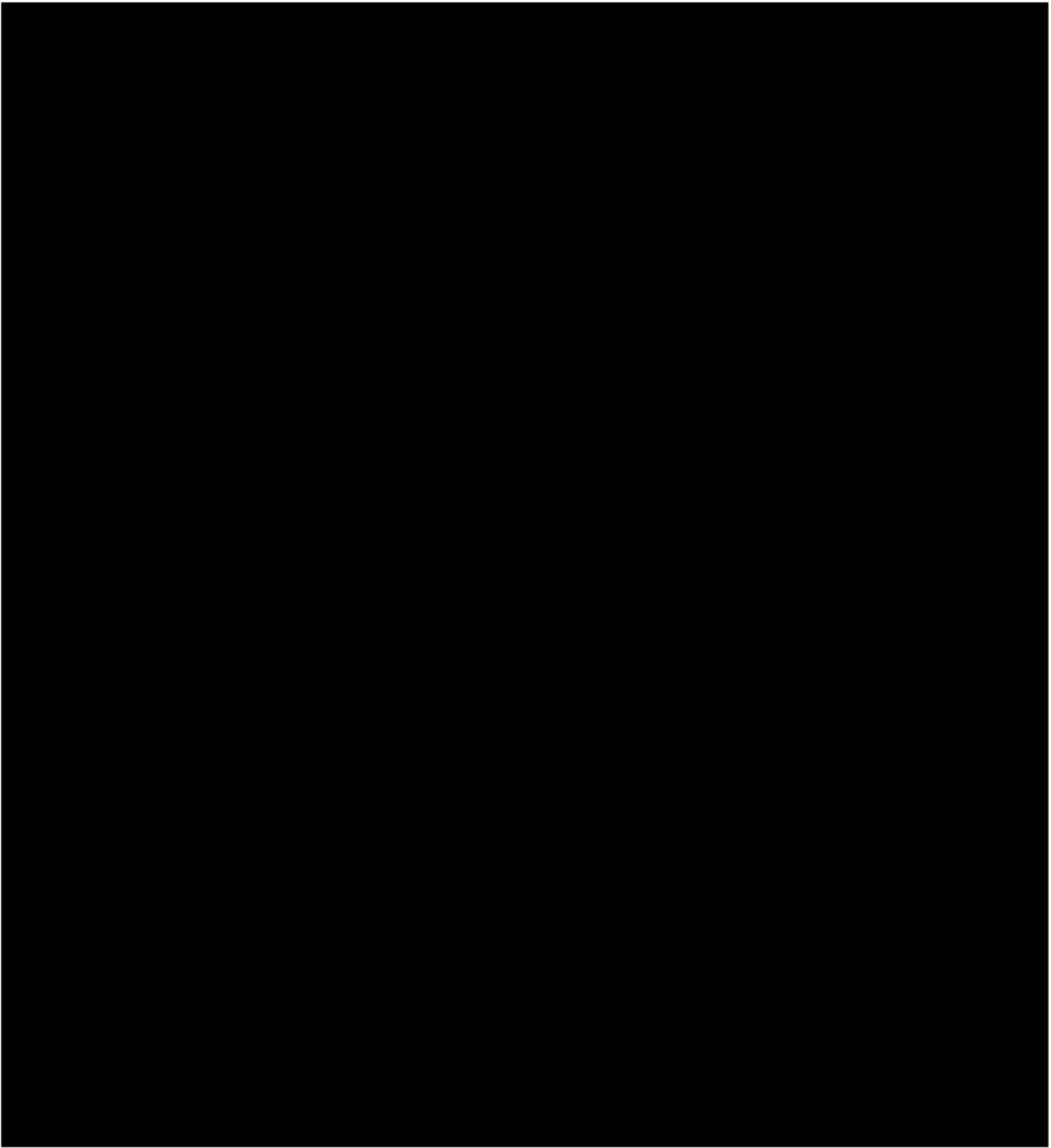


²⁴ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.





²⁵ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



NOTA DE FORMAÇÃO

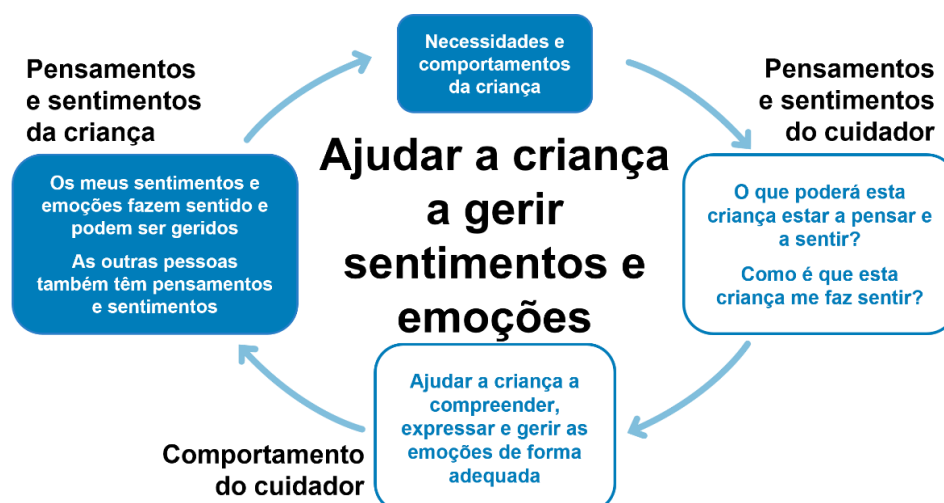
Sensibilidade – ajudar a criança a gerir os sentimentos e emoções

As crianças sentem a mesma variedade de emoções que os adultos.

O objetivo dos/as cuidadores/as não é reduzir ou mudar os sentimentos das crianças, mas sim *ajudá-las a compreender e a gerir as suas emoções e sentimentos*.

Figura 5

Ciclo de Cuidados - Sensibilidade



A sensibilidade refere-se à **capacidade do/a cuidador/a para “se colocar no lugar” da criança, pensar de forma flexível sobre o que a criança possa estar a pensar ou sentir e refletir isso para a criança**. O/A cuidador/a sensível também reflete sobre os seus próprios sentimentos e partilha-os adequadamente com a criança. Desta forma, **a criança aprende a pensar e a valorizar as suas próprias ideias e sentimentos, assim como os pensamentos e sentimentos dos outros**, e é ajudada a refletir, organizar e gerir os seus próprios sentimentos. Por sua vez, esta capacidade de refletir, gerir e regular os sentimentos permite à **criança refletir, gerir e regular o seu comportamento**.

²⁶ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

As necessidades e o comportamento da criança

As crianças vindas de contextos de vida desafiantes, na maior parte das vezes, têm tido falta de oportunidades para ver **os seus pensamentos e sentimentos reconhecidos e compreendidos** - isto pode ser verdade para crianças desde a infância até à adolescência. Podem ter estado em situações em que não havia ninguém capaz ou disponível para as ajudar a lidar com sentimentos fortes, pelo que, por vezes, o pânico, a raiva ou o desespero podem tê-las dominado. **Ou podem ter tido cuidadores/as que negaram ou rotularam incorretamente os seus sentimentos**, distorcendo o seu sentido da realidade ao ponto de não conseguirem discernir o que realmente sentiam em qualquer situação. Uma criança pode ter derrubado acidentalmente um copo e ficar muito perturbada com o dano causado, mas ser-lhe dito que o fez deliberadamente para perturbar a mãe/o pai e que não se importava de ter causado transtorno (ex.: “Fizeste isto de propósito para me chatear e nem sequer te importas com o que fizeste.”). Por vezes, as crianças foram cuidadas por adultos que **não conseguiam gerir e regular as suas próprias emoções e as crianças podem ter sido responsabilizadas ou sentirem-se culpadas pelo caos ou pela violência no agregado familiar**. Por uma série de razões, os anteriores cuidadores podem ter estado demasiado absorvidos pela sua própria angústia ou demasiado preocupados com as suas próprias necessidades para se sintonizarem com as mentes e os sentimentos dos/as seus/suas filhos/as.

Sem o recurso a um adulto como base segura e protetora ou a uma estrutura de apoio para gerir os seus sentimentos e emoções, **as crianças desenvolvem as suas próprias formas de lidar com os mesmos**. Isto pode incluir a **expressão excessiva dos seus sentimentos, a utilização dos sentimentos para controlar os outros, a repressão dos sentimentos ou a negação da sua existência**. Cada estratégia é problemática no contexto de uma família de acolhimento ou adotiva, onde os sentimentos têm de ser comunicados de forma bastante aberta, gerida e regulada, de modo a construir relações de confiança.

Pensamentos e sentimentos do/a cuidador/a

Para os/as novos/as cuidadores/as, uma tarefa primordial é **refletir e dar sentido aos sentimentos das crianças e à forma como estes se refletem nos seus comportamentos**. Devem tentar sintonizar-se com a criança, colocar-se no lugar dela e tentar imaginar - **o que poderá estar a criança a pensar e sentir?** Os/as cuidadores/as devem estar particularmente atentos às experiências anteriores da criança e ser flexíveis no seu pensamento sobre a forma como estas podem ter moldado os seus processos de pensamento e a expressão dos seus sentimentos. Embora seja doloroso fazê-lo, **a capacidade de nos projetarmos na mente de uma criança que foi vítima de maus tratos é importante**. É a partir deste ponto de partida que os/as cuidadores/as podem começar a pensar sobre as crenças e expectativas da criança em relação a si própria e aos outros e refletir sobre a forma como estas podem estar associadas aos seus atuais comportamentos.

O pensamento do/a cuidador/a não será apenas acerca do que está na mente da criança sobre o presente e o passado, será também sobre a forma como a criança reage a pequenos acontecimentos diários. Mas a incerteza dos aspetos da história da criança e o impacto da ansiedade

e dos sentimentos desregulados da criança sobre os/as cuidadores/as podem, se não forem totalmente compreendidos, perturbar a mente dos/as cuidadores/as ou a atmosfera alegre e positiva da casa da família de acolhimento. Neste contexto, **nada substitui uma relação de proximidade entre o/a cuidador/a e um/uma profissional reflexivo e atencioso**, capaz de suportar a dificuldade e a complexidade de refletir sobre a história e os comportamentos da criança de forma rigorosa, sem distorções e sem se deixar dominar, e que permita ao/a cuidador/a refletir honestamente sobre a questão: **“como é que esta criança me faz sentir?”**.

Comportamento do/a cuidador/a

Com este enquadramento de apoio, os/as cuidadores/as podem começar a adotar uma série de abordagens destinadas a ajudar as crianças a **compreender e a exprimir os seus sentimentos de forma adequada**. Uma primeira importante etapa é a de **nomear os sentimentos, ajudando a criança a refletir sobre eles, a reconhecê-los e a pensar na sua origem**. Muitas vezes, a expressão dos sentimentos é suprimida ou excessiva, pelo que os/as cuidadores/as devem ajudar algumas crianças a mostrar os sentimentos mais livremente e outras a contê-los e a expressá-los de forma mais adequada. Para ajudar as crianças a compreender e a reagir aos sentimentos dos outros, **os/as cuidadores/as devem sentir-se à vontade para exprimir e discutir toda a panóplia dos seus próprios sentimentos**. Em particular, podem mostrar às crianças que a mistura de diferentes sentimentos/emoções é "normal" e que as combinações de amor e raiva, saudade e desconfiança, ansiedade e grande expectativa fazem parte da condição humana – afetando-as não só a elas, mas também a sua família de origem, a família de acolhimento, os amigos e os profissionais.

Pensamentos e sentimentos da criança

A educação emocional proporcionada por cuidadores sensíveis permite que a criança perceba que **“os meus sentimentos fazem sentido”** e que **“eu consigo gerir os meus sentimentos”**, ganhando confiança de que os sentimentos não se tornarão avassaladores para si ou para os outros. Finalmente, **a criança pode ser ajudada a compreender que as outras pessoas têm pensamentos e sentimentos que também devem ser tidos em conta**.

À medida que o pensamento da criança muda e se desenvolve desta forma, os sentimentos são melhor regulados e é provável **desenvolver relações mais construtivas, maior empatia e mais comportamento pró-social** do que antissocial.

MENSAGENS-CHAVE A TRANSMITIR - SENSIBILIDADE²⁷

Mentalização Empática: a sensibilidade nasce da capacidade do/a cuidador/a se “colocar no lugar” da criança, sondando o que ela poderá estar a pensar ou a sentir e refletindo isso de forma adequada.

Reflexão sobre as Próprias Emoções: um/a cuidador/a sensível também toma consciência dos seus próprios sentimentos e partilha-os de forma controlada, mostrando que é normal terem-se simultaneamente emoções aparentemente contrárias (e.g., amor e raiva, saudade e desconfiança). Ao exprimir e discutir abertamente a panóplia dos seus sentimentos, o/a cuidador/a ensina à criança que é possível sentir, gerir e até experimentar diferentes emoções sem se deixar dominar por elas.

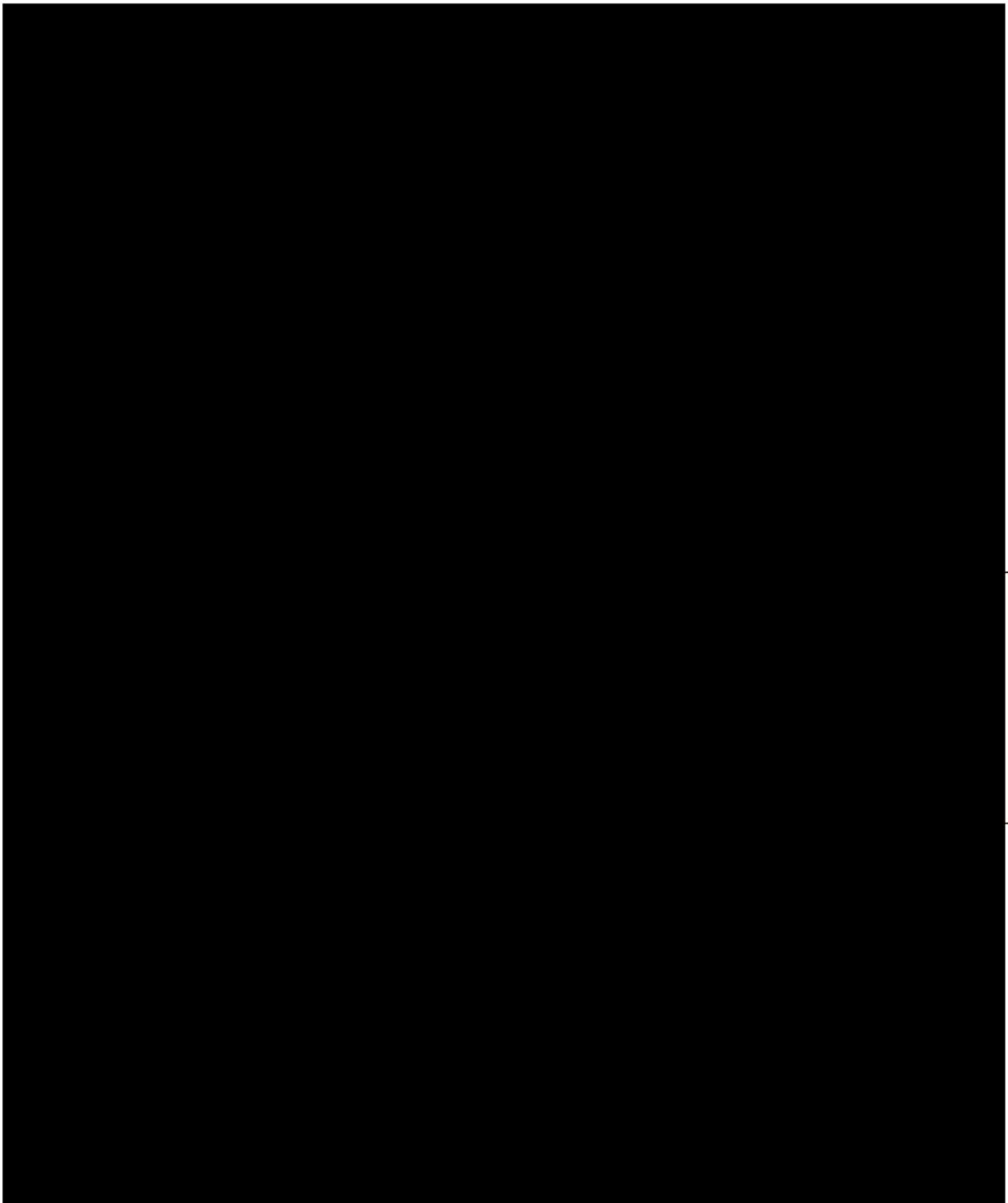
Validação e Organização dos Sentimentos: nomear as emoções (ex.: “*vejo que estás triste porque caiu o copo*”) ajuda a criança a reconhecer, rotular e gerir o que sente, prevenindo reações extremas de pânico, raiva ou desespero.

Reparar Traumas Emocionais Passados: muitas crianças em acolhimento nunca tiveram quem validasse as suas emoções; um/a cuidador/a sensível corrige essa lacuna ao oferecer um espaço seguro para expressar e explorar sentimentos sem julgamentos.

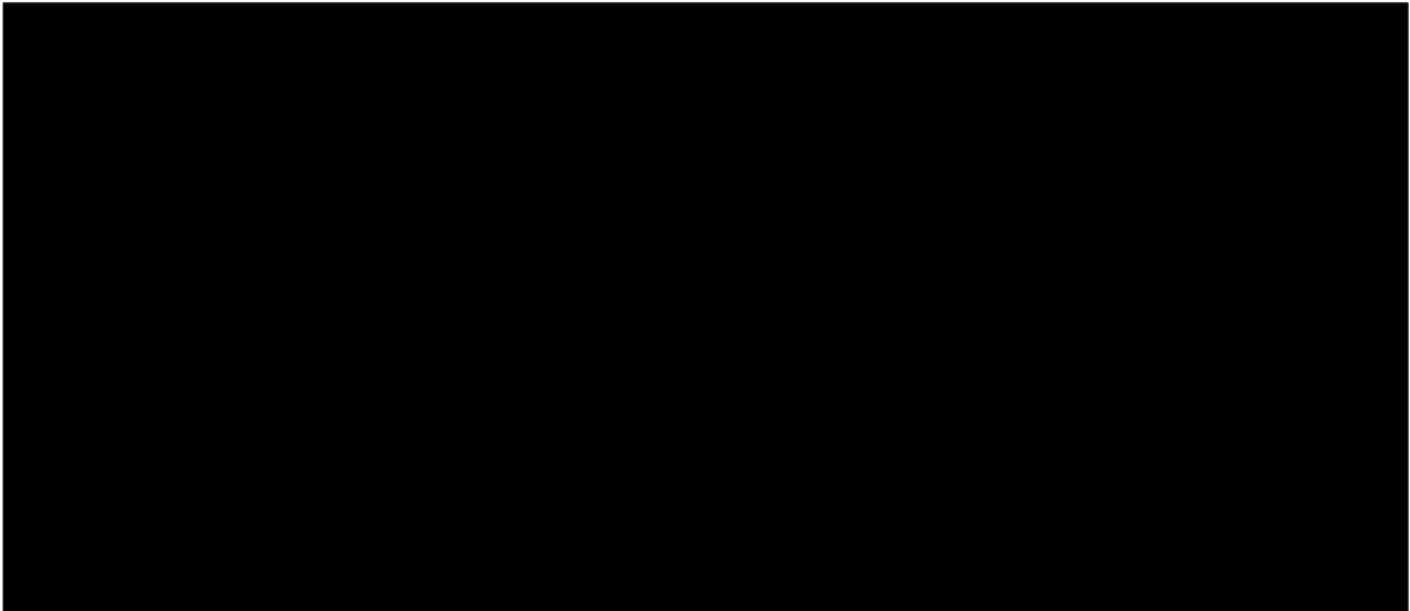
Importância do Apoio Reflexivo ao/a cuidador/a: dado o peso das histórias de vida das crianças em acolhimento, os/as cuidadores/as precisam de apoio, nomeadamente dos profissionais do acolhimento familiar, para pensar e refletir sem distorções sobre as motivações da criança e evitar que a sua própria ansiedade perturbe a relação.

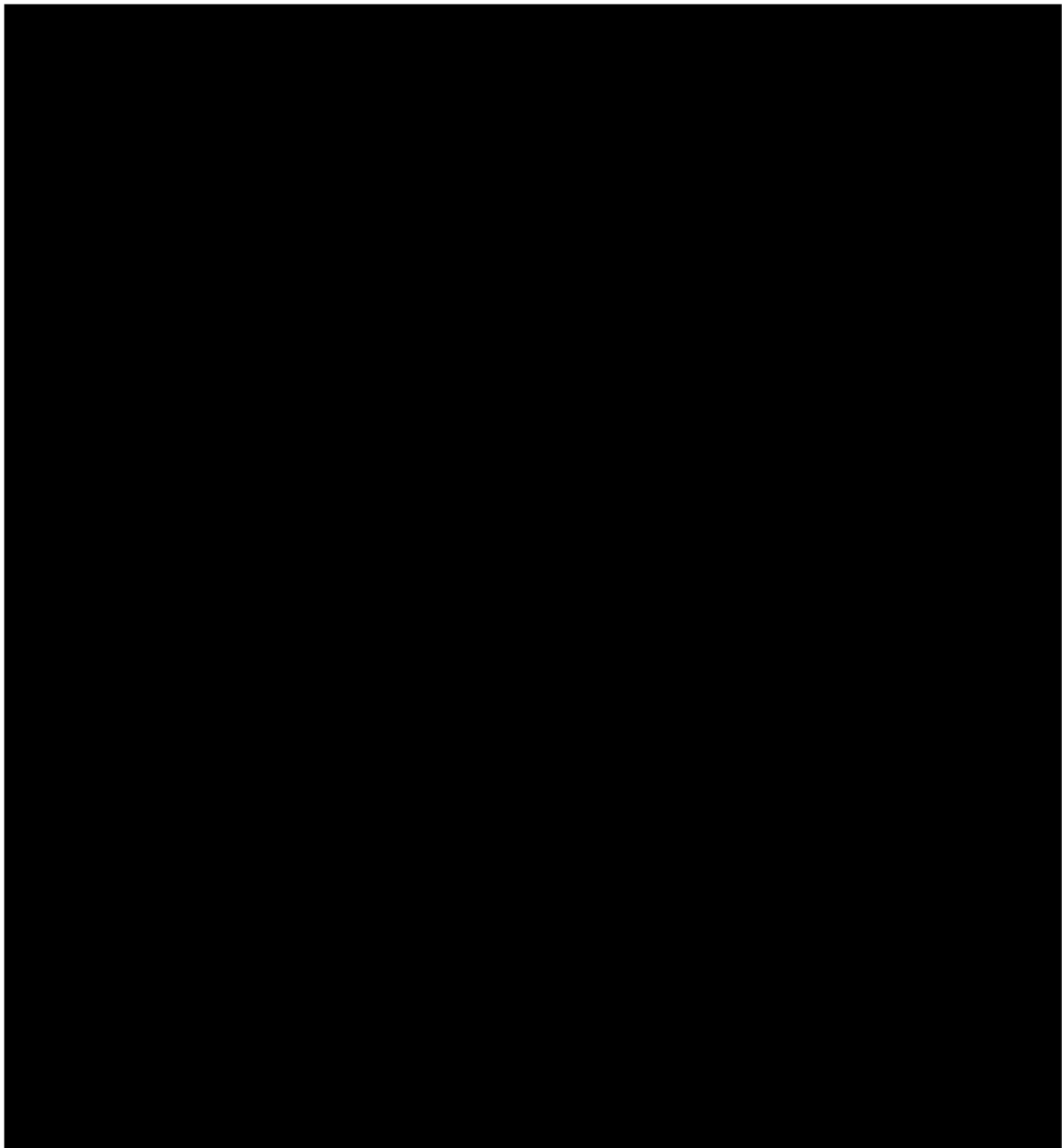
Transformação na criança: com um adulto sensível a apoiá-la de forma consistente, a criança começa paulatinamente a acreditar que “*os meus sentimentos fazem sentido*”, desenvolve maior regulação emocional, empatia e comportamentos pró-sociais.

²⁷ Para apoiar a consolidação dos conteúdos abordados, encontra-se disponível um documento complementar que apresenta **estratégias práticas para cada uma das cinco dimensões do Modelo de Base Segura**. Este material pode ser utilizado pelo/a profissional como referência para reforçar, aprofundar ou aplicar as aprendizagens desenvolvidas ao longo das atividades. Pode ainda ser fornecido a cada família de acolhimento como material de apoio, no final da formação.

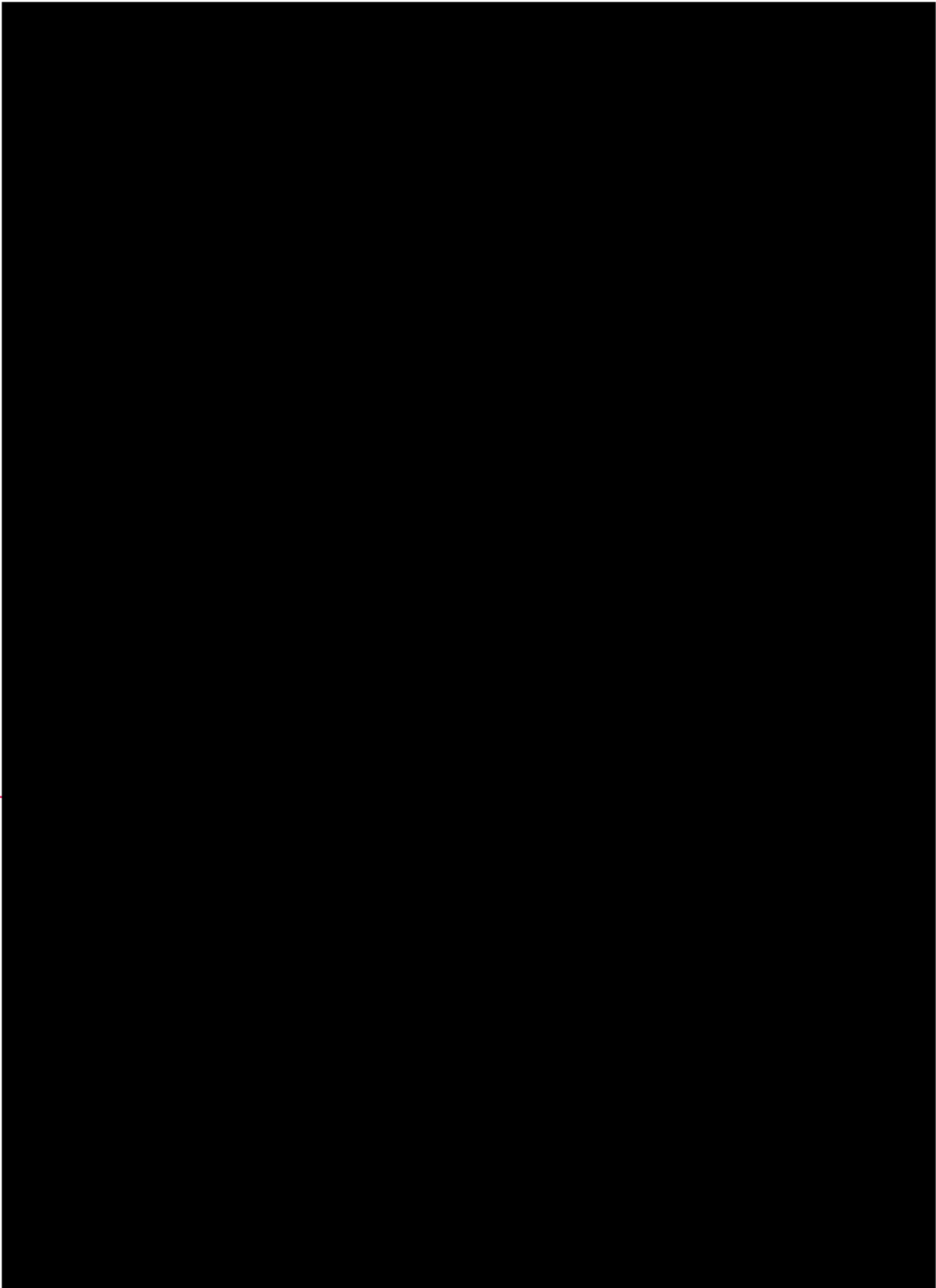


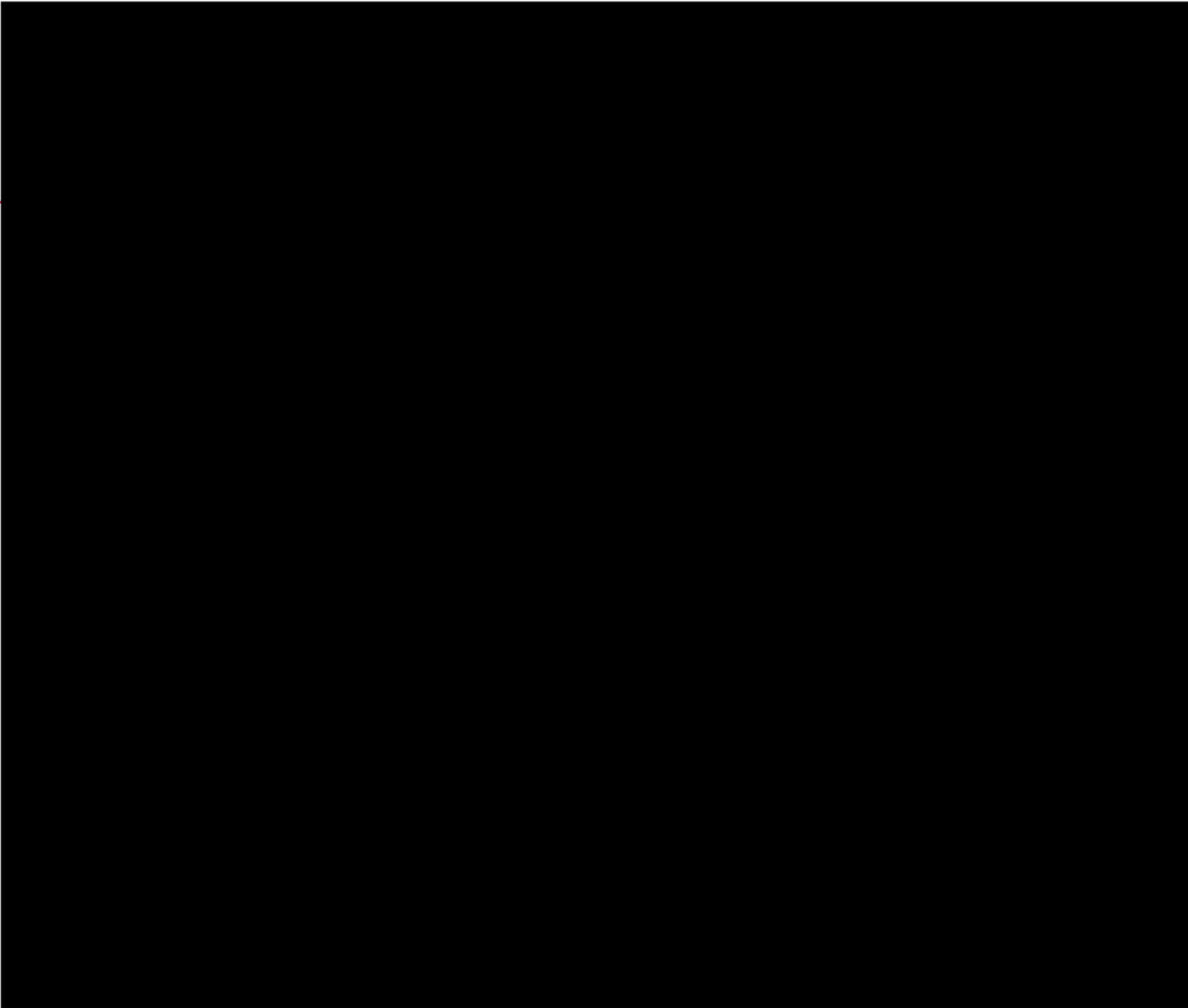
²⁸ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.

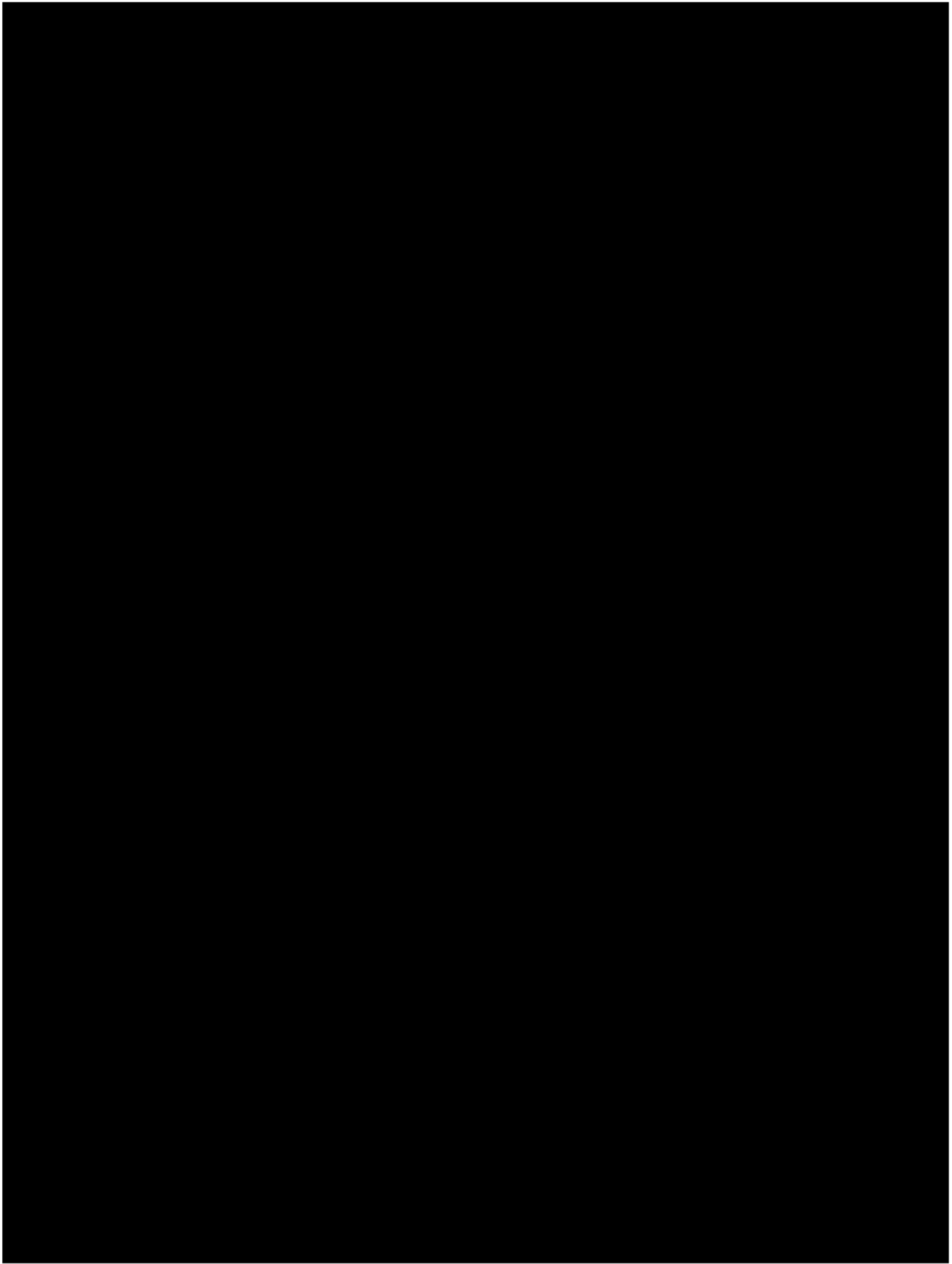




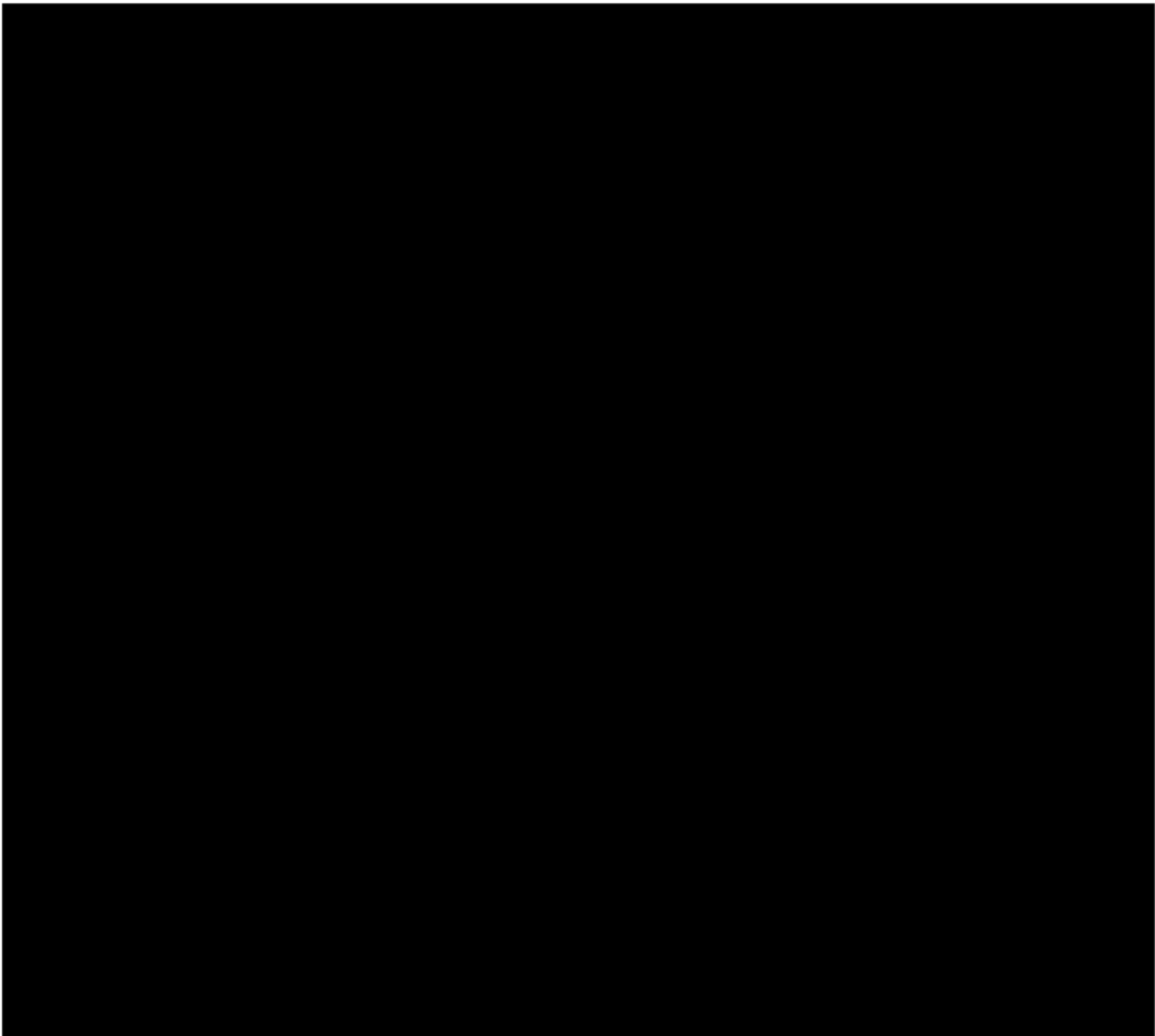
²⁹ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB







³⁰ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



NOTA DE FORMAÇÃO

Aceitação – fortalecer a autoestima da criança

Aceitação significa acolher a criança na sua totalidade, incondicionalmente, como alguém que merece interesse, reconhecimento e cuidado.

O objetivo do/a cuidador/a é transmitir essa aceitação, mesmo quando a criança se mostra resistente ou desafiadora.

Figura 6

Ciclo de Cuidados - Aceitação



A aceitação é uma parte necessária no cuidado de base segura. Esta dimensão descreve **a forma como o/a cuidador/a é capaz de transmitir que a criança é incondicionalmente aceite e valorizada pelo que é, pelas suas dificuldades e pelos seus pontos fortes**. Isto constitui a base da **autoestima positiva** - a criança sente-se bem consigo própria. Pode sentir-se digna de receber amor, ajuda e apoio e também competente e capaz de lidar com contratempos e adversidades. **Isto reforça um modelo interno de funcionamento positivo e desenvolve a resiliência.**

Esta dimensão de cuidados de base segura baseia-se nas dimensões da *disponibilidade* e da *sensibilidade*. As crianças precisam de aprender **a confiar e a gerir os seus sentimentos** para

³¹ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

acreditarem nos elogios dos/as cuidadores/as e para aproveitarem as oportunidades que lhes são oferecidas. Mas o desenvolvimento da autoestima da criança através de atividades pode também criar e reforçar a confiança e ajudar a criança a gerir a ansiedade e a exprimir mais livremente os sentimentos positivos e negativos.

As necessidades e o comportamento da criança

Muitas crianças que chegam ao acolhimento familiar têm um profundo **sentimento de pouco valor pessoal e baixa autoestima, muitas vezes de origem complexa e profundamente enraizados**. Os cuidados parentais prévios podem ter carecido de afeto e de aceitação. Para algumas crianças, a vida familiar pode ter sido, por vezes, assustadora e a tendência das crianças pequenas para se considerarem responsáveis por acontecimentos negativos **pode levá-las a considerarem-se perigosas, más e merecedoras apenas de rejeição ou castigo**.

A baixa autoestima das crianças pode também estar relacionada com as múltiplas separações e perdas de pessoas familiares e, para algumas crianças, pode ser agravada pelo estigma e pelo sentimento de diferença que advém do facto de serem acolhidas. Por conseguinte, é provável que **as crianças tenham dúvidas profundas sobre a sua bondade, se merecem ou não cuidados sensíveis e se os receberão ou não caso se comportarem mal ou estiverem carentes**.

As crianças que não têm um modelo interno de funcionamento em que os adultos próximos são calorosos e acolhedores, e elas próprias são amadas e valorizadas, **terão dificuldade em enfrentar o mundo com confiança**. Não aprenderam que podem ser "boas e más" em momentos diferentes, "inteligentes ou não tão inteligentes", e ainda assim serem aceites e valorizadas. **Muitas vezes acreditam que se não podem ser as melhores, então devem ser as piores**. O perigo, então, é que a **criança fique presa num ciclo negativo, esperando o fracasso ou a rejeição** e comportando-se de uma forma (ansiosa ou agressiva) que provavelmente produzirá esse resultado.

Pensamentos e sentimentos do/a cuidador/a

Os/as cuidadores/as devem ter em mente que **“esta criança precisa que eu a valorize e aceite”**, independentemente das tensões que possam surgir ao cuidar dela. Paralelamente, e especialmente se a prestação de cuidados à criança for um desafio, o/a cuidador/a deve lembrar-se de que **“eu preciso de me valorizar e aceitar”, para que os seus próprios recursos emocionais não se esgotem. Esta pode ser uma área de intervenção fundamental para os profissionais que os acompanham e prestam suporte às famílias de acolhimento**. Os/as cuidadores/as que se sentem sobrecarregados com as necessidades da criança **podem precisar de ser lembrados dos seus pontos fortes e competências** e de que é a história da criança que está a criar desafios na família e não as suas próprias lacunas enquanto/a cuidadores/as.

Os/as cuidadores/as precisam de acreditar que a criança é especial e ser capazes de desenvolver esperança no seu potencial. Schofield e colaboradores (2000) concluíram que os/as cuidadores/as bem-sucedidos eram invariavelmente capazes de exprimir esta crença, apesar das dificuldades da criança, por exemplo: **“Dá muito trabalho... mas tem potencial para ser um rapaz muito simpático”**;

“Ela é uma autêntica malandra. E tu nunca irias querer que isso fosse desaparecesse. É adorável. A malandrice só tem de ser canalizada”.

Ao modelar a aceitação dos pontos fortes e das dificuldades junto do/a cuidador/a, os profissionais podem transmitir a mensagem ***“Não tens de ser perfeito”***, ao mesmo tempo que lhes proporcionam conselhos, **momentos de reflexão/debate e formação** que os ajudarão a desenvolver novas abordagens e a exercer um papel parental positivo.

Comportamentos do/a cuidador/a

Os/as cuidadores/as podem então **desenvolver uma série de competências e estratégias para ajudar a criança a sentir-se bem consigo própria e a gerir os contratempos**. Os comportamentos difíceis podem ser abordados de forma que não prejudique a autoestima do/a cuidador/a nem a da criança. **A mensagem positiva para a criança é: “Ninguém é bom em tudo, mas todos são bons em alguma coisa”**, pelo que se privilegiam atividades e interações que ajudem os/as cuidadores/as a recuperar o seu sentido de competência e de eficácia e que permitam à criança sentir-se bem consigo própria.

Esta abordagem positiva não significa que as dificuldades comportamentais não sejam postas em causa ou que não se estabeleçam objetivos para reduzir os comportamentos perturbadores ou antissociais. Pelo contrário, é fundamental que as crianças, especialmente as mais velhas, **se sintam aceites não só na família como no seu grupo de pares e na comunidade em geral**. Por conseguinte, os/as cuidadores/as têm de gerir um equilíbrio entre aceitar as crianças tal como são e ajudá-las a mudar os aspetos do seu comportamento que ameaçam a sua aceitação pelos outros.

Pensamentos e sentimentos da criança

O objetivo é que as crianças comecem a pensar: ***“sou aceite e valorizado/a por aquilo que sou. Não preciso de ser perfeito/a para ser amado/a e valorizado/a”***.

Para algumas crianças, sentir-se bem e aceitar-se a si próprias será sempre difícil, mesmo com os cuidados mais sensíveis e acolhedores. Mas a autoestima é tão importante para um desenvolvimento saudável que vale a pena trabalhar por pequenos progressos.

MENSAGENS-CHAVE A TRANSMITIR - ACEITAÇÃO³²

Aceitação Incondicional: A criança deve sentir que é valorizada por aquilo que é — pontos fortes, fragilidades, erros e conquistas fazem parte da sua identidade sem afetar o amor que merece.

Fundamento da Autoestima Positiva: A aceitação consistente constrói um modelo interno em que a criança acredita que tem valor, desenvolve senso de dignidade e resistência a contratempos.

Separar Pessoa de Comportamento: Corrigir comportamentos desafiantes mantendo respeito pela pessoa: *“ninguém é perfeito em tudo, mas todos têm algo em que são bons.”*

Reparar Narrativas Negativas: Muitas chegam com a ideia de “sou má” ou “não mereço amor”; o/a cuidador/a responsável reescreve essa história através de elogios genuínos e reconhecimento dos seus/suas esforços.

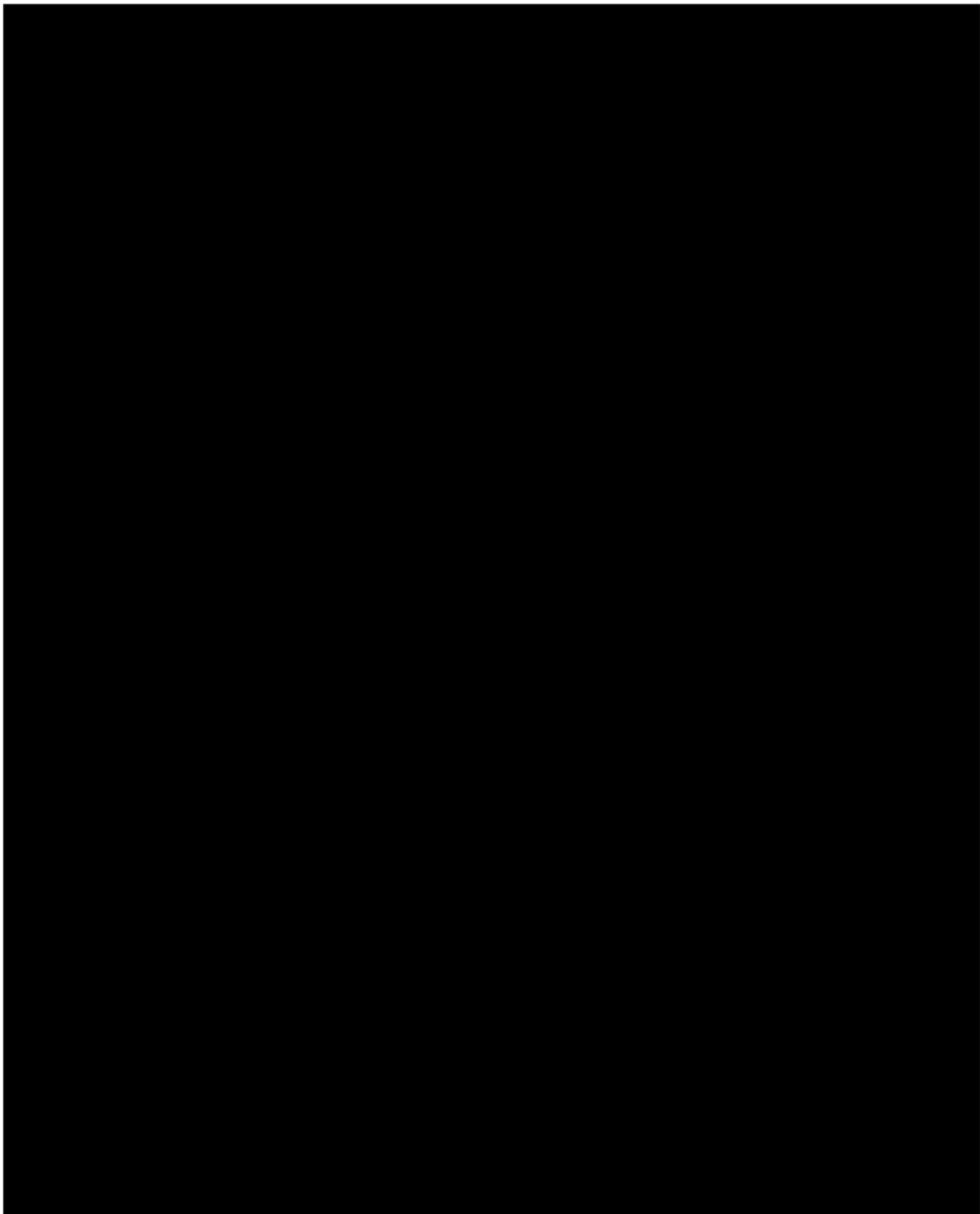
Equilíbrio entre Aceitação e Mudança: Aceitar a criança tal como é não impede definir objetivos de melhoria de comportamentos que dificultem a sua aceitação social; faz-se sem desvalorizar a sua personalidade.

Cuidar de Si Para Cuidar Bem: Os/as cuidadores/as devem também valorizar-se e aceitar-se, identificando os seus próprios pontos fortes, para evitarem sentir-se culpados ou esgotados quando a criança apresenta comportamentos desafiantes.

Modelagem de Esperança e Potencial: Expressar crença no potencial da criança, mesmo nos momentos mais difíceis (*“dá trabalho, mas tem tudo para brilhar”*), reforça-lhe a convicção de que pode melhorar sem perder o amor e a aceitação de como ela é.

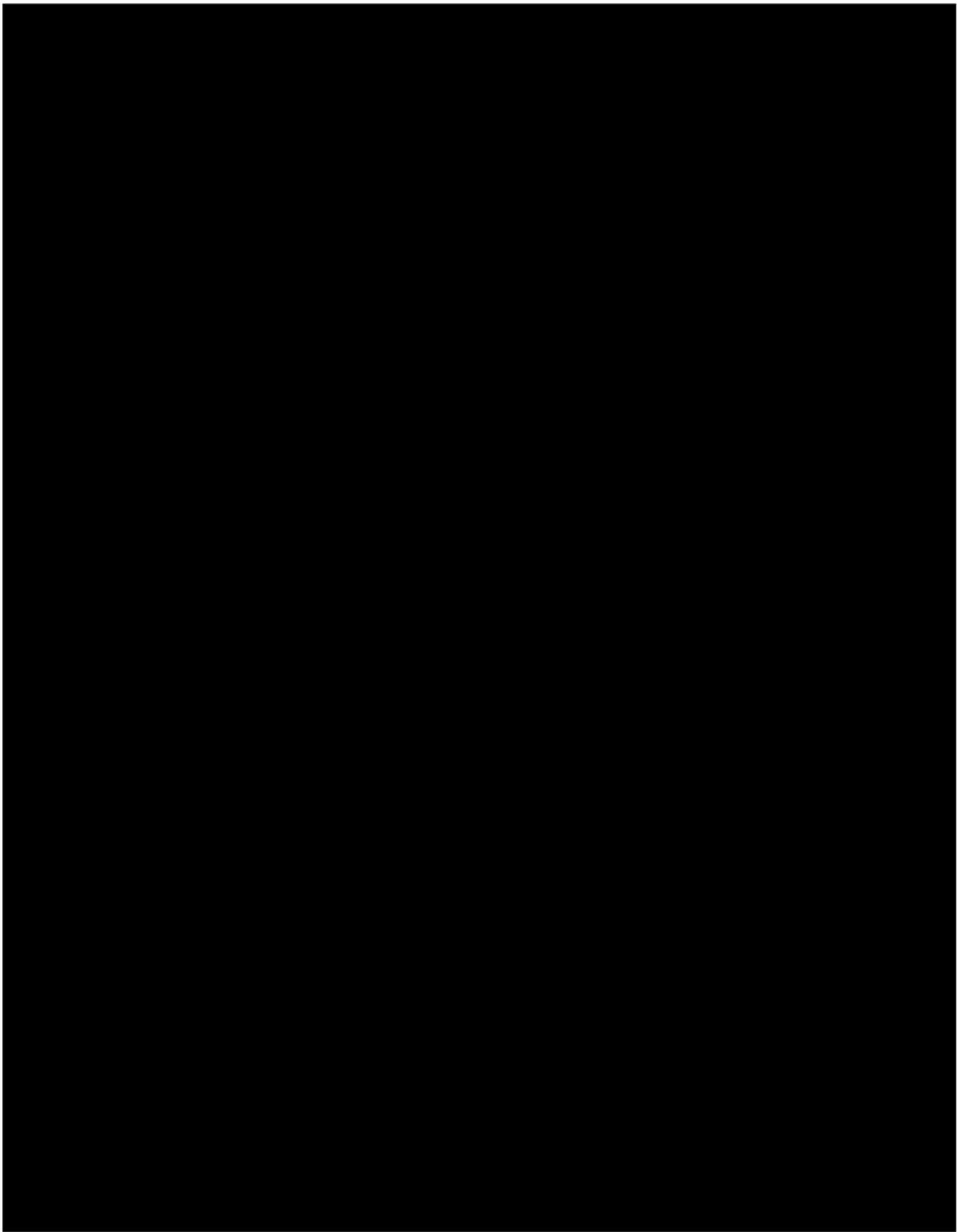
Progressos Gradativos e Realistas: A autoestima demora a crescer, especialmente para quem passou por episódios recorrentes de rejeição; cada pequeno avanço — um sorriso após um elogio, um pedido genuíno de ajuda — é motivo de celebração.

³² Para apoiar a consolidação dos conteúdos abordados, encontra-se disponível um documento complementar que apresenta **estratégias práticas para cada uma das cinco dimensões do Modelo de Base Segura**. Este material pode ser utilizado pelo/a profissional como referência para reforçar, aprofundar ou aplicar as aprendizagens desenvolvidas ao longo das atividades. Pode ainda ser fornecido a cada família de acolhimento como material de apoio, no final da formação.

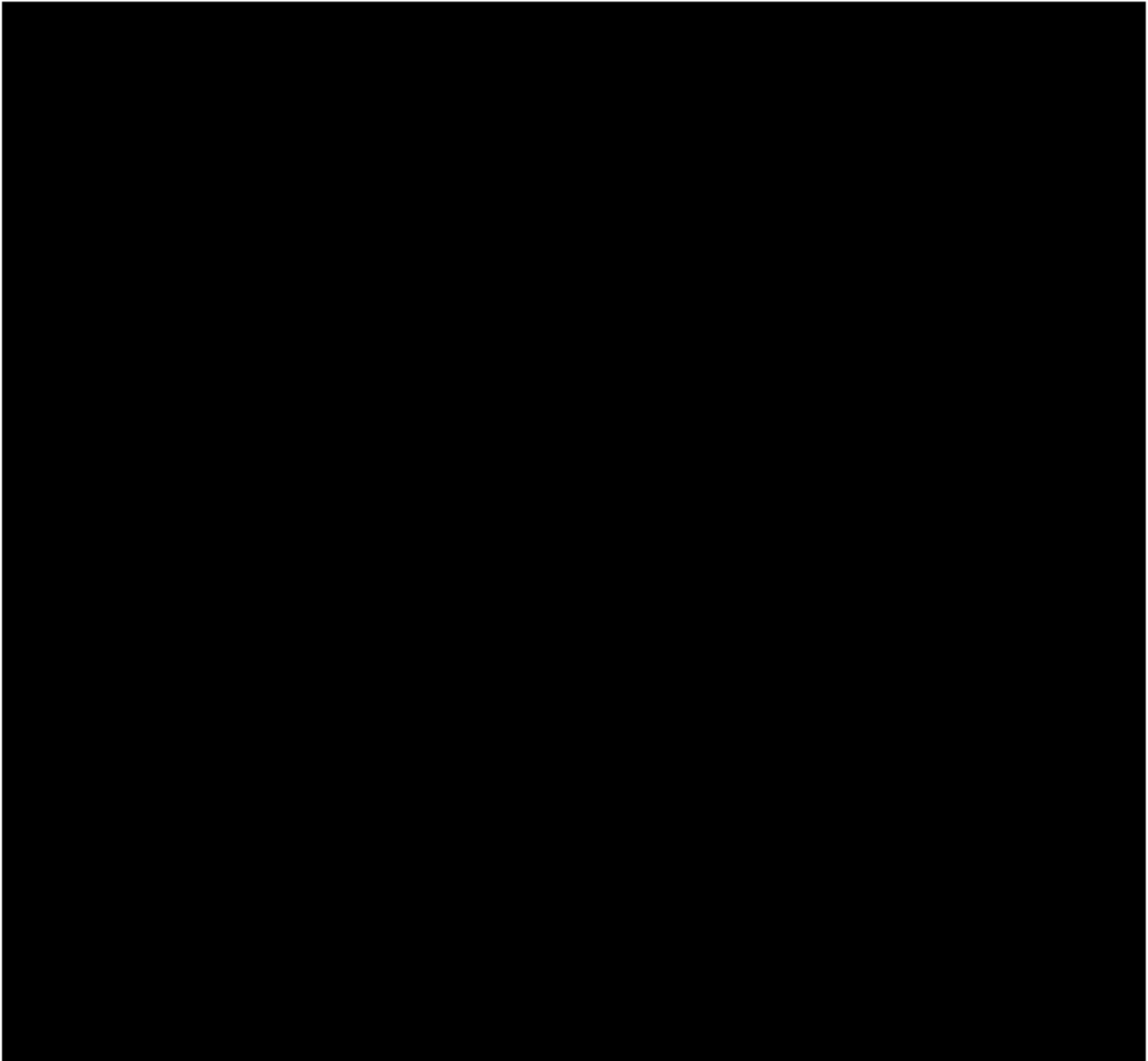


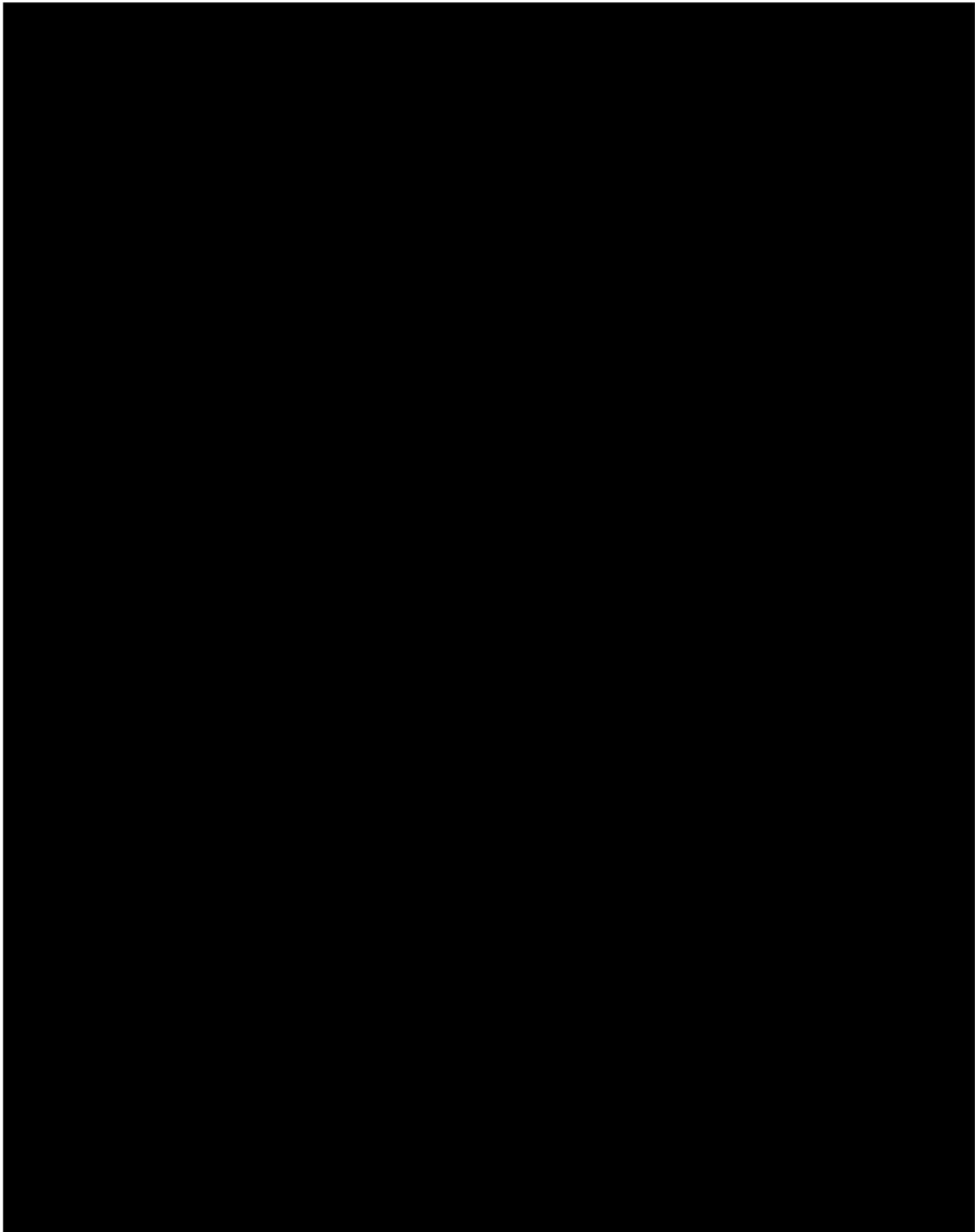
³³ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



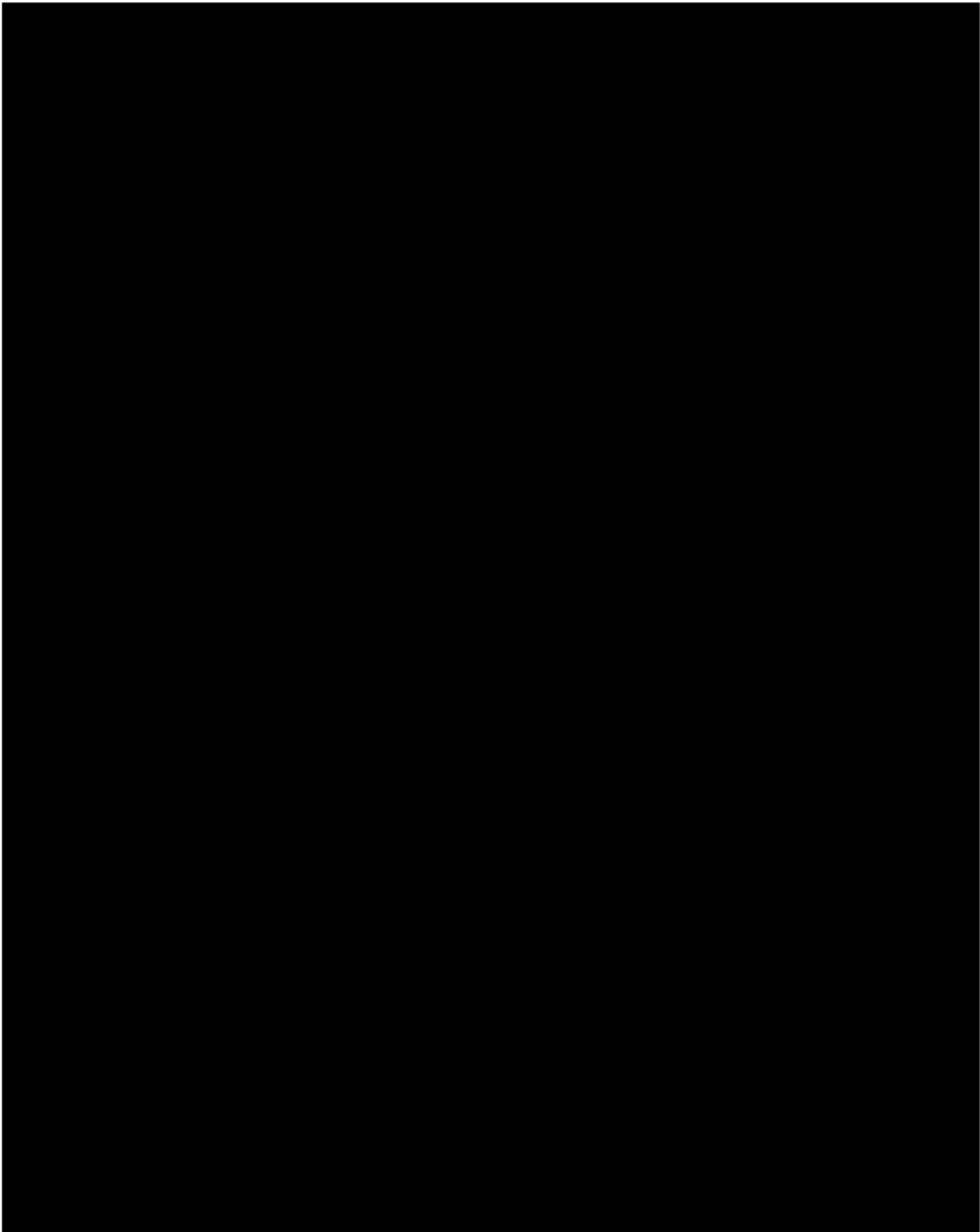


³⁴ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.





³⁵ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



NOTA DE FORMAÇÃO

Cooperação – ajudar a criança a sentir-se capaz

A relação entre eficácia e cooperação pode precisar de uma explicação cuidadosa.

A eficácia está associada à competência, autonomia e à sensação de ter influência sobre os acontecimentos que nos afetam. Quanto mais eficaz uma pessoa se sente, maior é a probabilidade de cooperar e aceitar compromissos.

Esta dimensão pode ser desafiante para cuidadores que lidam com crianças altamente não cooperantes e que procuram controlar os adultos e o ambiente à sua volta. É compreensível que os/as cuidadores/as sintam necessidade de reafirmar o controlo, mas isso pode resultar em batalhas de poder impossíveis de vencer.

É essencial reforçar que a cooperação não significa ausência de limites ou estrutura.

É importante definir limites apropriados, mas permitir que a criança tenha alguma autonomia e poder de escolha dentro desses limites.

Alguns cuidadores podem precisar de reafirmação de que esta abordagem não só é aceitável, mas também frequentemente benéfica para a relação com a criança.

Figura 7

Ciclo de Cuidados - Cooperação



³⁶ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

A cooperação é um **objetivo fundamental para uma relação de cuidados bem-sucedida**. Nesta dimensão, o/a cuidador/a pensa na criança como um **indivíduo autónomo** cujos desejos, sentimentos e objetivos são válidos e significativos e que precisa de se sentir capaz. Por conseguinte, o/a cuidador/a procura formas de promover a autonomia, mas também de trabalhar em conjunto e de cooperar com a criança sempre que possível. Isto ajuda a criança a sentir-se **mais eficaz e competente, a sentir-se confiante para pedir ajuda** aos outros quando necessário, e a ser capaz de se **comprometer e cooperar**.

As necessidades e comportamentos da criança

As crianças acolhidas e adotadas **raramente experienciaram esta abordagem cooperativa da parentalidade como parte dos seus primeiros cuidados**. A família de origem, que se debatia com as suas próprias necessidades, pode ter sido demasiado controladora e intrusiva, **negando às crianças a oportunidade de fazerem escolhas, de se sentirem competentes e de serem eficazes**. A família de origem pode não ter tido competências ou capacidade para negociar, resultando em intervenções que foram duras e abruptas ou fracas e ineficazes. Além disso, em agregados familiares stressados e desfavorecidos, há frequentemente menos oportunidades para brincar, divertir-se e realizar atividades mutuamente agradáveis.

Por uma série de razões, as crianças **podem não ter desenvolvido um sentido de si próprias como indivíduos competentes, nem dos adultos como parceiros cooperantes**, quer na exploração e nas brincadeiras, quer na gestão das dificuldades. Consequentemente, podem **tornar-se passivas e demasiado complacentes** nas suas relações com os adultos ou podem procurar um **controlo e uma influência excessivos** sobre eles.

Pensamentos e sentimentos do/a cuidador/a

A maioria dos/as cuidadores/as concorda que todas as crianças precisam de se sentir eficazes e competentes e sabem que a maioria das crianças gosta e beneficia de oportunidades para agir sobre o seu ambiente, fazer escolhas e dar passos graduais em direção à independência. No entanto, as crianças que se sentem ineficazes e que não tiveram um controlo e influência adequados nas suas vidas **podem comportar-se de forma a desencadear sentimentos difíceis e associações dolorosas nos/as seus/suas cuidadores/as**, tornando mais difícil para eles trabalharem para atingir esses objetivos.

Na maioria dos casos, portanto, os/as cuidadores/as podem precisar de ajuda para dar um passo atrás e refletir: "**Como é que esta criança está a afetar o meu sentido de eficácia e competência?**". **Compreender as suas próprias experiências e até que ponto precisa de estar no controlo ou tem dificuldade em assumir o controlo** pode ser um primeiro passo importante na prestação de cuidados de cooperação. Uma reflexão partilhada sobre as experiências anteriores da criança em matéria de cuidados (parentais) e sobre a forma como as questões de competência e controlo podem ter sido geridas com a criança no passado também pode ser útil para o/a cuidador/a. Isto conduz a uma posição mais forte a partir da qual se pode abordar as questões: "**Como é que posso ajudar esta criança a**

sentir-se mais eficaz e competente?” e “Como é que podemos trabalhar em conjunto?” O/A cuidador/a é então capaz de dar um passo atrás e pensar sobre como formar uma parceria cooperativa com a criança, a fim de atingir os seus objetivos partilhados e individuais.

Comportamentos do/a cuidador/a

Na prestação de cuidados de cooperação, há duas importantes áreas “adicionais” do exercício parental. A primeira é **ajudar as crianças a aprenderem que pode ser seguro e gratificante serem ativas na realização de tarefas, na resolução de problemas por si próprias e na tomada de decisões.** Para tal, os/as cuidadores/as terão de ativamente estruturar um ambiente que promova a competência e ofereça escolhas, proporcionando oportunidades para que as crianças se sintam genuinamente capazes e eficazes. **Os/as cuidadores/as responsivos devem estar sempre atentos ao delicado equilíbrio entre facilitar a dependência adequada e promover a independência adequada.** A segunda tarefa para os/as cuidadores/as é ajudar as crianças de **todas as idades a experienciar relações de cooperação**, nas quais cada parceiro contribui para os objetivos do outro. Isto implica tornar a cooperação agradável, demonstrando ativamente que **a partilha e o trabalho em conjunto podem ser gratificantes e divertidos.** Simultaneamente, a negociação dentro de limites claros garante o estabelecimento de limites seguros e razoáveis e a obtenção de compromissos confortáveis quando necessário.

Pensamentos e sentimentos da criança

O/A cuidador/a deve ter em conta que a criança precisa de **desenvolver a sua confiança numa base segura antes de se sentir suficientemente capaz para enfrentar uma tarefa difícil** ou fazer novas escolhas. Só quando as bases de confiança estiverem criadas é que a criança será capaz de **correr o risco de pensar e de se comportar de forma diferente, sendo assertiva, mas também cooperante.** A experiência de se tornar cada vez mais competente para resolver problemas, enfrentar desafios e fazer escolhas ajudará a criança a sentir-se mais capaz. E as experiências positivas de trabalho em conjunto com adultos de confiança desenvolverão o **sentimento de que é gratificante comprometer-se e cooperar.**

Criança como Parceira Autónoma: ver a criança como um indivíduo com desejos, sentimentos e objetivos válidos, digna de participar ativamente na vida familiar.

Promoção de Autonomia e Eficácia: oferecer escolhas reais e oportunidades para a criança agir sobre o ambiente, tomar decisões graduais e resolver problemas, de forma a que se sinta competente e confiante.

Reflexão sobre o Papel do/a cuidador/a: identificar como a nossa necessidade de controlo ou eficácia própria pode interferir na cooperação; refletir sobre “*como posso ajudar esta criança a sentir-se eficaz?*” antes de intervir.

Estruturação de um Ambiente Cooperativo: criar intencionalmente contextos lúdicos e funcionais onde partilhar tarefas e negociar regras seja prazeroso – por exemplo, escolher músicas à vez, arrumações em jogo, pequenas receitas feitas em conjunto.

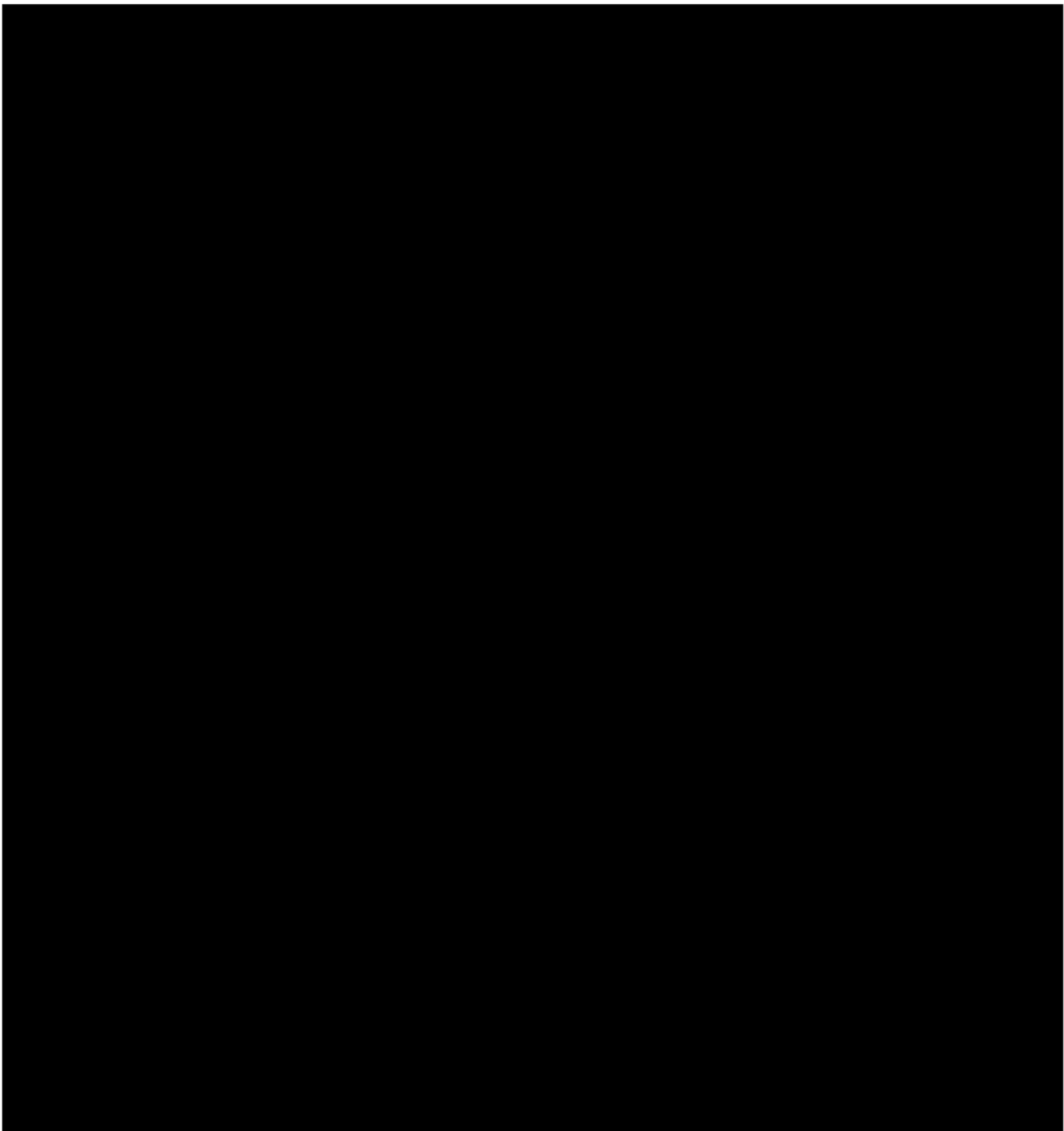
Equilíbrio entre Dependência e Independência: facilitar suporte suficiente para a criança se sentir segura, mas incentivar progressivamente a sua autonomia, mantendo limites claros e acordos confortáveis.

Cooperação como Fonte de Motivação Positiva: demonstrar que trabalhar em conjunto e cumprir acordos traz satisfação mútua, reforçando o vínculo de confiança e estimulando a criança a pedir ajuda sempre que necessário.

Confiança Prévia como Base: garantir que a criança já experienciou disponibilidade e sensibilidade suficientes para se sentir segura antes de propor-lhe tarefas desafiantes ou decisões importantes.

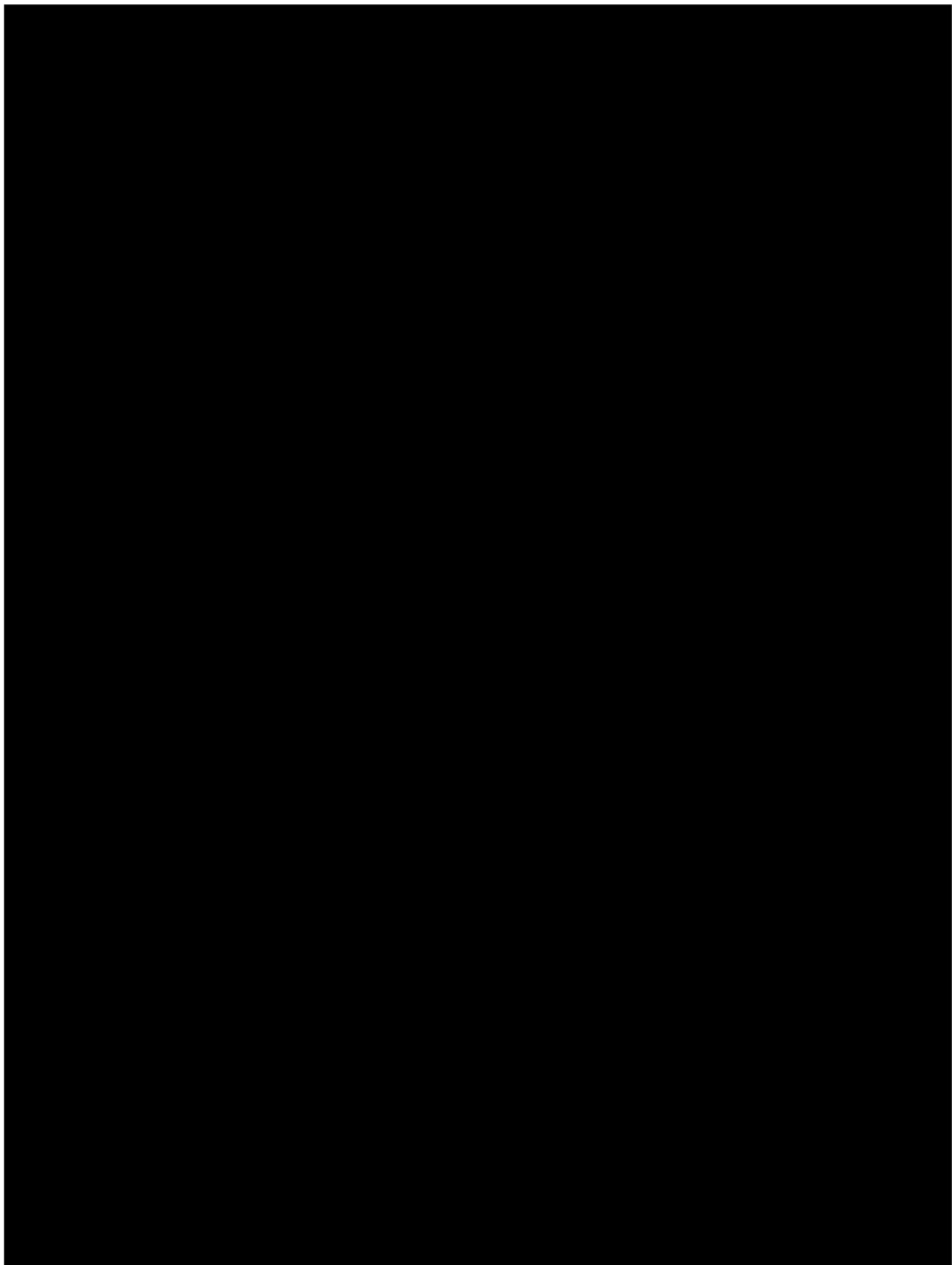
Desenvolvimento de Competências Sociais: a prática regular de cooperação fortalece não só a eficácia individual, mas também habilidades como empatia, negociação e compromisso, essenciais para relações futuras.

³⁷ Para apoiar a consolidação dos conteúdos abordados, encontra-se disponível um documento complementar que apresenta **estratégias práticas para cada uma das cinco dimensões do Modelo de Base Segura**. Este material pode ser utilizado pelo/a profissional como referência para reforçar, aprofundar ou aplicar as aprendizagens desenvolvidas ao longo das atividades. Pode ainda ser fornecido a cada família de acolhimento como material de apoio, no final da formação.

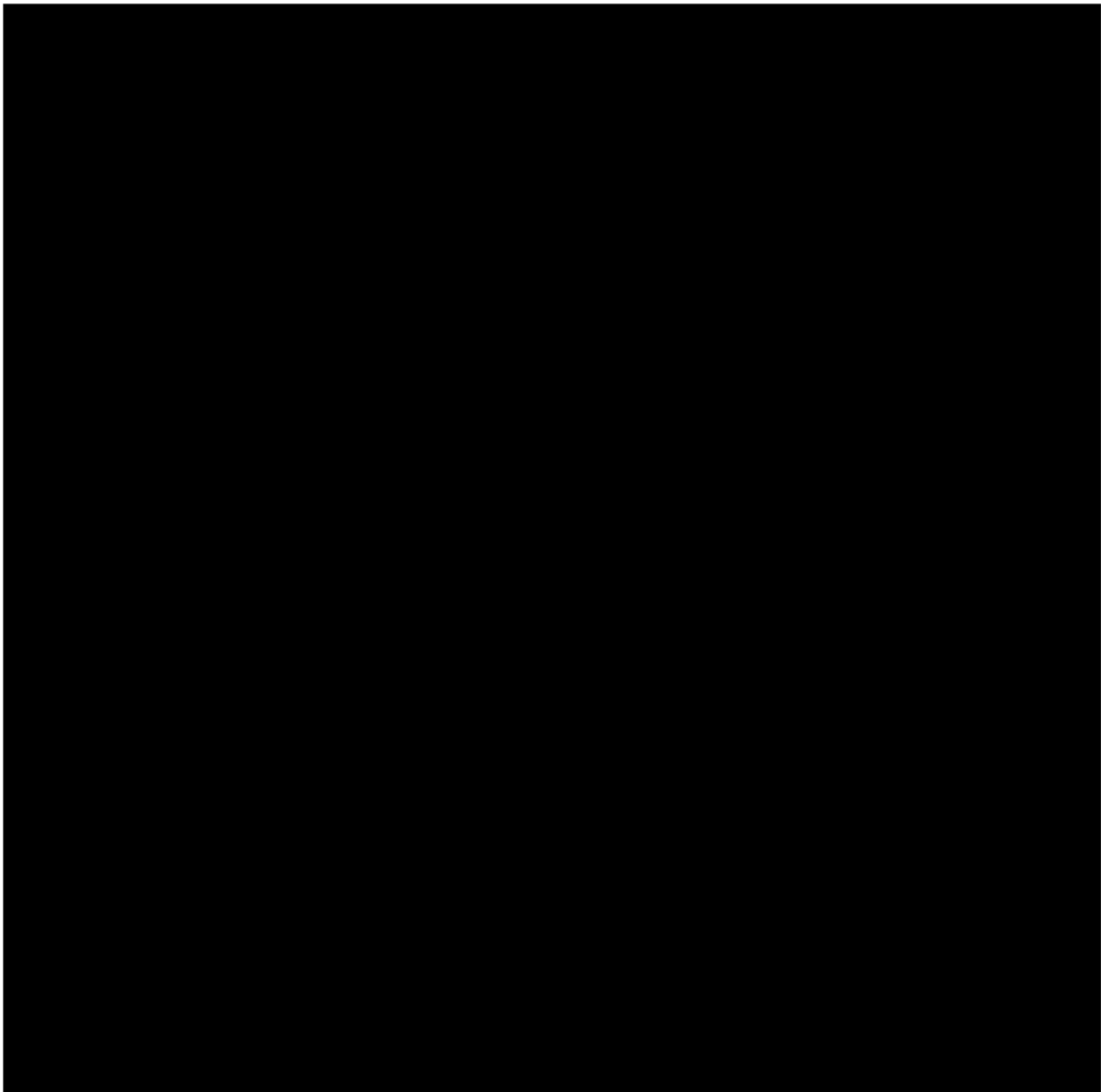


³⁸ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.





³⁹ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB



NOTA DE FORMAÇÃO

Pertença familiar - ajudar a criança a sentir-se parte da família

O equilíbrio entre a pertença à família de acolhimento e à família de origem irá variar consoante a duração e o objetivo do acolhimento, assim como ao longo do tempo.

Os/as cuidadores/as podem precisar de fazer avaliações sensíveis para garantir que a ligação a ambas as famílias é promovida e apoiada de uma forma que seja confortável para a criança naquele momento específico.

Figura 8

Ciclo de Cuidados - Pertença Familiar



A pertença familiar é uma **dimensão vital do desenvolvimento emocional e psicossocial saudável**. Uma criança que não tenha relações familiares próximas terá sentimentos de não pertença/desvinculação psicológica e social. Contrariamente, a certeza da pertença incondicional a uma família **pode proporcionar uma ancoragem e a garantia de apoio instrumental e emocional ao longo da vida**, atuando como uma base psicossocial segura para a exploração, a identidade e o desenvolvimento pessoal.

A dimensão da pertença à família refere-se à **capacidade da família de acolhimento de incluir a criança, social e pessoalmente, como um membro da família**, de forma adequada ao plano a longo

⁴⁰ Tradução e adaptação de conteúdo do manual original de Beek & Schofield (University of East Anglia).

prazo para a criança. Ao mesmo tempo, o/a cuidador/a deve ajudar a criança a estabelecer um sentimento adequado de ligação à sua família de origem. Para as crianças em acolhimento de curta duração e com plano de reintegração familiar, o sentimento de ligação à família de origem pode ser a fonte dominante de pertença à família e de sentimento de pertença. Nas situações de acolhimento prolongado ou em que se perspetiva a adoção da criança. A família de acolhimento ou adotiva, a longo prazo, será a principal fonte de pertença, com o papel da família de origem dependendo muito da qualidade das relações da criança com os membros da família de origem e da qualidade de qualquer contacto. No acolhimento familiar junto da família alargada, também deverão ser feitos ajustes nas relações e nos papéis familiares. Mas qualquer que seja a natureza dos laços familiares da criança com as famílias de acolhimento, adotiva ou de origem, ela precisará de um sentimento de pertença e de ajuda para **desenvolver uma narrativa familiar coerente que faça sentido para ela** na sua idade e fase desenvolvimental específicas.

As necessidades e comportamentos da criança

Cada criança separada da sua família de origem traz consigo um conjunto único de experiências de vida familiar e cada uma dessas experiências terá moldado as suas expectativas em relação ao novo ambiente e a sua noção do que significa ser um membro da família. É importante recordar que, para a maior parte das crianças, tanto houve momentos bons como difíceis, recordações positivas como tristes ou assustadoras. **Para todas as crianças, os desafios de adaptação a uma nova vida familiar são enormes.** Dependendo da sua idade e compreensão, todas as crianças estarão a lidar com **diferentes graus de perda** (de pessoas, lugares, animais de estimação e amigos), **incerteza** (*Quanto tempo vou ficar? Será que me querem mesmo?*) e **ansiedade** (*Estarei seguro? Adaptar-me-ei?*). As simples tarefas de se levantar de manhã e tomar o pequeno-almoço num ambiente desconhecido podem ser imensamente exigentes para uma criança. É difícil sobrestimar o potencial de stress e tensão que envolve a mudança para uma nova família, ao mesmo tempo que se gerem sentimentos de perda de laços fortes, embora em alguns casos potencialmente prejudiciais, com as famílias de origem.

Quando a criança começa a instalar-se na família de acolhimento, estas primeiras mensagens de aceitação como parte da família consolidam-se para que ela se sinta segura de que pertence à família. Mesmo nessas circunstâncias, em que existe alguma incerteza quanto aos planos futuros para a criança, **a inclusão total nas rotinas e atividades familiares é uma parte essencial da criação de uma base segura que reduz a ansiedade da criança e restaura a sua autoestima.**

Pensamentos e sentimentos do/a cuidador/a

Os/As cuidadores/as devem estar conscientes de que o sentimento de ligação da criança à família de origem e à família de acolhimento varia de acordo com a natureza do plano de permanência/projeto de vida da criança e com a qualidade das relações entre a família de origem e a nova família.

Por exemplo, uma criança que vai passar uma curta estadia numa família de acolhimento com a intenção de regressar a casa precisará normalmente de um envolvimento bastante próximo com os membros da família de origem e com os acontecimentos, **mas também valorizará o facto de ser tratada da mesma forma que os outros membros da família de acolhimento**. As crianças que vivem em famílias de acolhimento de longa duração precisam e devem ser tratadas como membros de pleno direito da família até à idade adulta, **mesmo na ausência de responsabilidade parental legal por parte dos/as cuidadores/as**. A maior parte das crianças em famílias de acolhimento terá também um contacto contínuo com a família de origem, que deve ser gerido de forma construtiva. A adoção confere a plena pertença legal à nova família, com apoio prestado até à idade adulta, mas as crianças adotadas precisam também de estabelecer uma ligação com as suas famílias de origem, quer através de contactos (se for caso disso) e/ou através de uma discussão aberta e reflexiva no seio da família adotiva. O que é importante em todos os casos, no entanto, é **a capacidade da família de acolhimento de acolher e absorver novos membros e também de ser atenciosa, reflexiva e aberta em relação a cada criança e à sua família de origem**. A reflexão é, portanto, complexa, pois implica manter um equilíbrio entre duas ideias poderosas e por vezes contraditórias: **esta criança faz parte da nossa família e está ligada à sua família de origem**.

Comportamentos do/a cuidador/a

Para os/as cuidadores/as, a principal tarefa é **proporcionar um ambiente emocionalmente acolhedor, fisicamente confortável, que aceite e apoie os seus membros** e que estabeleça expectativas claras, mas razoáveis para uma vida partilhada como membro da família. As variações na forma como a pertença à família é comunicada são enormes e abrangem toda a gama de culturas, classes, línguas, normas sociais e práticas religiosas. É aqui que vemos uma ligação clara com a **teoria da vinculação**, uma vez que os/as cuidadores/as sensíveis proporcionam o tipo de ambiente acima descrito e, no entanto, **têm também a capacidade de refletir sobre as necessidades e os sentimentos da criança relativamente à pertença à família de origem**. A prestação de cuidados sensíveis nesta dimensão implica, portanto, a procura de oportunidades para **transmitir mensagens verbais e não verbais de ligação a ambas as famílias**. Estas devem ser **adaptadas com sensibilidade às necessidades e circunstâncias variáveis da criança**, com o objetivo de a ajudar a ter um sentido coerente de identidade no que pode ser uma rede complexa de relações.

Pensamentos e sentimentos da criança

A combinação da inclusão e do reconhecimento da existência de ligações a mais do que uma família pode aumentar o sentimento de segurança da criança – **“Estou seguro e protegido nesta família, mas também posso pensar e falar sobre o que sinto em relação à minha família de origem”**. Com o tempo, isto permitirá à criança processar os seus sentimentos complexos, reconhecer e expressar sentimentos diferentes e mistos e gerir as suas ligações familiares duplas ou, por vezes, múltiplas, a

um nível que seja compatível com as suas circunstâncias, desejos e sentimentos particulares. Podem avançar para uma posição em que o seu pensamento e comportamento refletem um sentido coerente de si próprios e a aceitação de que "**pertenço**" e "**posso sentir-me ligado a mais do que uma família**".

MENSAGENS-CHAVE A TRANSMITIR – PERTENÇA FAMILIAR⁴¹

Inclusão Incondicional: a criança deve sentir-se aceite como membro pleno da família de acolhimento, com espaço garantido nas rotinas, decisões e celebrações familiares.

Equilíbrio entre Famílias: reconhecer e honrar simultaneamente os laços de pertença à família de origem e à família atual, ajudando a criança a construir uma narrativa coerente que inclua ambas as raízes.

Ambiente Emocionalmente Acolhedor: criar um lar onde a criança se sinta protegida, valorizada e com voz ativa, independentemente de diferenças culturais, linguísticas ou de história de vida.

Clareza de Expectativas: comunicar de forma simples e consistente o papel de cada membro da família e as regras de convivência, para que a criança saiba sempre onde se encaixa.

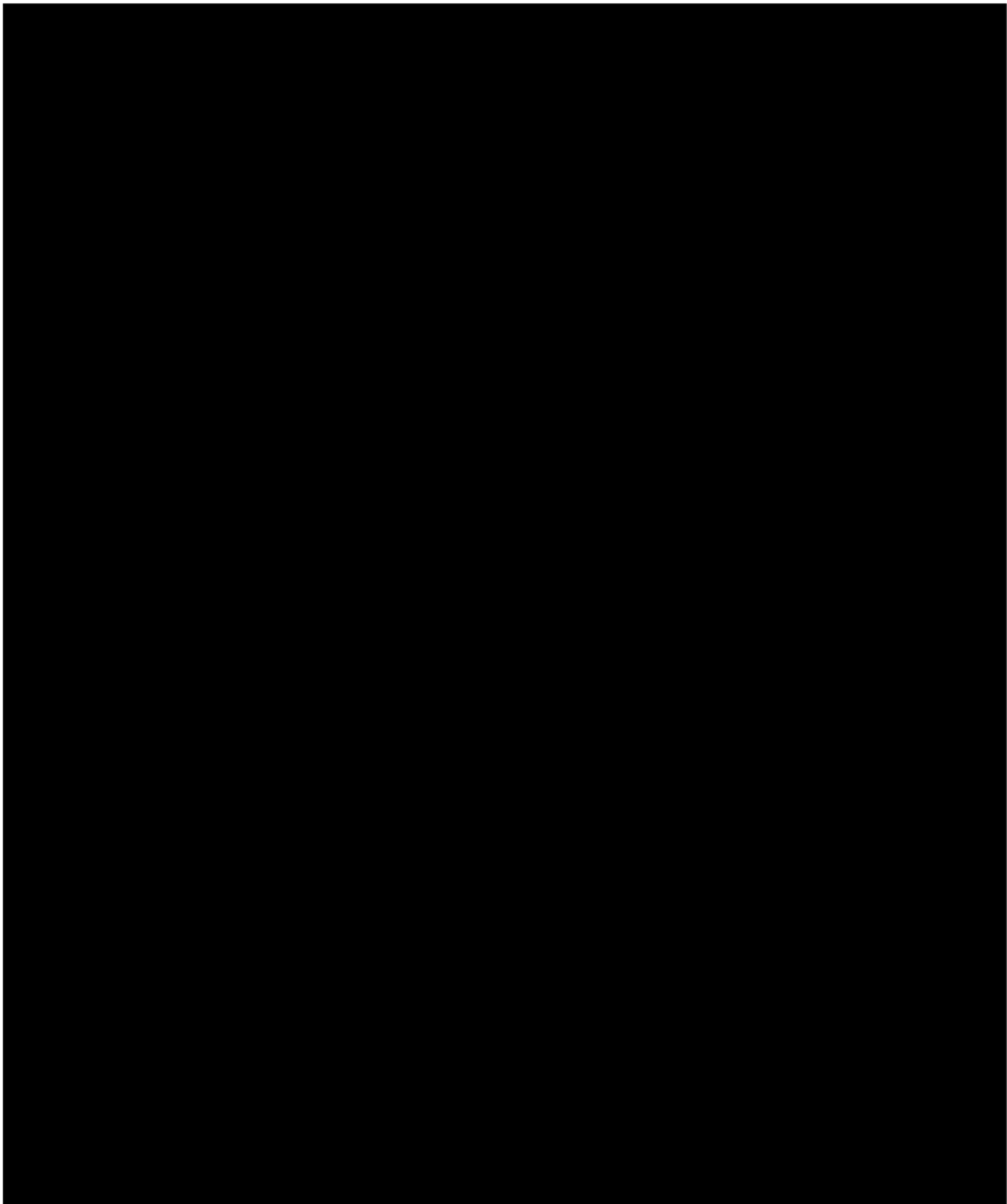
Reflexão Sobre Pertença a Múltiplas Famílias: ajudar a criança a perceber que é possível pertencer a mais do que uma família sem confusão: "*Pertenço aqui e posso falar da minha outra família.*"

Ligação Verbal e Não-Verbal: usar gestos (fotografias, lugares reservados na mesa, álbuns familiares) e palavras (partilha de memórias, conversas abertas) para reforçar o sentimento de pertença.

Processamento de Sentimentos Complexos: dar espaço e ferramentas para que a criança expresse e organize sentimentos de perda, saudade, alegria e orgulho relativamente às famílias de acolhimento e de origem.

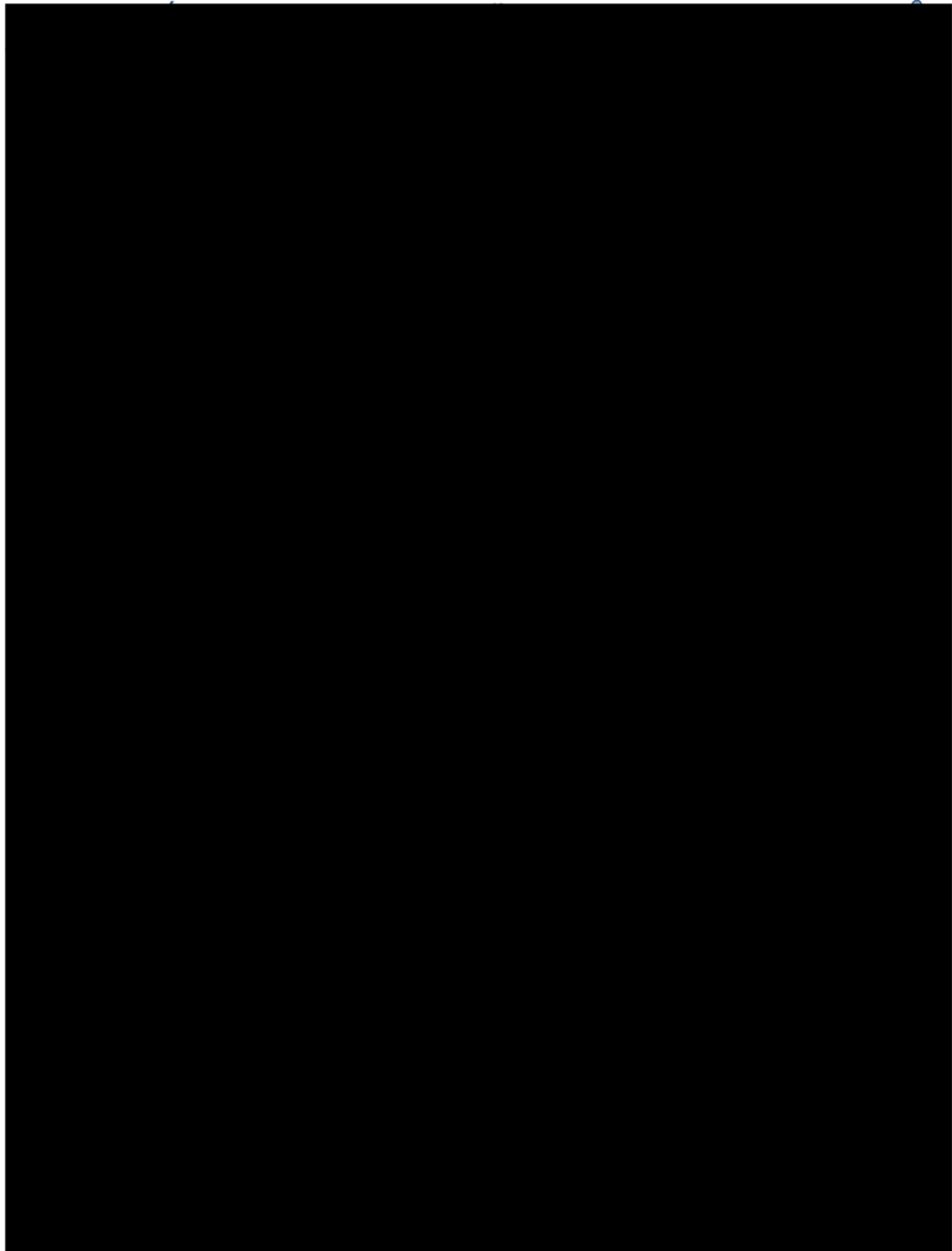
Construção de Identidade Coerente: sustentar um sentido de "eu" integrado, em que a criança reconhece as suas origens, compreende o seu percurso e se sente segura para explorar a vida familiar e o mundo exterior.

⁴¹ Para apoiar a consolidação dos conteúdos abordados, encontra-se disponível um documento complementar que apresenta **estratégias práticas para cada uma das cinco dimensões do Modelo de Base Segura**. Este material pode ser utilizado pelo/a profissional como referência para reforçar, aprofundar ou aplicar as aprendizagens desenvolvidas ao longo das atividades. Pode ainda ser fornecido a cada família de acolhimento como material de apoio, no final da formação.

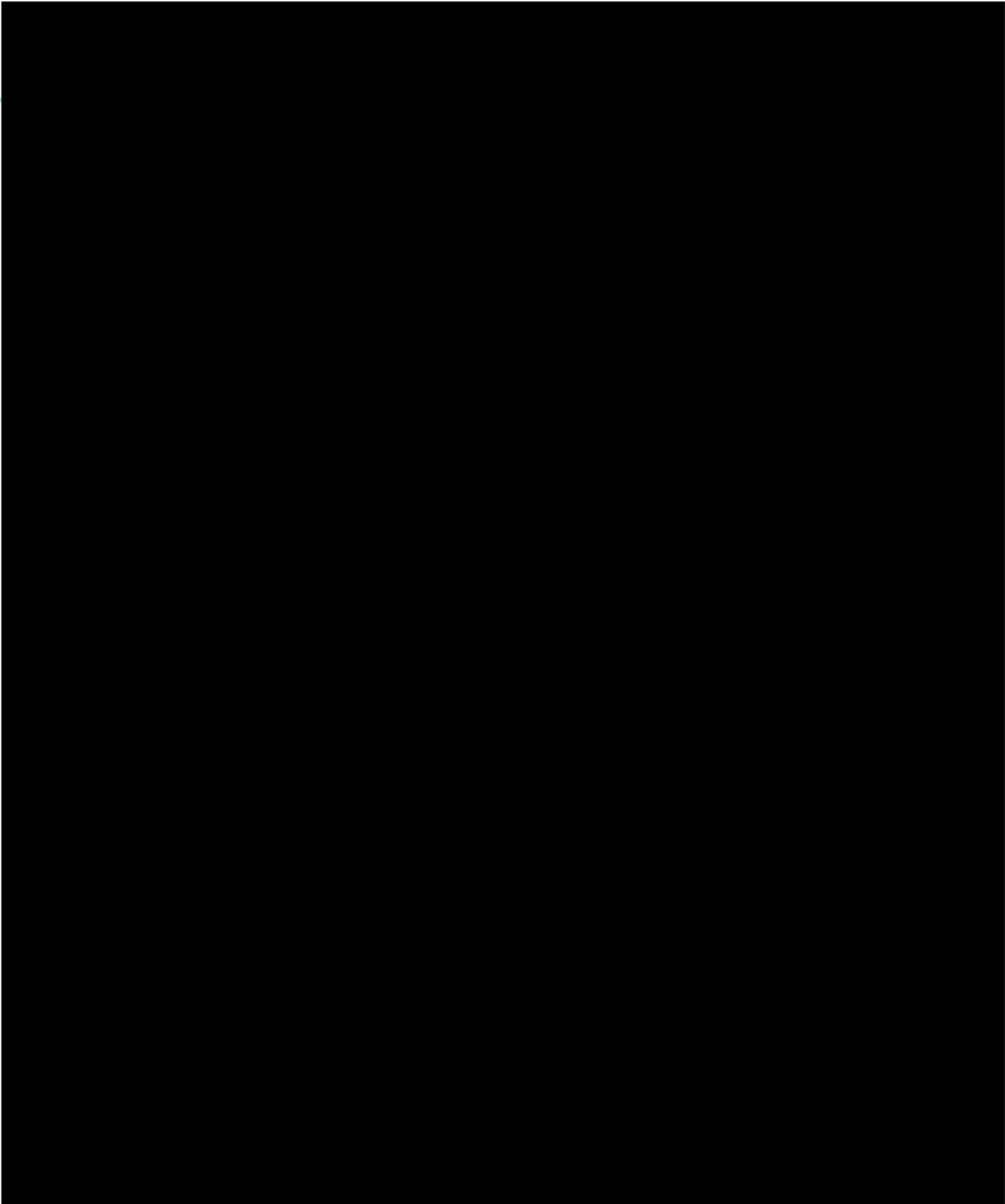


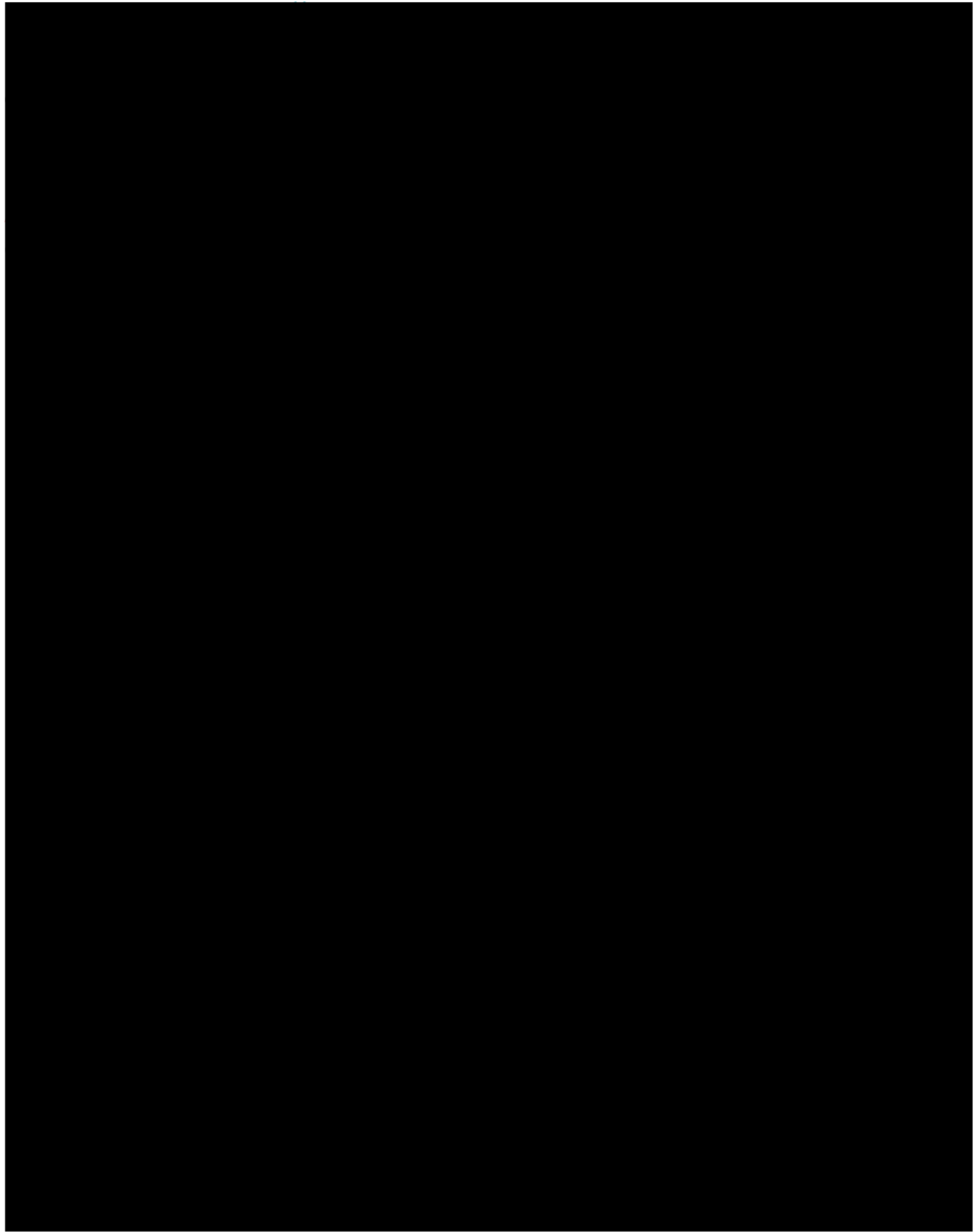
⁴² Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.



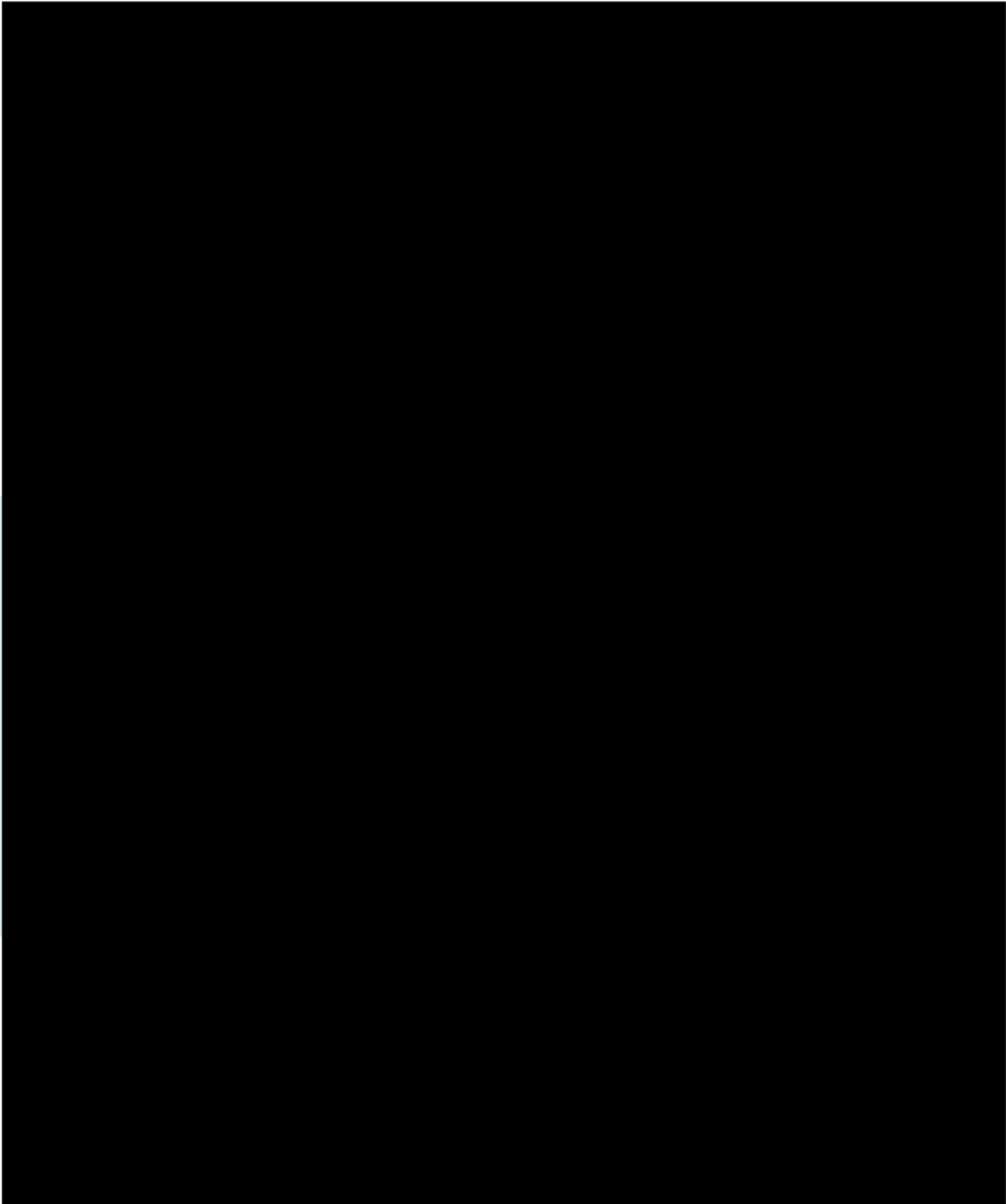


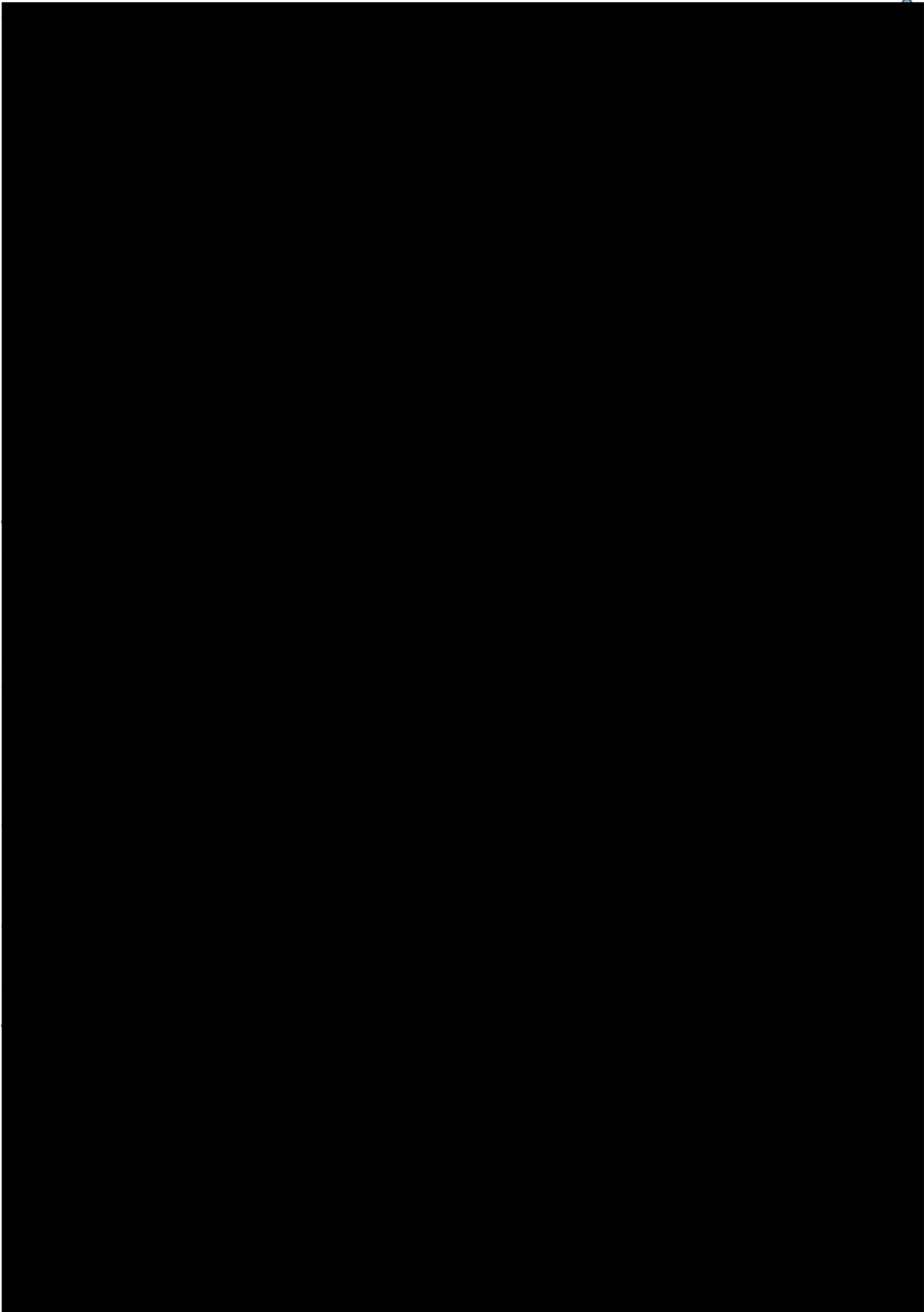
⁴³ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.

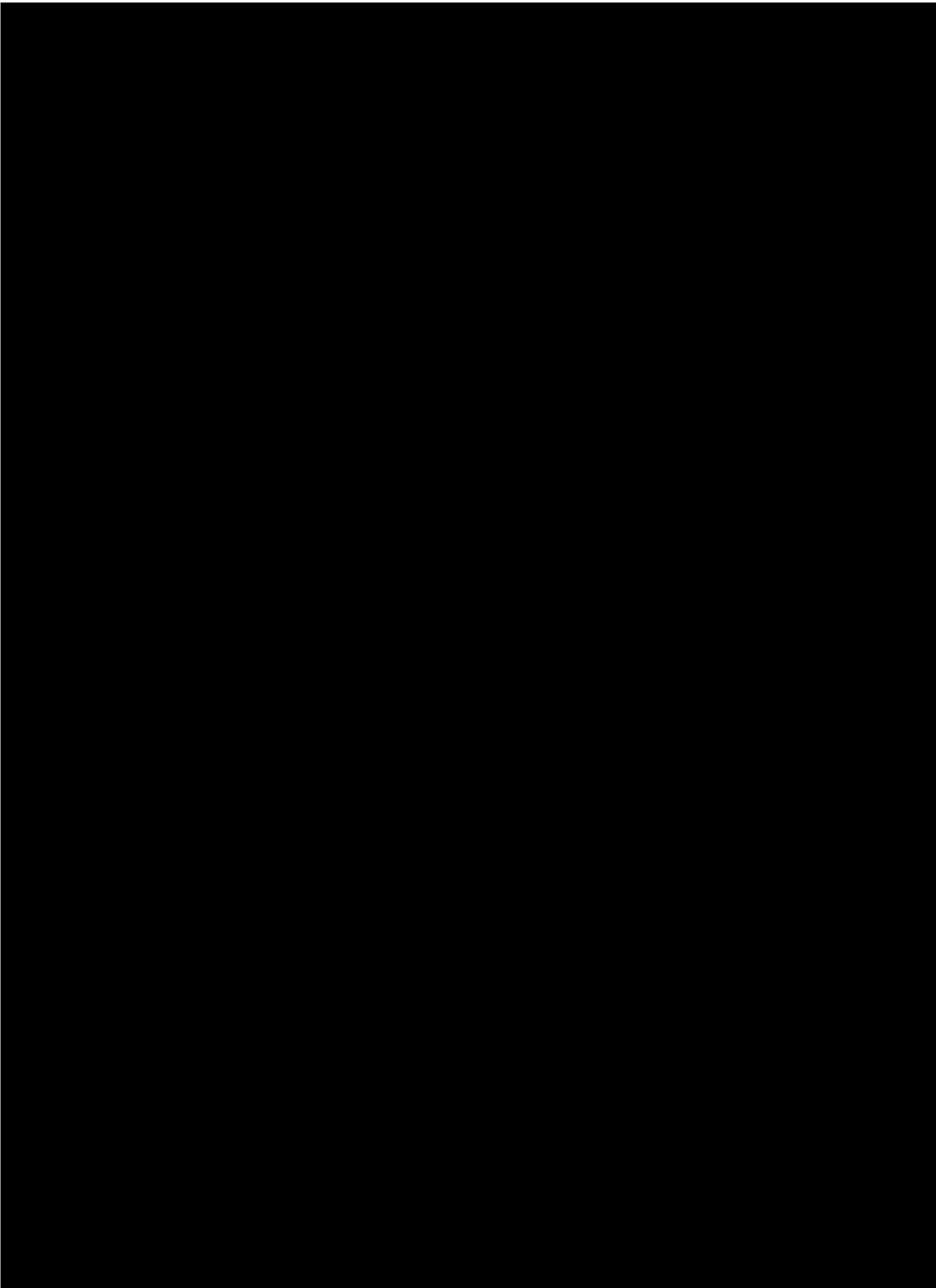


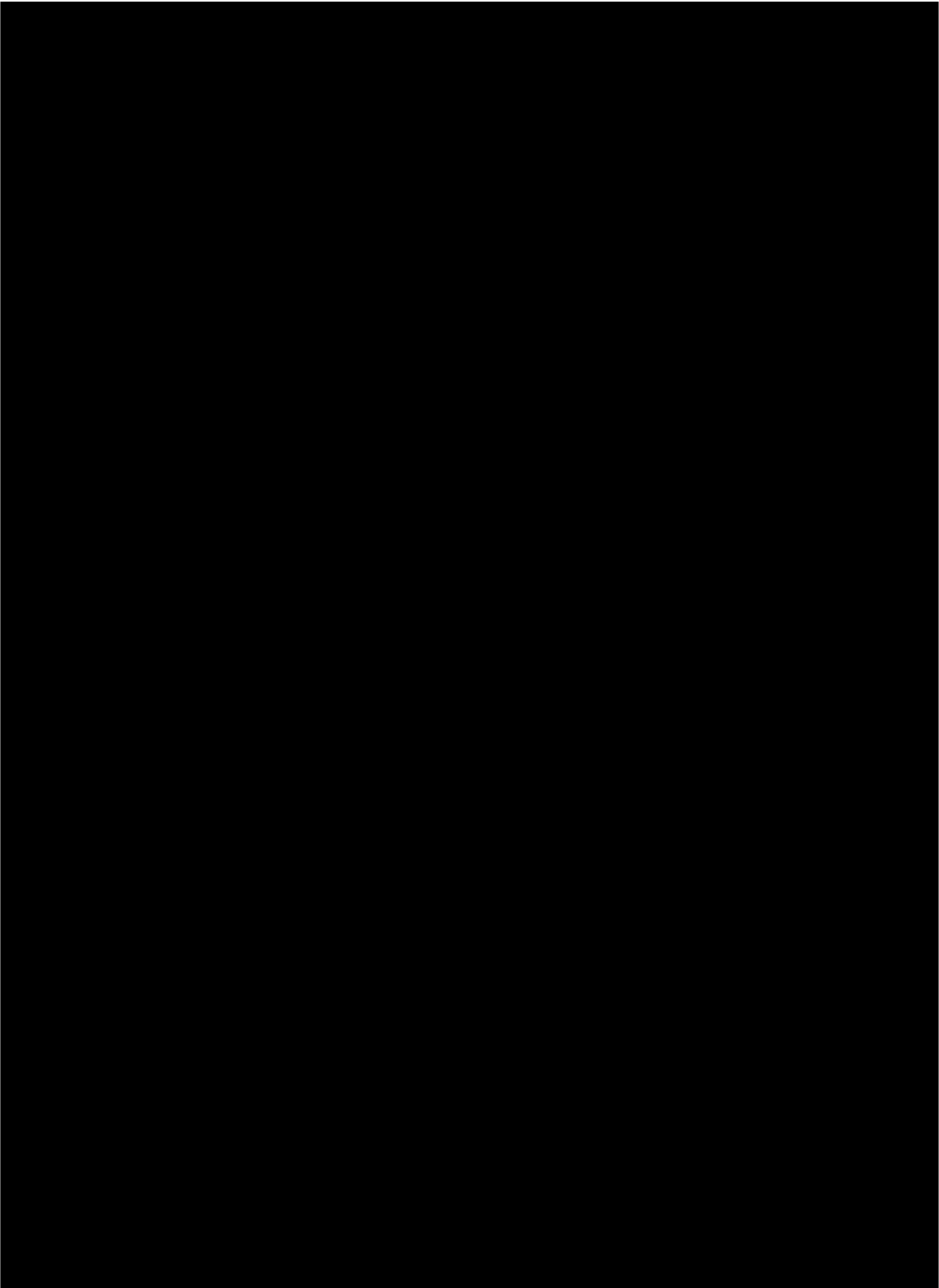


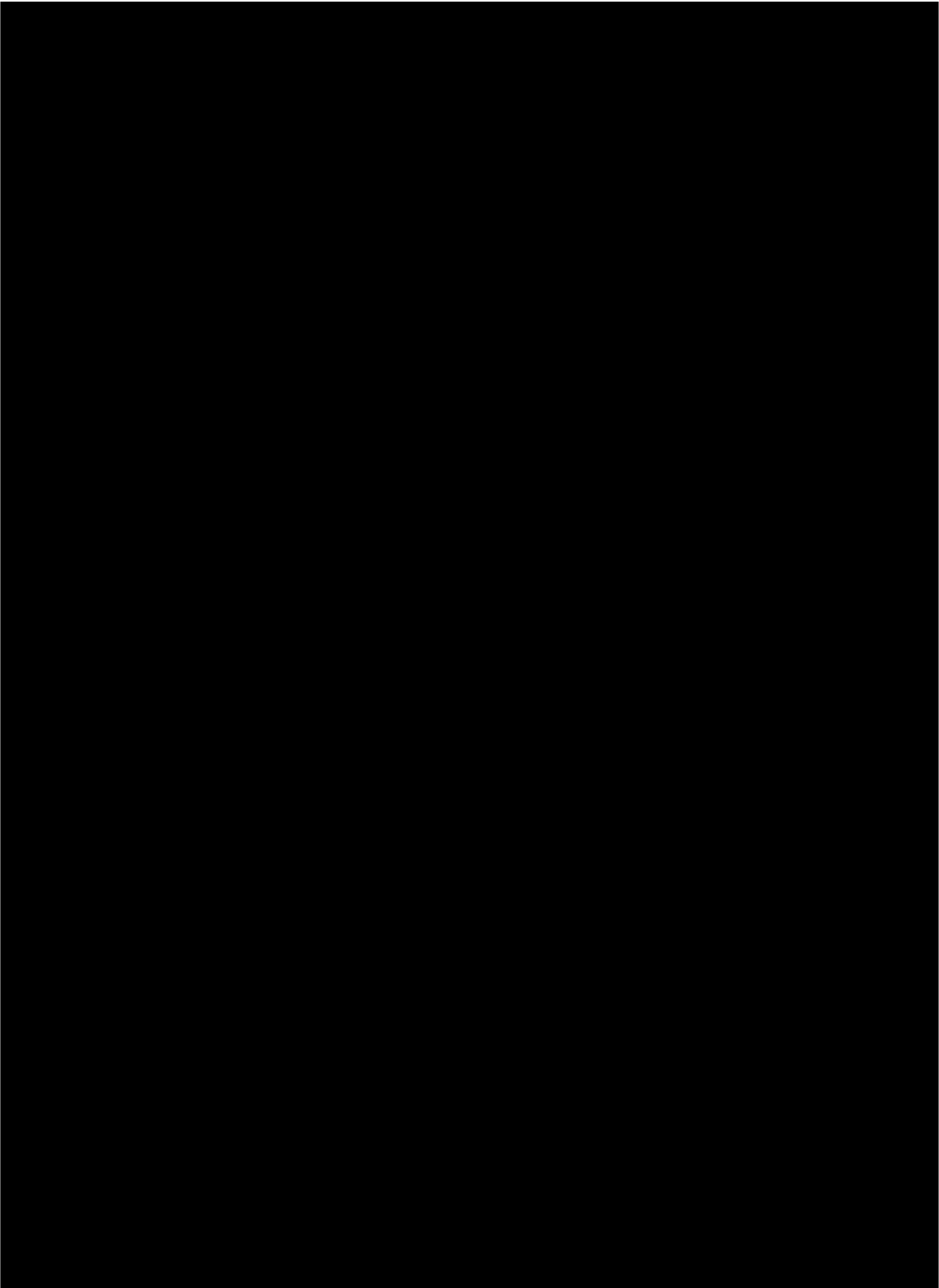
⁴⁴ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.

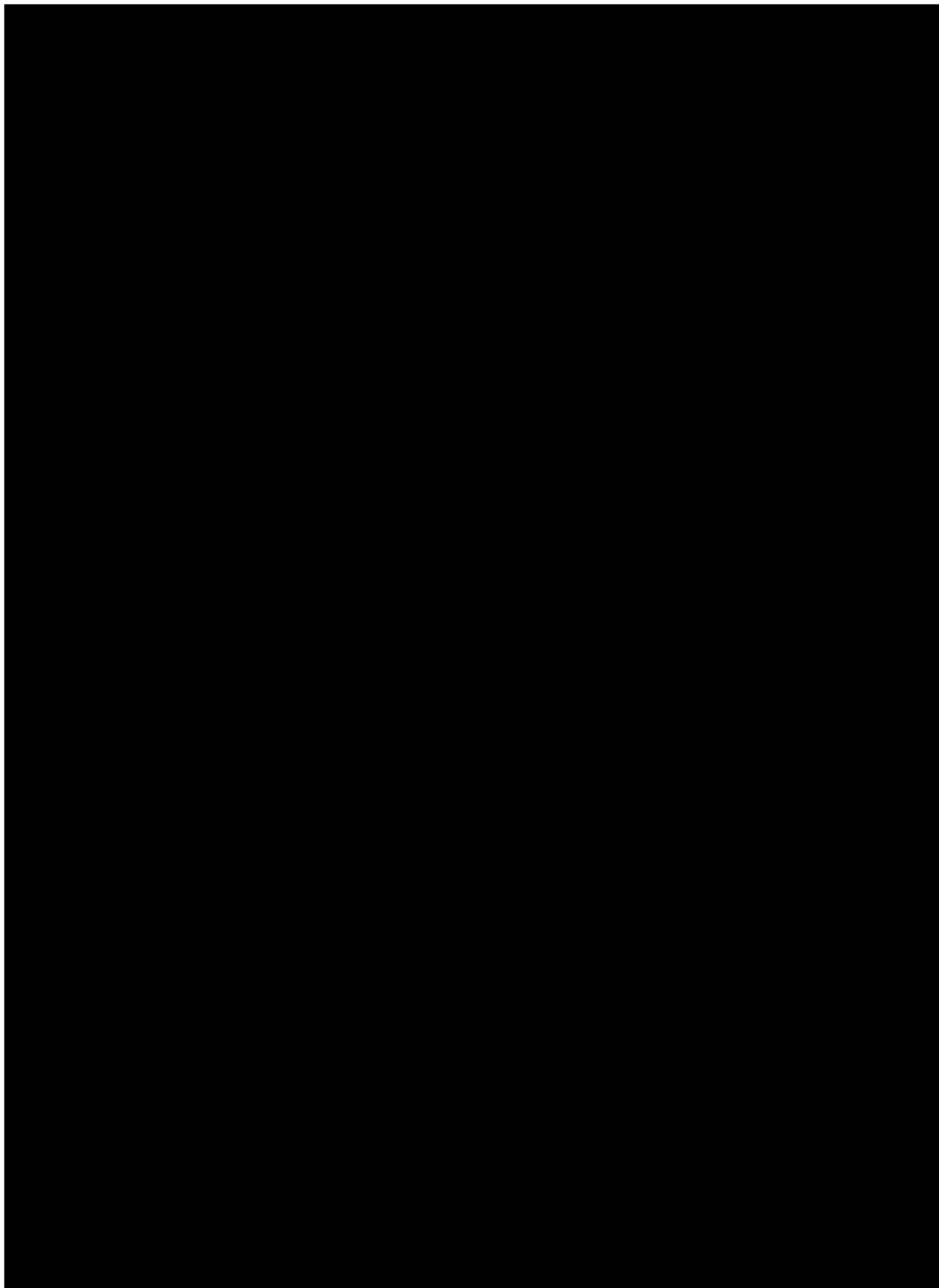




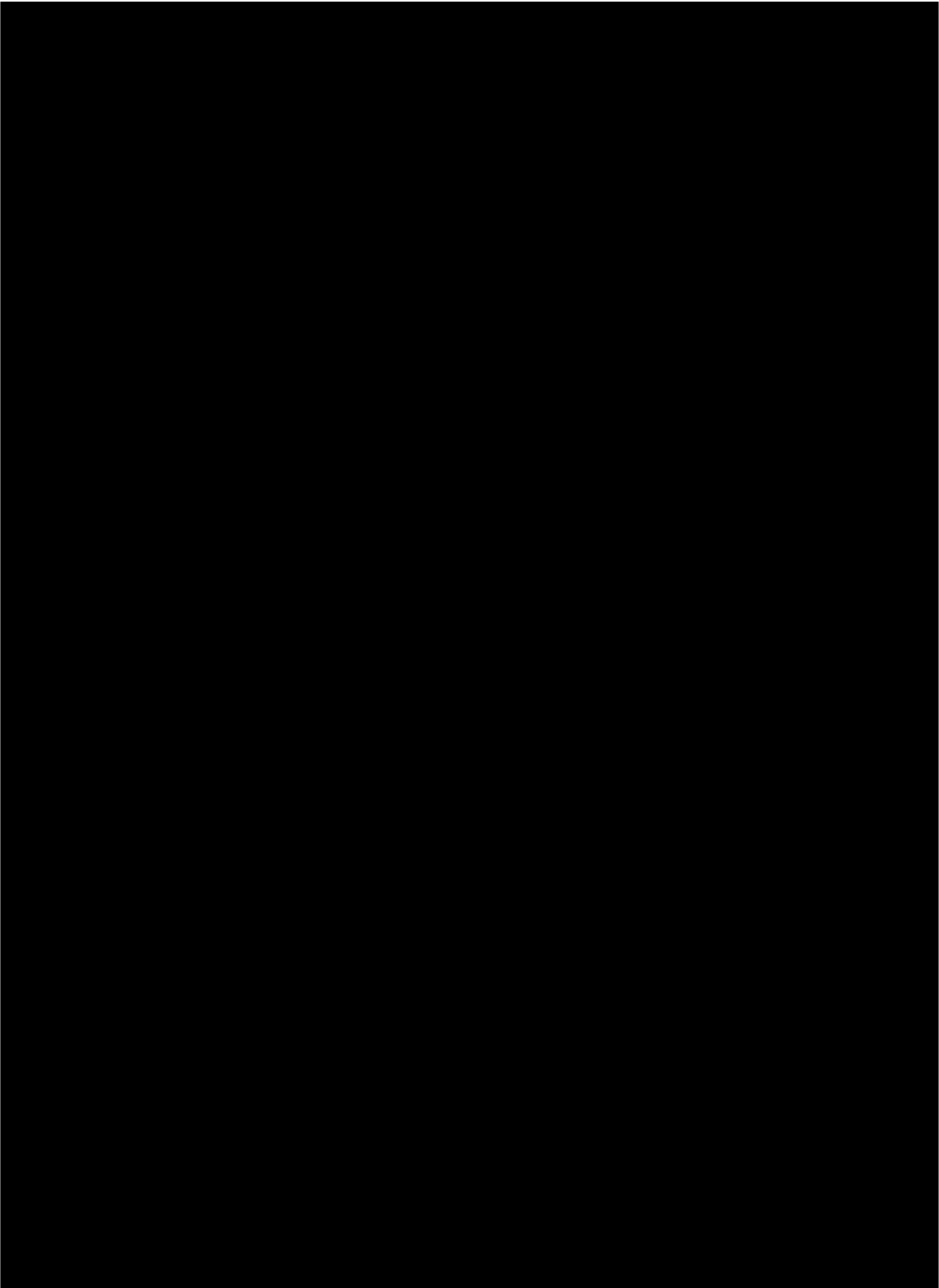


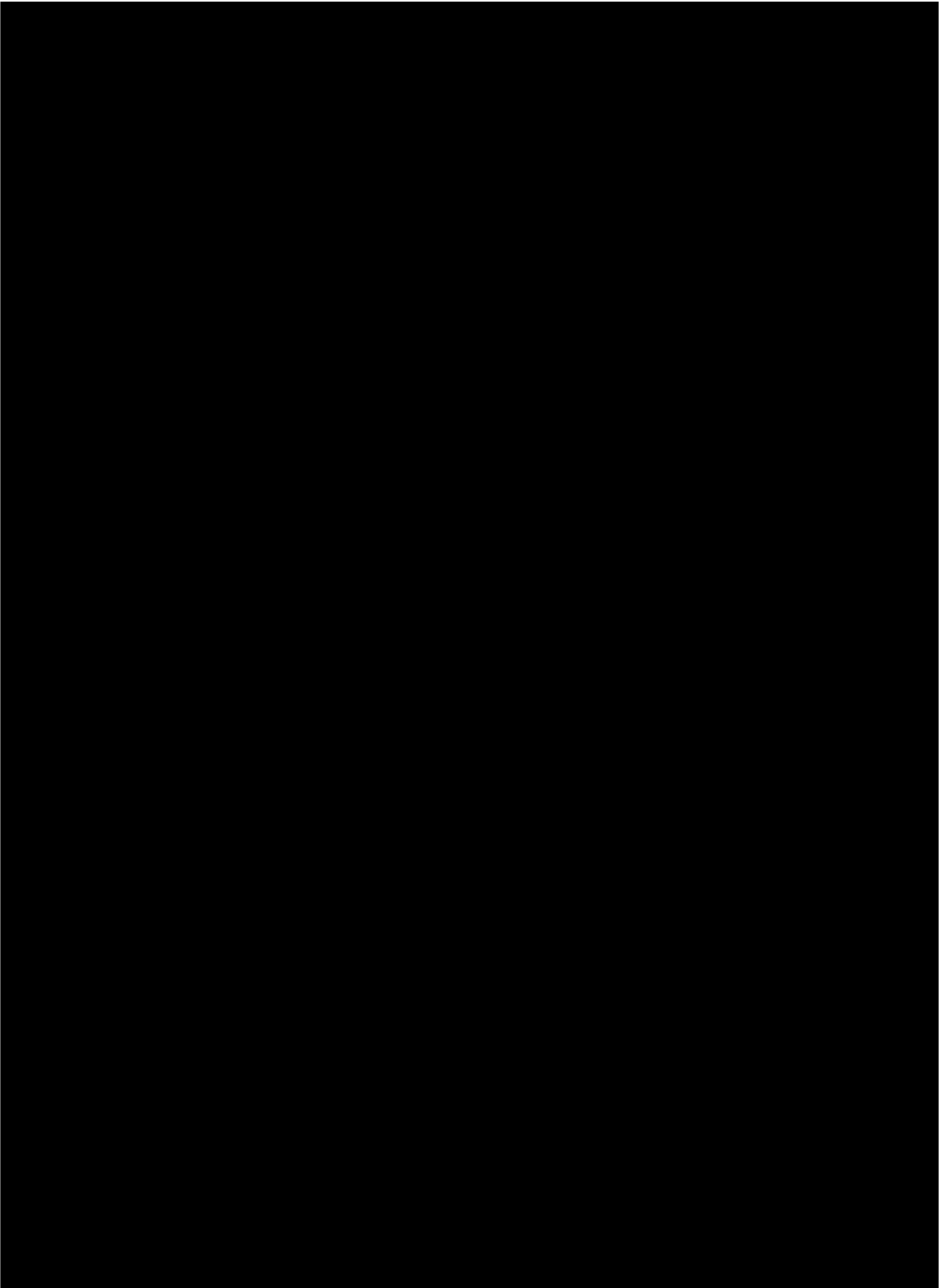


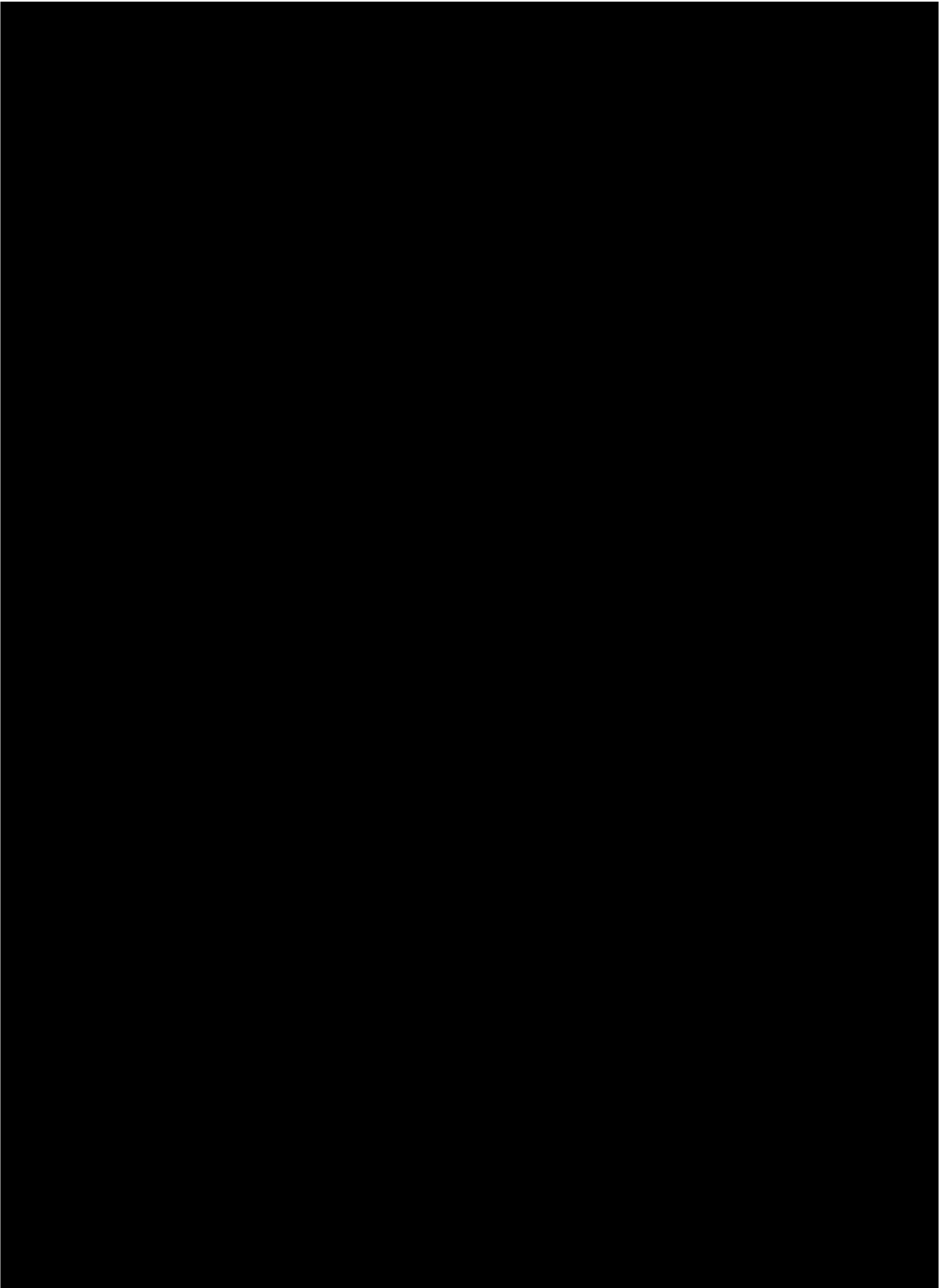


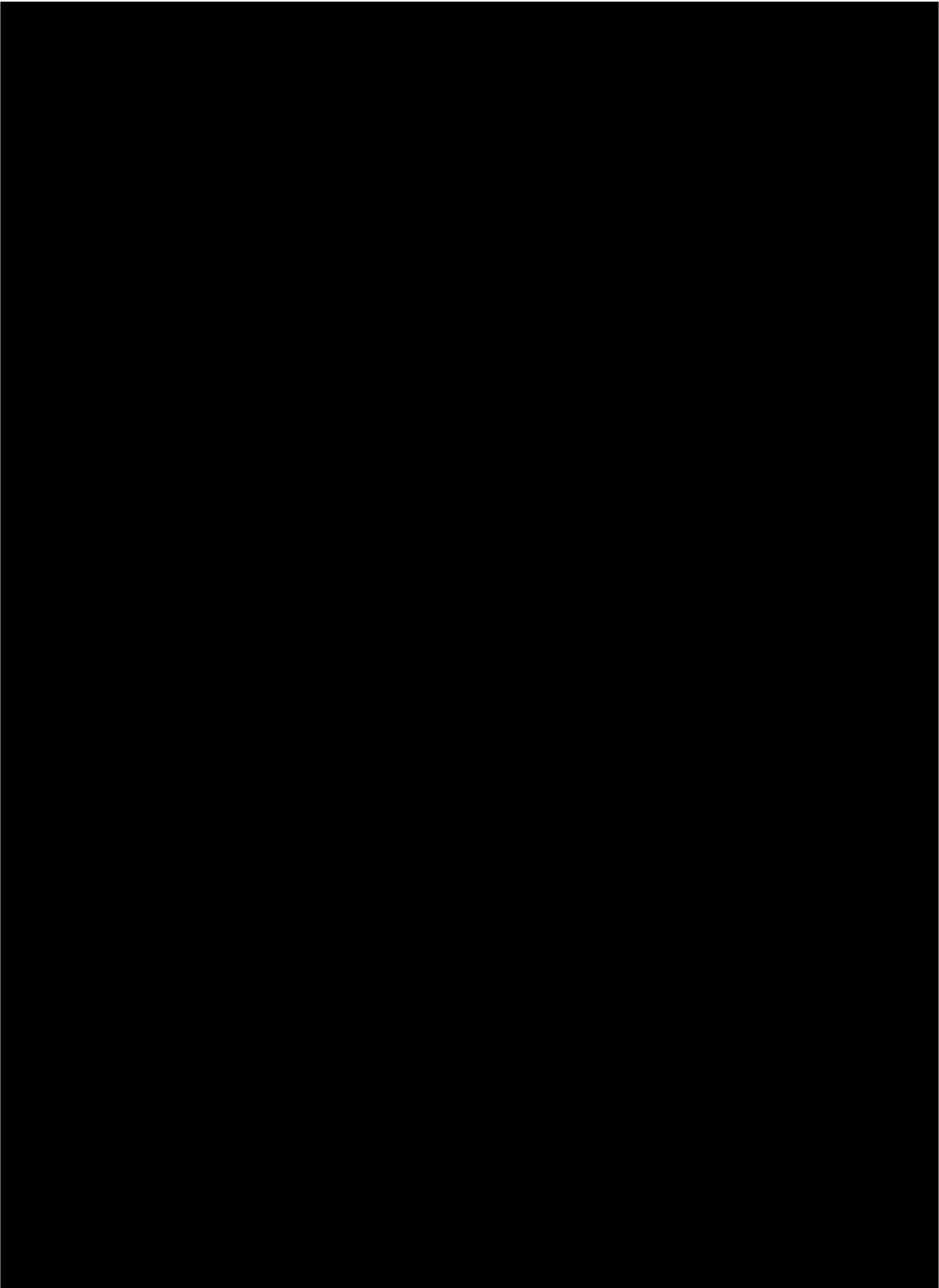


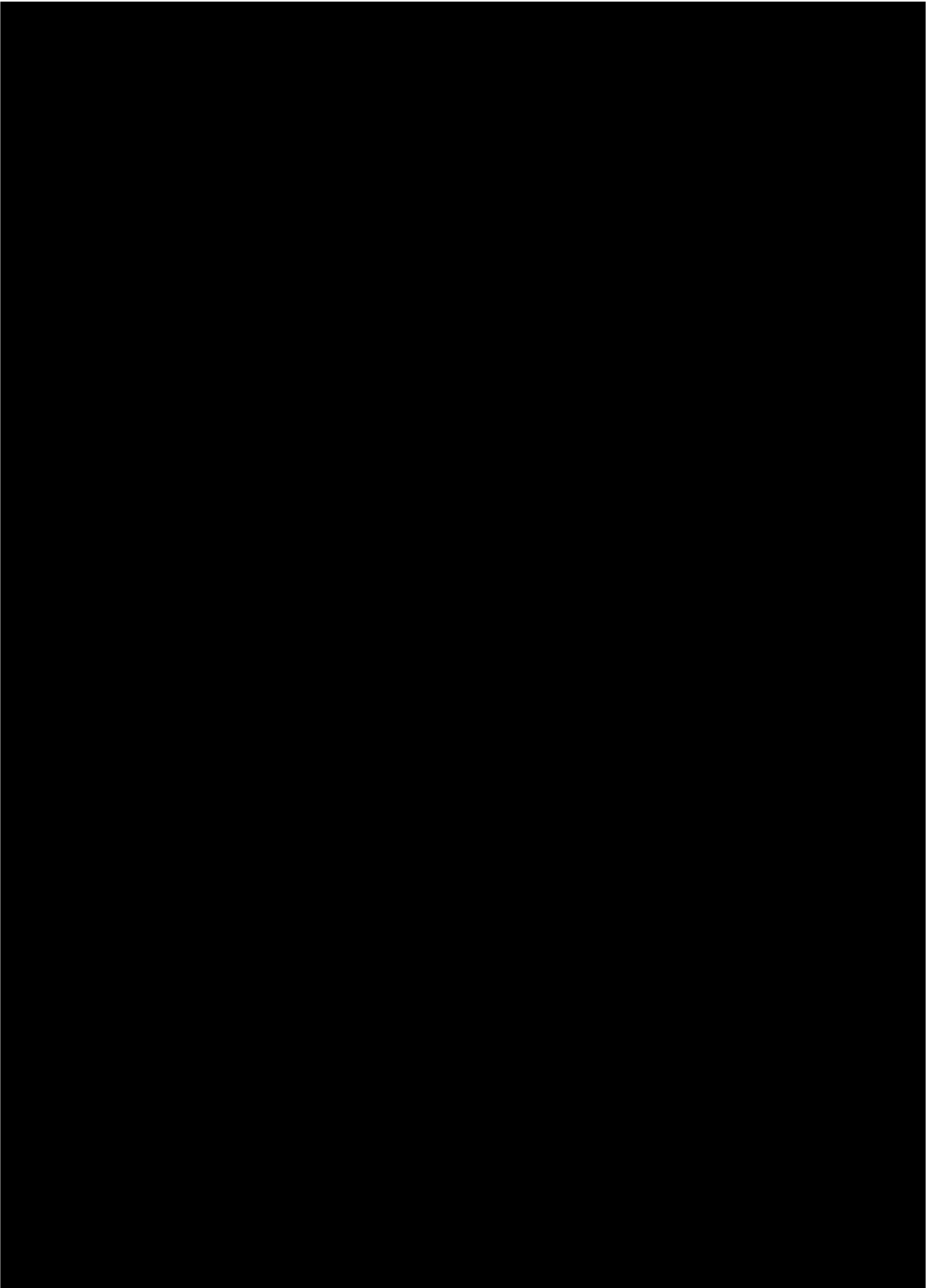
⁴⁵ Conteúdo original desenvolvido pelo Eixo da Proteção, ProChild CoLAB.

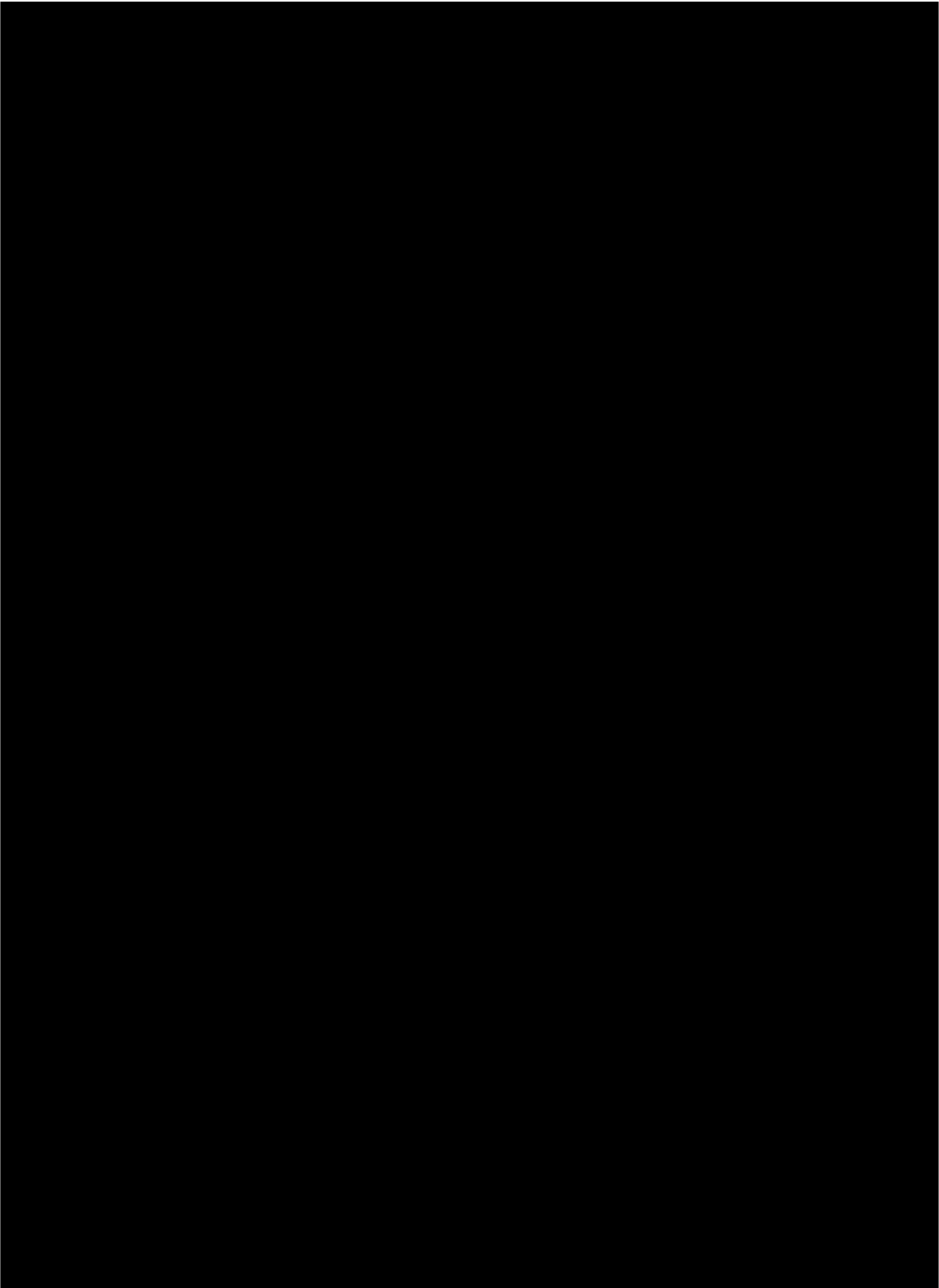


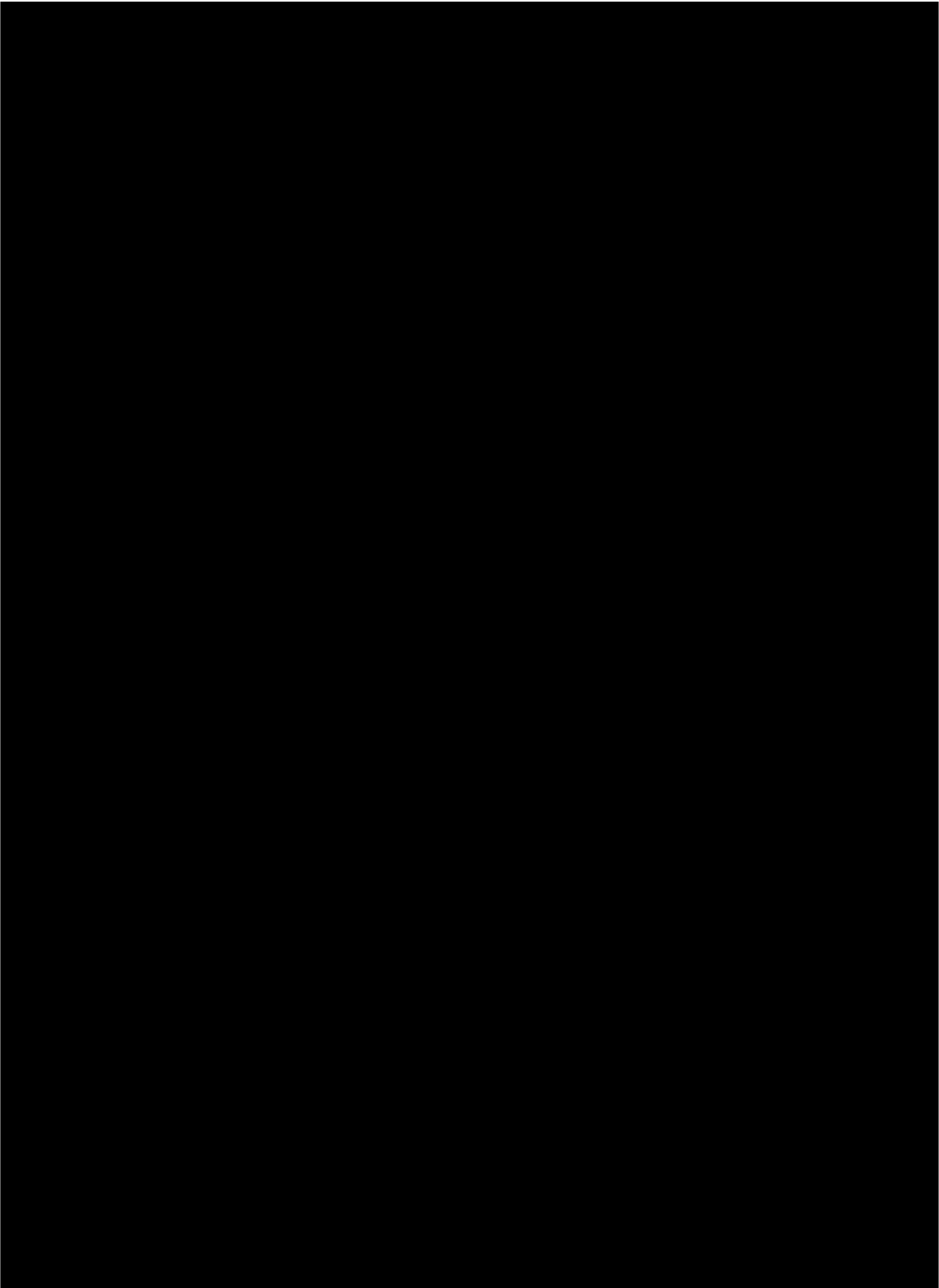


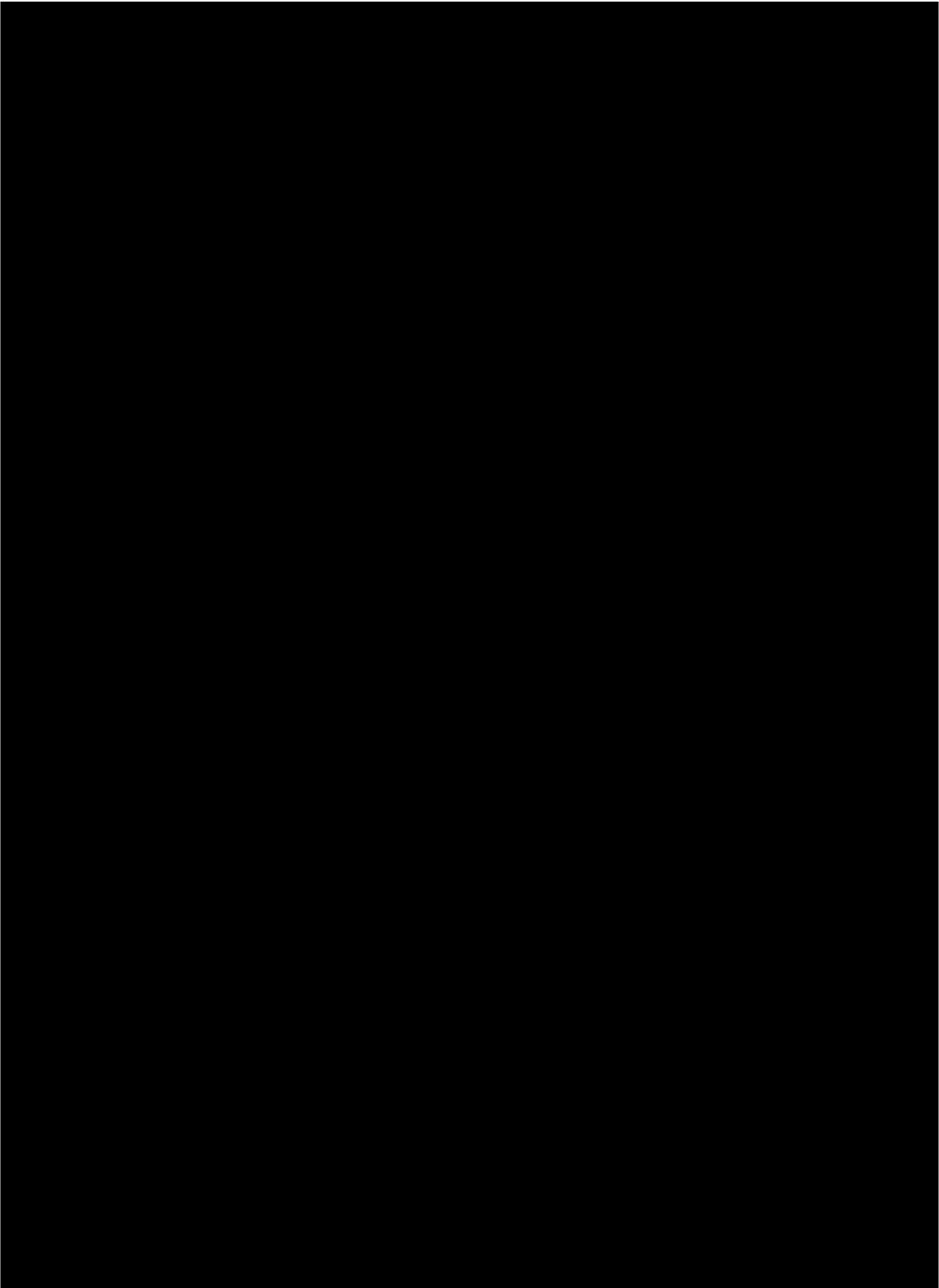


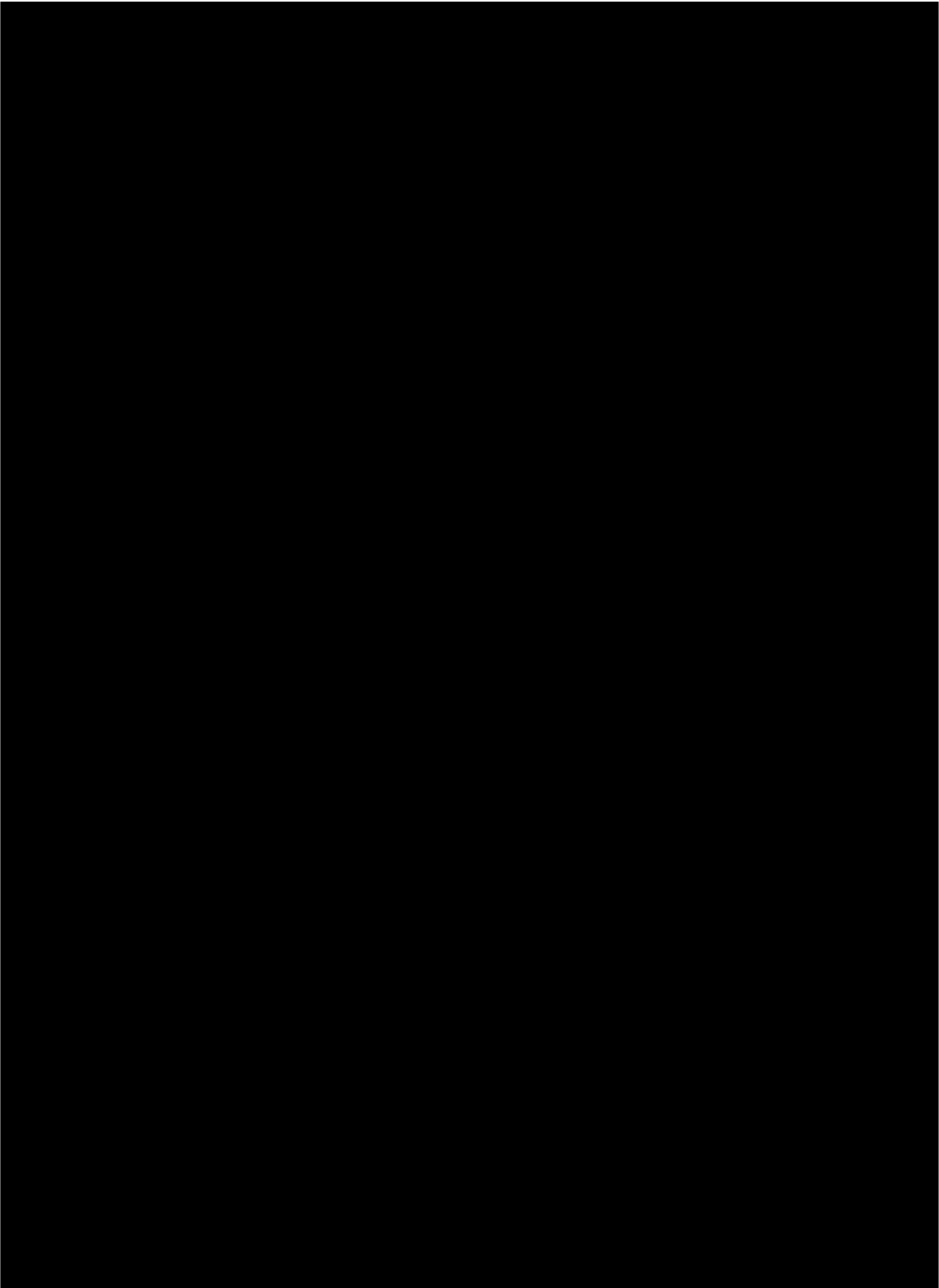


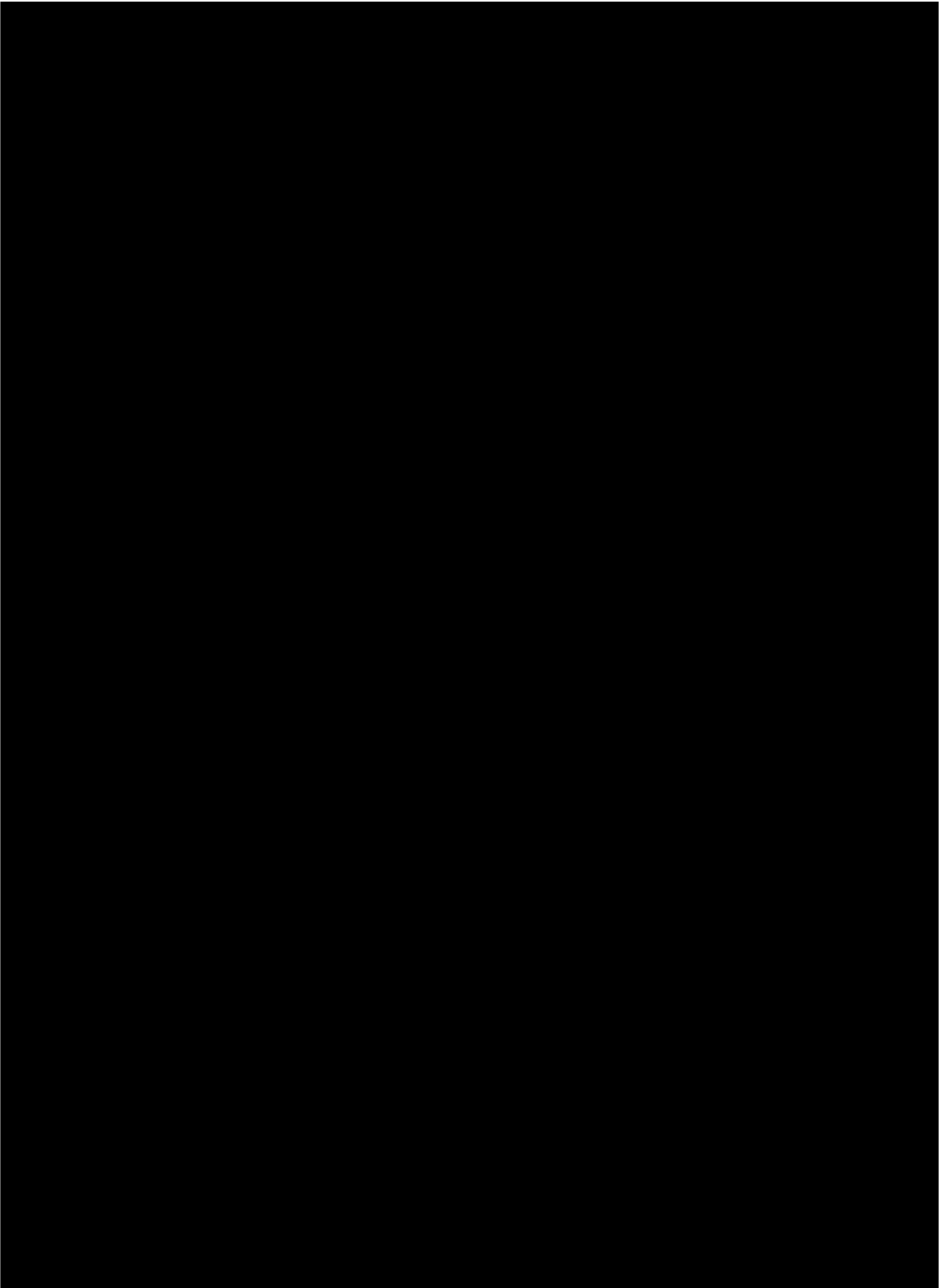


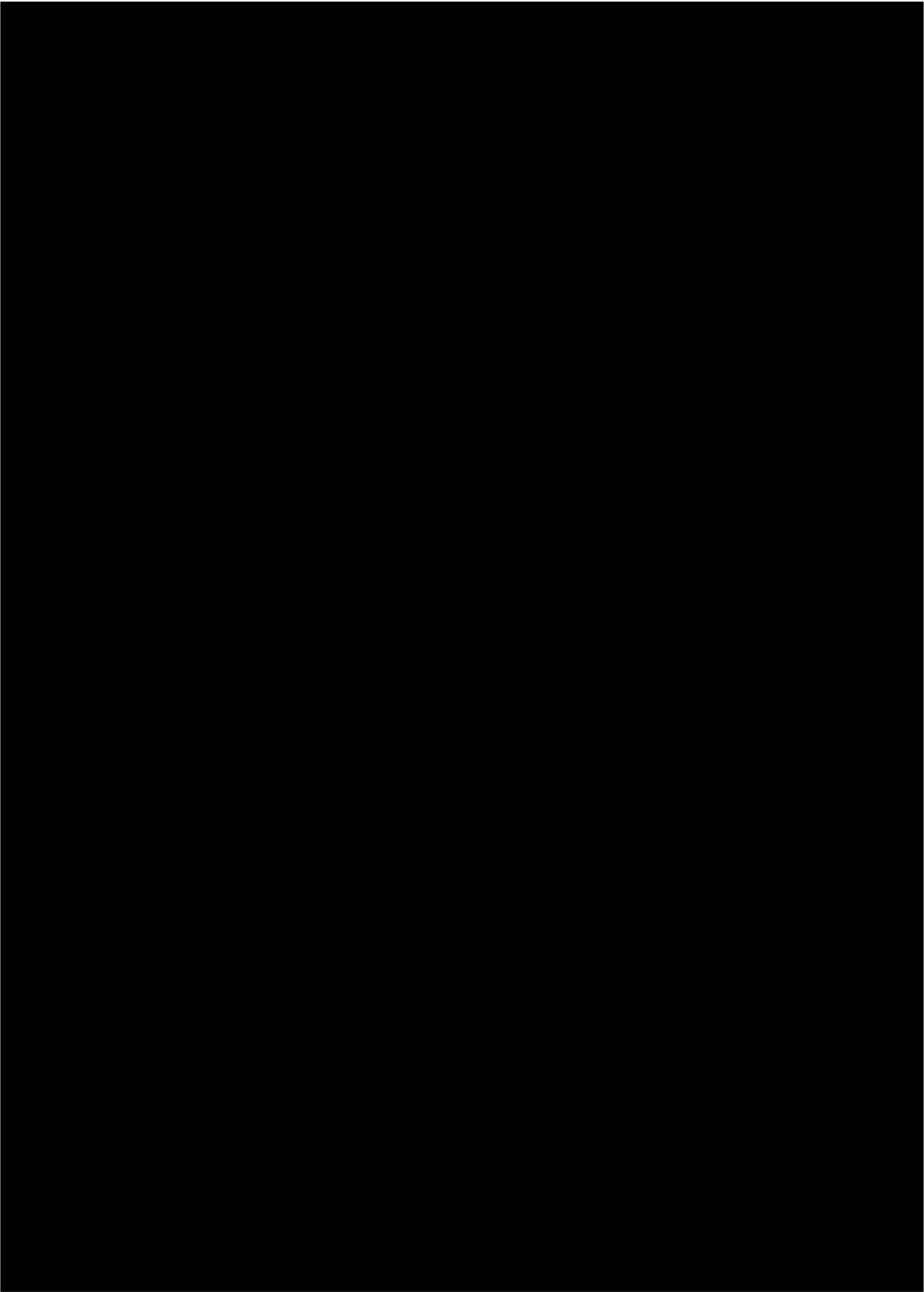


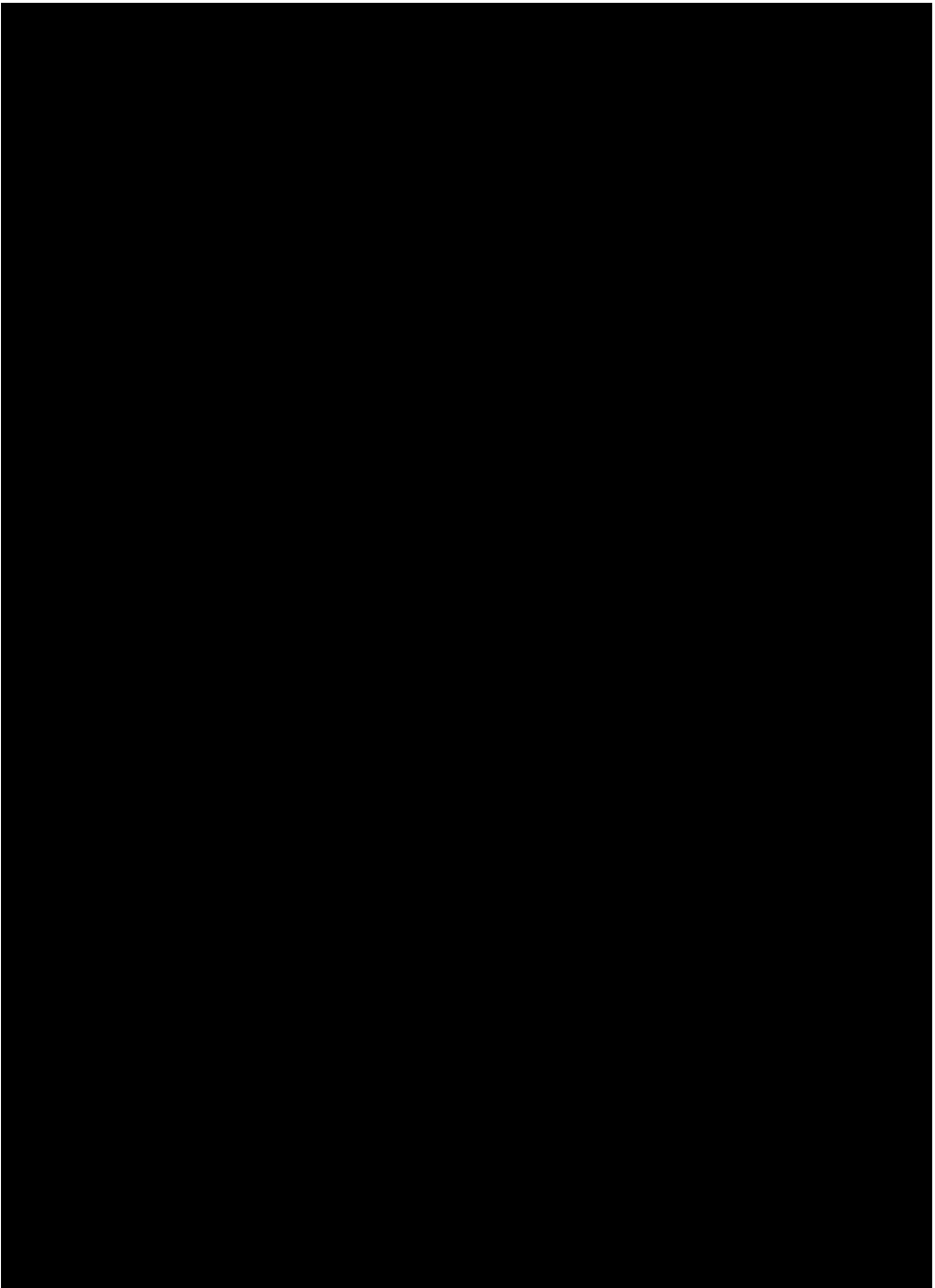


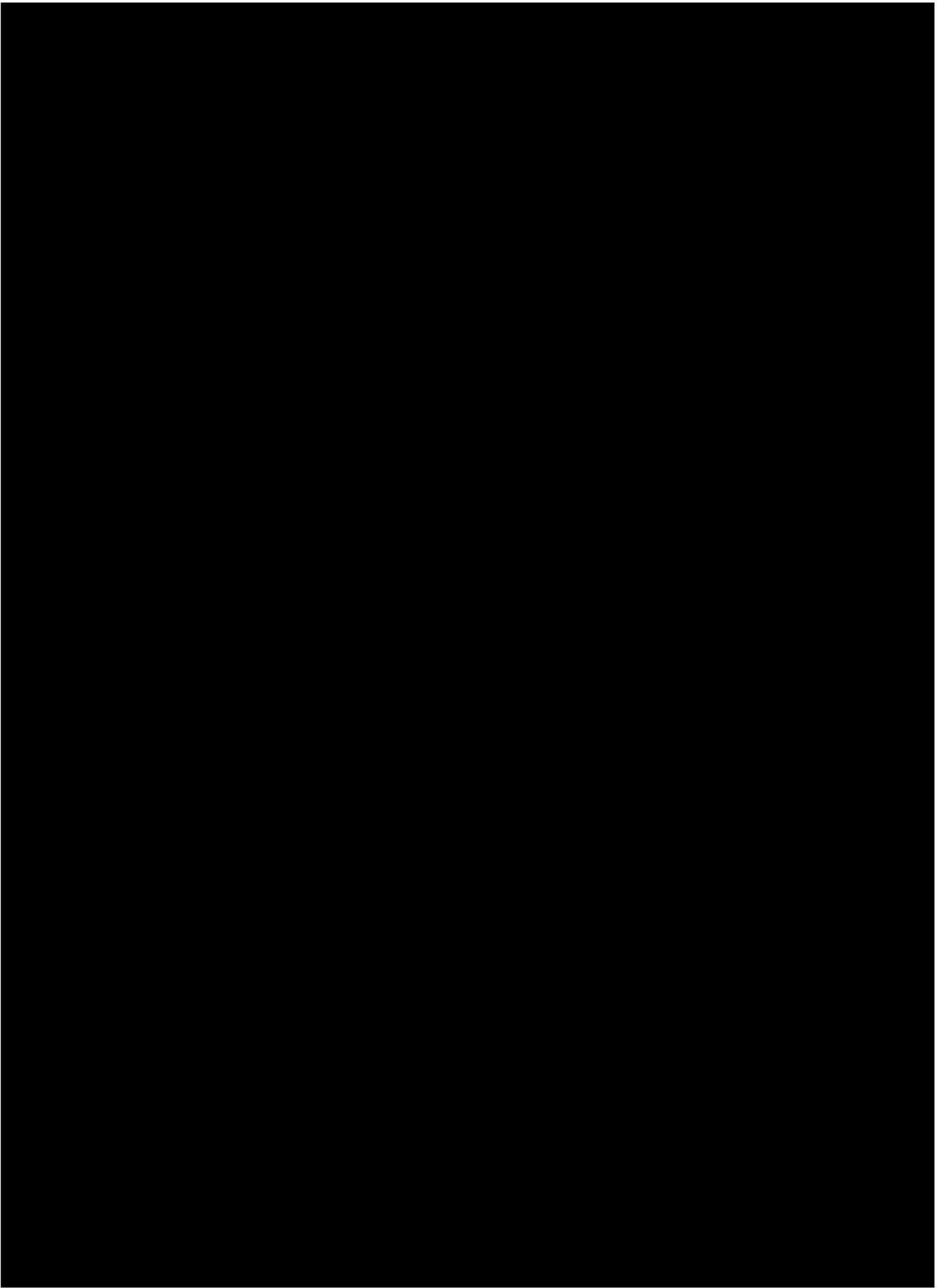


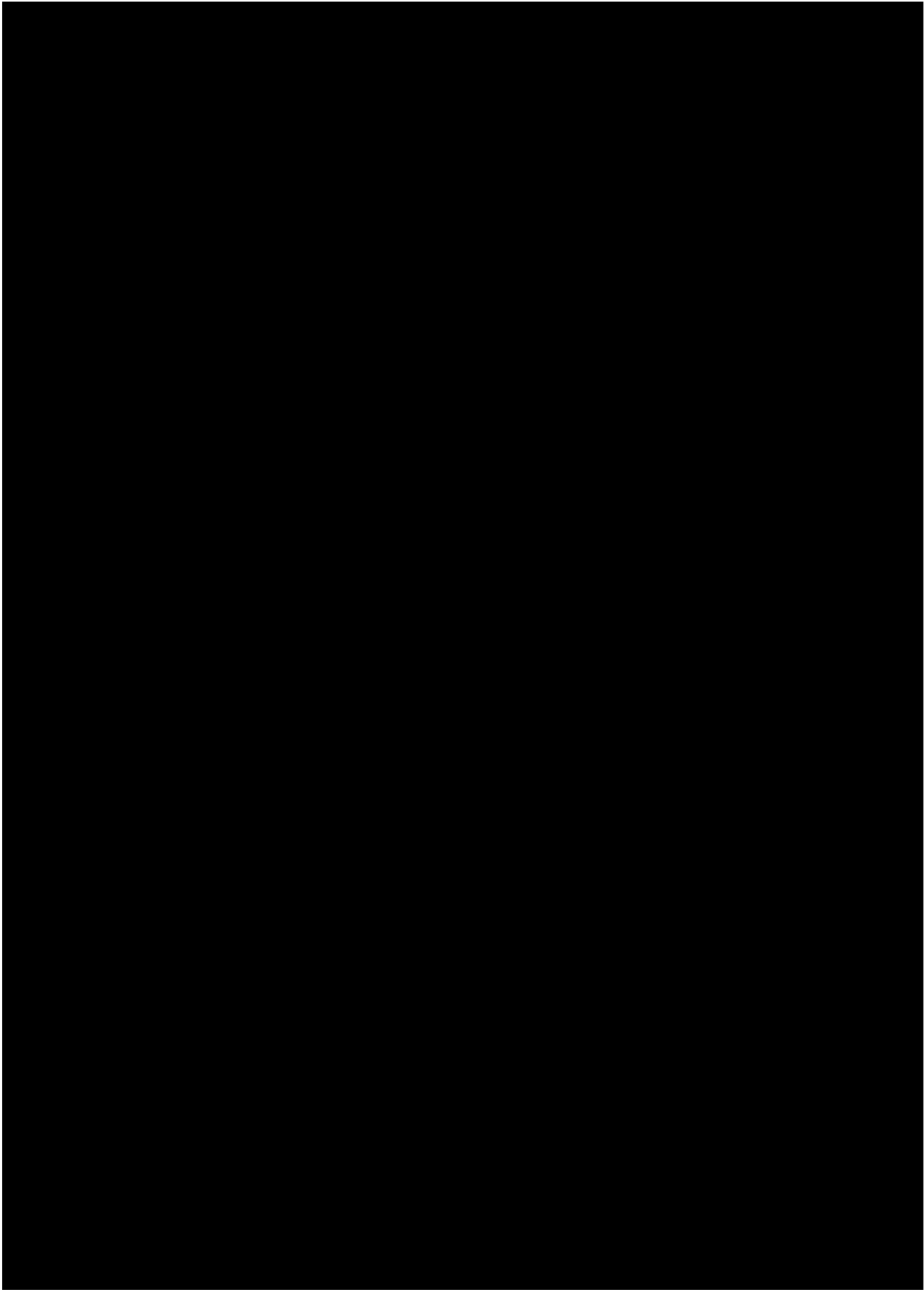


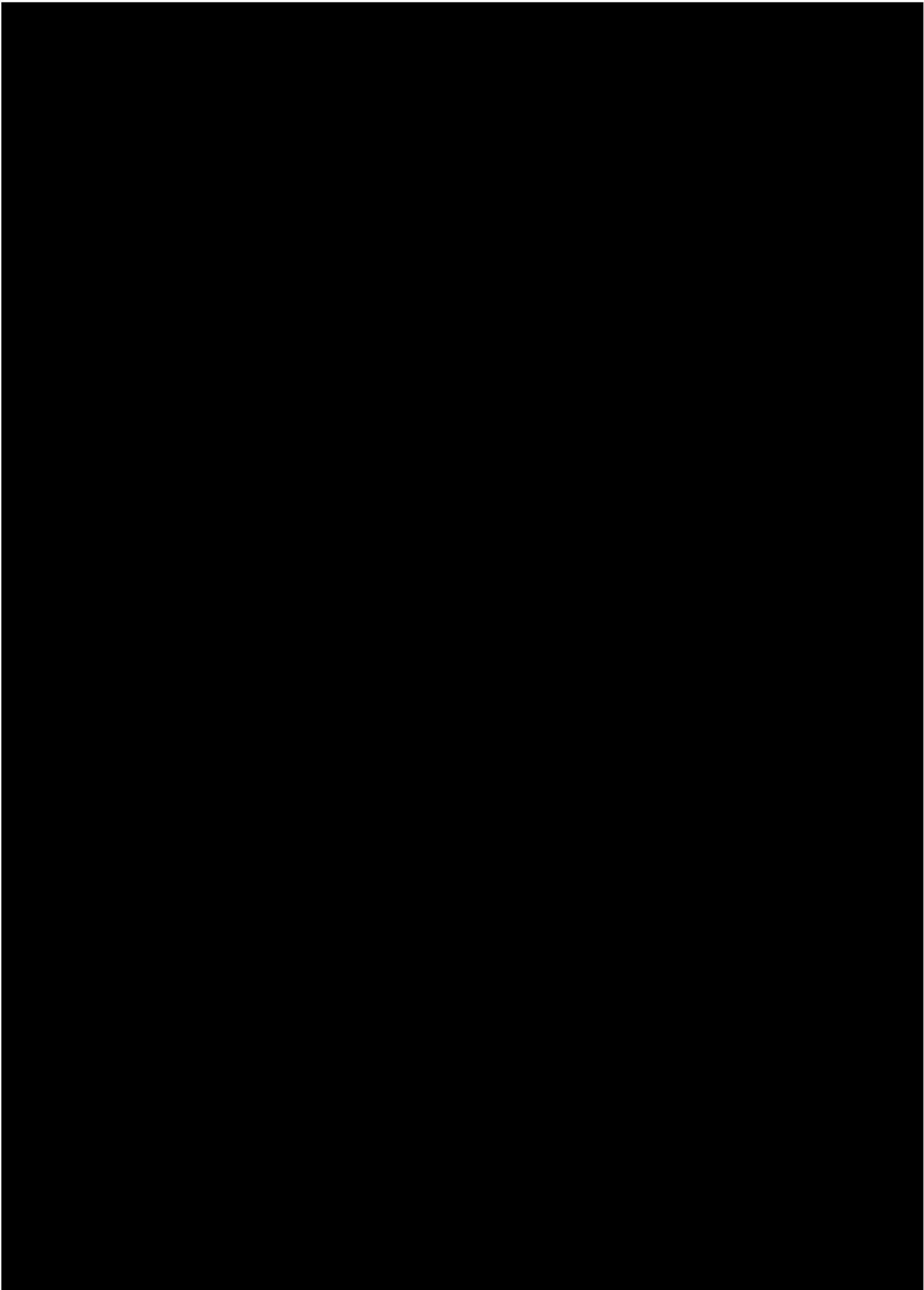


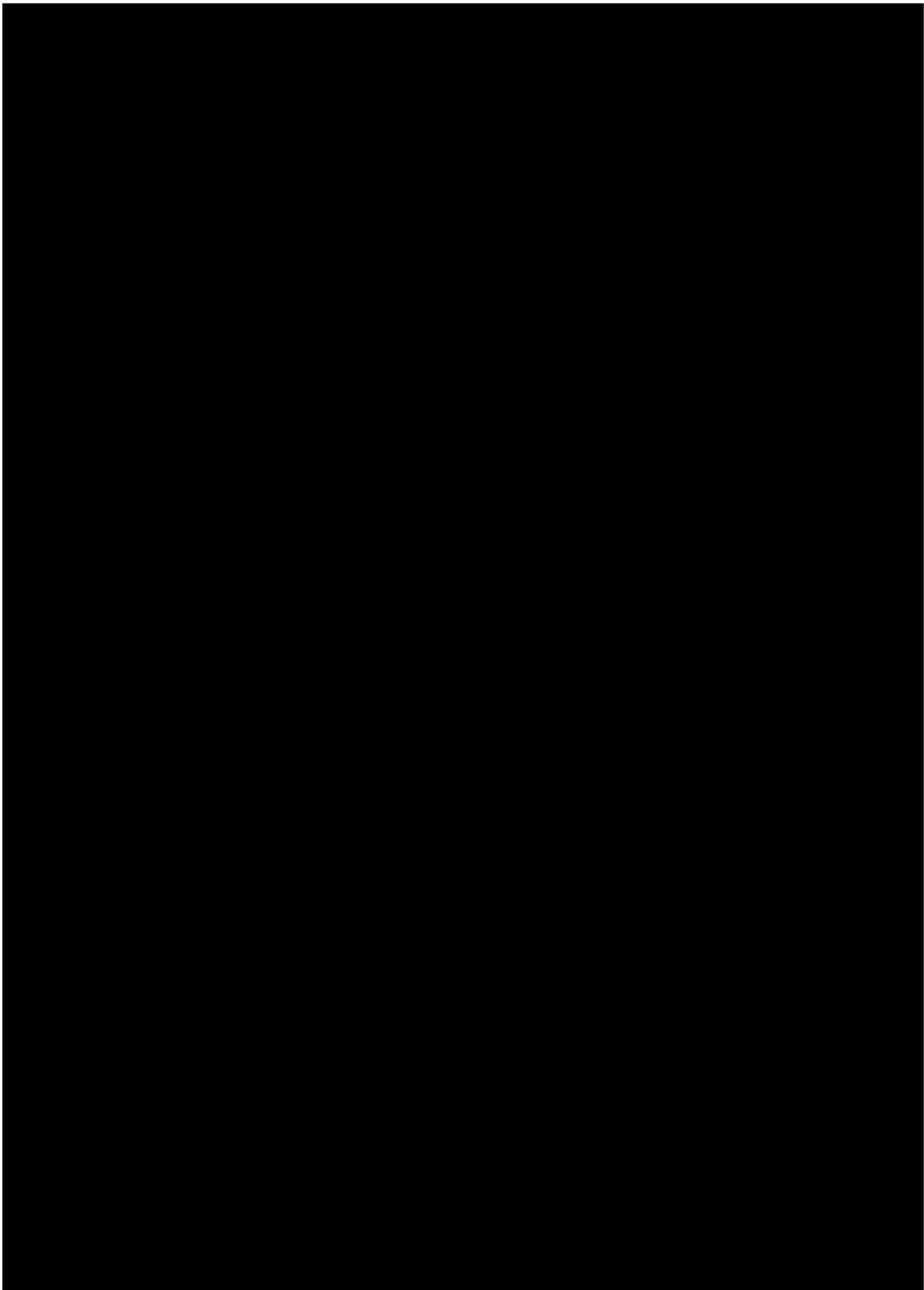


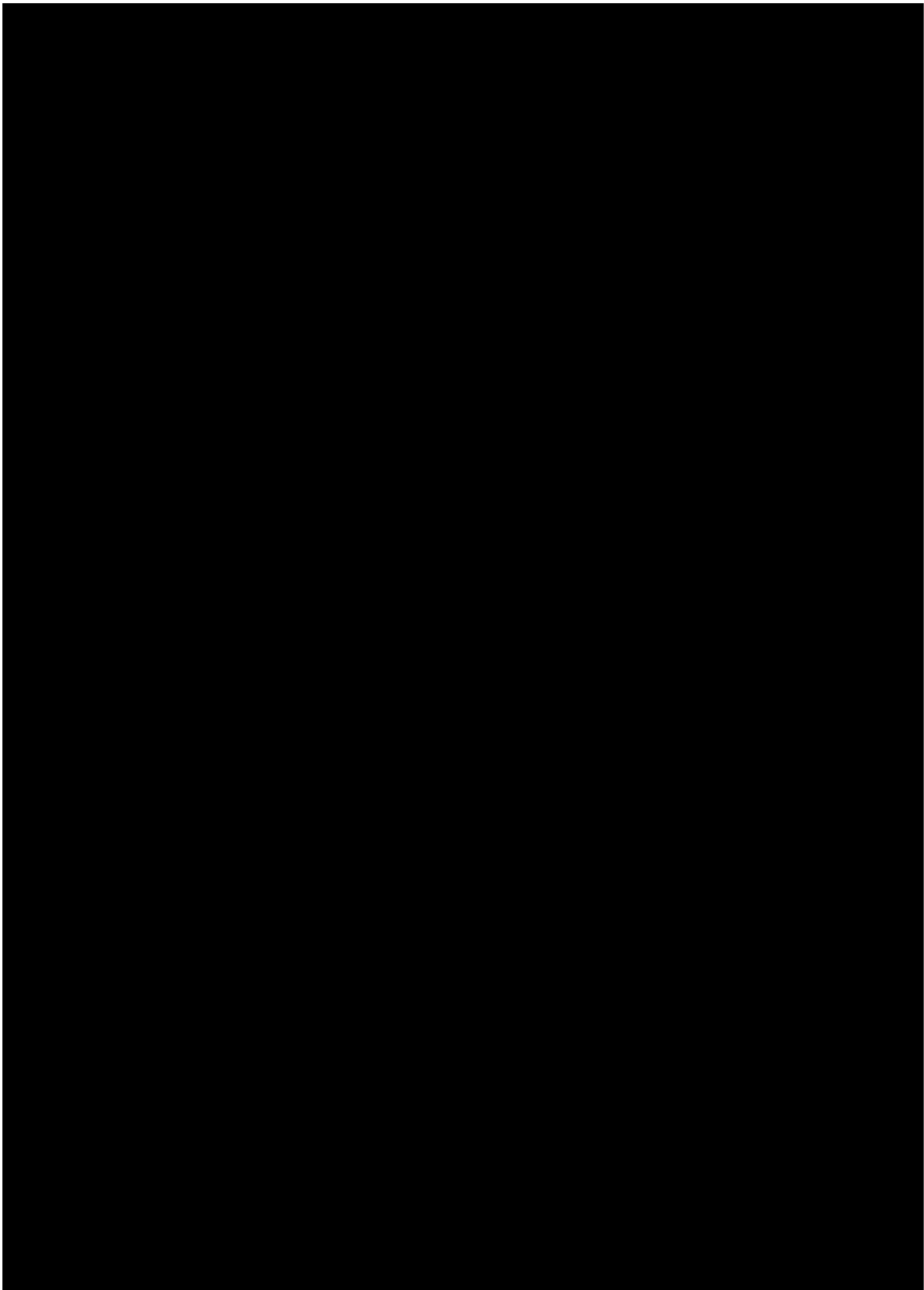


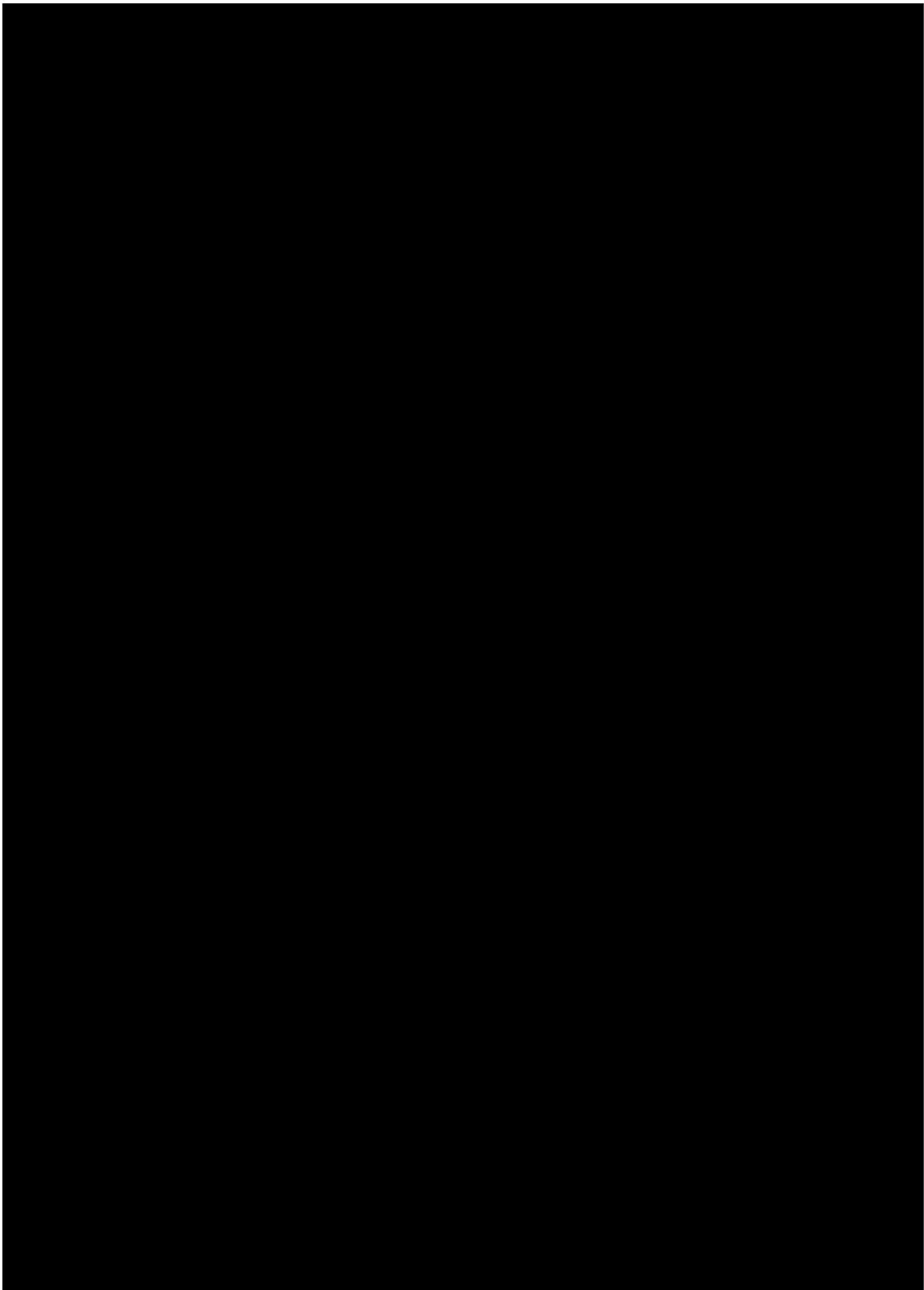


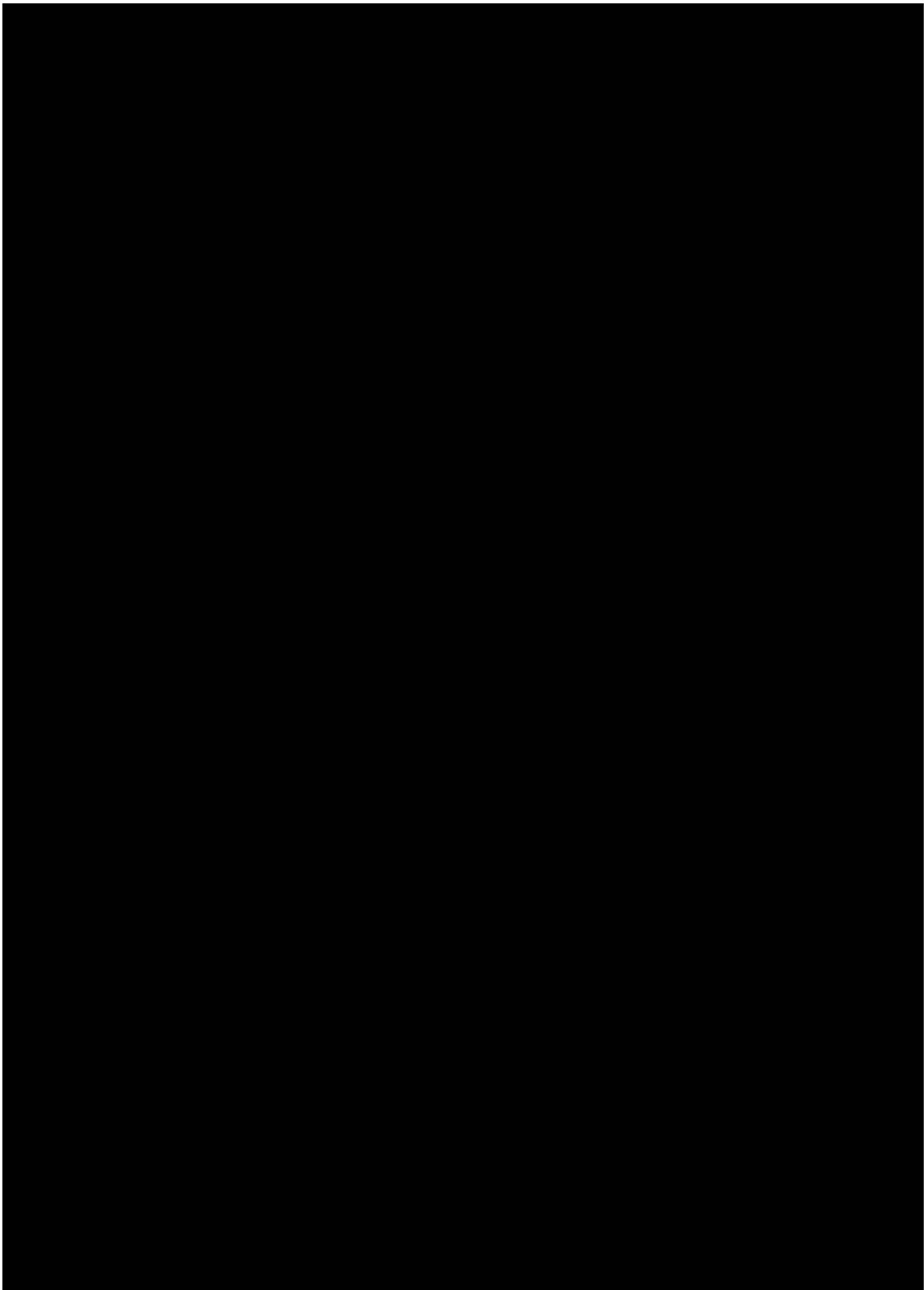


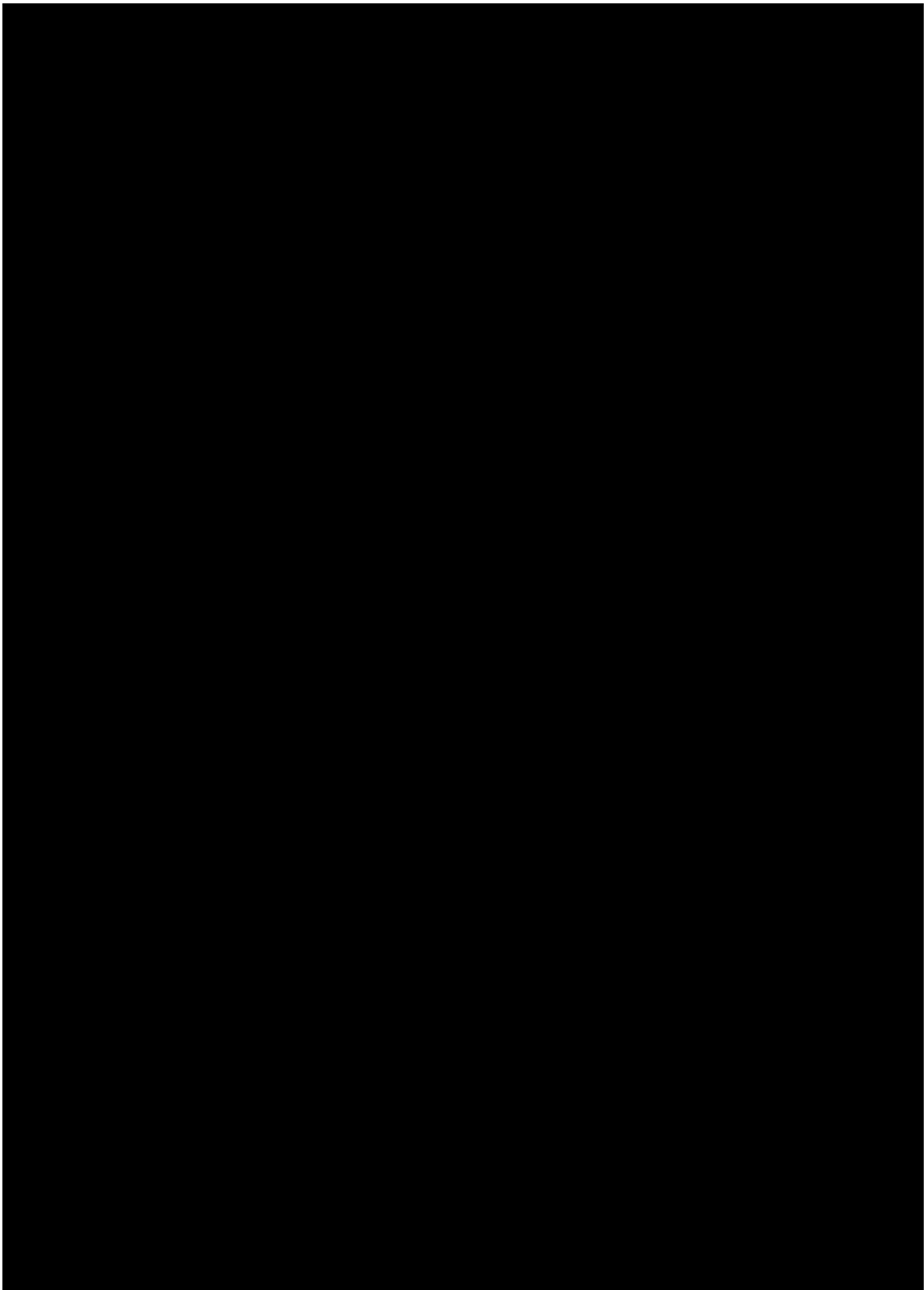


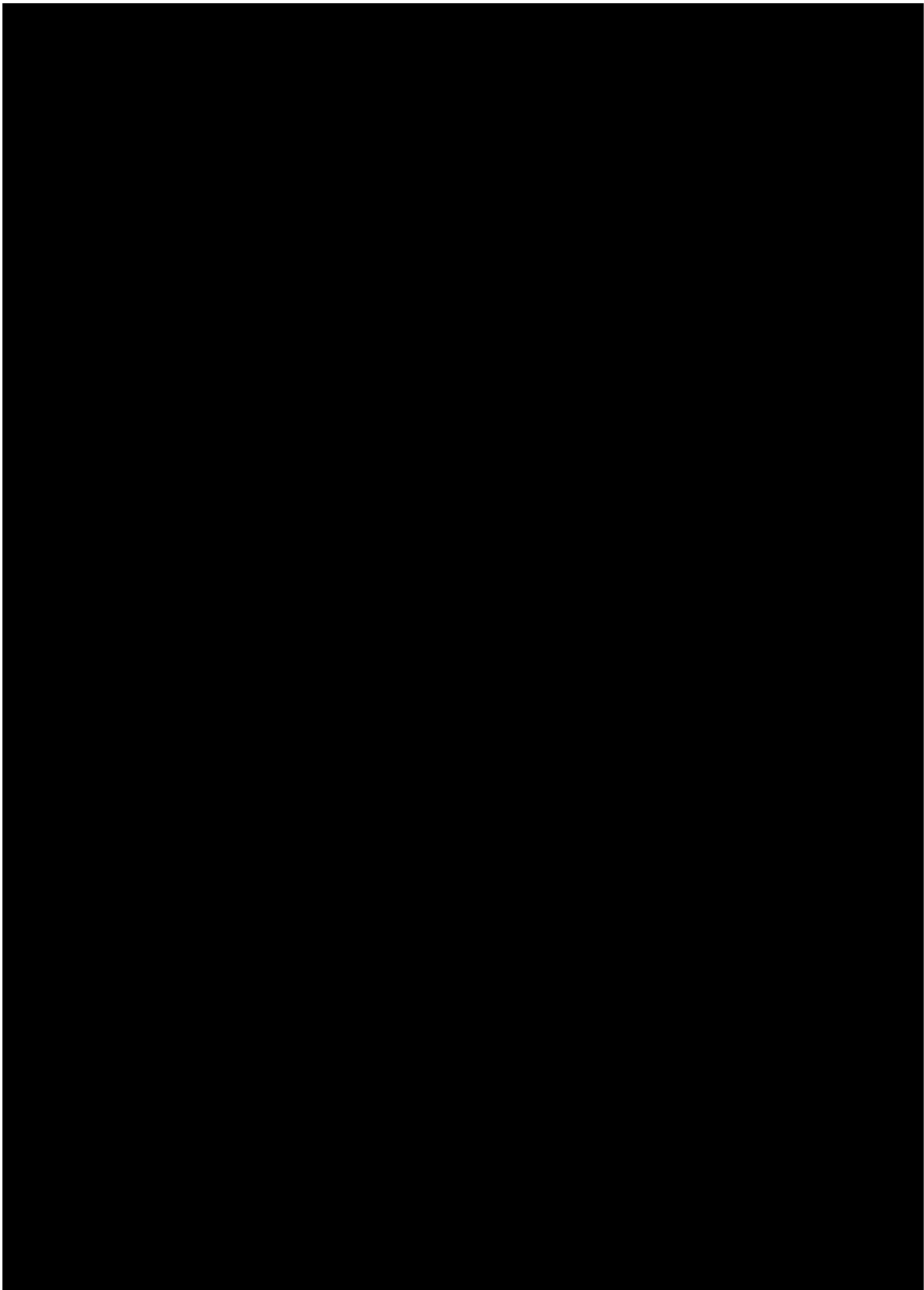


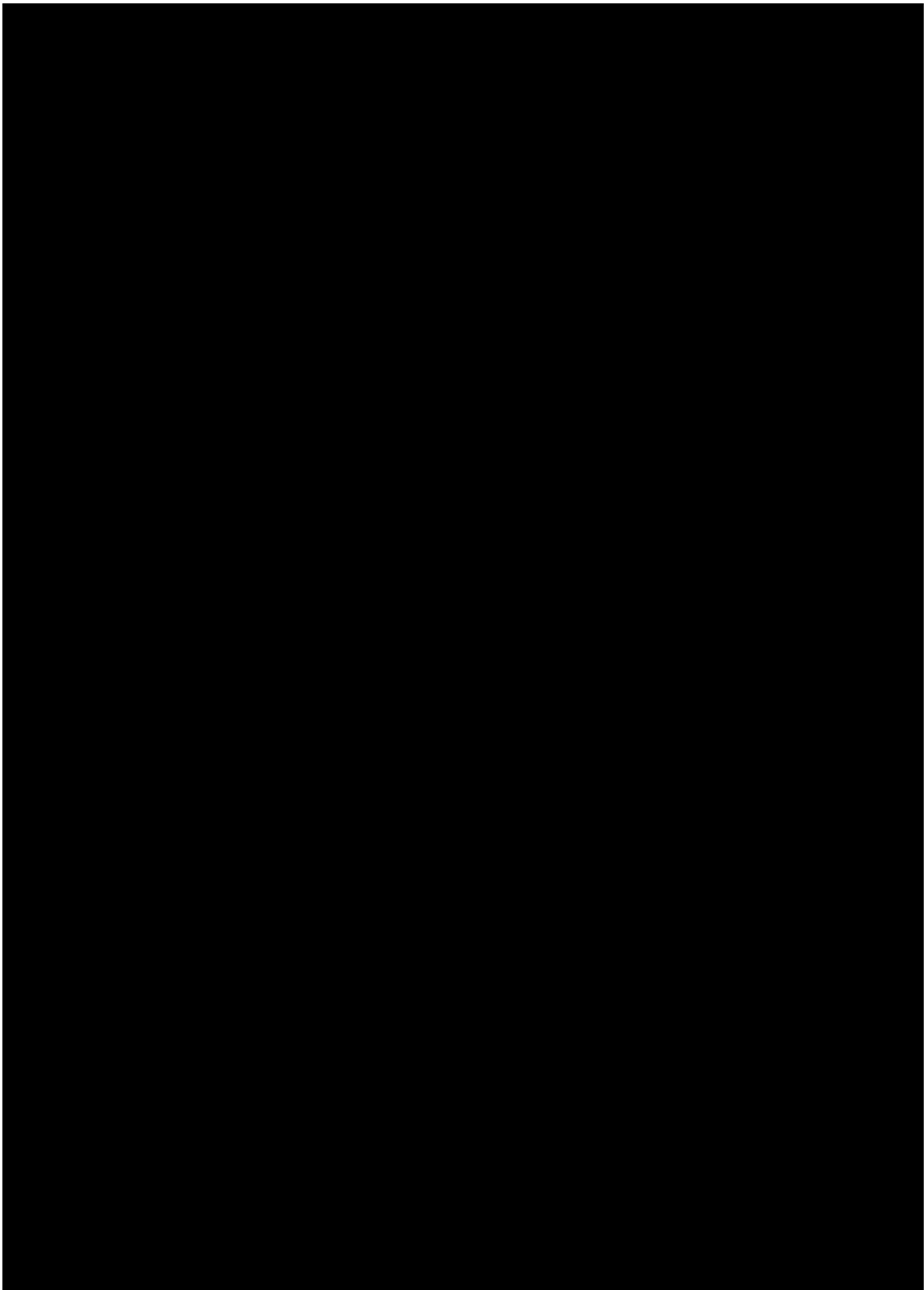


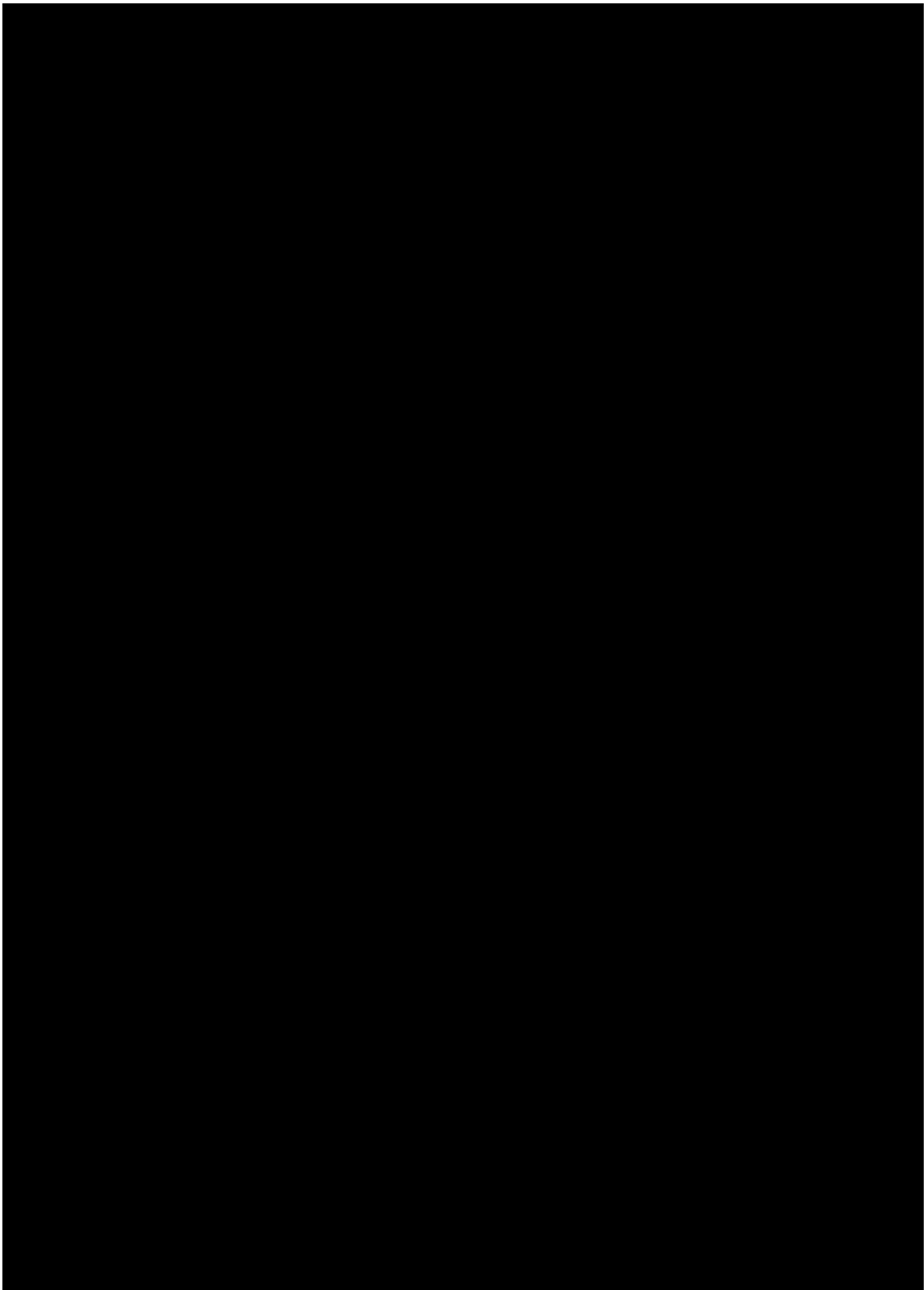


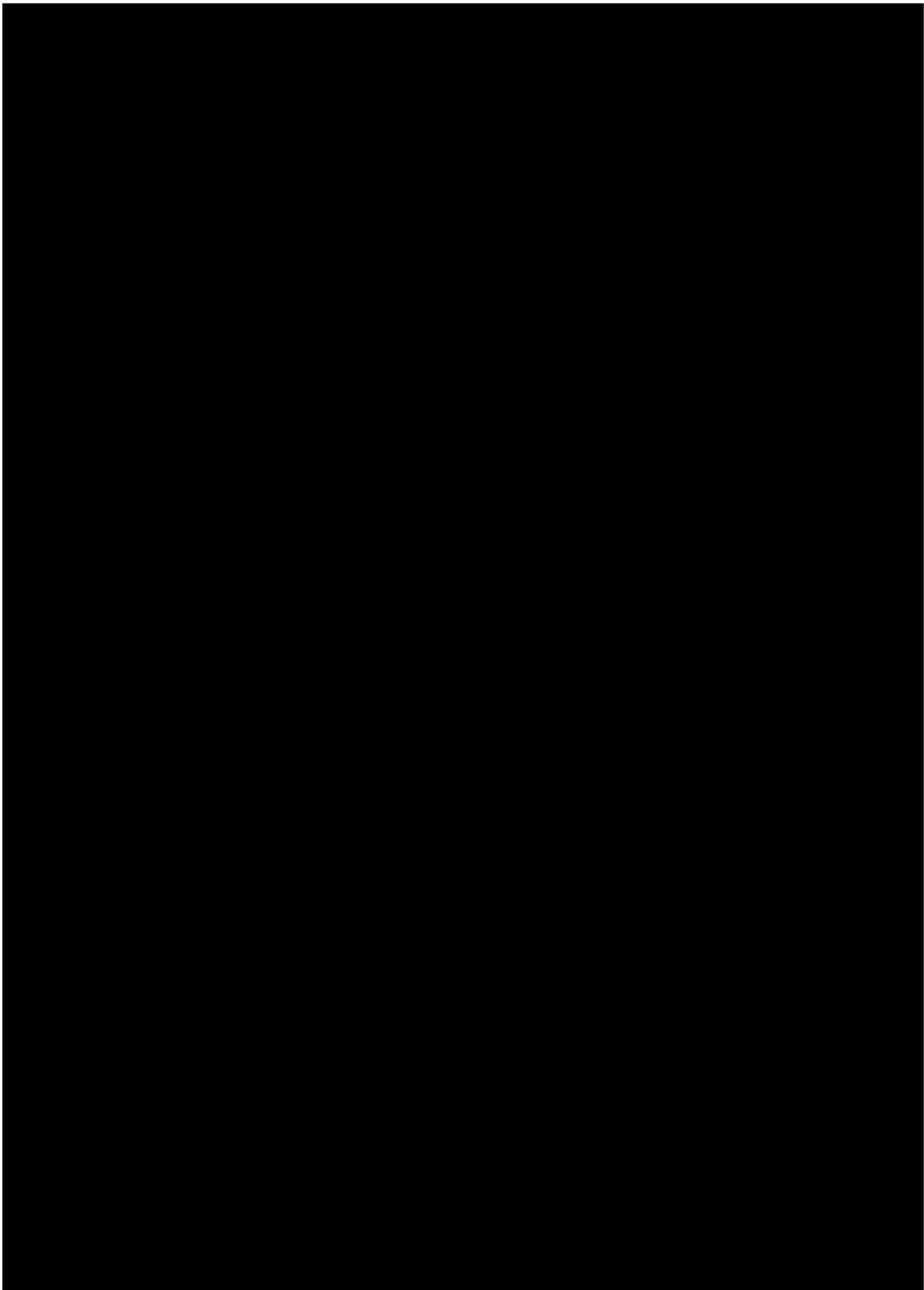


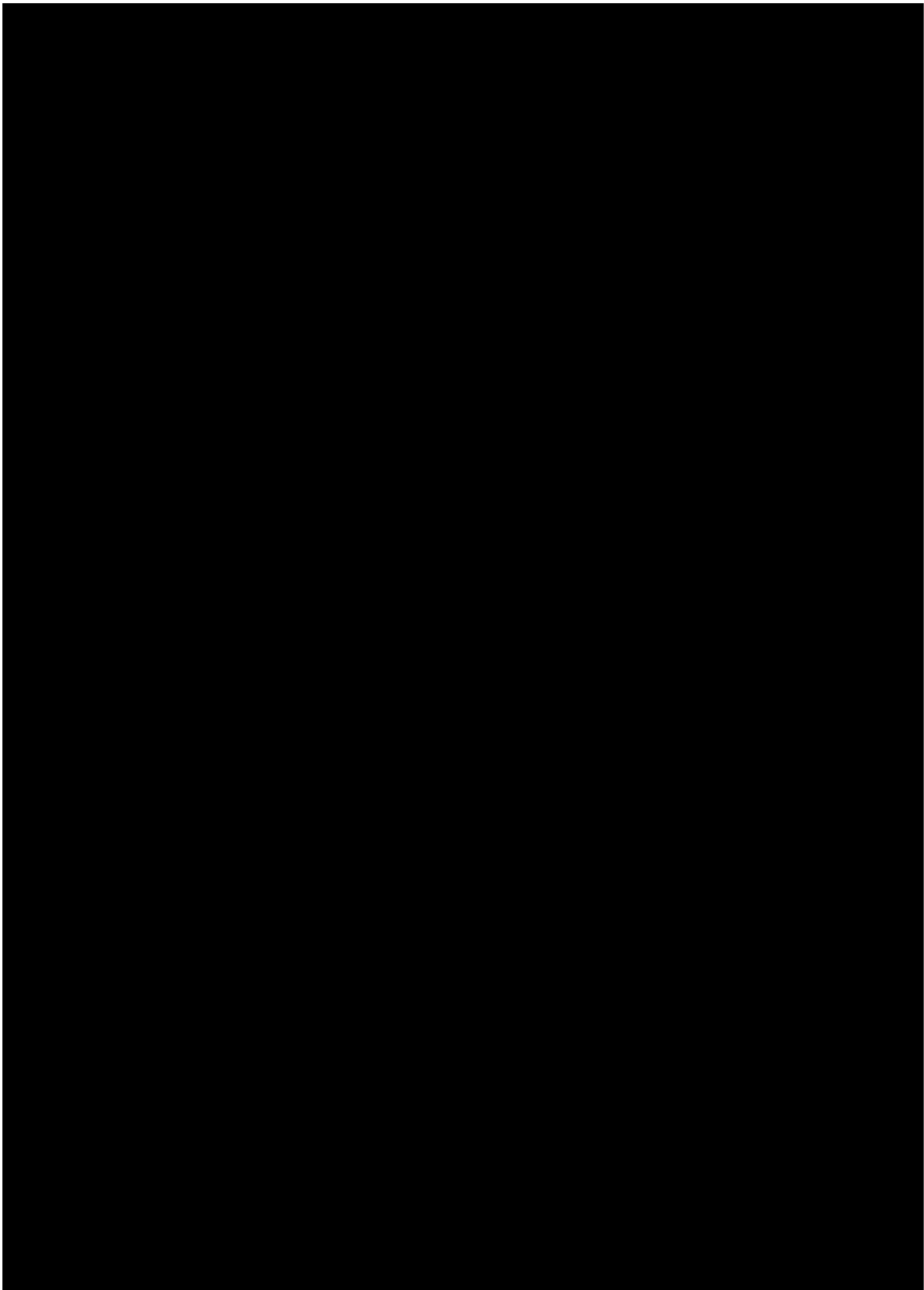


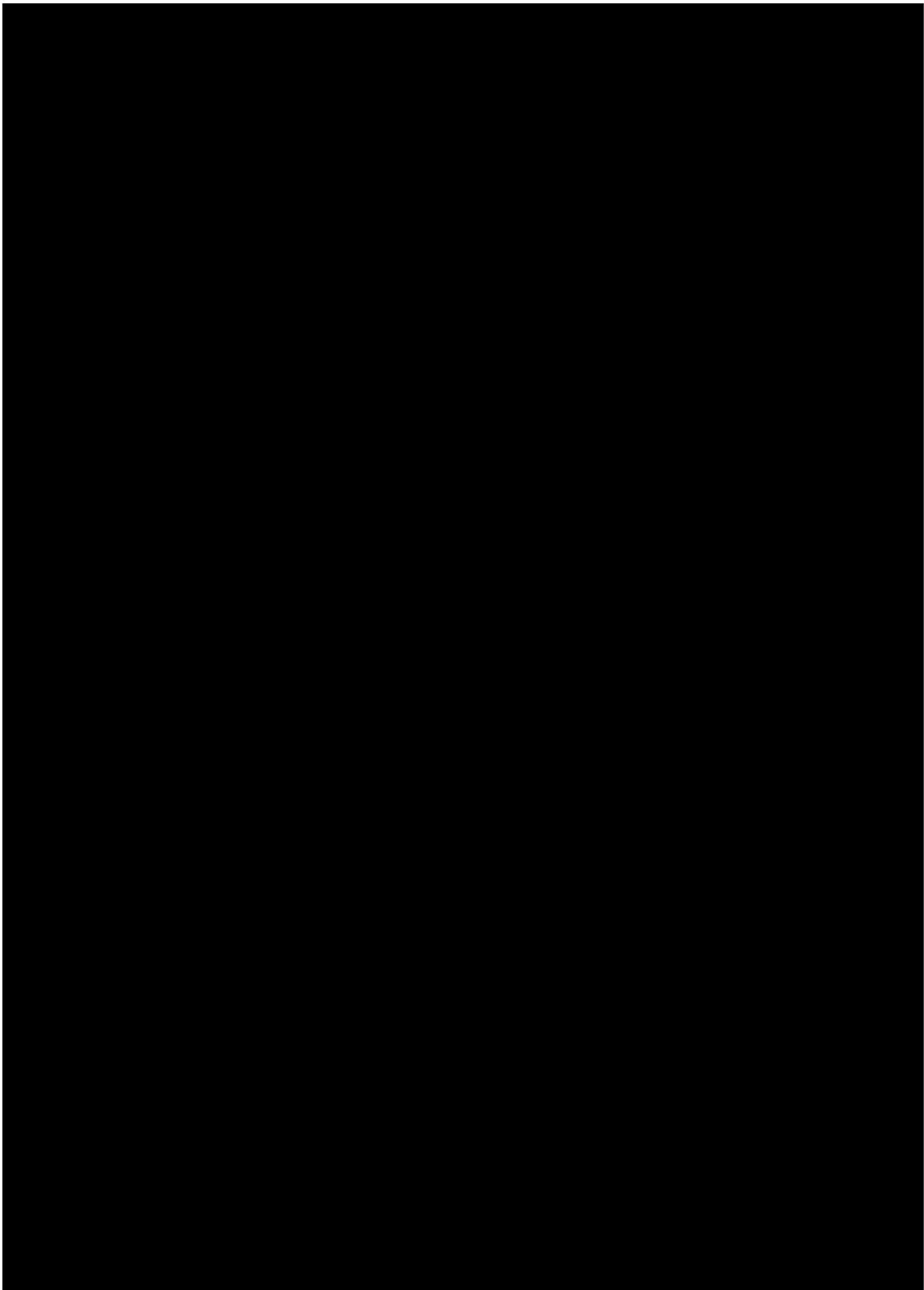


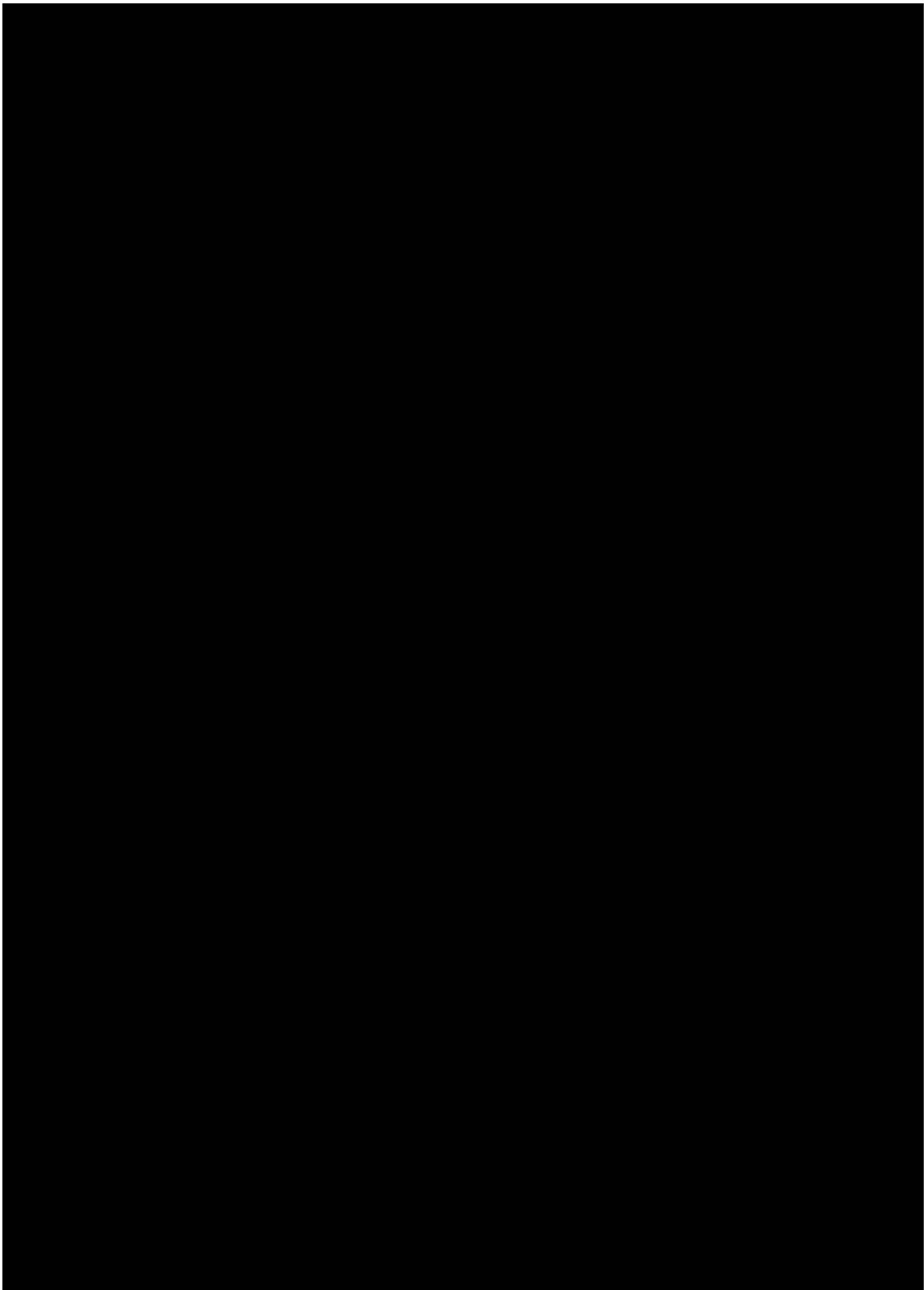


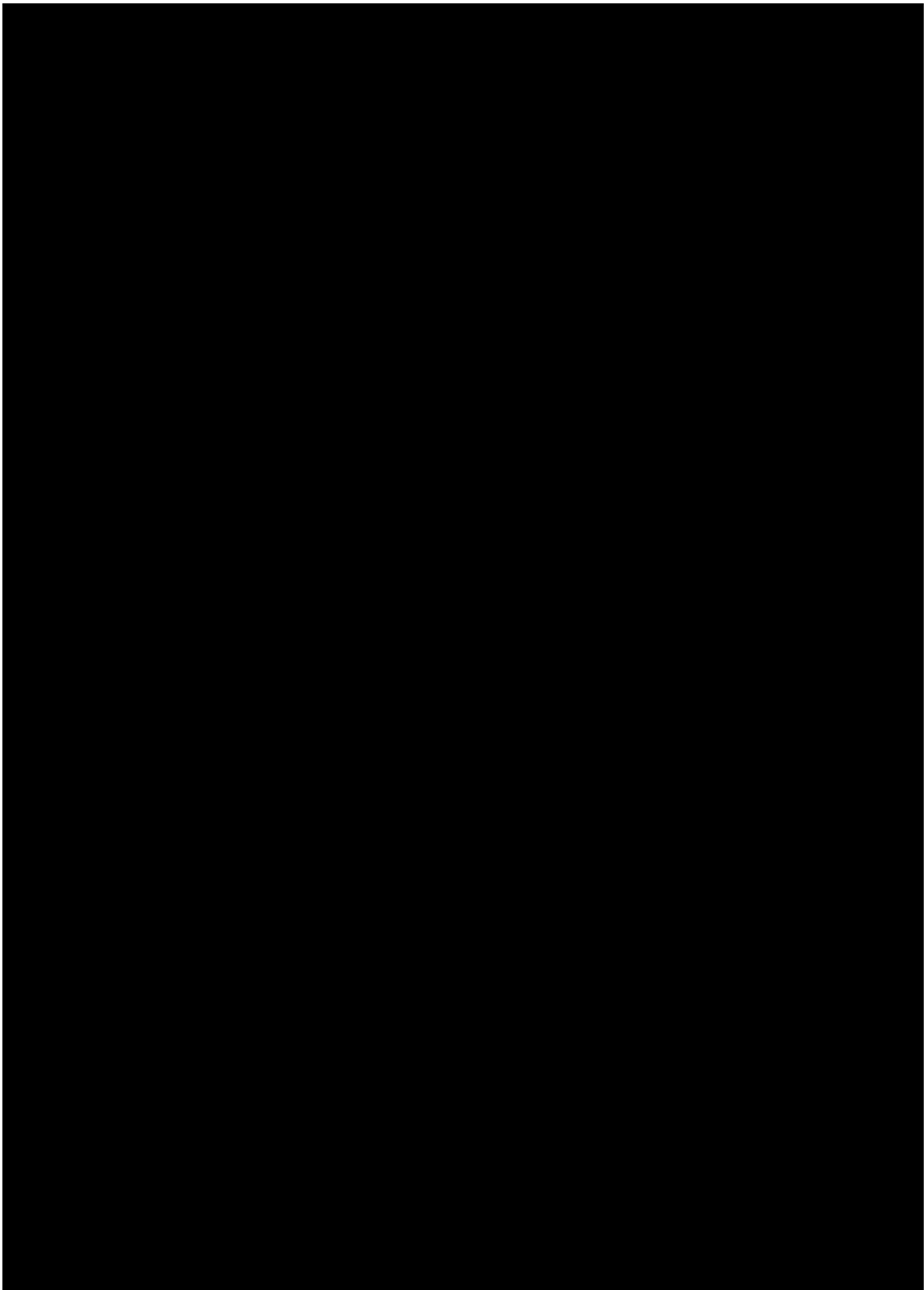


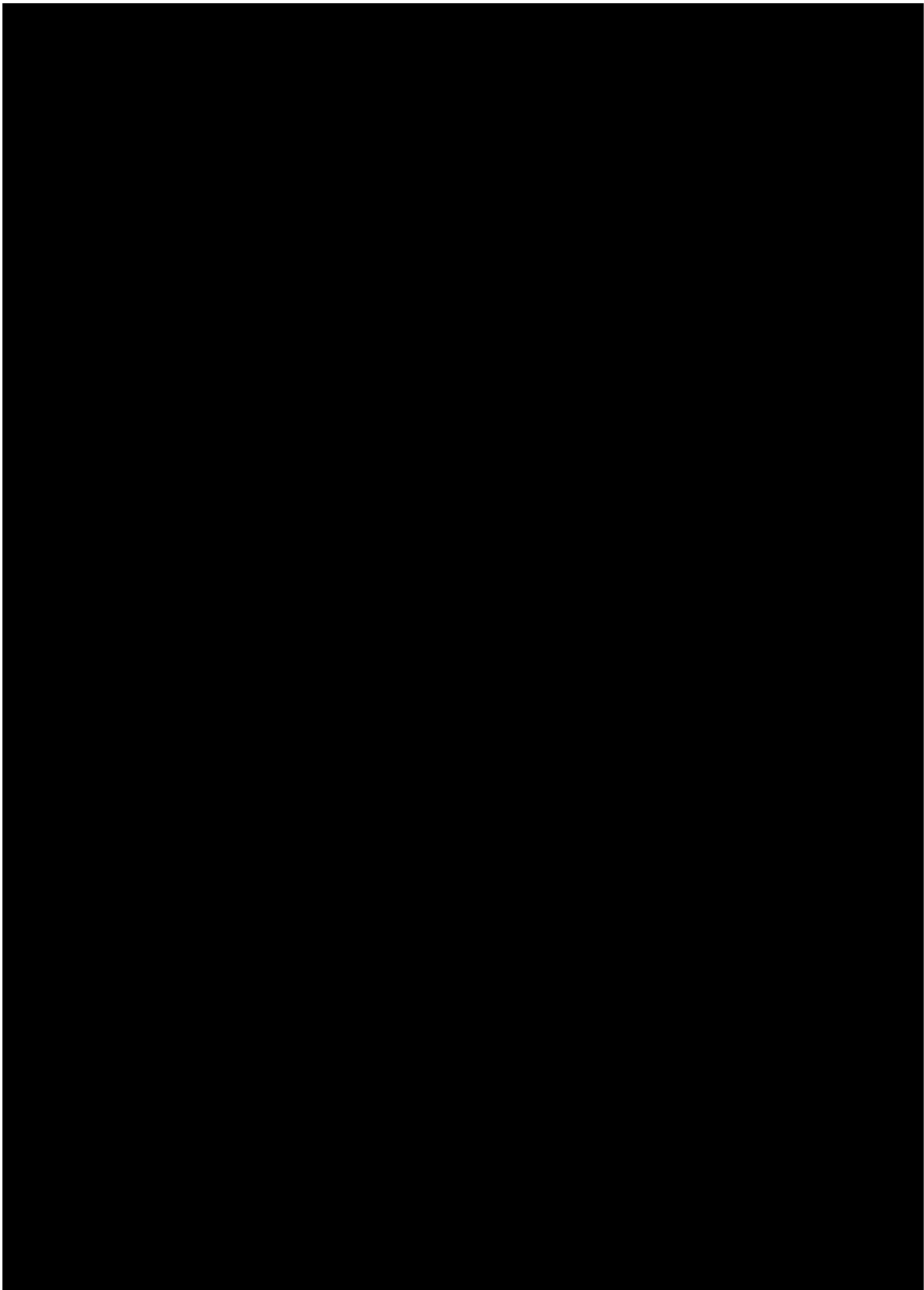


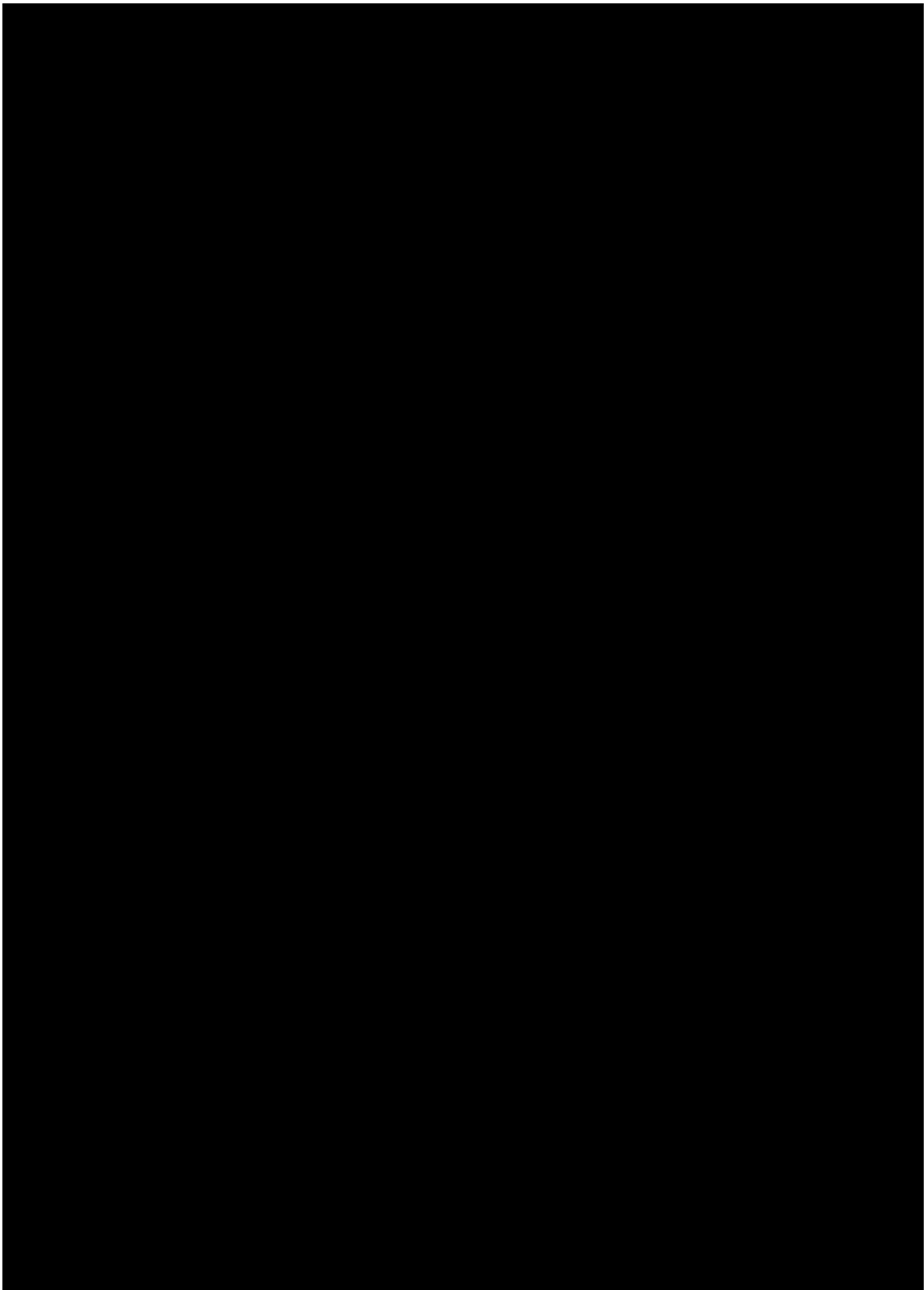


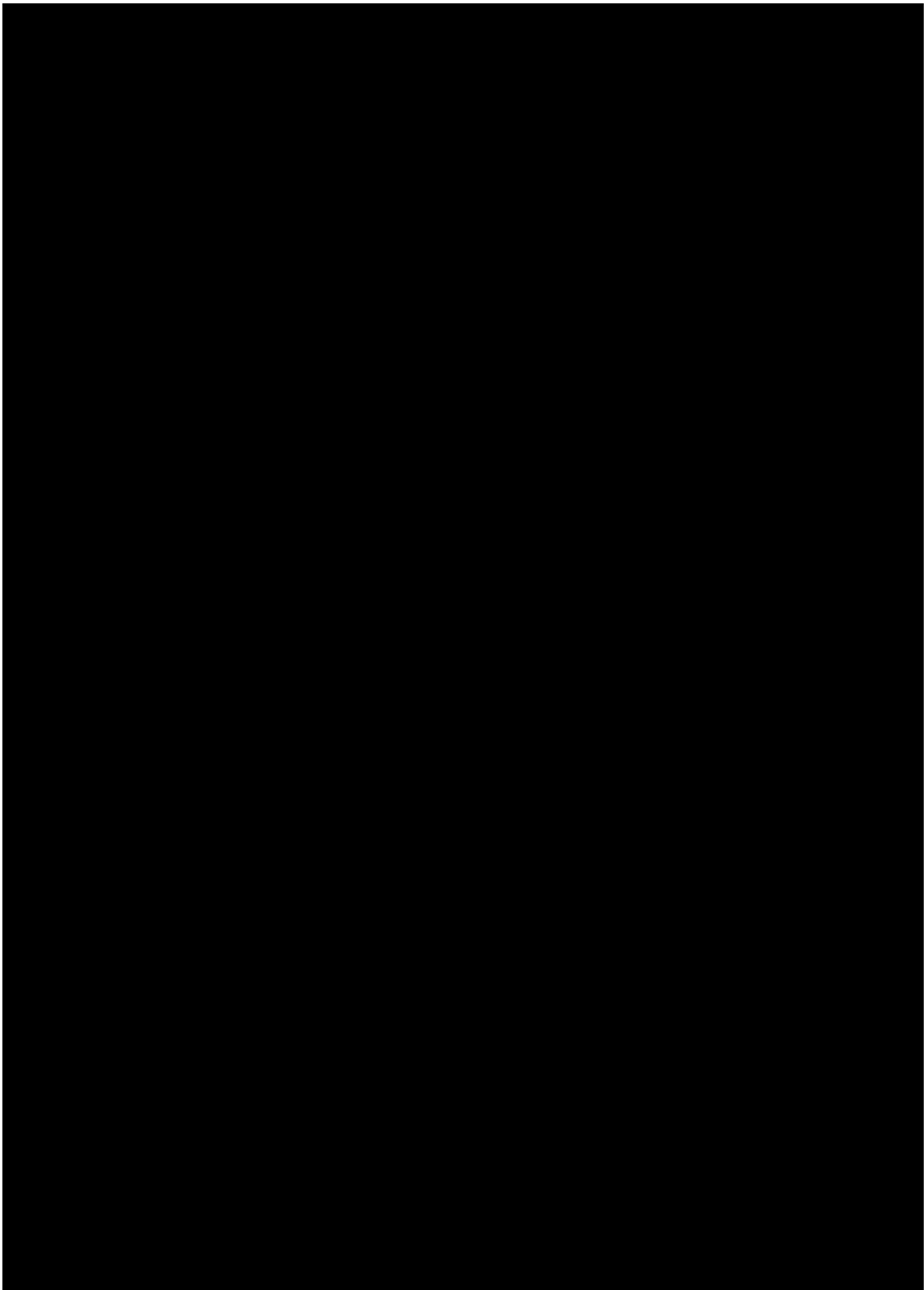


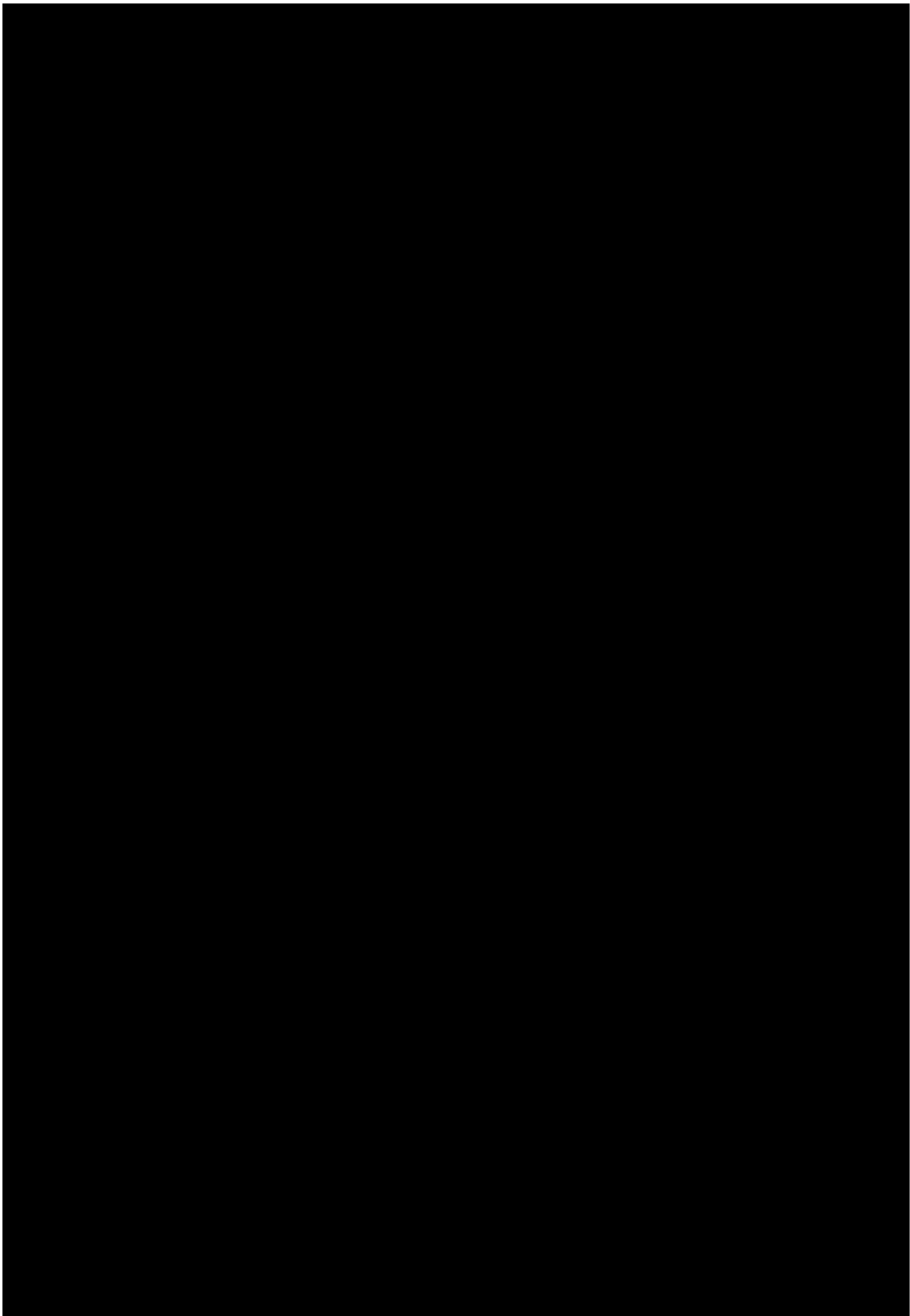


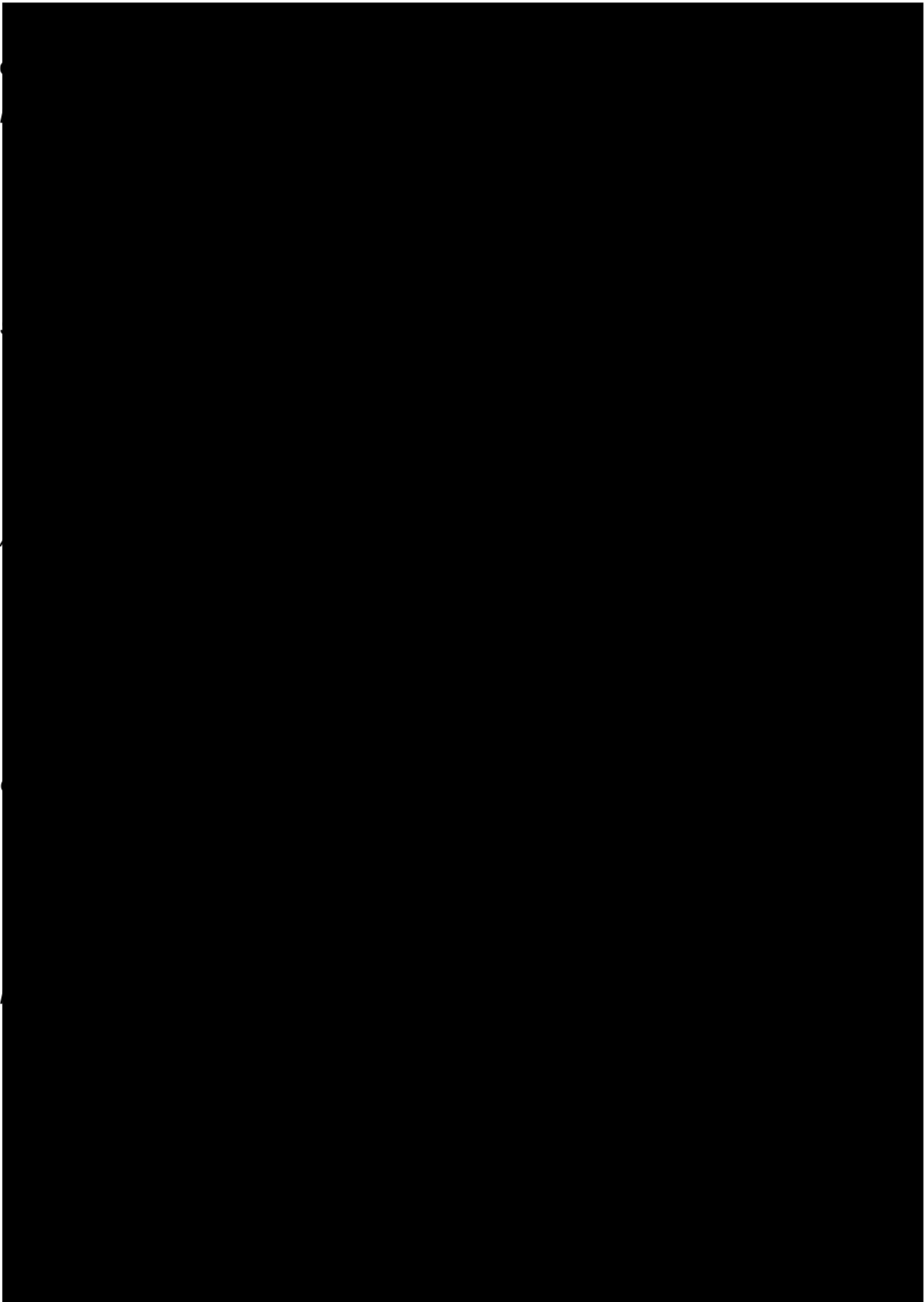












FAQs de Implementação

Algumas perguntas frequentes sobre a utilização do Modelo de Base Segura que são relevantes para a implementação.

P: Como é que o Modelo de Base Segura está a ser utilizado na prática?

R: As autoridades locais e entidades independentes estão a utilizar o Modelo de Base Segura para apoiar uma vasta gama de intervenções: com famílias de acolhimento, pais adotivos, crianças e jovens adotados e ao cuidado de outrem, pais biológicos, profissionais das casas de acolhimentos e de escolas. As organizações, equipas e profissionais consideram útil, para a implementação do modelo, ter acesso livre a materiais práticos, bem como a informação e orientação disponíveis no website do Manual de Base Segura

P: O Modelo de Base Segura aplica-se a tanto a crianças mais velhas e adolescentes como a crianças mais pequenas?

R: Sim. Pessoas de todas as idades, desde a infância até à velhice, precisam de poder contar com uma base segura que esteja presente em momentos de stress e ansiedade e que as apoie na exploração/ajude-as a tirar o máximo partido do que a vida tem para oferecer. Desde o início da escolaridade até à transição para a idade adulta, crianças e jovens precisam particularmente de uma base segura identificável, medida que enfrentam novos desafios. As dimensões do Modelo de Base Segura ajudam a identificar os elementos-chave no apoio a cada etapa de desenvolvimento e de vida: por exemplo, a capacidade do/a cuidador/a para comunicar mensagens de disponibilidade, sensibilidade, entre outros, de forma aceitável e adequada à idade da criança ou do jovem em questão.

P: O Modelo de Base Segura aplica-se a crianças e jovens negros e de minorias étnicas?

R: Sim. O conceito de base segura não é específico de nenhuma cultura e todas as crianças beneficiarão de cuidados ajustados através das cinco dimensões propostas no modelo. Contudo, poderão existir questões adicionais relacionadas com o desenvolvimento de um forte e positivo sentido de identidade étnica e cultural para os/as cuidadores/as de crianças negras e de minorias étnicas dentro de cada dimensão. Por exemplo, lidar com vários tipos de preconceito, incluindo o racismo, pode exigir uma disponibilidade emocional e física adicional; poderá ser necessária uma sensibilidade particular para captar os sentimentos de uma criança que não está no seu contexto cultural de origem ou que tem pouca informação acerca da sua herança. Será necessário prestar uma atenção cuidadosa para ajudar todas as crianças a adquirir conhecimento e a sentir orgulho da sua cultura e etnia, uma vez que isto é fundamental para uma autoestima positiva.

P: O Modelo de Base Segura pode ser usado com crianças que apresentem dificuldades mais graves, por exemplo, que tenham experienciado traumas ou que tenham sido diagnosticadas com uma perturbação da vinculação?

R: Sim. Mesmo quando as crianças apresentam dificuldades mais extremas no seu comportamento ou nas relações interpessoais, os princípios do Modelo de Base Segura continuam a ser aplicáveis. Contudo, ao cuidar de crianças que, porventura, tenham sido vítimas de abusos traumáticos e/ou de separações e perdas recorrentes, as tarefas de manter a disponibilidade, ser sensível e cooperativo podem ser constantemente desafiadas pelo comportamento angustiado da criança, pelo que se torna necessário um elevado nível de apoio de um supervisor que compreenda o modelo, mas que também entenda este nível de necessidade. Mesmo que a criança tenha sessões regulares de terapia, o seu dia-a-dia e a experiência dos cuidados num ambiente familiar ou residencial continuam a necessitar de ajudar a construir a confiança nos/as cuidadores/as, a aprender a regular os sentimentos e comportamentos, bem como a desenvolver a autoestima, a sentir-se eficaz e a ter um sentido de pertença.

O Modelo de Base Segura pode, assim, ajudar os/as cuidadores/as a definir quais os aspetos dos seus cuidados e do ambiente da criança que podem ser particularmente úteis para crianças muito perturbadas, permitindo ainda observar pequenos sinais de progresso nas várias dimensões. Isto deve-se ao facto de o Modelo de Base Segura ampliar o foco para além da relação um a um com um cuidador no ambiente doméstico, passando a considerar como todas as áreas da vida da criança – incluindo a família alargada, os grupos de pares, a escola e as atividades – podem vir a constituir recursos importantes como parte da base segura da criança. Isto é particularmente relevante na implementação do modelo e na reflexão sobre as importantes redes de apoio à criança.

P: Tenho permissão para utilizar os recursos do website “Providing a Secure Base” gratuitamente?

R: Como os/as cuidadores/as e os profissionais da área dos cuidados infantis têm considerado úteis estas ideias e recursos, queremos torná-los prontamente disponíveis através deste sítio da web.

Existem duas condições simples para a sua utilização:

1. Deverá ser reconhecida a fonte dos materiais. Ou seja: O modelo Secure Base, Gillian Schofield e Mary Beek, University of East Anglia, Norwich, UK.
2. Os elementos essenciais do Modelo de Base Segura (isto é, o próprio modelo e os ciclos) não devem ser alterados.

P: Que formação ou preparação é necessária para que eu possa apresentar e utilizar as ideias e abordagens sugeridas pelo Modelo de Base Segura?

R: Não é necessária uma formação especial para ministrar programas de formação Secure Base, pois estes são concebidos para serem apresentados por profissionais provenientes da própria entidade. O

sítio da web ajuda, explicando conceitos de apego, o Modelo de Base Segura e disponibiliza vários recursos de acesso livre, incluindo os programas de formação. Para obter mais informações, tanto sobre os fundamentos teóricos do apego como sobre questões práticas, recomendamos a leitura de capítulos-chave do Attachment Handbook for Foster Care and Adoption (CoramBAAF, 2006, 2018) e/ou do guia prático The Secure Base model: promoting attachment and resilience in foster care and adoption (CoramBAAF, 2014). Estes textos ajudarão a compreender e absorver a informação contida neste sítio da web e a utilizar as ferramentas práticas, incluindo os programas de formação, com confiança.

Além disso, ou alternativamente, o DVD Attachment for Foster Care and Adoption, fornecido com o guia prático, apresenta o modelo num formato audiovisual e fornece vários exemplos reais de cuidados em cada dimensão do modelo.

Ao apresentar o modelo a grupos, pode ser útil utilizar a apresentação em PowerPoint 'Introduction to the Secure Base model' (ver secção de recursos do sítio Secure Base), que pode ser estudada antecipadamente, utilizando as sugestões de leitura acima para reforçar a compreensão e a explicação dos conceitos.

P: A leitura deste material suscitou questões e reações pessoais relativamente à minha própria infância e/ou à minha abordagem de cuidados e/ou a casos concretos com os quais estou a trabalhar. Como devo proceder?

R: É comum que o material relacionado com o apego levante questões e preocupações pessoais. Tal como acontece quando os casos com os quais se trabalha levantam questões pessoais, é importante considerar discutir estas questões com o seu superior hierárquico ou com colegas de confiança – ou contactar um profissional na sua área.

Considerações finais

O presente manual foi desenvolvido com o propósito de apoiar os/as profissionais na compreensão e aplicação do Modelo da Base Segura e do Ciclo de Cuidados junto das famílias de acolhimento, enquanto ferramentas fundamentais para a promoção do bem-estar e desenvolvimento das crianças em acolhimento familiar. Ao longo das suas secções, procurou-se traduzir conceitos teóricos em práticas concretas, oferecendo atividades, exemplos e reflexões que facilitem a integração destes conceitos no quotidiano com as famílias de acolhimento.

Mais do que um recurso técnico, este manual pretende ser um guia que convida à reflexão sobre a qualidade das relações de cuidado e sobre a importância de promover respostas sensíveis, coerentes e emocionalmente disponíveis.

Espera-se que o seu uso contribua para fortalecer a capacidade dos/as profissionais e das famílias de acolhimento em oferecer às crianças experiências consistentes de segurança, pertença e confiança — pilares essenciais para um desenvolvimento saudável e para a reparação de experiências precoces adversas.



Colocar as crianças no centro,
com famílias mais felizes e
numa sociedade mais justa.

<http://prochildcolab.pt/> | geral@prochildcolab.pt

Campus de Couros - R. de Vila Flor 166
4810-225 Guimarães